



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

VINÍCIUS ARAÚJO BEZERRA

**ADVERSIDADE E RESILIÊNCIA EM METÁFORAS SISTEMÁTICAS NA FALA DOS
ÍNDIOS PITAGUARY**

FORTALEZA

2020

VINÍCIUS ARAÚJO BEZERRA

ADVERSIDADE E RESILIÊNCIA EM METÁFORAS SISTEMÁTICAS NA FALA DOS
ÍNDIOS PITAGUARY

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Orientador(a): Ana Cristina Pelosi.

FORTALEZA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B469a Bezerra, Vinícius Araújo.
ADVERSIDADE E RESILIÊNCIA EM METÁFORAS SISTEMÁTICAS NA FALA DOS ÍNDIOS
PITAGUARY / Vinícius Araújo Bezerra. – 2020.
210 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, , Fortaleza, 2020.
Orientação: Prof. Dr. Ana Cristina Pelosi.

1. Metáfora. 2. Metáfora sistemática. 3. Pitaguary. 4. Adversidade. 5. Resiliência. I. Título.

CDD

VINÍCIUS ARAÚJO BEZERRA

ADVERSIDADE E RESILIÊNCIA EM METÁFORAS SISTEMÁTICAS NA FALA DOS
ÍNDIOS PITAGUARY

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em: 30/10/2020.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Cristina Pelosi (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Rosemeire Selma Monteiro-Plantin
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Monica Fontenelle Carneiro
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

À minha mãe, Valéria Araújo Bezerra, *in
memoriam.*

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, prof^a Dr^a Ana Cristina Pelosi, sempre presente com sua experiência, abertura, humanidade e paciência, pela orientação, sugestões, avaliações e críticas essenciais para a realização desse trabalho.

À minha família: minha mãe, Valéria, para presente em cada célula do meu corpo e da minha mente; meus irmãos, Victor, Daniele e Danila; meu companheiro, Josielligton, por todo amor, paciência, motivação, suporte afetivo, emocional e existencial, sem os quais não haveria pesquisa nem pesquisador.

À Secretaria de Educação do Estado do Ceará e ao Governo do Estado do Ceará, por terem me concedido tempo e condições de renda suficientes para me dedicar a esse empreendimento intelectual, acadêmico, profissional e social, que é um curso de mestrado.

À CG Jung, Psychology Fund at ETH Zurich and Baumann Family Foundation, bem como à Universidade de Zurique, ao Prof. Dr. Maercker e à prof^a dr^a Iara Meili, por terem cedido o *corpus* com o que tivemos o prazer e o desafio de trabalhar.

Aos indígenas Pitaguary, povo forte, perseverante e guerreiro, sobre cujo pensar e falar me debrucei pela academia e acabei tirando lições para toda a vida.

Aos meus amigos, professores e artistas, doutorandos ou mestres, que contribuíram para este trabalho com discussões profícuas, críticas enriquecedoras e valiosíssima amizade acadêmica e extra-acadêmica: Lidiana, Sarah, Renata, Margoth, Kênyo, Ana Carla, Diego, Joanam Marcel e, especialmente, Emerson, o qual me proporcionou diálogos esclarecedores e inspiradores sobre diversos aspectos do fazer e do ser acadêmico, sem os quais o percurso que culmina com o presente trabalho teria sido mais árduo e mais espinhoso que o necessário.

À coordenação do Curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, pela prontidão e presteza das informações e procedimentos realizados ao longo dos 19 meses de mestrado, que propiciaram o bom termo da pesquisa.

Ao Buda, em cuja sabedoria me espelho, e ao Darma, os ensinamentos budistas, nos quais encontrei, em inúmeros momentos difíceis, a paz, a estabilidade mental e a inspiração necessárias para pensar, refletir e escrever.

“Gradualmente se vio (como nosotros)
aprimionado en esta red sonora
de Antes, Después, Ayer, Mientras, Ahora,
Derecha, Izquierda, Yo, Tú, Aquellos, Otros.”

(Jorge Luis Borges).

RESUMO

O presente trabalho objetiva investigar como indígenas Pitaguary deixam emergir, no discurso, metáforas sistemáticas de adversidade e resiliência. Buscando responder as questões “Quais veículos metafóricos e metonímicos podem ser identificados no discurso dos indígenas Pitaguary?” e “Qual conceptualização de ‘adversidade’ e ‘resiliência’ surge a partir das metáforas sistemáticas analisadas?”, a pesquisa, de natureza básica e descritiva, analisa *corpus* constituído por entrevistas semiestruturadas aplicadas junto a homens e mulheres da tribo Pitaguary. A fundamentação teórica provém da Teoria da Metáfora Conceptual, de Lakoff e Johnson (1980, 1999), e da Análise do Discurso à Luz da Metáfora, proposta por Lynne Cameron e Robert Maslen (2010). Procedeu-se com a identificação dos veículos metafóricos presentes na transcrição dos eventos discursivos, seguida do agrupamento e classificação dos mesmos e da codificação dos tópicos discursivos, a fim de perceber a sistematicidade do emprego da figuratividade no discurso dos indígenas. Os dados sugerem o uso recorrente de expressões figurativas, revelando metáforas sistemáticas que refletem ideias, valores, emoções e sentimentos relacionados aos temas “adversidade” e “resiliência”, com uma inclinação notável para o primeiro. Os veículos metafóricos encontrados agrupam-se sob categorias como LUTA, FAMÍLIA, JORNADA, BICHOS DA MATA, UNIÃO e EQUILÍBRIO, resultando na emersão de numerosas metáforas sistemáticas. O estudo mostra a importância da metáfora como ferramenta de análise discursiva na compreensão de valores, sentimentos, perspectivas e emoções, apontando para a criação de mecanismos acadêmicos e culturais para a compreensão do Outro na sociedade contemporânea, marcada por polarização ideológica, retrocesso político e cultural e desrespeito à cultura dos povos originais.

Palavras-chave: Metáfora sistemática. Adversidade. Pitaguary.

RÉSUMÉ

Ce travail vise à étudier comment les Indiens Pitaguary permettent aux métaphores systématiques d'adversité et de résilience d'émerger dans le discours. Cherchant à répondre aux questions «Quels véhicules métaphoriques et métonymiques peuvent être identifiés dans le discours des Indiens Pitaguary?» et «Quelle conceptualisation d'adversité et de résilience découle des métaphores systématiques analysées?», la recherche, de nature descriptive, analyse un *corpus* constitué d'entretiens semi-structurés appliqués à des hommes et des femmes de la tribu Pitaguary. La base théorique provient de la Théorie de la Métaphore Conceptuelle, de Lakoff et Johnson (1980, 1999), et de l'Analyse du Discours à la Lumière de la Métaphore, proposée par Lynne Cameron et Robert Maslen (2010). Nous avons procédé à l'identification des véhicules métaphoriques présents dans la transcription des événements discursifs, puis à leur regroupement et classification et à la codification des sujets discursifs, afin de comprendre l'usage systématique de la figurativité dans le discours des peuples autochtones. Les données suggèrent l'utilisation récurrente d'expressions figuratives, révélant des métaphores systématiques qui reflètent des idées, des valeurs, des émotions et des sentiments liés aux thèmes «adversité» et «résilience», avec une inclinaison remarquable vers le premier. Les véhicules métaphoriques trouvés sont regroupés sous des catégories telles que COMBAT, FAMILLE, VOYAGE, BÊTES SAUVAGES, UNION et EQUILIBRE, ce qui entraîne l'émergence de nombreuses métaphores systématiques. L'étude montre l'importance de la métaphore en tant qu'outil d'analyse discursive pour comprendre les valeurs, les sentiments, les perspectives et les émotions, pointant vers la création de mécanismes académiques et culturels pour la compréhension de l'Autre dans la société contemporaine, marquée par la polarisation idéologique, les revers politiques et culturels et le non-respect de la culture des peuples d'origine.

Mots-clés: Métaphore systématique. Adversité. Pitaguary.

ABSTRACT

This paper aims to investigate how Pitaguary Indians allow systematic metaphors of adversity and resilience to emerge in the discourse. Seeking to answer the questions “Which metaphorical and metonymic vehicles can be identified in the discourse of the Pitaguary Indians?” and “What conceptualization of ‘adversity’ and ‘resilience’ arises from the systematic metaphors analyzed?”, the research, of a basic and descriptive nature, analyzes a *corpus* consisting of semi-structured interviews applied to men and women of the Pitaguary tribe. The theoretical basis comes from the Theory of Conceptual Metaphor, by Lakoff and Johnson (1980, 1999), and from the Discourse Analysis in the Light of Metaphor, proposed by Lynne Cameron and Robert Maslen (2010). We proceeded with the identification of the metaphoric vehicles present in the transcription of the discursive events, followed by their grouping and classification and the codification of the discursive topics, in order to understand the systematic use of figurativity in the speech of the indigenous people. The data suggest the recurrent use of figurative expressions, revealing systematic metaphors that reflect ideas, values, emotions and feelings related to the “adversity” and “resilience” themes, with a notable inclination towards the former. The metaphorical vehicles found are grouped under categories such as FIGHT, FAMILY, JOURNEY, WILD ANIMALS, UNION and BALANCE, resulting in the emergence of numerous systematic metaphors. The study shows the importance of metaphor as a tool for discursive analysis in understanding values, feelings, perspectives and emotions, leading to the creation of academic and cultural mechanisms for the understanding of the Other in contemporary society, marked by ideological polarization, political and cultural setbacks and disrespect to the culture of the original peoples.

Keywords: Systematic metaphor. Adversity. Pitaguary.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A insustentável complexidade de uma xícara de chá.....	43
Figura 2 - Dinâmica da metáfora na interação falada face-a-face.....	40
Figura 3 - Saliência de natureza metonímica de um domínio alvo no mapeamento da <u>metáfora</u> “ganhar o coração de alguém”.....	46
Figura 4 – Exemplos de esquemas imagéticos.....	48
Figura 5 – Dunas de Paracuru, estado do Ceará.....	51
Figura 6 – Exemplo de tabulação de dados.....	58
Figura 7 – Narrativa metafórica que emerge das falas dos Pitaguary.....	62
Figura 8a – O viajante encontra uma barreira no meio do caminho.....	72
Figura 8b – Com o auxílio de seus companheiros que exercem força sobre a barreira, o viajante remove o obstáculo do caminho e prossegue sua jornada.....	72
Figura 9 – Portão de entrada da comunidade Pitaguary.....	89
Figura 10 - Visão de satélite do Açude Santo Antônio do Pitaguary.....	106
Figura 11 - Imagem de capa do grupo de facebook Luta e Resistência Pitaguary.....	142
Figura 12 – Formigas cortadeiras transportando fragmentos de folhas.....	154
Figura 13 – O viajante perde o equilíbrio e cai.....	167

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Número de Vets por evento discursivo referentes à MetSis 1.....	63
Gráfico 2 – Ocorrência de desenvolvimentos metafóricos na trajetória da MetSis.....	71
Gráfico 3 – Número de VMets por evento discursivo.....	72
Gráfico 4 – Ocorrência de desenvolvimentos metafóricos na trajetória da MetSis.....	88
Gráfico 5 – Número de VMets por evento discursivo.....	89
Gráfico 6 – Ocorrência de desenvolvimentos metafóricos na trajetória da MetSis.....	105
Gráfico 7 – Número de VMets por evento discursivo.....	106
Gráfico 8 – Ocorrência de desenvolvimentos metafóricos na trajetória da MetSis	141
Gráfico 9 – Número de VMets por evento discursivo.....	143
Gráfico 10 – Ocorrência de desenvolvimentos metafóricos na trajetória da MetSis.....	153
Gráfico 11 – Número de Vets por evento discursivo.....	154
Gráfico 12 – Ocorrência de desenvolvimentos metafóricos na trajetória da MetSis.....	166
Gráfico 13 – Número de VMets por evento discursivo.....	167
Gráfico 14 – Ocorrência de desenvolvimentos metafóricos na trajetória da MetSis.....	175
Gráfico 15 – Número de VMets por evento discursivo.....	176
Gráfico 16 – Ocorrência de desenvolvimentos metafóricos na trajetória da MetSis.....	184
Gráfico 17 – Número de VMets por evento discursivo.....	185
Gráfico 18 – Ocorrência de desenvolvimentos metafóricos na trajetória da MetSis.....	191
Gráfico 19 – Número de VMets por evento discursivo.....	192
Gráfico 20 – Ocorrência de desenvolvimentos metafóricos na trajetória da MetSis.....	198

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Lista de títulos de notícias relacionadas aos Pitaguary do período de abril de 2002 a janeiro de 2020.....	20
Tabela 2 - The location event-structure metaphor.....	30
Tabela 3 – MetSis emersas.....	62
Tabela 4 – Estatísticas básicas MetSis 1.....	63
Tabela 5 – Estatísticas básicas MetSis 2.....	71
Tabela 6 – Estatísticas básicas MetSis 3.....	88
Tabela 7 – Estatísticas básicas MetSis 4.....	105
Tabela 8 – Estatísticas básicas MetSis 5.....	142
Tabela 9 – Estatísticas básicas MetSis 6.....	153
Tabela 10 – Estatísticas básicas MetSis 7.....	166
Tabela 11 – Estatísticas básicas MetSis 8.....	176
Tabela 12 – Estatísticas básicas MetSis 9.....	184
Tabela 13 – Estatísticas básicas MetSis 9.....	191

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADM	Análise do Discurso à Luz da Metáfora
Ev disc	Evento discursivo
G-Vmets	Grupo ou família de veículos metafóricos
MetSis	Metáfora sistemática
SESAI	Secretaria Especial da Saúde Indígena
TMC	Teoria da Metáfora Conceptual
TMN	Teoria da Metáfora Neural
VMet	Veículo metafórico

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	25
2.1	A metáfora conceitual.....	25
2.1.1	<i>Metáfora e pensamento</i>	29
2.1.2	<i>Metáfora e ação</i>	31
2.1.3	<i>Metáfora e cultura</i>	33
2.2	A metáfora sistemática.....	35
2.3	As metáforas pelas quais vivemos e interagimos – do cognitivo ao cotidiano	41
2.4	Metonímia.....	44
2.5	Esquemas imagéticos.....	47
2.6	Emergência.....	49
2.7	Adversidade e resiliência.....	53
3	METODOLOGIA.....	56
3.1	Natureza da pesquisa.....	56
3.2	<i>Corpus</i>	56
3.3	Participantes.....	56
3.4	Instrumentos.....	57
3.5	Procedimentos para coleta de dados.....	57
4	ANÁLISE DOS DADOS.....	62
4.1	Metáfora sistemática 1: SER PITAGUARY É PODER FALAR.....	63
4.2	Metáfora sistemática 2: DIFICULDADES SÃO BARREIRAS QUE SE ULTRAPASSAM COM FORÇA E UNIÃO.....	71
4.3	Metáfora sistemática 3: O MUNDO DE FORA TROUXE PERDAS PARA DENTRO DO MUNDO PITAGUARY.....	88
4.4	Metáfora sistemática 4: SEGUIR NO CAMINHO DA LUTA EXIGE UMA NOVA VISÃO.....	105
4.5	Metáfora sistemática 5: VIVER É TRABALHAR PELA LUTA.....	142
4.6	Metáfora sistemática 6: ÍNDIOS PITAGUARY SÃO BICHOS DA MATA QUE SE UNEM, ATACAM, DEFENDEM-SE E RECUAM.....	153
4.7	Metáfora sistemática 7: SUPERAR ADVERSIDADES É RECUPERAR O	

	EQUILÍBRIO PERDIDO.....	166
4.8	Metáfora sistemática 8: ÍNDIOS PITAGUARY SÃO PLANTAS RESISTENTES QUE SE RENOVAM CONTINUAMENTE.....	176
4.9	Metáfora sistemática 9: PARA SEGUIR ADIANTE NO CAMINHO É PRECISO OLHAR PARA FRENTE.....	184
4.10	Metáfora sistemática 10: SER PITAGUARY É FAZER PARTE DE UMA FAMÍLIA FORTE E UNIDA.....	191
5	CONCLUSÕES.....	199
	REFERÊNCIAS.....	203
	ANEXO A – PROTOCOLO DA ENTREVISTA.....	207

1 INTRODUÇÃO

A violência tem produzido em todo o mundo índices alarmantes. Vivemos há décadas uma escalada desenfreada do número de crimes violentos dos mais diversos tipos, perpetrados contra os mais diversos grupos. A natureza epidêmica da violência no nosso país torna-se evidente na forma como esse tema é ubiquamente tratado: na mídia, na escola, nas ruas, nos lares, no campo, na academia.

Estudos diversos têm sido conduzidos com o objetivo de investigar e compreender como a violência é conceptualizada e vivenciada por suas vítimas, diretas e indiretas, como também por aqueles que a cometem. Dentre essas pesquisas, podemos citar a de Silva (2013), que estuda a conceptualização da violência entre torcedores de futebol; Carneiro (2014), por sua vez, tem como foco a análise do discurso de mulheres vítimas de violência doméstica objetivando compreender como a figuratividade permite a expressão de seus sentimentos. Bezerra (2013) se aprofunda na conceptualização metafórica que professores realizam a respeito da violência que vivenciam. Todas essas pesquisas, entre outras, vinculam-se ao *Projeto Interdisciplinar sobre representações sociocognitivas na conceptualização de violência em centros urbanos brasileiros*, desenvolvido pelo Grupo de Estudos Sobre Linguagem e Pensamento (GELP - Colin), coordenado pela professora Dra. Ana Cristina Pelosi.

Apesar de se infiltrar insidiosamente por todo o tecido social, gerando prejuízos de toda ordem – econômicos, psicológicos, educacionais - é nos grupos minoritários que a violência se manifesta com maior intensidade. Entre esses grupos, incluem-se os indígenas.

A população indígena no Brasil tem sido vítima de um intenso processo histórico de perdas materiais e culturais, iniciado nos primeiros estágios da colonização, o qual continua até os dias de hoje, agravado pelo recente recrudescimento de políticas governamentais que, aliadas a interesses de grandes corporações e de produtores, resultam na invasão de terras para atividades extrativistas e agropecuárias, e mesmo na morte de populações autóctones inteiras.

Apesar de enfrentar um processo de extermínio que pode ser considerado, devido ao grau e a sistematicidade com que tem sido praticado, como genocida, as populações indígenas, mesmo que em curso de serem dizimadas, sobrevivem, de forma tenaz e resiliente.

Esse grupo - fatidicamente considerado minoritário -, justamente por experienciar sofrimentos e dificuldades devido às perdas que lhe vêm sendo infligidas, torna-se sujeito numa pesquisa intercultural, de caráter psicológico e linguístico, que tem como principal objetivo

entender como diferentes povos conceptualizam, por meio de metáforas, suas experiências positivas pós-traumáticas. *Narrativas culturais de adversidade e superação* é um projeto internacional de pesquisa interdisciplinar que pretende investigar os fatores e processos que facilitam a superação de adversidade entre pessoas de culturas diferentes. A equipe de investigação é composta por pesquisadores suíços e brasileiros da Universidade de Zurique e da Universidade Federal do Ceará, dentre os quais Iara Meili, que tem, como psicóloga clínica, a intenção de entender melhor como os indígenas reagem diante de dificuldades, e Ana Cristina Pelosi, cujo interesse é o de fazer avançar os estudos da metáfora sob seus aspectos cognitivo-discursivos, respectivamente.

O objetivo deste projeto é juntar narrativas para ajudar a definir a adversidade e superação a partir de perspectivas indígenas (mais especificamente da etnia Pitaguary), e identificar os fatores que facilitam a superação da adversidade entre indivíduos e comunidades. Nosso objetivo é o de colaborar com várias comunidades, também em outras partes do mundo, a fim de obter múltiplos pontos de vista a respeito dos conceitos investigados.

A metáfora de crescimento pós-traumático (*post-traumatic growth*) denota, segundo Meili (2018), uma visão euro-americana que não parece ser transculturalmente válida. Daí o interesse da pesquisadora em investigar como comunidades representando duas culturas diferentes, Brasil, e Suíça percebem adaptações psicológicas positivas depois de um trauma ou de adversidades.

O presente trabalho visa integrar essa pesquisa mais ampla, contribuindo com a mesma por meio da exploração das metáforas que emergem no discurso de indígenas ao se referirem a suas experiências de adversidade e resiliência.

Se a relevância científica da nossa pesquisa se aninha na solidez da continuidade de projetos que exploram o incalculável potencial dos estudos metafóricos de promoverem uma ampliação na compreensão das emoções e sentimentos humanos, a escolha específica pelo sujeito do estudo, os índios Pitaguary, reflete uma convergência de interesses de natureza científico-social que não prescinde de uma contextualização maior.

Embora se saiba que todo início e fim de períodos temporais canônicos, tais como décadas, séculos ou milênios, sejam marcados por expectativas de mudança, social e historicamente justificadas ou não, as duas primeiras décadas do século XXI apresentam índices notavelmente confirmadores dessa transformação como tendência inquestionável. Ao longo dos

últimos séculos, a ciência ocidental, voltada para as técnicas e marcada por um paradigma racionalista cartesiano, desenvolveu-se a um ritmo exponencialmente mais intenso, sem dar sinais de que esteja atingindo seu apogeu.

As duas primeiras décadas do novo milênio têm sido o espaço para sequências de eventos políticos, sociais, bélicos e tecnológicos que adquiriram significado histórico para todos os habitantes do globo, dado que o mundo tem se reduzido a uma grande aldeia global. A metáfora da “aldeia”, aqui, é política, filosófica e linguisticamente eloquente: infere-se de seu uso a referência entusiasmada a um olhar otimista sobre o modo rápido, intenso e íntimo com que as trocas materiais e culturais se realizam atualmente entre as nações. O frame ativado nos orienta na direção de positividade, coletivismo, empatia: ora, uma aldeia é um espaço psicossocial de convivência em que os sujeitos estabelecem ligações de forma íntima, recorrente e produtiva. E aqui parece cessar o alcance da metáfora, já que, mesmo os estudos citados acima que tratam de violência parecem revelar tensões e conflitos na aldeia global, ainda a nível nacional.

As imagens das Torres Gêmeas do World Trade Center, em Nova York se desfazendo sob fogo, poeira e horror, mesmo que propagandisticamente desvinculadas de suas congêneres de sangue e morte da Síria, do Iraque, da Nigéria e do Brasil, por meio de um processo que se poderia caracterizar pela compressão semântica, nos termos de Fauconnier (2008), ilustram que, operacionalmente, a aldeia não vai bem, ou, pelo menos, não no seu melhor. Há vozes que afirmam que vivemos no melhor momento da humanidade, se forem levados em conta parâmetros estatísticos que englobem os números relativos a acesso à quantidade mínima de calorias, a cuidados de saúde e a renda per capita global. De fato, se o número de pessoas que morrem de doenças relacionadas à obesidade é maior do que o das que morrem por inanição, o prognóstico parece apontar para algum tipo de evolução. Em contrapartida, porém, a materialização em concreto do muro previamente existente entre Estados Unidos e México, o abandono de imigrantes africanos à morte num navio em águas europeias e as declarações xenofóbicas de líderes brasileiros contra médicos cubanos ou candidatos a imigrantes sírios, parece revelar que uma análise qualitativa dos avanços da humanidade na direção da construção da “aldeia global” nos oferece como resultado um cenário menos propício à emergência de emoções positivas.

Aquecimento global, disrupção tecnológica e o perigo de uma guerra nuclear são desafios com os quais a humanidade terá de lidar no século XXI – é o que adverte o historiador Yuval Noah Harari (2018), apontando que as soluções para os problemas engendrados por esses

desafios só serão solucionáveis a nível global, e não por apenas um governo. Como se sabe, as últimas cúpulas e reuniões entre líderes mundiais não indicam que soluções coletivas estejam sendo planejadas pelos administradores da aldeia. O Brasil, enquanto 7^a maior economia do mundo, por exemplo, tem se subtraído a discussões sobre os temas acima e sobre outros correlatos, tais como a proteção da floresta amazônica e a demarcação das terras indígenas. De forma a refletir uma estrutura fractal, em que as partes em níveis inferiores reproduzem as relações identificadas em níveis superiores, as incoerências e conflitos globais se repetem a nível regional e nacional.

Num contexto contemporâneo em que a proposta de uma aldeia global é apenas parcialmente realizada, marcadamente nos aspectos econômico e financeiro, o povo Pitaguary se situa na convergência complexa de interesses díspares: identitários, culturais, econômicos, administrativos e linguísticos. Sua história longínqua, que remonta à era pré-colonial, e a recente, eivada pela ebulição tecnológica que deixa marcas em todo lugar, são perpassadas pela conjunção do desejo de continuidade e necessidade de mudança e adaptação.

O fato de o Ceará ter sido a primeira província a negar a existência de índios em seu território (a ambiguidade do pronome possessivo é proposital), no ano de 1850 (PINHEIRO, 2002), oferece o tom do tipo de política governamental que o povo Pitaguary teve que enfrentar desde tempos remotos. As tentativas de imposição da escravidão por parte da autoridade colonial nas primeiras fases da invasão europeia estão inscritas na história indígena de forma geral, bem como o fomento de guerras entre povos não necessariamente inimigos, como tática de ocupação do colonizador – havendo, inclusive, a esse respeito, registro literário instalado no cânone da Literatura Brasileira. O povo que inspirou o grande romancista José de Alencar em seu movimento artístico de transplante das relações heroicas comuns aos romances de cavalaria do Velho Continente para as “novas” terras tropicais, é o mesmo que engendrou os Joões, Marias, Josés, Francsicas e Franciscos Pitaguary que dialogaram no presente trabalho. No entanto, as histórias que contaram, as emoções que compartilharam e as metáforas e metonímias que emergiram, não correspondem, feliz e infelizmente, àquelas que o grande escritor esperaria que surgissem a partir da estética narrativa literária idealizada do Romantismo do século XIX.

O termo Pitaguary tem sua origem aventada na variação do nome da tribo Potiguara, ou mesmo Pitiguara, com os quais até hoje se identificam, e está historicamente associado com frequência a uma terra, região ou sítio. A luta pelo reconhecimento de sua identidade indígena constituiria um capítulo à parte na lista de adversidades que esse povo enfrenta. Perseguidos por

colonizadores, fazendeiros, autoridades policiais e políticas ao longo de séculos, é com a constituição de 1988 que os índios brasileiros conquistam o direito assegurado, válido em todo território brasileiro, de perpetuarem sua cultura sobre as terras que ocupam por tradição. Assistidos por órgãos como a FUNAI, na década de 1990, as reivindicações indígenas passam a ocupar com maior frequência os meios de comunicação, o que viabiliza uma lenta consolidação das garantias constitucionais. Esse processo continua – morosamente - até hoje, e no presente momento histórico e político, encontra-se perigosamente obstruído e impedido pela execução errática de políticas indigenistas governamentais.

Incrustada no contexto maior da questão indígena nacional, os Pitaguary são um povo que enfrenta, além das lutas tradicionais que lhes cabem desde que os europeus invadiram as terras americanas, desafios inerentes à sua condição de comunidade situada no seio de uma região metropolitana que ocupa o quinto lugar entre as maiores do país. O Território Indígena Pitaguary engloba as comunidades do Santo Antônio, Olho d'Água, Horto e Monguba, situadas nas divisas entre os municípios de Maranguape, Maracanaú e Pacatuba, a 26 km de Fortaleza. Problemas como uso de drogas, alcoolismo, violência, doenças mentais, suicídio, disputas políticas, atentados terroristas, carência de infraestrutura básica, invasões territoriais de empresas extrativistas, degradação ambiental integram o conjunto de traumas e adversidades que assolam esse povo. O quadro abaixo apresenta títulos das principais notícias relacionadas aos Pitaguary publicadas nos últimos 18 anos. Alguns dos eventos noticiados são mencionados, de forma direta e indireta, pelos participantes da nossa pesquisa ao longo dos encontros que compuseram a coleta de dados.

Tabela 1 – Lista de títulos de notícias relacionadas aos Pitaguary do período de abril de 2002 a janeiro de 2020

- 06/01/2020 - Facções controlam terras indígenas e recrutam índios para o crime no CE
FSP, Cotidiano, p. A17
- 10/02/2019 - Sob ataque pós-eleição, terras indígenas estão desprotegidas com desmonte da Funai
Repórter Brasil - <https://reporterbrasil.org.br/>
- 13/09/2018 - Liderança indígena é baleada em Maracanaú, no Ceará
G1 <https://g1.globo.com/>
- 13/09/2018 - Atentado contra a cacique Madalena Pitaguary é consequência da falta de demarcação das terras indígenas
Cimi <https://cimi.org.br/>
- 13/09/2018 - Líder indígena baleada tem quadro estável e é transferida para hospital em Fortaleza
G1 <https://g1.globo.com/>
- 16/09/2017 - Nova entidade representativa do Movimento Indígena Cearense é criada durante o II Encontro de Caciques, Pajés e Lideranças Tradicionais dos Povos Indígenas do Ceará
Observatório Socioambiental - <http://www.observatoriosocioambiental.org>
- 31/08/2017 - Latifundiários põe fogo em liderança indígena no Ceará
Diário da Causa Operária causaoperaria.org.br

- **30/08/2017 - Funai repudia ato violento contra indígena Pitaguary**
Funai funai.gov.br
- **29/08/2017 - Homens espancam e ateam fogo em índio**
Diário do Nordeste diariodonordeste.verdesmares.com.br
- **28/08/2017 - Liderança indígena sofre atentado no Ceará**
O Vermelho vermelho.org.br
- **28/08/2017 - Familiares de indígena queimado no Ceará dizem que crime tem motivação política**
G1 g1.globo.com
- **27/08/2017 - Indígena é espancado e queimado enquanto dormia em aldeia no Ceará**
Folha de São Paulo www1.folha.uol.com.br
- **27/08/2017 - Indígena Pitaguary está em estado grave após ser queimado com gasolina e espancado**
Observatório Socioambiental observatoriosocioambiental.org
- **27/08/2017 - Índio é incendiado em tribo no Maracanaú, diz Funai**
Diário do Nordeste diariodonordeste.verdesmares.com.br
- **27/08/2017 - Líder indígena é agredido e tem corpo incendiado com gasolina no Ceará**
G1 g1.globo.com
- **20/06/2017 - Etnia Pitaguary recebe Formação de Cineastas Indígenas**
Portal Vermelho vermelho.org.br
- **19/04/2016 - Cacique Daniel, líder indígena cearense, é velado no Dia do Índio**
EBC - http://agenciabrasil.abc.com.br
- **18/04/2016 - Morre cacique Daniel, líder dos pitaguary**
O Povo - http://mobile.opovo.com.br
- **11/08/2015 - Papel da mulher indígena é tema de encontro no Ceará**
Fundação Nacional do Índio - Funai - www.funai.gov.br
- **09/03/2015 - A luta do Povo Indígena Pitaguary pela garantia dos seus direitos**
Combate Racismo Ambiental - http://www.racismoambiental.net.br
- **19/06/2010 - Diálogo cultural entre Lakota e Pitaguary**
O Povo (CE) - http://opovo.uol.com.br/
- **19/06/2010 - Crack avança na tribo dos tapebas**
O Povo (CE) - http://opovo.uol.com.br/
- **26/04/2010 - Índios vão ganhar educação específica**
Diário do Nordeste - http://diariodonordeste.globo.com
- **26/04/2010 - Indígenas ganham tratamento psicológico**
Diário do Nordeste - http://diariodonordeste.globo.com/
- **19/03/2010 - Indenização aos ruralistas**
CB, Brasil, p. 8
- **10/03/2010 - Índios de 11 etnias são vacinados**
Diário do Nordeste - http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=748593
- **14/12/2009 - Professores de escolas indígenas terão curso de graduação**
O Povo - http://www.noolhar.com/opovo/ceara/936915.html
- **21/12/2008 - Desafio da luta indígena está na geração jovem**
DIÁRIO DO NORDESTE - CADERNO REGIONAL
- **20/12/2008 - Demarcação de terras é meta**
DIÁRIO DO NORDESTE - CADERNO REGIONAL
- **19/12/2008 - Arte e educação são formas de resistência**
Diário do Nordeste - caderno Regional
- **18/12/2008 - Etnias indígenas ainda lutam pelo reconhecimento**
Diário do Nordeste - caderno regional
- **01/12/2008 - Jovens se unem pelo meio ambiente e fazem mutirão de limpeza em Pitaguary**
Adital - www.adital.org.br
- **17/11/2008 - Core/CE promove Encontro dos Cuidadores da Medicina Tradicional**
Funasa - www.funasa.gov.br
- **20/09/2008 - Ocupação do litoral é empecilho para demarcação**
O Povo - www.opovo.com.br
- **22/08/2008 - Índios querem afirmar identidade das etnias**
Diário do Nordeste - diariodonordeste.globo.com
- **20/08/2008 - Povos Indígenas protestam contra violação de direitos em Fortaleza**
Adital - www.adital.com.br

- 30/06/2008 - Mais saneamento para indígenas do Ceará
Funasa - www.funasa.gov.br
- 28/12/2007 - Comunidade pitaguary vai ganhar escola indígena
O POVO
- 06/09/2007 - Índios protestam e prefeitura pára obra
Jornal O Povo
- 20/05/2007 - Índios desocupam sede da Funai
Diário do Nordeste
- 18/05/2007 - Índios acampados na sede da Funai de Fortaleza se reúnem com administrador regional
Dipario do Nordeste
- 18/05/2007 - Índios ocupam sede da Funai
DIÁRIO DO NORDESTE
- 04/05/2007 - Pitaguarys divulgam cultura indígena
Jornal O POVO
- 11/04/2007 - Mulheres indígenas discutem direitos
O povo - CE
- 15/03/2007 - A CFAP realizou uma parceria com os Índios Pitaguary
PM do Ceará
- 02/03/2007 - Professores indígenas protestam na Seduc
Adital
- 01/03/2007 - Índios pedem regularização dos contratos de professores
O Povo (CE)
- 27/12/2006 - Ministro da Justiça reconhece dez Terras Indígenas
ISA - NSA
- 22/12/2006 - Tribo Pitaguary é reconhecida
DIÁRIO DO NORDESTE
- 20/12/2006 - Lula recebe índios e pede paciência sobre homologação de reservas
Home page Diário do Nordeste
- 03/05/2006 - Índios interditam estrada em Maracanaú
O Povo-Fortaleza-CE
- 20/02/2006 - Desmantelamento da política indigenista: articulações antiindígenas e genocídio dos Povos Indígenas
FDDI-Fórum de Defesa dos Direitos Indígenas
- 27/10/2005 - Índios fazem 2 reféns para exigir o conserto de uma bomba d'água
Folha de S. Paulo-São Paulo-SP
- 17/03/2005 - Núcleo de Apoio Local do Ceará promove jogos indígenas
Funai -Brasília-DF
- 22/05/2004 - Índios Pitaguari pedem ajuda para viver
O Povo-Fortaleza-CE
- 24/04/2004 - Índios de reservas do Ceará libertam quatro reféns
Folha de S. Paulo-São Paulo-SP
- 04/11/2002 - Escola dos Pitaguary está em fase de transição
Diário do Nordeste-Fortaleza-CE
- 04/09/2002 - Índios Pitaguarys fecham novamente acesso a suas terras
Diário do Nordeste
- 08/08/2002 - Informe sobre os acontecimentos ocorridos na Terra Indígena Pitaguary
Instituto Warã
- 29/04/2002 - PITAGUARY- Índios mantêm controle no açude da comunidade
O Povo-Fortaleza-CE

Fonte: Terras Indígenas do Brasil – ISA. (2020, <https://terrasindigenas.org.br/noticias/4057/TI/20/3>, acessado em: 15 de abril de 2020).

Uma complexa e tensa teia entrecruzada pelos imperativos do povo Pitaguary de viver, sobreviver, sofrer, entender e superar é o material bruto com o qual temos o privilégio de trabalhar

no presente estudo. Apropriando-nos do tom engajado do linguista crítico Kanavilil Rajagopalan, para quem: “A famigerada noção da “neutralidade” do cientista nada mais é do que uma herança do positivismo que imperou na época em que a Linguística se consolidava como disciplina autônoma” (2007, p. 15).

Reconhecemos os valores que vão além da ciência e da Linguística no que revelam, confirmam e rechaçam os dados investigados, as hipóteses testadas e as teorias aqui aplicadas: abordar conceitos como o de adversidade, em sua proximidade com a ideia de sofrimento, e o de resiliência, na sua vizinhança semântica com as noções de sobrevivência e superação, situam-nos, enquanto cientistas, queiramos ou não, em determinado ponto do espectro ideológico, político e social tradicionalmente considerado. O enquadramento histórico que, a um só tempo, nos inspira e restringe, nesse ano de 2019, num país politicamente polarizado como o Brasil, indica uma localização preferencial dos resultados possíveis de uma execução bem sucedida da nossa pesquisa: a afinidade com os ideais presentes na Carta Universal dos Direitos Humanos, replicados na Constituição Brasileira de 1988 e sofrivelmente aplicados de facto.

A falha contemporânea em transformar o globo em aldeia integrada, harmônica e orgânica, encontra eco na execução malsucedida do programa iluminista, segundo o qual a razão promoveria a emancipação de toda a humanidade. Ainda aludindo às palavras do expoente da Linguística Crítica, Rajagopalan, ao lado da percepção dessa falha operacional por parte dos filósofos e pensadores da época, “estava se firmando outra ideia, a de que a linguagem ocupava um lugar central em nossas ponderações acerca da condição humana” e de que “[...] é na própria linguagem que devemos buscar as respostas para uma boa parte dos enigmas em torno da conduta humana [...]” (RAJAGOPALAN, 2007, p. 7).

Ou seja, se é função do trabalho científico promover o aperfeiçoamento da ciência como um todo e proporcionar uma maior compreensão dos “enigmas em torno da conduta humana”, executar, de forma bem sucedida, a nossa pesquisa é assumir a nossa parcela funcional na realização de tal compromisso.

Assim, com o propósito de compreender o fenômeno da emersão de metáforas sistemáticas na fala dos indígenas Pitaguary, buscamos responder à seguinte questão de pesquisa: como a linguagem figurada de indígenas deixa emergir, em seu discurso, metáforas sistemáticas de adversidade e resiliência? Incluem-se como questões relevantes para nossa pesquisa: (1) Quais os veículos metafóricos que surgem na fala dos indígenas Pitaguary?; (2) Que conceptualização de

adversidade e resiliência é feita pelos indígenas?; (3) Como a evolução de veículos metafóricos na fala dos indígenas Pitaguary favorecem a emersão de metáforas sistemáticas de resiliência e superação?

Nossos objetivos, portanto, serão os de: (1) Identificar e classificar os veículos metafóricos e metonímicos no discurso de indígenas; (2) Investigar como indígenas conceptualizam adversidade e resiliência; (3) Verificar como a evolução de veículos metafóricos e metonímicos no discurso de indígenas favorecem a emersão de metáforas sistemáticas de resiliência e superação.

Este trabalho divide-se em cinco capítulos. Na Introdução, apresentamos o objeto de estudo do estudo e a justificativa para o empreendimento acadêmico e intelectual desta pesquisa. Além disso, tornam-se conhecidas as questões de pesquisa bem como os objetivos que se pretendem alcançar.

No segundo capítulo, Fundamentação Teórica, são apresentadas as bases teóricas sobre as quais trabalhamos. Estão incluídas duas subdivisões: uma dedicada a uma discussão sobre a Teoria da Metáfora Conceptual, como proposta por Lakoff e Johnson (1980) e outra que aborda a Análise do Discurso à Luz da Metáfora, de Lynne Cameron *et al.*

O terceiro capítulo, Metodologia, explicita os procedimentos de tratamento e análise dos dados e das técnicas e metodologias de análise empregadas para a realização da pesquisa.

No quarto capítulo, Análise dos Dados, apresenta-se o processo de análise dos dados, que inclui a análise detalhada de cada metáfora sistemática emersa a partir do *corpus* sobre o qual nos debruçamos.

O quinto e último capítulo, Conclusão, dedicamos a reflexões sobre a experiência acadêmica, intelectual, social e afetiva que culminou na finalização do nosso trabalho, e como ela poderá contribuir, segundo nossos anseios, com a pesquisa científica nos domínios linguísticos ou outros. Retomamos ainda as questões de pesquisa que nos moveram a empreender o trabalho e indicamos a direção para a qual, no escopo da Linguística Cognitiva, apontam os resultados.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como aludimos acima, um número crescente de pesquisas tem se debruçado sobre o tema da violência, de suas consequências e como estas são conceptualizadas nos discursos das vítimas. Além dos trabalhos já citados, podemos incluir nessa lista a dissertação de Lima (2012), cujo foco foi o estudo da emergência de metáforas na fala de jovens adultos universitários sobre violência urbana à luz de pressupostos cognitivo-discursivos; as teses de doutorado de Gondim (2012), com uma análise intercultural das concepções de violência em jovens brasileiros e franceses e de Almeida Junior (2013), que trata de espaços e atratores como estratégias de categorização na emergência de inferências sobre a conceptualização de violência; assim como as dissertações de Sá (2013), que enfocou a emergência de metáforas sistemáticas na conceptualização de violência escolar por professores da educação básica em Fortaleza – CE, e de Marques (2014), que teve como objetivo estabelecer a primazia da metonímia em relação à metáfora (a primeira sob orientação de Ana Cristina Pelosi; a segunda, da Profa. Dra. Luciane Corrêa Ferreira). Feltes, Pelosi, Cameron e Ferreira (2015) se debruçaram sobre como a empatia é conceptualizada por meio da emergência de metonímias e metáforas no discurso de jovens vítimas de violência nas cidades de Fortaleza e Belo Horizonte. Na UECE, há as pesquisas relatadas nas dissertações de Jamison (2011), com enfoque na conceptualização e categorização de violência por mulheres vítimas de violência conjugal, e de Oliveira (2011), com foco na análise da conceptualização de violência em uma comunidade de surdos.

As pesquisas elencadas acima foram todas realizadas no âmbito da linguística cognitiva. Nenhuma delas tem como foco a conceptualização da resiliência, da superação ou de uma visão positiva por parte dos sujeitos de sua situação pós-traumática ou adversa.

Buscas no Google Acadêmico revelam um grande número de trabalhos – cerca de 17 mil - que se debruçam diretamente sobre as noções de resiliência e superação; nenhum deles, porém, situa-se no domínio da linguística, integrando em sua totalidade eixos da área de Psicologia, Medicina ou Enfermagem.

2.1 A metáfora conceptual

As investigações relacionadas à metáfora podem ser rastreadas até a Antiguidade. Segundo Evans e Green (2006), na visão aristotélica, a metáfora era um tipo de comparação

implícita, como ilustra uma frase como “Aquiles é um leão”. Nesse paradigma, que durou até o final da década de 1970, a metáfora era concebida como mecanismo de ornamento da linguagem. Prevalencia a oposição linguagem literal e linguagem figurada, a metáfora constituindo um mecanismo linguístico em que uma palavra ou conjunto de palavras era usada em contextos diferentes daqueles em que normalmente aparecia. Sendo assim, a metáfora tinha a ver com o aspecto superficial da linguagem, na medida em que apresentava como função a transferência intencional de sentido, de cunho estético ou retórico, de uma palavra a outra. Esse estado de coisas muda, principalmente, com a publicação de *Metaphors We Live By*, de Johnson e Lakoff, em 1980. Nesse livro os autores apresentam a metáfora não mais como simples ornamento ou dispositivo retórico, mas como mecanismo intrínseco aos processos cognitivos humanos de produção de sentido. Trata-se de uma mudança de paradigma, iniciada anteriormente, como indica Schröder (2008), por outros nomes como Locke, Vico, Kant, Bühler, Blumenberg e Weinrich, os quais já trilhavam caminhos que se distanciavam da concepção clássica de metáfora. No entanto, a quebra de paradigma ocorre, de fato, com Lakoff e Johnson.

O contexto teórico e filosófico em que surgem as investigações de Lakoff e Johnson foi importante para o delineamento da pesquisa contida em *Metaphors we live by* e em trabalhos posteriores. Trata-se de uma década em que avanços na ciência cognitiva apontavam para a superação do modelo simbolista da linguagem, o qual encontra representação, por exemplo, na linguística em Chomsky, com o Gerativismo. Essa é conhecida como a Ciência Cognitiva de Primeira Geração. Lakoff incorpora os princípios da Ciência Cognitiva de Segunda Geração, na qual o ambiente, as interações e a ação efetiva no mundo adquirem lugar privilegiado nas investigações sobre como surge e como se processa a linguagem. A Teoria da Metáfora Conceptual, proposta por Lakoff e Johnson, se situa no escopo maior da Linguística Cognitiva, que prevê a importância da experiência na construção dos sentidos.

A TMC propõe que a construção de sentidos passa pela projeção entre domínios distintos. Um domínio A, mais concreto, tem as coerências entre seus elementos mapeadas nos elementos de um domínio B, mais abstrato. O mapeamento de domínios distintos permite ao ser humano a compreensão de conceitos mais abstratos a partir de conceitos mais concretos. Tais domínios concretos, por sua vez, estão relacionados à experiência corporal sensório-motora que vivenciamos no dia a dia (LAKOFF, 1980, 1987, 1993).

O paradigma que subjaz à nova visão da metáfora proposta por Lakoff e Johnson é o

experencialismo. Segundo os autores,

[...] o mito experencialista considera o homem como parte do meio, não separado dele e focaliza a constante interação do homem com o ambiente físico e com as outras pessoas. Vê essa interação com o meio envolvendo a transformação mútua. Você não pode agir no meio sem transformá-lo ou sem ser transformado por ele (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 348)

Tais concepções vão de encontro ao paradigma objetivista, chamado por Lakoff de *mito objetivista*, que postula a existência de uma realidade objetiva independente do observador. Dessa forma, o papel do pesquisador ou pensador seria atingir a verdade absoluta dos fatos, e no caso do linguista, considerar a linguagem um meio para a consecução de tal objetivo. Nessa perspectiva, a metáfora não seria passível de interpretação (SILVA, 2013), já que não haveria nada subjacente a ela exceto sua escolha e seleção para fins estéticos, como substituto artificial para um termo com sentido literal.

O paradigma objetivista, que Maturana chama de objetivismo sem parênteses (MATURANA; VARELA, 2004), resistiu como uma espécie de dogma durante 23 séculos, como indica Zanotto (1998), e ainda resiste nos nossos dias, já que a noção de metáfora que as pessoas têm em mente é a noção aristotélica, isto é, a metáfora como ornamento.

Um outro paradigma, igualmente dogmático, é o subjetivista. Nele a construção de sentido se realiza tendo como centro o sujeito e suas “experiências internas”. As ações humanas dependiam apenas dos sentimentos e das emoções. Nesse contexto, o uso de metáforas era um caminho para o erro, para o uso equivocado das palavras, o que conduzia para longe da verdade.

O paradigma que se coaduna com a metáfora como exposta na TMC é o experencialista. Como dito acima, nele nossas ações efetivas no mundo participam na construção de sentido na medida em que as interações com os outros e com nosso próprio corpo influenciam diretamente na maneira como conceptualizamos o mundo. Nesse paradigma, a realidade é construída e não dada, como no objetivismo. A metáfora é vista como integrante dos processos cognitivos humanos, e como afirma Zanotto (2004), ela constitui “[...] um importante instrumento da cognição, que desempenha um papel central nos nossos processos perceptuais e cognitivos” (ZANOTTO, 1998, p. 15).

O caráter seminal da TMC confirma-se por meio da proficuidade dos estudos que se basearam ou se seguiram à publicação de *Metaphors we live by*. KÖVECSES (2002), CAMERON (1999a, 1999b, 2003), GIBBS (1994b, 1998, 1999), LAKOFF; TURNER (1989) são alguns que

podem ser citados na área da Linguística Cognitiva.

Em consonância com o que afirma Lakoff e Johnson (1980, 1999) sobre a relação estreita entre metáfora e pensamento, Gibbs (2008) igualmente estabelece que a metáfora “[...] influencia uma boa parte do modo como as pessoas pensam, raciocinam e imaginam na vida cotidiana” (GIBBS, 2008, p. 65). Assim é que uma metáfora como A VIDA É UMA VIAGEM mapeia informações (coerências) a partir de um domínio-fonte, ou seja, VIAGEM, em um domínio-alvo tipicamente mais abstrato, isto é, VIDA, o que resulta no surgimento de uma série de correspondências semânticas ou inferências, por exemplo:

- *Pessoas* → *viajantes*
- *Problemas* → *obstáculos físicos para viajar*
- *Objetivos* → *destinos*

E assim por diante (GIBBS, 2008, p. 65).

Um mapeamento conhecido que Kovecses (2005) e outros pesquisadores expõem é o referente à metáfora AMOR É UMA VIAGEM, no qual temos:

- *Viajantes* → *amantes*
- *Veículo* → *relação amorosa*
- *Destino* → *objetivos da relação*
- *Distância alcançada* → *progresso feito na relação*
- *Obstáculos ao longo do caminho* → *dificuldades encontradas na relação*

A respeito dos domínios-fonte mais comuns para mapeamentos metafóricos, Evans e Green (2006) citam uma ampla pesquisa de Kovecses em que um reduzido número de domínios-fonte e de domínios-alvo emergem como os mais usuais na produção de metáforas conceptuais. Os domínios-fonte mais comuns estão relacionados a:

CORPO HUMANO – “o coração do problema”

ANIMAIS – “uma raposa esperta”

PLANTAS – “o fruto do seu trabalho”

COMIDA – “uma delícia de história”¹

FORÇAS – “não me pressione!”

Os domínios-alvo relacionam-se a:

EMOÇÃO – “ela estava muito pra baixo”

MORALIDADE – “ele resistiu à tentação”

PENSAMENTO – “estou vendo seu argumento”

RELAÇÕES HUMANAS – “eles construíram um casamento forte”

TEMPO – “o tempo voa”

Entre os fenômenos que os teóricos da TMC observaram é a unidirecionalidade da metáfora. Ou seja, o mapeamento ocorre sempre de um domínio-fonte em direção a um domínio-alvo, e não o contrário. Por exemplo, podemos conceptualizar AMOR em termos de VIAGEM, tomando amantes por viajantes e desentendimento por acidente; porém não se pode mapear VIAGEM em termos de AMOR, na medida em que não conceptualizamos normalmente viajantes por amantes, nem acidentes por desentendimentos. Mesmo em casos em que uma bidirecionalidade parece aparente, como nas metáforas PESSOAS SÃO MÁQUINAS e MÁQUINAS SÃO PESSOAS, uma observação mais atenta revelará que os atributos de máquinas e pessoas que são conceptualizados num e noutro domínio são diferentes entre si. Em geral, são os atributos de volição e desejo que são mapeadas de PESSOAS para MÁQUINAS, enquanto que de MÁQUINAS como domínio-fonte se projetam atributos como velocidade e eficiência, como mostram os seguintes exemplos:

PESSOAS SÃO MÁQUINAS

- a) John sempre conquista as notas mais altas em matemática; ele é uma calculadora humana.
- b) Ele é tão eficiente; ele é uma máquina!

MÁQUINAS SÃO PESSOAS

- a) Eu acho que o meu computador me odeia; ele continua deletando meus dados.
- b) Esse carro tem vontade própria!

2.1.1 Metáfora e pensamento

A metáfora se faz presente tanto no pensamento do dia a dia, de um ponto de vista cognitivo, como do pensamento mais elaborado e complexo, que aqui exemplificaremos com o pensamento filosófico.

Johnson (2010) afirma em seu artigo *Philosophy's debt to metaphor*, que “o débito da filosofia para a metáfora conceptual é profundo e imensurável”, acrescentando em seguida que o mesmo pode ser declarado em relação a qualquer outra disciplina ou campo do conhecimento humano.

Segundo o autor, a transcendência atribuída ao pensamento filosófico não resiste a uma análise baseada na TMC. Em outras palavras, o elevado grau de abstração do pensamento filosófico pode ser decomposto por meio da aplicação de uma perspectiva metafórica. Isto é, da mesma forma que no dia a dia o mapeamento de domínios-fonte concretos em domínios-alvo abstratos nos permite alcançar uma conceptualização abstrata do mundo, na filosofia, mesmo os mais intangíveis conceitos ontológicos podem ser rastreados ou desconstruídos até sua base concreta, relacionada, como todos os domínios-alvo, ao aspecto sensório-motor da experiência humana (domínio-fonte).

Admitindo que a investigação exaustiva do carácter metafórico de todos os conceitos filosóficos é algo infactível, Johnson decide explorar o conceito clássico de causação. Sua escolha se justifica por ser esse conceito básico tanto no pensamento filosófico como no pensamento cotidiano, perpassando praticamente toda ontologia filosófica ou popular.

A fim de explicar a base metafórica da causação, o autor propõe o seguinte mapeamento geral, onde os eventos de causa ou efeito (domínio-alvo) são mapeados em termos de movimentos no espaço (domínio-fonte):

Tabela 2 - The location event-structure metaphor

<i>Domínio-fonte</i>	<i>Domínio-alvo</i>
[Movimento no espaço]	[eventos]
Localização no espaço	Estados
Movimentos de um lugar para o outro	Mudanças de estado
Forças físicas	Causas
Movimento forçado	Causação
Movimento autoinduzido	Ações
Caminhos para destinos	Meios para fins
Obstáculos ao movimento	Dificuldades

Fonte: Tradução do autor.

Essa metáfora possui um complexo vasto de submapeamentos, onde cada um licencia inúmeras expressões dependentes da metáfora maior original – que Grady (1997b) chamaria de *metáfora primária*. Exemplo de submapeamento dessa metáfora é a metáfora MUDANÇA DE ESTADO É MOVIMENTO, da qual derivam expressões onde se estabelecem relações causais, como por exemplo em “A água *passou* de quente para fria”, “O sistema *está indo em direção* à homeostase” e “A pizza *está entre* quente e fria”. Segundo Johnson, filósofos ou cientistas não podem simplesmente propor um discurso em que expressões como as exemplificadas acima não surjam seja nos manuais de filosofia ou no discurso das pessoas no dia a dia. “A temperatura aumentou”, “A temperatura caiu”, e até os “movimentos” na direção de uma síntese, passando por uma tese e por uma antítese, implicam no mapeamento de domínios concretos (não “filosóficos”) em domínios abstratos (filosóficos). O autor, em sua perspectiva, confirma assim o papel constitutivo da metáfora não apenas na linguagem, mas nos níveis mais básicos de pensamento.

2.1.2 Metáfora e ação

As primeiras publicações que tinham como tema ou arcabouço teórico a metáfora conceptual, baseavam-se sobretudo em investigações sobre suas manifestações linguísticas – verbais ou não. Porém, tendo Lakoff e Johnson (1980) já indicado a metáfora como elemento transversal no contínuo pensamento, ação e fala, as manifestações da mesma deveriam ultrapassar o aspecto linguístico.

Kövecses (2005) afirma que há outras formas pelas quais a metáfora conceptual pode se manifestar além de através das maneiras linguísticas. Uma dessas formas é a realização por meio de práticas culturais, isto é, por meio de certo tipo de ações práticas no mundo.

O autor considera que tomando o conceito clássico de metáfora como o mapeamento de um domínio A num domínio B, do tipo “A é B”, a realização pode ocorrer, pelo menos, das seguintes formas:

- O domínio fonte se converte numa realidade sócio-física;
- Os acarretamentos do domínio fonte podem se transformar numa realidade sócio-física;
- O domínio-alvo se converte no domínio fonte, e então, ao mesmo tempo, transforma-se em realidade físico-social.

Em Kövecses, indicar que um domínio conceptual “se transforma” numa realidade sócio-física, corresponde a dizer que

[...] o domínio conceptual não ocorre apenas como conceito ou como uma palavra, mas também como uma coisa ou processo mais ou menos tangível na nossa prática social e cultural (isto é, como um objeto social ou físico, instituição, ação, atividade, evento, estado, relação, e coisas do tipo) [...] (KÖVECSES, 2005, p. 164).

O primeiro caso, de acordo com o autor, é de longe o mais comum, e pode ser exemplificado pela disposição dos assentos numa reunião formal. As pessoas consideradas mais importantes em tais contextos se situam, em geral, em posições mais centrais ou mais elevadas do que as pessoas consideradas menos importantes. A estrutura metafórica que explica tal situação é provida pelas metáforas conceptuais IMPORTANTE É CENTRAL e IMPORTANTE É ALTO, e por seus opostos MENOS IMPORTANTE É PERIFÉRICO E MAIS BAIXO.

Para ilustrar o segundo caso, em que os acarretamentos metafóricos do domínio-fonte se convertem em realidade sócio-física, Kövecses alude ao exemplo de Lakoff sobre a mensagem de George H. W. Bush sobre as drogas. No discurso do então presidente americano foram identificadas três metáforas conceptuais: DROGAS SÃO SUBSTÂNCIAS MÁF FLUINDO PARA O PAÍS, SER DEPENDENTE DE DROGAS É TER UMA DOENÇA e USUÁRIOS DE DROGAS SÃO INIMIGOS (QUE DEVEM SER COMBATIDOS). Segundo o autor tais metáforas resultam em posturas públicas sociais que vão determinar as ações governamentais em relação ao assunto. Assim, na metáfora do “oleoduto” de drogas, o problema das drogas se origina fora do país. Sendo a droga uma doença, dependentes de drogas devem ser enviados a hospitais. Se pessoas que vendem drogas são metaforicamente inimigos, devem ser tratados como tais e combatidos como inimigos de guerra.

O terceiro caso, em que o alvo se transforma no domínio-fonte e então se transmuta em realidade sócio-física, configura um caso extremo em que metáforas conceptuais se realizam de fato. O autor cita o trabalho de Tomasz Kreszowski (2002), que a partir da metáfora DISCUSSÃO É GUERRA, conduziu um experimento em que os aspectos linguísticos, não-verbais, estilísticos, interacionais, discursivos, entre outros, relativos a essa metáfora, foram acompanhados. Os resultados da pesquisa revelam que a evolução da interação entre dois participantes seguia a sequência de estágios de uma guerra, havendo correspondência entre tom de voz, emotividade, uso de gestos e (entre outros aspectos), finalmente, contato corporal e luta, com os aspectos estratégicos

bélicos: diplomacia, desentendimento, declaração de guerra, sondagem de forças, preparação para ataque, guerra ipso facto.

Em suas reflexões, Kövecses lança mão de investigações de cunho sociocultural em que a ação resulta, de forma mais ou menos direta, das concepções derivadas das metáforas conceptuais presentes no discurso dos sujeitos, o que funciona como importante instrumento teórico para a compreensão das metáforas que serão analisadas nessa pesquisa.

2.1.3 Metáfora e cultura

A nossa pesquisa, tendo como base os aportes teóricos provindos da Teoria da Metáfora Conceptual, a qual, por sua vez, assenta num conjunto de princípios que têm raízes no modelo da cognição corporificada, parte da assunção de que pensamento, fala e ação encontram-se intrinsecamente conectados. Assim, diferentes domínios da experiência humana, tais como o linguístico, o cognitivo e o cultural estabelecem, sob essa perspectiva, pontos de intersecção que surgem, diante do cientista da linguagem, como coerências e regularidades que marcam o fenômeno linguístico. Ancorados em pesquisadores como Lakoff e Johnson e Kövecses, pensamos que a metáfora conceptual pode ser vista como um desses pontos de intersecção entre os domínios linguístico, cognitivo e cultural. Autores como Turner (1998), Langacker (2016), Cameron (1999, 2007, 2010), Maslen, Johnson (entre outros demonstraram que esse lugar privilegiado da metáfora como tropos que conecta uma diversidade abrangente de aspectos da experiência humana se sustenta sobre o conhecimento oriundo de disciplinas distintas, sobretudo daquelas relacionadas às neurociências.

Na economia do presente trabalho, a cultura, apesar de não constituir aspecto essencial e balizador, apresenta-se como elemento de destaque na medida em que lidamos aqui com uma comunidade que se percebe, se identifica e se afirma, linguística, legal e historicamente como um povo culturalmente distinto e até mesmo oposto às comunidades que geograficamente cercam o Território Pitaguary, que fisicamente os constitui. É notável, inclusive, que tal oposição, como será visto mais à frente, na análise das metáforas sistemáticas emersas, tenha surgido em inúmeras passagens, na fala dos participantes da pesquisa, sob a forma de expressões metafóricas relacionadas ao frame conceptual de GUERRA e LUTA, como por exemplo a de “guerra cultural”.

Nesse sentido, interessa-nos e julgamos apropriado o conceito de cultura usado por

Kövecses, engendrado por antropólogos como D’Andrade (1995), Shore (1996), Strauss e Quinn (1997), de que “podemos pensar a cultura como um conjunto de entendimentos que caracterizam um grupo menor ou maior de pessoas”. Fazemos eco ao que o autor húngaro sublinha ao assumir que não se trata de uma definição exaustiva de cultura – mas que, no entanto, ainda concordando com ele, inclui a compreensão que grupos humanos desenvolvem em relação ao fluxo de experiência constituído pelos objetos, artefatos, instituições, práticas etc. incluídos em sua existência como animais sociais.

A “compreensão compartilhada” entre os membros de uma comunidade linguística enquanto grupo cultural constrói-se, na perspectiva aqui adotada, sobre conceptualizações metafóricas. E isso ocorre, sobretudo, quando entidades abstratas ou intangíveis, tais como tempo, vida interior, processos mentais, emoções, qualidades abstratas, valores morais e instituições sociais e políticas precisam ser pensadas e faladas (KÖVECSES, 2005, p. 02)

A ubiquidade do uso da metáfora em inúmeras línguas estudadas ao redor do globo indica fortemente o caráter universal da metáfora conceptual como ferramenta cognitiva humana. O tratamento – preferencial ou quase exclusivo - metafórico linguístico-cognitivo das emoções, identificado em idiomas distintos e sem parentesco, como inglês, mandarim, húngaro e português, compõe um quadro favorável à assunção da universalidade da experiência metafórico-cognitiva na linguagem. Que a raiva, a tristeza e a alegria sejam conceptualizadas pelas mesmas metáforas, de forma transversal, nesses e em outros vários idiomas, indica uma base cognitiva humana comum para a linguagem, que se funda na experiência e na relação com o corpo que cada indivíduo é (e não “tem”) e com o ambiente circundante, as quais, por contingências comuns à espécie, estabelecemos e desenvolvemos ao longo de nossa ontogenia individual compartilhada nos grupos sociais em que nos realizamos como seres vivos.

Porém, ao longo dos estudos metafóricos, uma intensa variação também foi observada no uso da metáfora por parte de diferentes grupos culturais. Domínios alvos e domínios fontes, apesar de serem identificados universalmente na conceptualização de emoções tais como desejo, raiva e amor, emergem, no uso linguístico em diferentes culturas, de formas diversas. E.g., o amor, em inglês, húngaro e chinês é conceptualizado como JORNADA, UNIDADE, CAÇA, entre outros, enquanto que em alguns dialetos chineses, a metáfora conceptual O AMOR É UMA PIPA VOANDO aparece como válida e usual. A raiva, que surge metaforicamente em muitos idiomas como um fluido quente ou um gás, em Zulu, língua falada em partes do continente africano, é

entendida como OBJETOS NO CORAÇÃO (TAYLOR; MBENSE *apud* KÖVECSES, 2002). Em Hmong, idioma falado no sudeste da Ásia, a vida é entendida como uma CORDA, a exemplo das cordas dos instrumentos, o que destoa da metáfora A VIDA É UMA JORNADA ou A VIDA É UMA LUTA, encontrada em português e outros idiomas ocidentais, bem como fortemente entre os indígenas Pitaguary.

2.2 A metáfora sistemática

A Teoria da Metáfora Conceptual tem se mostrado profícua, tendo o número de pesquisas que se baseiam em seus princípios se mantido crescente nas últimas três décadas, como demonstram pesquisas bibliográficas sobre o tema. Desde o surgimento de *Metaphors we live by* (JOHNSON; LAKOFF, 1980), diferentes desdobramentos e reformulações se seguiram, como contribuição de pesquisadores que ora se debruçam sobre estudos que objetivam corroborar com os resultados obtidos a partir da aplicação da teoria, ora invalidá-los, apontando inconsistências ou lacunas na mesma.

A presente pesquisa se fundamenta sobre duas bases teóricas intimamente relacionadas em sua natureza epistemológica, mas que constituem duas abordagens diferentes para a mesma categoria de fenômenos: a metáfora.

Johnson e Lakoff estabelecem a metáfora como constituindo fenômeno primariamente relacionado ao pensamento. Segundo Lakoff, “[...] o lócus da metáfora não é de forma alguma a linguagem, mas o modo como conceptualizamos um domínio mental em termos de outros” (LAKOFF, 1993, tradução minha). Nessa perspectiva, adotada pela maior parte dos linguistas cognitivos, a metáfora encontra na linguagem uma forma de manifestação ou representação, tendo a análise das expressões linguísticas a função de revelar as metáforas conceptuais subjacentes e pré-existentes, presentes na mente do falante. Contexto de produção, elementos sociais, elementos afetivos e elementos físicos não estão incluídos na apreciação dos analistas da metáfora em seu *modus operandi*.

Cameron (2003) considera essa separação ou cisão entre linguagem e pensamento, realizada a nível analítico pelos linguistas cognitivos, uma operação simplificadora e que não dá conta da complexidade e do caráter multifacetado da metáfora quando investigada a partir de uma abordagem que leve em conta a situação discursiva de onde elas emergem. Aliás, a perspectiva

discursiva que Cameron *et al.* introduz nos estudos da metáfora novas possibilidades de apreensão e compreensão desse fenômeno.

Cameron situa a raiz teórica de sua abordagem em Aristóteles, assim como faz Lakoff (1980). No entanto, a autora classifica a leitura crítica feita pelos linguistas cognitivos a respeito das reflexões aristotélicas sobre a metáfora, como simplificadora. Segundo Cameron, pragmática e cognição já se encontravam combinadas em Aristóteles. Ferreira (2007) sustenta posição semelhante, ao citar Mahon (1999), apontando a assunção errônea de que Aristóteles considerava a metáfora apenas como figura de ornamento da linguagem.

Em contraposição à abordagem conceptual tradicional, Cameron define “the lowlands of prosaic discourse” como seu lugar de investigação, com a metáfora no falar cotidiano e no texto servindo como ponto de partida para estudo empírico. A autora caracteriza sua abordagem como “interacional, contextualizada, prosaica e dinâmica”, contrapondo a sua adoção do discurso *online*, da linguagem em uso, à análise esquemática e teórica das metáforas coletadas sem consideração do contexto sócio-histórico de produção, comum nas pesquisas tradicionais. A noção de prosaico é evocada por Cameron (2003) para aludir à crítica bakhtiana da suposta rejeição, por parte de Saussure, do contexto discursivo, na formalização das noções de *langue* e *parole*. A partir disso, Cameron afirma que se deve considerar a metáfora como integrando a linguagem cotidiana, a linguagem prosaica, em sua complexidade e riqueza.

Tal posicionamento epistêmico resulta numa série de modificações na maneira de estruturar o tratamento e o conhecimento do fenômeno da metáfora. Numa abordagem discursiva, a metáfora deixa de se constituir por mapeamentos fixos e estáticos localizados no pensamento do falante, e passa a funcionar como entidade linguística, cognitiva e social, de natureza dinâmica, e sujeita à transformação e adaptação contínuas em diferentes escalas de tempo no universo sócio-interacional discursivo.

Trazer a metáfora ao discurso significa reconduzi-la ao contexto de produção, à situação discursiva, espacial e temporalmente situada. Aspectos físicos, afetivos, históricos, entre outros, passam a ter relevância para o analista que opere sob essa perspectiva.

Dessa forma, o uso da metáfora é compreendido como complexo e resultado da concorrência de vários fatores de diferentes ordens, não apenas de ordem cognitiva. Entre as forças que modelam o uso da metáfora, Cameron e Gibbs (2008) elencam os seguintes:

- Constituição de conceitos metafóricos: mapeamentos entre domínios conceptuais

motivariam o uso de expressões metafóricas, tais como o mapeamento presente na metáfora conceptual A VIDA É UMA VIAGEM;

- Proposições metafóricas ouvidas anteriormente: expressões metafóricas presentes numa situação discursiva podem ter um efeito de priming sobre o restante do discurso, criando motivação para uso de expressões metafóricas;

- Gênero e ocupação: Cameron e Gibbs (2008) citam pesquisas que o gênero pode influenciar no tipo de metáfora utilizado, bem como nas situações discursivas em que expressões metafóricas surgem;

- Ajuste de intimidade e distância: segundo diversos autores, a linguagem metafórica promove intimidade entre membros de um grupo, ao mesmo tempo que podem excluir aqueles que não se integram ao sentido promovido pela linguagem metafórica intra grupal;

- Discurso convencional em grupos socioculturais específicos: certos tópicos podem ser convencionalmente referidos em diferentes formas metafóricas por grupos socioculturais específicos;

- Língua e cultura específicas: o idioma específico de uma falante nativo naturalmente determina o uso de metáforas em relação a tipos particulares de ideias e eventos;

Algumas das observações acima se respaldam em estudo realizado por Cameron, que teve como *corpus* subsequentes eventos discursivos ocorridos entre os sujeitos Pat e Jo. Pat é um condenado por atos terroristas e Jo é filha de uma das vítimas dos atentados de que o primeiro participou.

Nas análises levadas a cabo por Cameron, e posteriormente, por Cameron e Gibbs, a partir desse estudo, foi observado que as metáforas surgiam no discurso de forma sistemática, seguindo padrões muito mais complexos do que o de simples instanciações de metáforas conceptuais. Cameron define metáfora sistemática como sendo um conjunto de metáforas linguísticas semanticamente conectadas, juntamente coletadas ao longo de um ou mais eventos discursivos. Uma metáfora sistemática emerge de forma ascendente, num processo de análise e interpretação, a partir da dinâmica microgenética do discurso entre pessoas específicas, constituindo fenômeno diferente, portanto, de uma metáfora conceptual. A análise se baseia num processo interativo e recursivo que pressupõe uma causalidade recíproca, numa relação bidirecional dinâmica entre o indivíduo e as normas socioculturais.

Assim, segundo Cameron e Gibbs (2008), “a performance metafórica é modelada pelos

processos discursivos que operam em contínua dinâmica interacional entre cognição individual e o ambiente social e físico”.

O caráter dinâmico dos processos que resultam na emergência do fenômeno metafórico, nos termos de uma abordagem em que a língua em uso é o ponto de partida, não pode prescindir do elemento temporal. Assim, a dimensão do tempo nos processos sociais e cognitivos que funcionam no discurso são enfatizados por Cameron e por Cameron e Gibbs. Para dar conta da inclusão do fator tempo inerente ao evento discursivo, bem como para que seja possível englobar os vários fatores que participam da emergência do fenômeno metafórico, resulta que a análise metafórico-discursiva deve se desdobrar e se adaptar à nova perspectiva por meio da qual se investiga o objeto.

Para isso, com o intuito de desenvolver, “[...] em um macro-nível, o enquadramento teórico e epistemológico integrado necessário para lidar, de forma holística, com o papel mediador da metáfora prosaica na dinâmica de interação contextualizada (CAMERON, 2003, tradução minha), recorre à Teoria dos Sistemas Complexos, oriunda das ciências naturais e que tem ganhado respaldo científico em diversos domínios da ciência nos últimos quarenta anos. A autora explica sua opção epistemológica afirmando que há pesquisas recentes que apontam para a necessidade de um novo paradigma na linguística aplicada.

À luz dessa teoria, o discurso, segundo Cameron, pode ser visto como um sistema complexo. Um sistema complexo ocorre quando um sistema é composto por diferentes tipos de agentes ou elementos, os quais interagem por meio de diferentes tipos de relações ou conexões. Três características dos sistemas complexos na biologia e na física podem ser projetados no discurso: o fato de os elementos que o constituem serem dependentes do contexto; a não-linearidade; o fato de serem adaptativos, isto é, cada indivíduo participante do discurso trazer contribuições que se ajustam àquelas trazidas pelos demais ao longo do discurso.

Cameron afirma que

Adotar uma perspectiva de sistemas complexos no discurso retira radicalmente qualquer necessidade de o uso da linguagem ser explicado como uma instanciação de uma competência linguística fixa e pré-existente. Nos sistemas complexos, há apenas uso, e o próprio uso é um sistema (complexo). O que vemos como competência são regularidades que emergem do uso (CAMERON, 2007, p. 111).

A abordagem dos sistemas complexos para o discurso também é conhecida como “emergentista”. Uma qualidade ou entidade emergente se constitui enquanto resultado da

interrelação dinâmica de vários elementos (estes mesmos podendo ser sistemas complexos), de formas variadas ao longo do tempo. A qualidade ou entidade emergente apresenta grau de complexidade maior do que a mera soma dos elementos que constituem o sistema.

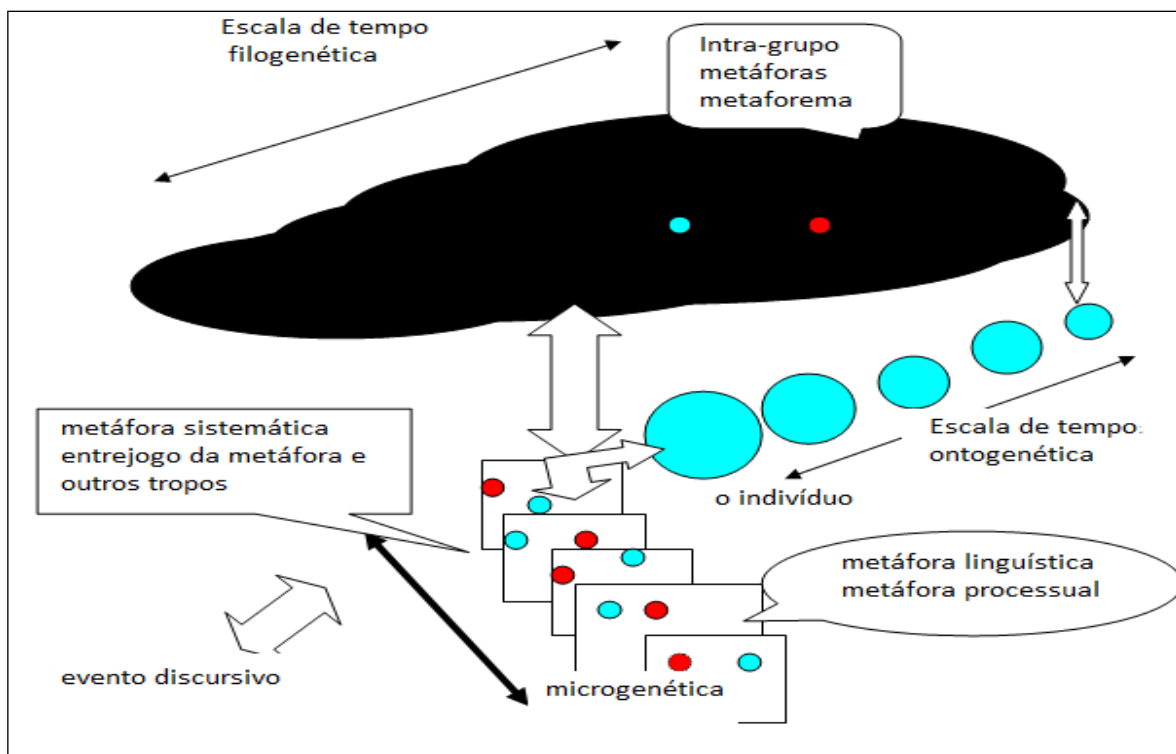
A abordagem dinâmica do discurso, então, requer que as várias instâncias do fenômeno metafórico sejam cuidadosamente delineadas. Cameron apresenta três delineamentos para a metáfora: a instância linguística, a processual e a sistemática.

A metáfora linguística é um trecho de linguagem que tem o potencial de ser interpretado metaforicamente, onde duas ideias distintas podem ser identificadas e podem ser ligadas metaforicamente para construção de sentido e criar coerência no contexto discursivo.

Uma metáfora processual é uma expressão linguística que é processada metaforicamente, na produção e/ou na compreensão, através da ativação mental de duas ideias distintas e de um certo nível de transferência, interação ou mesclagem de sentido entre elas, a fim de construir sentido e contribuir para a criação de coerência no contexto discursivo.

A instância sistemática, caracterizada pela metáfora sistemática, foi mencionada anteriormente.

Figura 2: Dinâmica da metáfora na interação falada face-a-face



Fonte: Cameron; Maslen (2010, p. 84).

A figura acima ilustra as escalas temporais e os níveis de interação. No diagrama, é exposta a forma em que atividades metafóricas se realizam. O processo irradia-se a partir de uma escala temporal focal do evento discursivo, isto é, do nível focal da conversação face-a-face entre indivíduos, os quais usam as metáforas como parte de seu sistema complexo e dinâmico de recursos linguísticos, cognitivos, afetivos, físicos e culturais. A convenção utilizada aqui é a da representação de eventos contínuos como frames subsequentes.

As diferentes escalas e níveis que descrevem um sistema complexo contêm diferentes tipos de agentes e elementos, e diferentes tipos de relações entre eles, requerendo, por sua vez, diferentes tipos de descrição e investigação. De qualquer forma, de acordo com a teoria dos sistemas complexos, tipos similares de dinâmicas de sistemas são esperados em cada escala e nível.

Podemos distribuir, segundo Cameron, as categorias ou instâncias do fenômeno metafórico da seguinte forma:

- Na escala temporal microgenética e nível individual:
 - Metáfora processual;

- Metáfora linguística.
 - Entre as escalas temporais do nível microgenético e do evento discursivo:
 - Feixes (clusters) metafóricos;
 - Transferência metafórica.
 - Na escala temporal do evento discursivo:
 - Metáfora sistemática;
 - Entrejogo de metáfora, metonímia e outras figuras.
 - No grupo sociocultural/ nível da comunidade linguística:
 - Metáfora intragrupo;
 - Metaforema;
 - Metáfora conceptual;
 - Metáfora primária.

Na escala temporal filogenética da história sociocultural:

- Metáforas convencionais.

O esquema acima pode funcionar como ilustração das diferenças existentes entre a abordagem conceptual da TMC e a abordagem discursiva proposta por Cameron. Cameron declara que de fato se pode supor haver um tipo de confrontação inevitável entre ambas as abordagens. Porém, segundo a própria pesquisadora, analisar a metáfora no discurso à luz dos sistemas complexos não significa descartar sumariamente a teoria cognitiva tradicional. Trata-se de identificar as diferentes instanciações oriundas dos desdobramentos em que a aplicação de uma abordagem dos sistemas complexos resulta, situando e operacionalizando o que se tem produzido sobre a base da TMC no conjunto de novas descobertas e evidências que proporcionam a abordagem discursiva.

Em nossa pesquisa, faremos uso de ambas as abordagens de forma a estabelecer uma complementaridade teórica entre elas.

2.3 As metáforas pelas quais vivemos e interagimos – do cognitivo ao cotidiano

O enquadramento teórico da nossa pesquisa possui, de acordo com o que esclareceremos nesse capítulo, um pé na cognição e outro na interação, por assim dizer. É na interface entre a Teoria da Metáfora Conceptual e da Análise do Discurso à Luz da Metáfora que

construímos a nossa análise e direcionamos nosso olhar.

O que isso significa, em termos práticos? Isto é, o que diferencia nossa metodologia de análise, que se afirma ancorada em duas perspectivas distintas, de uma análise integralmente fundada na TMC ou baseada apenas na Análise do Discurso à Luz da Metáfora?

A linguista Maity Siqueira, em comunicação oral remota promovida nesses tempos de pandemia do ano de 2020, teceu reflexões pertinentes sobre como e por que nós, seres humanos que, segundo o biólogo Humberto Maturana (1985), nos constituímos como espécie apenas com o surgimento da linguagem, usamos tão abundantemente a linguagem figurada, isto é, recorremos tanto ao expediente da metáfora, da metonímia, da hipérbole, da personificação etc. Embora as respostas que possamos dar a esse questionamento variem largamente em grau de profundidade e complexidade, nesse momento da nossa dissertação, optaremos por uma resposta introdutória: o mundo, visto como sistema composto de sistemas de variadíssimas ordens – física, psicológica, biológica, histórica, interacional, social – *é indescritivelmente complexo*. O número de infinitas etapas que constituem o simples ritual de preparo de uma xícara de chá, por exemplo, poderia tomar incontáveis horas ou terabytes de análises se ousássemos nos debruçar sobre os detalhes estatísticos e operacionais de cada uma das milhões de células musculares e neuronais que proporcionaram os movimentos necessários para a execução do balé da escolha do sabor; da navegação espaço-temporal pela cozinha; das interações hipotéticas necessárias antes, durante e depois do chá; de como esse elemento é recebido pelo corpo; das sensações que são disparadas, das memórias que são formadas e assim por diante. Sem adicionar a dinâmica das moléculas que formam cada um dos objetos que compõem a cena, os processos físico-químicos dos quais resultaram etc., uma compreensão “absoluta” da realidade dessa singela cena ultrapassa qualquer possibilidade cognitiva humana.

Figura 1 - A insustentável complexidade de uma xícara de chá



Fonte: Healthline (2020).

No paradigma a partir do qual atuamos como cientistas da linguagem, o da cognição corporificada, no escopo da linguagem não se encontra a função ou pretensão de descrever a realidade ou o mundo como ele é – mas sim a de nos conduzir em nossas existências como organismos pensantes e atuantes nesse mundo. Da centralidade da linguagem nesse processo de existir, surge a centralidade da linguagem figurada dentro da linguagem humana – tal centralidade consiste na possibilidade de simplificação do mundo para parâmetros humanos proporcionados pela metáfora, ou ainda, na condensação cognitiva do enorme fluxo de eventos que compõem o mundo, para um formato com que podemos lidar.

A projeção de um domínio concreto na direção de um domínio abstrato, que fundamenta a metáfora conceptual, é um processo cognitivo que encontra, cada vez mais, suporte nas neurociências, como afirma a Teoria da Metáfora Neural (LAKOFF, 2008). A corporificação da linguagem passa a ser corroborada pelas correlações entre estados neurais e processos relacionados à linguagem.

A esse respeito, a contribuição de Lakoff e Johnson (1980), como será discutido à frente, segue sendo inestimável para os estudos de semântica cognitiva.

No entanto, nem só de pensamento, corpo e ações é feita a significação humana, mas também de toda interação, adaptação e dialogismo em que nos envolvemos continuamente.

A esfera dialógica da linguagem é trazida à vizinhança da cognitiva por Cameron, para quem não basta buscar e identificar padrões conceptuais - cristalizados na fala idealizada de pessoas extraídas de seu contexto discursivo - para entender e explicar o uso da linguagem figurada, o que

faz emergir uma metáfora e o que permite a sua compreensão.

A carência de dinamicidade dos estudos metafóricos como propostos pela TMC é suprida, assim, pelo ímpeto interacionista de Cameron. A metáfora, então, não diz respeito apenas ao cognitivo e corporal, mas sim ao esquema mais imprevisível, dinâmico, incerto e instável que ocorre bilhões de vezes todos os dias nas interações humanas. No balé complexo da xícara de chá compartilhada numa cozinha entre amigos, o âmbito cognitivo, apesar de exercer um papel explicativo importante do fenômeno linguístico, é um dos vários aspectos que se sobrepõem para explicar o uso e a compreensão de uma metáfora naquele evento discursivo preciso, entre aqueles seres humanos específicos.

As metáforas pelas quais e nas quais vivemos se constituem como tais, portanto, por meio da cognição e da interação. A complexidade da relação desses dois domínios, o cognitivo e o interacional, se revela no uso das metáforas pelos falantes normais do dia a dia. As metáforas podem ser vistas, então, sob vários ângulos, que podem resultar em tropos diferentes: a metáfora como estabilidade semântico-discursiva; a metáfora como processo conceptual de base cognitiva corpórea; a metáfora como elemento de natureza cultural e histórica. Daí a importância teórico-metodológica de o analista situar-se nessa realidade multidimensional que cerca a metáfora.

Nós nos situamos numa posição em que a base cognitiva da metáfora se alia a aspectos estatísticos extraídos do fluxo dos eventos discursivos estudados para nos permitir fazer inferências de quais nós de estabilidade cognitivo-semântico-discursiva ocorrem na fala dos participantes, isto é, quais metáforas sistemáticas emergem de seu fluir na linguagem situado.

Esse é o caminho que pretendemos trilhar nesse trabalho.

2.4 Metonímia

A metonímia vincula-se historicamente à metáfora, enquanto ferramenta linguística, na perspectiva tradicional retórica. Sua ascensão de item de floreamento estético para processo cognitivo irmanou a reclassificação da metáfora proposta por estudiosos como Lakoff e Johnson (1980), cujo trabalho já foi citado mais acima. Porém, apesar de curso amplificador que os estudos de ambos os processos seguiram, a metonímia apresentou uma defasagem epistemológica que apenas recentemente tem sido corrigida.

Já em *Metaphors we live by*, o consagrado marco linguístico-cognitivo nos estudos da

metáfora, Lakoff e Johnson clarificam a relevância da metonímia enquanto importante processo cognitivo integrante da compreensão humana do mundo. Para além de seu valor referencial, a metonímia integra a construção do pensamento humano numa escala que vai do quotidiano ao histórico e cultural (LAKOFF, 1980, p. 29). Lakoff explicita esse atributo da metonímia por meio do exemplo prototípico O ROSTO (A CARA) PELA PESSOA, que está incluído no modelo A PARTE PELO TODO. As instanciações dessa metonímia ilustradas são:

Ela é só um rostinho bonito.

Precisamos de caras novas por aqui.

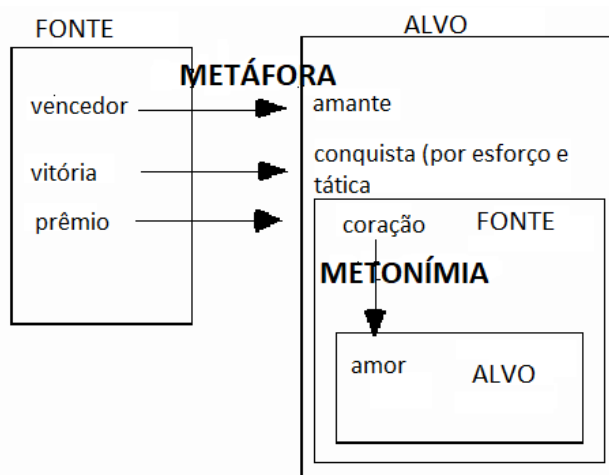
O funcionamento ativo de tal metonímia adquiriu diacronicamente valor cultural, que é comprovado, segundo os autores, na ação (por si só metonímica) de alguém mostrar a imagem do rosto de um filho ou familiar, por exemplo, quando solicitado a apresentar a foto da pessoa em questão. Com efeito, uma fotografia exibida sem o rosto não satisfaria a demanda pela identidade de um indivíduo. Nessa perspectiva, nosso pensamento se processa claramente de forma metonímica ao associar a identidade de alguém à reprodução visual de uma parte específica de seu corpo, no caso, o rosto. A título de complemento ao que defende Lakoff, o caráter aparentemente esdrúxulo do questionamento quanto à validade “natural” do binômio rosto-identidade ou rosto-pessoa, decorre justamente do grau de comprometimento da cognição humana com os processos mentais naturais envolvidos - metáfora e metonímia - que antes eram tidos apenas como ornamento estético e retórico.

Constituindo, ambas, processos cognitivos próprios da espécie humana, metonímia e metáfora difeririam basicamente na forma como o produto semântico resulta do concerto entre os domínios implicados. Enquanto na metáfora lida-se com dois domínios distintos postos em interação semântico-cognitiva que gera um mapeamento parcial das qualidades tidas como semelhantes, na metonímia, trata-se sobretudo de subdomínios que se concatenam no limite de apenas um domínio na produção de figuratividade.

Tal mirada simplificadora foi predominante na abordagem cognitiva da metonímia, até que Langacker (1999) passou a observar aí um fenômeno de importância maior, vendo na metonímia um processo no qual uma entidade conceptual proporciona um canal mental para outra entidade conceptual. Radden e Kövecses (1999), Barcelona (2003), Radden (2005) entre outros, sublinham e discutem a centralidade do papel da metonímia nas atividades mentais cognitivas e psicológicas humanas.

Previamente, entretanto, à conquista da metonímia de um lugar privilegiado aos olhares dos estudiosos da linguística cognitiva, Louis Goossens (1990), em caráter inaugural, chamou a atenção para a complexidade inaudita que metonímia e metáfora estabelecem entre si.

Figura 3 - Saliência de natureza metonímica de um domínio alvo no mapeamento da metáfora “ganhar o coração de alguém”



Fonte: Ruiz de Mendoza (2001), tradução minha.

Cunhando o termo metaftonímia, Goossens descreve quatro diferentes formas básicas por meio das quais relações complexas se entrecem, sem deixar de advertir, no entanto, para o caráter rotular do termo, que serviria mais para sinalizar a relevância do conjunto de interações sistemáticas metáfora-metonímia.

Os quatro padrões identificados por Goossens são metonímia na metáfora, metáfora na metonímia, metáfora a partir da metonímia e demetonimização em um contexto metafórico. Os dois principais são:

Metonímia na metáfora: uma metonímia encontra-se embutida sob a forma de elemento ativo em um subdomínio constituinte do domínio alvo que compõe o mapeamento metafórico.

Metáfora a partir da metonímia: caracterizado pela possibilidade de os domínios alvo e fonte poderem ser reunidos naturalmente num metadomínio ou cena complexa, a qual provê uma metonímia.

2.5 Esquemas imagéticos

A Teoria da Metáfora Conceptual repousa sobre a assunção básica de que pensamento, fala e ação encontram-se, no âmbito do funcionamento humano no mundo, intimamente ligados, interdependentes, ou melhor, interconstituintes. No paradigma em que Lakoff, Johnson, Turner, Kövecses, Langacker, entre vários outros linguistas cognitivos fundam suas pesquisas, a cognição é entendida como corporificada, isto é, ancorada na estrutura da atuação do corpo como organismo que interage num meio ambiente.

Disso decorre que o âmbito em que se geram os domínios semânticos humanos é, ao mesmo tempo, linguístico e cognitivo, e, por isso, corporificado.

Estão excluídas, portanto, da forma de pensar dos cientistas que trabalham a partir dessa perspectiva as dicotomias ontológicas de natureza cartesiana, que vê uma cisão entre o conjunto de processos complexos a que se referem por mente e o domínio bio-fisiológico representado pelo corpo. O olhar cognitivista corporificado se volta, a um só tempo, para essas duas estâncias, que, na verdade, podem ser vistas como as duas faces de uma mesma moeda.

É na relação com o ambiente e o com o outro, entendido como integrando o primeiro, que, em seu desenvolvimento ontogenético individual que o animal humano constrói e desenvolve suas capacidades linguístico-cognitivas, as quais se entrelaçam, no processo de desenvolvimento biológico, ao aperfeiçoamento das aptidões sensório-motoras. Os esquemas imagéticos surgem nesse domínio em que linguagem, cognição e ação se entrecruzam para fazer emergir a complexidade do comportamento humano que o observador analisará sob diferentes ângulos e recortes, que serão estudados pela linguística, pela psicologia, ciências cognitivas e assim por diante.

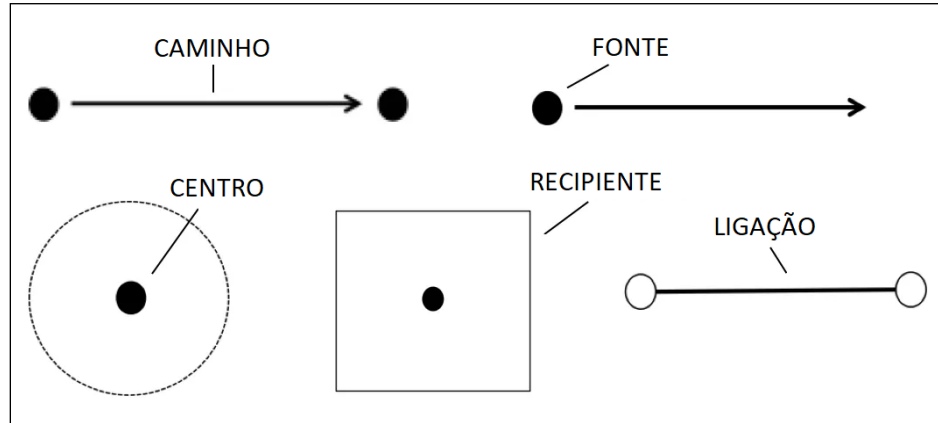
As experiências sensório-motoras recorrentes que estruturam a relação do corpo com o mundo constituem, assim, os esquemas imagéticos, que, por sua vez, manifestam-se na linguagem por meio de recorrências associadas àquelas de natureza experiencial sensório-motora.

Os esquemas imagéticos propostos por Lakoff e Johnson (1987) são:

- a) RECIPIENTE/CONTEÚDO, CAMINHO/FONTE-CAMINHO-FIM, LIGAÇÃO, PARTE-TODO, CENTRO-PERIFERIA, EQUILÍBRIO
- b) Os esquemas de FORÇA: DESIMPEDIMENTO, BLOQUEIO, FORÇA CONTRÁRIA, ATRAÇÃO, COMPULSÃO, RESTRIÇÃO, DESBLOQUEIO,

DESVIO.

Figura 4 – Exemplos de esquemas imagéticos



Fonte: Culturecog (2020), tradução minha.

O esquema imagético ligado ao de RECIPIENTE, DENTRO-FORA, por exemplo, tem presença significativa na conceptualização que os Pitaguary fazem da relação de sua comunidade com o espaço geográfico externo ao Território Pitaguary. Expressões metafóricas como “Eles trouxeram doenças terríveis”, eles referindo-se ao invasor europeu em sua chegada ao continente americano, e “A guerra cultural está entrando na comunidade” são exemplos de expressões metafóricas que se constroem com base no esquema imagético de RECIPIENTE.

Esses esquemas funcionam como plataformas sensorio-motoras para a estruturação semântica de metáforas primárias, as quais, por sua vez, combinadas, fazem surgir as metáforas complexas.

O caráter basilar linguístico-cognitivo dos esquemas imagéticos nos interessa em nossas análises na medida em que, juntamente ao protocolo analítico proposto pela TMC, a ser adotado em parceria com a visão sistematicista de Cameron com a Análise do Discurso à Luz da Metáfora, viabilizará uma compreensão mais aprofundada do conjunto de veículos metafóricos identificados ao longo das análise dos eventos discursivos sobre os quais nos debruçamos.

Hampe (2005) assim caracteriza os esquemas imagéticos:

- Esquemas imagéticos são diretamente significativos, isto é, são estruturas pré-conceptuais que surgem e se ancoram a partir de movimentos corpóreos recorrentes no espaço, interações perceptuais, e formas de manipulação de objetos.

- Esquemas imagéticos são *gestalts* altamente esquemáticas que capturam os contornos estruturais da experiência sensório-motora, integrando informação a partir de múltiplas modalidades.
- Esquemas imagéticos existem como padrões contínuos e análogos para além a consciência, primariamente independente de outros conceitos.
- Como *gestalts*, esquemas imagéticos são, concomitantemente, internamente estruturados, isto é, formados de muitas partes interrelacionadas, e são altamente flexíveis. Essa flexibilidade torna-se manifesta nas inúmeras transformações por que eles passam em vários contextos experienciais, todos eles sendo intimamente relacionados a princípios perceptuais.

2.6 Emergência

O termo emergência parece ativar imediatamente um frame em que algo sólido inesperadamente surge de uma massa amorfa maior de forma misteriosa e parcamente explicável. A figuratividade do termo aponta para a imagem de uma nova espécie de animal marinho que se levanta das águas oceânicas diante de uma plateia intrigada. Por mais anticientífico que possa parecer, tal imagem não está longe da compreensão que atualmente se tem dos denominados fenômenos emergentes.

O conceito de emergência tem sido amplamente utilizado na ciência na última década e se refere ao surgimento de entidades, unidades, objetos ou processos cujo grau de complexidade não reflete ou ultrapassa as relações do sistema ou sistemas dos quais se originam. Na classe de fenômenos emergentes são normalmente incluídos o comportamento coletivo complexo de insetos sociais que resulta, por exemplo, no superorganismo que caracteriza um formigueiro ou uma colmeia; as interrelações voláteis e multifatoriais das bolsas de valores do sistema financeiro; o funcionamento do sistema climático do planeta Terra; a consciência humana.

A ideia fundamental de que *o todo não se resume à mera soma das partes* pode ter seu rastro identificado – como sói acontecer na filosofia e na ciência ditas ocidentais – em Aristóteles, quem, antes da Era Comum, afirmava, em sua *Metafísica*, o dito holístico acima parafraseado. No contexto da ebulição das ideias darwinistas, no século XIX, em discussões sobre como a consciência humana poderia ser explicada a partir da evolução das espécies, o termo emergência

já adquiria sua acepção mais moderna que prevê, justamente, a imprevisibilidade na compreensão do todo por meio da análise das partes componentes em separado (CORNING, 2002, p. 19).

Segundo Corning, devido ao mistério ou à opacidade ao método científico que mostrava, a emergência foi eclipsada até as primeiras décadas do século XX quando, ainda no domínio das ciências biológicas evolucionistas, voltou a figurar como proposta explicativa para fenômenos cuja complexidade resistia ao tratamento científico. Nos anos 1930, Julian Huxley, eminência nos estudos de biologia evolutiva, definiu a evolução como “um processo contínuo que parte do pó das estrelas até a sociedade humana”. O que Corning chama de “reemergência da emergência” pode ser associada à legitimação matemática proporcionada pela teoria da complexidade, a qual garantia, ao mesmo tempo, o determinismo sem deixar de atestar a imprevisibilidade do todo (CORNING, 2002, p. 20). Isto é, da concepção aristotélica de base epistemológica e filosófica, a emergência adquire um status ontológico científico que aponta para a ocorrência de fenômenos cuja inexplicabilidade parcial não provém necessariamente de questões relativas aos limites do conhecimento humano, e sim à capacidade explicativa da ciência humana atual.

Jeffrey Goldstein (1999) elenca as propriedades comuns aos fenômenos de macronível considerados emergentes:

- *Novidade radical*: fenômenos emergentes apresentam qualidades não observadas previamente no sistema complexo observado;
- *Coerência ou correlação*: aparecem como todos integrados que tendem a manter algum senso de identidade ao longo do tempo;
- *Nivelação global ou macro*: o lócus dos fenômenos emergentes é o macronível, em contraste com o micronível característico de seus componentes;
- *Dinamicidade*: fenômenos emergentes não são todos pré-dados mas se originam de um sistema complexo que evolui ao longo do tempo.
- *Ostensividade*: tais fenômenos são reconhecidos por mostrarem a si mesmos, ou seja, são claramente percebidos e reconhecíveis.

Figura 5 – Dunas de Paracuru, estado do Ceará



Fonte: autoria própria. As dunas são exemplos de entidades emergentes, pois surgem da interação complexa entre padrões de vento, mudanças climáticas, relação com as marés, aspectos da mecânica dos grãos de areia etc.

Chalmers (2006) distingue dois tipos de emergência: a forte e a fraca. Na primeira, as verdades concernentes ao fenômeno emergente (chamado de alto nível) são impossíveis de se deduzir a partir das verdades que governam o fenômeno original (chamado de baixo nível); no segundo tipo, os fenômenos emergentes são “inesperados” com relação a sua origem. A indedutibilidade das verdades dos fenômenos emergentes fortes e a inseparabilidade dos emergentes fracos apontam para uma maior e menor opacidade explicativa, respectivamente, de tais fenômenos à investigação científica. O único fenômeno que Chalmers considera como fortemente emergente é a consciência humana, relegando os demais fenômenos emergentes ao grupo classificado como de “emergência fraca”, do que se infere que estes sejam mais acessíveis aos paradigmas atuais ou exijam menos inovações teóricas ou metodológicas para sua compreensão plena.

De qualquer forma, em ambos os casos, a confrontação com um fenômeno emergente implica num reconhecimento bifronte por parte do pesquisador: um é que o fenômeno em questão se encontra num nível de complexidade inesperado ou intangível, com referência à natureza dos fenômenos sujeitos à explicação científica; outro revela a ideia sub-reptícia de que um novo paradigma ou perspectiva, ou, ao menos, uma nova abordagem, deve ser adotada para dar conta do

fenômeno observado.

Os breves histórico e discussão esboçados acima pretendem sublinhar o aspecto inovador ou renovador que a emergência e a teoria dos sistemas dinâmicos complexos podem impor aos estudos linguísticos de natureza cognitiva.

A metáfora sistemática, na linha de pensamento e análise proposta por Cameron para a compreensão do fenômeno metafórico no discurso, traz consigo algumas implicações teoricamente mais ousadas do que parecem, ao incluir a metáfora na lista heterogênea de fenômenos emergentes.

A primeira é que, para além da assunção epistemológica vigente de que a linguagem se situa no entrecruzamento dos diferentes fatores que cercam o funcionamento humano no mundo - isto é, os fenômenos sociais, históricos, biológicos, cognitivos, psicológicos, físicos etc. -, é sugerida a possibilidade do tratamento linguístico, inicialmente a nível analítico, de todos esses fatores, a um só tempo, no âmbito do discurso. Essa perspectiva sem dúvida deriva do aporte teórico holístico que a teoria dos sistemas dinâmicos complexos traz aos estudos metafóricos de Lynne Cameron e de outros pesquisadores ao redor do mundo.

A segunda se relaciona derivacionalmente da primeira e diz respeito aos paradigmas subjacentes ao fazer científico linguístico contemporâneo. Como não é o intuito do presente trabalho uma reflexão aprofundada sobre o grau de cientificidade dos paradigmas que orientam a pesquisa científica em geral, e as ciências sociais, em particular, em nosso breve comentário aliamos o pensamento de Morin, para quem um paradigma “[...] pode ao mesmo tempo elucidar e cegar, revelar e ocultar” (MORIN, 2003, p. 27), ao de Rajagopalan, que cita Cameron, no contexto de uma discussão sobre a necessidade de uma visão mais crítica, por parte dos linguistas, quanto aos métodos e as filosofias científicas utilizados por eles:

O positivismo acarreta um certo apego ao estudo das frequências das distribuições, e das tendências manifestadas pelos fenômenos observáveis, seguida por uma descrição, em termos nomológicos, das relações entre os fenômenos. Para lembrar um exemplo bastante utilizado, uma descrição nos moldes positivistas de um jogo de bilhar faria referência às bolas de bilhar rolando de um lado para o outro com velocidades diferentes, colidindo contra si e contra as bordas da mesa, e sendo lançadas em novas direções e com outras velocidades - todas previsíveis e capazes de serem calculadas, recorrendo-se às leis da mecânica clássica. As únicas entidades reais nesse cenário seriam as bolas, os tacos e a mesa; porém não as forças de fricção, inércia e gravitação (e parece nunca haver jogadores de bilhar numa descrição positivista de um jogo em curso) (RAJAGOPALAN *apud* CAMERON, 1992, p. 06).

2.7 Adversidade e resiliência

A adversidade é intuitivamente compreendida como um revés no curso dos eventos da vida de um indivíduo. O dicionário Michaelis atribui a esse lexema “1 o caráter do que é adverso; contrariedade, contratempo, infortúnio, revés; 2 Sorte adversa; desgraça, infelicidade, infortúnio. Dessa forma, fenômenos de ordem natural, social, política, relacional, psicológica, emocional, entre outros, podem ser organizados na categoria de adversidade, tal a generalidade que o termo garante. Para fins teóricos e metodológicos, essa generalidade nos interessa na medida em que, a nível analítico, permite que o maior número possível de veículos metafóricos identificáveis no discurso dos indígenas Pitaguary, venha a integrar o material para a posterior investigação de metáforas e metonímias sistemáticas.

O conceito de trauma, entretanto, também nos interessa, devido a sua relação estreita com o de resiliência, que tomamos emprestado da Psicologia. O mesmo dicionário Michaelis define assim o verbete: “Uma vivência profunda (medo, susto, perda etc.) que pode ocasionar sentimentos ou comportamentos desordenados e perturbações neuróticas posteriores; traumatismo”. Nesse ponto inicial da reflexão sobre o termo, já se infere que, enquanto adversidade faz referência preferencialmente aos eventos causadores da infelicidade, o trauma diz respeito aos sentimentos causados pelo infortúnio, à vivência decorrente desses eventos.

Resiliência é um termo hoje amplamente presente em textos que circulam na mídia e na literatura popular, sobretudo na do gênero denominado autoajuda e no de Psicologia. O conceito de resiliência, no senso comum, constrói-se de forma genérica sobre a ideia de “resistência”, “força”, “tenacidade”: a característica que faz com que uma pessoa enfrente dificuldades e se livre delas, normalmente, tão ou mais forte do que antes.

Na Psicologia, o conceito de resiliência é objeto de discussão e até mesmo de incongruências. A origem do termo é comumente atribuída a raízes da Física, na disciplina resistência de materiais, para a qual resiliência é definida como a capacidade de um material de “absorver energia na região elástica”, sendo essa capaz de voltar à forma original, quando finda a causa de sua deformação”. Tal filogenia, no entanto, não condiz com o uso linguístico do termo que se faz na literatura psicológica de feição anglófona – resiliência é uma palavra presente no vocabulário coloquial há mais de quatro décadas, diferindo, portanto, da atribuição, mais comum nas línguas latinas, de um nascimento do termo a partir da Física. Além disso, mesmo nesta ciência,

o conceito de resiliência parece ter mais a ver com a ideia de “elasticidade” do que com as definições atuais propostas pela psicologia, que sugerem a convergência de diferentes capacidades e atitudes na ocorrência do fenômeno em questão.

A resiliência é, então, definida por Walsh (1996, 1998) como “um processo de superação de desafios, trazendo como resultado o crescimento e a transformação pessoal”. Tal definição enfatiza apenas um dos aspectos relacionados à resiliência, o de “reconfiguração”, como aponta Lepore *et al.* São elencados pelos pesquisadores ainda duas outras faces: recuperação, que sublinha o retorno da pessoa a um estado normal prévio; e resistência, que denota a continuidade do funcionamento normal da pessoa antes, durante e depois do evento estressor. O caráter multifacetado do conceito de resiliência é notável e vai de encontro com o fato de que ela ora é vista como um processo, ora como o produto de um processo.

Historicamente, os estudos de resiliência se voltavam para a ocorrência do fenômeno no âmbito do desenvolvimento de crianças que viviam em condição de risco. A resiliência era considerada como uma exceção no processo de superação de traumas vividos ao longo do desenvolvimento infantil, sendo que era esperado que após a vivência de um evento traumático, algum tipo de Transtorno de Estresse Pós-Traumático inevitavelmente se desenvolvesse. Foi observado, no entanto, em estudos posteriores, que apenas uma minoria das vítimas de traumas desenvolvia transtornos (TEDESCHI; CALHOUN, 2004), a resiliência passou, então, a ser identificada como regra no processo de reação a eventos sísmicos na vida de uma pessoa. passando-se a admitir que a maioria das pessoas possui ou desenvolve algum grau de resiliência.

Dois outros conceitos normalmente acompanham o de resiliência: o de trauma e o de crescimento pós-traumático (ou PTG, do inglês Posttraumatic-growth). O trauma se constitui a partir de um evento inesperado, repentino ou inusual que é percebido como ameaça a vida e como incontrolável (TEDESCHI; CALHOUN, 2004). PTG define-se como o crescimento pessoal resultante da superação do evento traumático. Na literatura psicológica, sabe-se que um evento experienciado como traumático por um indivíduo numa situação ou num determinado momento, pode não o ser em outro contexto espaço-temporal. Da mesma forma, um mesmo evento estressor pode ser vivenciado como traumático de formas diferentes dentro de um mesmo grupo – ou até mesmo não ser conceptualizado como tal. O caráter dinâmico e contextualizado tanto da experiência traumática em si, quanto da resiliência e do crescimento pós-traumático deve ser aqui sublinhado. Seja como processo ou como resultado, a resiliência pode ocorrer ou não de acordo

com variados fatores tais como características psicológicas pessoais, presença de suporte psicológico, estrutura física que cercam o indivíduo, histórico pessoal, background sociocultural, entre outros.

3 METODOLOGIA

3.1 Natureza da pesquisa

De acordo com o que foi explicitado acima, a presente pesquisa se caracteriza por sua natureza descritiva. Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, circunscreve-se no grupo dos estudos experimentais e se conduz a partir de uma abordagem problemática quantitativa e qualitativa, na medida em que abarca concomitantemente elementos quantificáveis sujeitos ao tratamento estatístico, bem como a relação simbólica entre o sujeito e o mundo em que funciona como tal, analisados a partir do recurso a processos hipotético-dedutivos postos em prática pelo analista.

3.2 *Corpus*

O *corpus* analisado em nossa pesquisa resulta da coleta de dados realizada pela pesquisadora Dra. Iara Meili, no ano de 2016, sob coorientação da professora Dra. Ana Cristina Pelosi, e financiada pela CG Jung, Psychology Foundation ETH Zurich and Baumann Family Foundation. O *corpus* constituído foi gentilmente cedido, a título de fomento de colaboração entre pares e instituições, para uso científico do presente pesquisador a fim de que, sob orientação da pesquisadora Ana Cristina Pelosi, fosse realizada a atual pesquisa de natureza linguística e cognitiva.

3.3 Participantes

Integraram o grupo de participantes 14 indivíduos, 7 homens e 7 mulheres, de faixa etária variável entre 19 e 63 anos, com uma média de 33 anos. Com exceção de dois participantes do sexo masculino, que se encontravam em fase de conclusão de cursos de ensino superior, todos os sujeitos tinham entre 0 e 10 anos de estudos formais. Todos eram membros do povo autodenominado Pitaguary e habitantes das quatro comunidades que compõem o Território Indígena Pitaguary.

Todos os participantes concederam consentimento escrito previamente às entrevistas. O estudo foi aprovado pela Comissão de Ética em Pesquisa.

3.4 Instrumentos

Ao longo do período de um mês, em julho de 2016, foram executadas entrevistas semiestruturadas e observação participante.

As entrevistas eram iniciadas por meio de uma questão não-estruturada seguida por um catálogo de questões modificado e adaptado de *Stories of Resilience Project*. As questões tratavam dos seguintes tópicos: 1 - descrições das adversidades experienciadas, 2 – diferenças potenciais entre experiências coletivas e pessoais de adversidade e processos de superação da adversidade, 3 – mudanças ou experiências positivas que se seguiram à adversidade e 4 – linguagem, palavras e expressões relacionadas a adversidade e superação de adversidade.

Todas as entrevistas foram registradas no formato de áudio e transcritas.

3.5 Procedimentos para análise de dados

O material transcrito foi lido e relido cuidadosamente a fim de identificar, num primeiro estágio analítico, aspectos estruturais globais tais como: temática, tópicos e subtópicos, engajamento dos participantes, unidades de entonação. Dessa forma, os tópicos discursivos de cada um dos encontros integralmente analisados foram assinalados e relacionados com o participante que o abordou e a entrevista em que surgiu. A seguir, com a ajuda do software Atlas. TI, que atualmente se encontra na versão 8.0, procedemos com a identificação preliminar de possíveis metáforas linguísticas por meio dos veículos metafóricos presentes no discurso dos participantes, as quais foram devidamente tabuladas. O passo seguinte se caracterizou pela busca de padrões sistemáticos da presença da figuratividade, por meio do agrupamento dos veículos metafóricos utilizados que, ao serem semanticamente relacionados e conjugados com os tópicos discursivos, permitiram a inferência de metáforas sistemáticas.

Seguimos, portanto, o procedimento metodológico proposto por Cameron a fim de, por meio das inferências do analista baseadas na apreciação estatística e qualitativa dos elementos de análise, bem como no seu conhecimento do material que tem em mãos, refazer o traçado da trajetória dos veículos metafóricos ao longo dos tópicos discursivos.

Entretanto, nosso *corpus*, como explicitado acima, apresentou desafios técnicos para seu tratamento adequado no enquadramento aqui proposto. Alguns dos desafios iniciais foram:

O processo de transcrição original dos áudios gravados seguiu padrões diferentes dos propostos na metodologia de Cameron. Decorrente disso, os extratos apresentados ao longo da

nossa análise não se constituem de *unidades de entonação*, e sim de trechos selecionados nos quais se encontram os VMets por nós identificados. Tal adaptação implica na indisponibilidade de alguns elementos suprasegmentais para nossa análise, tais como pausas, hesitações e mesmo gestos, que poderiam ter sido assinalados. Entretanto, nas palavras de Cameron, a gravação do áudio de um evento discursivo funciona como um traçado das “pegadas” linguísticas deixadas pela atuação dos participantes interlocutores (CAMERON; MASLEN, 2010, p. 83). A transcrição, assim, seria um traço de um traço, que é com o quê, afinal, nós, analistas, trabalhamos. Apesar dessa limitação operacional, revelou-se possível recuperar alguns desses elementos suprasegmentais perdidos, que surgiram mais ou menos evidentes, mais ou menos inferíveis, de acordo com o contexto. A fim, porém, de manter a fiabilidade de nossos métodos, preferimos lidar, da forma mais direta possível, com o aspecto mais “árido” da notação original aplicada ao material que até nós chegou.

O conjunto original de transcrições contabilizava 20 arquivos no formato Word, que incluíam 21 eventos discursivos, muitos deles tendo como participantes os mesmos membros da comunidade. Esse conjunto totalizava 12 horas de gravações, o que não nos pareceu adequado para a proposta do nosso trabalho. Selecionamos, portanto, 14 eventos discursivos, entre os quais o maior dura cerca de 80 minutos e o menor, 30.

Tomados esses passos, fazia-se, ainda, necessário aplicar um mecanismo que permitisse que o conjunto de diferentes eventos discursivos pudessem ser tratados como um macro evento constituído de partes menores, temática, cognitiva e discursivamente conectados. A solução encontrada surgiu de fatores estatísticos e qualitativos inerentes a nosso trabalho.

Figura 6 – Exemplo de tabulação de dados

A	B	C	D	E	F	G	H
DOCUMENTO	VEÍCULO METAFÓRICO	PARTICIPANTE	UNIDADE DE ENTONAÇÃO	GRUPO METAFÓRICO	TÓPICO DISCURSIVO		
EV DISC 01	47. muro (Diomar) Diomar		E derrubando o muro,	BARREIRA	Os desafios da guerra cultural		
EV DISC 01	49. muro (Diomar) Diomar		pisando em muro	BARREIRA	Os desafios da guerra cultural		
EV DISC 01	51. prego (Diomar) Diomar		pisando em prego, em pedras	BARREIRA	Os desafios da guerra cultural		
EV DISC 01	52. pedras (Diomar) Diomar		pisando em prego, em pedras	BARREIRA	Os desafios da guerra cultural		
EV DISC 01	76. bicho (Fernand) Fernanda		que era ser caçado na mata que nem bicho.	BICHOS DA MATA	Os desafios da guerra cultural		
EV DISC 01	59. pesada (Fernand) Fernanda		Mas a luta continua muito pesada.	CARGA	Os desafios da guerra cultural		
EV DISC 01	90. em cima (Fernand) Fernanda		implantaram os saberes deles em cima da gente	CARGA	Os desafios da guerra cultural		
EV DISC 01	37. clima pesado (Pajé) Pajé		No dia que aconteceu aqui, já tinha um clima pesado.	CLIMA/CARGA	Morte do cacique Daniel		
EV DISC 01	66. laço (Fernand) Fernanda		Nós somos tão ligado, é um laço muito forte	CONEXÃO	A importância das tradições indígenas e sua conservação		
EV DISC 01	28. corpo indígena (Diomar) Diomar		é o meu corpo de indígena, movimento indígena,	CORPO	Morte do cacique Daniel		
EV DISC 01	3. portas (Pajé) Pajé		fecha as portas pra gente.	DENTRO/FORA	Morte do cacique Daniel		
EV DISC 01	37. dentro (Diomar) Diomar		Mas dentro da juventude	DENTRO/FORA	Os desafios da guerra cultural		
EV DISC 01	79. entrando (Fernand) Fernanda		Querendo o não, dia por dia a guerra cultural ta entrando aí na nossa alc	DENTRO/FORA	Os desafios da guerra cultural		
EV DISC 01	80. dentro (Fernand) Fernanda		mais dentro da aldeia indígena é que nem fosse uma bomba	DENTRO/FORA	Os desafios da guerra cultural		
EV DISC 01	88. chegaram (Fernand) Fernanda		E quando chegaram nós disseram que nós tem que aprender isso aqui,	DENTRO/FORA	Os desafios da guerra cultural		
EV DISC 01		Diomar	tem poutos que querem subir junto com as lideranças.	DIREÇÃO	Os desafios da guerra cultural		
EV DISC 01	22. perto (Diomar) Diomar		a gente tava bem perto da terra ser nossa mesmo	DISTÂNCIA	Morte do cacique Daniel		
EV DISC 01	9. fogo (Pajé) Pajé		E as vezes brincamos com o fogo.	ELEMENTOS NATURAIS	Experiências espirituais		
EV DISC 01	10. fogo (Pajé) Pajé		você pode entrar dentro do fogo	ELEMENTOS NATURAIS	Experiências espirituais		
EV DISC 01	71. tombado (Fernand) Fernanda		Se ele tivesse tombado no dia que ele tava falando comigo	EQUILÍBRIO	A importância das tradições indígenas e sua conservação		
EV DISC 01	72. tombaram (Fernand) Fernanda		os mais velhos, tem uns que tombaram,	EQUILÍBRIO	A importância das tradições indígenas e sua conservação		
EV DISC 01	63. falar (Fernand) Fernanda		os meus parentes, os meus irmãos que morreram por quanto que não po FALAR		Os desafios da guerra cultural		
EV DISC 01	2. filho de sangue (Pajé) Pajé		Ele não é filho de sangue.	FAMÍLIA	Morte do cacique Daniel		
EV DISC 01	34. pai (Diomar) Diomar		chega toma bênção, como se fosse o nosso pai mesmo	FAMÍLIA	A importância das tradições indígenas e sua conservação		
EV DISC 01	35. pai (Diomar) Diomar		tem que fazer isso e aquilo, tem o papel de um pai	FAMÍLIA	A importância das tradições indígenas e sua conservação		
EV DISC 01	61. parentes (Fernand) Fernanda		os meus parentes, os meus irmãos que morreram por quanto que não po FAMÍLIA		Os desafios da guerra cultural		
EV DISC 01	62. irmãos (Fernand) Fernanda		os meus parentes, os meus irmãos que morreram por quanto que não po FAMÍLIA		Os desafios da guerra cultural		

Fonte: elaboração do autor.

Após a fase de identificação dos veículos metafóricos e de seu subsequente agrupamento, foi detectada uma alta sistematicidade no que diz respeito aos tipos de metáforas linguísticas empregadas pelos participantes por toda a extensão do conjunto de eventos. Como será evidenciado mais adiante, uma grande variedade de veículos metafóricos repetia-se ao longo da fala dos vários participantes nos diferentes encontros. Tal fato não surpreende, na medida em que comunidades linguísticas que compartilham a mesma cultura tendem a igualmente compartilhar o mesmo patrimônio metafórico. Em concordância com essa assunção, Cameron sustenta que,

Qualquer comunidade discursiva terá palavras e frases, não apenas metafóricas, mas também técnicas, que emergem ao longo de várias escalas temporais específicas em forma, uso e sentido. Essas formas emergentes de falar-e-pensar podem ser mais ou menos permanentes ou temporárias, usadas em eventos únicos ou se tornar convencionalizadas por anos ou décadas (CAMERON; MASLEN, 2010, p. 88).

Outro fator que nos permitiu estabelecer uma interconexão, ou costurar, cognitivo-discursivamente, entre um evento discursivo e outro, foi a grande consistência na frequência com que os tópicos discursivos surgiam nas falas dos participantes. Ou seja, a alta frequência de veículos metafóricos que se repetiam ao longo de diferentes eventos discursivos e a consistência de tópicos discursivos transversais a todos os eventos transcritos seriam utilizadas por nós como dispositivo que nos permitiria proceder com a busca de metáforas sistemáticas em todo o *corpus*, tratando-o como um grande evento discursivo fragmentado, por limitações espaço-temporais, em partes menores.

Consoante a essa adaptação, as seguintes etapas de análise foram acrescentadas:

Depois que os tópicos discursivos e os agrupamentos metafóricos de cada evento discursivo foram assinalados e numerados, realizamos um recorte com base nos agrupamentos: da transcrição de cada um dos eventos discursivos foram extraídos os trechos que continham veículos metafóricos pertencentes a determinado agrupamento, por exemplo, BICHOS DA MATA; esses trechos foram reunidos, independente de qual participante o tivesse produzido, numa sequência única em que figurariam, assim, todas as ocorrências daquele grupo de veículo metafórico. Essa estratégia de organização dos dados nos permitiu ter acesso à: a) frequência de utilização de veículos metafóricos pertencentes ao mesmo grupo semântico ao longo de todos os eventos discursivos e b) à sistematicidade com que surgiam de acordo com o tópico discursivo identificado na fala dos participantes. Formava-se, assim, uma rede constituída pelos tópicos discursivos e veículos metafóricos identificados a nível de eventos individuais, tabulados com base na frequência

dos agrupamentos desses veículos, que por sua vez foram reunidos, a fim de possibilitar o cruzamento de tópicos e veículos metafóricos necessário para a emersão das metáforas sistemáticas. O procedimento acima se coaduna com a metodologia empregada por Cameron (2010), em sua pesquisa sobre respostas ao risco de terrorismo, que teve como *corpus* um conjunto de 12 eventos discursivos (12 reuniões de grupos focais) em que participaram membros do público geral, cidadãos muçulmanos e não muçulmanos. O mesmo procedimento foi usado na pesquisa sobre a emergência da empatia entre perpetrador de ataques e vítima, na série de encontros entre Pat MacGuee e Joe Barry.

Num momento posterior, porém, verificamos que o grande número de tópicos discursivos, apesar de estabelecer, de fato, uma ligação dialógica entre os eventos discursivos, poderia passar por uma simplificação que tornaria nossa análise mais eficiente e produtiva. Visto que à grande diversidade de tópicos discursivos subjazia, na verdade, três grandes temas que eram gerados pelas perguntas do questionário aplicado pela entrevistadora, decidimos agrupar os X tópicos discursivos que identificamos em três supertópicos: 1 - sentimentos, emoções e ações vividas durante a adversidade; 2 - ações e atitudes tomadas para superar a adversidade; e 3 - emoções e ações vividas depois da superação da adversidade. É desses três grandes tópicos discursivos que derivam todos os outros que surgem nos eventos discursivos. Esse novo enquadramento viabilizou o tratamento proposto que consistiu em analisarmos a sequência de eventos discursivos como um conjunto coeso, costurado pelo falar-e-pensar sobre as três fases que compõem a experiência da adversidade na vida individual e comunitária dos Pitaguary: a vivência da adversidade em si; as ações e atitudes tomadas durante o processo de superação; e, finalmente, a fase pós-adversidade, em que surge o que referimos como resiliência.

Ficava, assim, garantida a possibilidade de observação da sistematicidade do surgimento dos VMets ao longo dos tópicos que unem todos os eventos discursivos. Da interrelação desses elementos emergiram as metáforas sistemáticas.

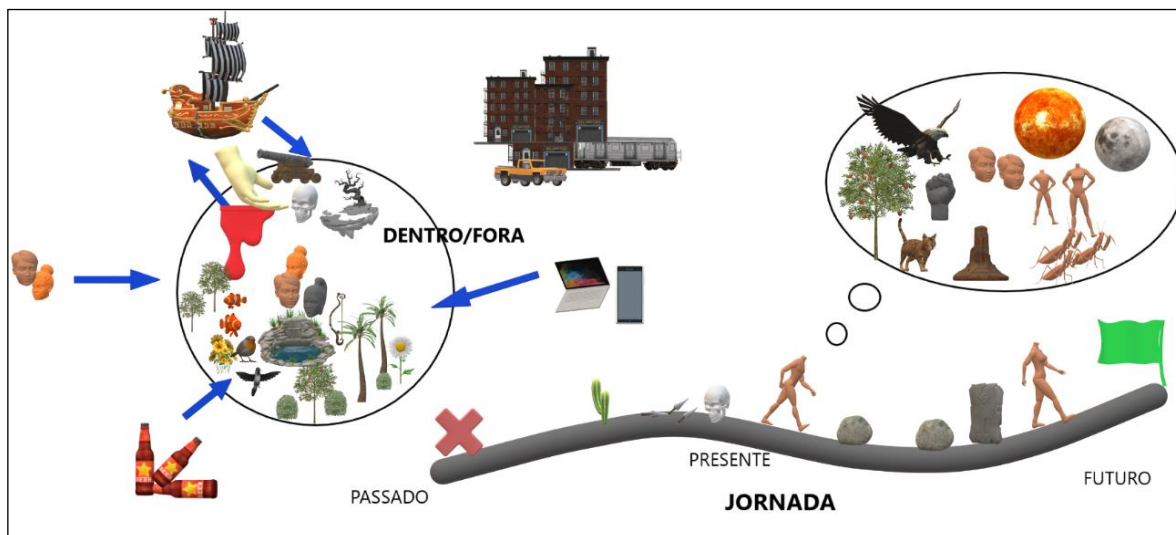
A partir da listagem das possíveis MetSis emersas, releituras foram realizadas levando-se em conta critérios quantitativos como frequência dos veículos metafóricos e número de participantes que utilizavam os mesmos veículos, a fim de verificar o grau de consistência das inferências sobre as metáforas sistemáticas feitas pelo pesquisador.

Nas análises que seguem, as MetSis, ou metáforas sistemáticas, são grafadas em caixa alta, bem como os g-VMets – grupos ou famílias de veículos metafóricos. Os VMets – veículos

metafóricos - aparecem no nosso texto de duas formas: em **negrito** quando integram o(s) grupo(s) metafórico(s) que participa(m) da emergência da MetSis em análise imediata; em *itálico* quando se trata de VMets que fazem parte de g-VMets que já foram ou ainda serão analisados no contexto de outras MetSis.

4 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Figura 7 – Narrativa metafórica que emerge das falas dos Pitaguary



Fonte: elaborado pelo autor. Destacam-se os esquemas imagéticos de **recipiente**, **dentro-fora** e **jornada**. Entre o lado de fora e o de dentro se estabelece intenso trânsito de ideias, crenças, pessoas e valores – o qual, em geral, realiza-se à revelia dos Pitaguary. Inúmeros obstáculos se apresentam ao longo do caminho dos indígenas, levando-os a perder o equilíbrio e cair, definitiva ou temporariamente. A queda é superada por meio da força, recurso infinito e renovável de ordem afetiva, emocional e espiritual, advindo da união com os membros da comunidade e com entidades naturais e espirituais.

Dez metáforas sistemáticas emergiram do discurso dos participantes indígenas Pitaguary.

Tabela 3 – MetSis emersas

1. SER PITAGUARY É PODER FALAR
2. DIFICULDADES SÃO BARREIRAS QUE SE ULTRAPASSAM COM FORÇA E UNIÃO
3. O MUNDO DE FORA TROUXE PERDAS PARA DENTRO DO MUNDO PITAGUARY
4. SEGUIR NO CAMINHO DA LUTA EXIGE UMA NOVA VISÃO
5. VIVER É TRABALHAR PELA LUTA
6. ÍNDIOS PITAGUARY SÃO BICHOS DA MATA QUE SE UNEM, ATACAM, DEFENDEM-SE E RECUAM
7. SUPERAR ADVERSIDADES É RECUPERAR O EQUILÍBRIO PERDIDO
8. ÍNDIOS PITAGUARY SÃO PLANTAS RESISTENTES QUE SE RENOVAM CONTINUAMENTE

9. PARA VENCER A LUTA É PRECISO OLHAR PARA FRENTE
10. SER PITAGUARY É FAZER PARTE DE UMA GRANDE FAMÍLIA

Fonte: elaborado pelo autor.

Seguimos com a análise de cada uma delas.

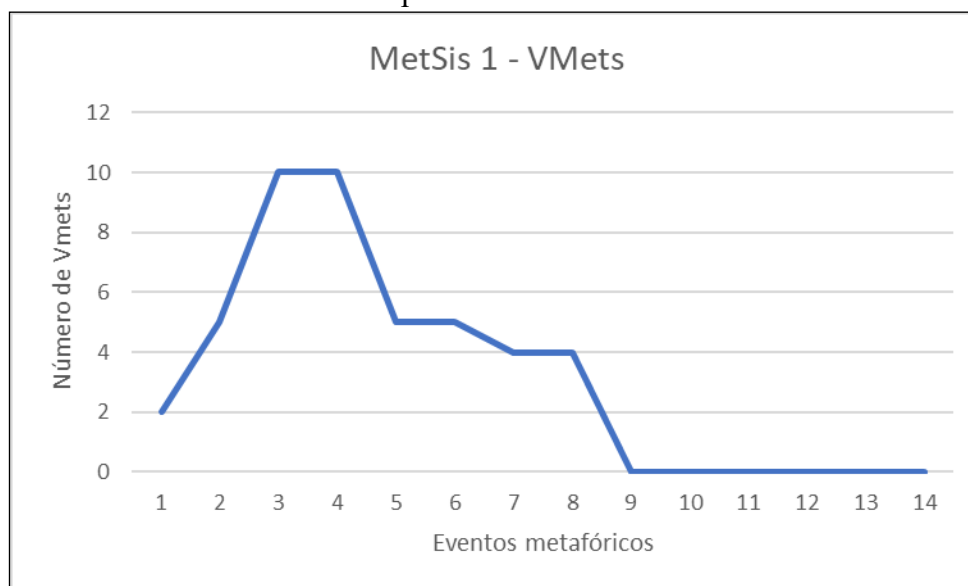
4.1 Metáfora sistemática 1 – SER PITAGUARY É PODER FALAR

Tabela 4 – Estatísticas básicas MetSis 1

EV. DISC.	PARTICIPANTES	G-VMets	Nº de VMETs
01, 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08	Diomar, Fernanda, Carol, Cecília, Natália, Pajé, Neusa.	IDENTIDADE, FALA.	45

Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 1 – Número de Vets por evento discursivo referentes à MetSis 1



Fonte: adaptado de Carneiro (2014, p. 155).

A análise dos dados aponta para uma conceptualização bifronte de IDENTIDADE por parte do povo Pitaguary: numa face, IDENTIDADE é entendida como entidade produto de reivindicações jurídicas e legais, alcançada depois de esforço coletivo mediado por procedimentos judiciais e pelos avanços sociais e constitucionais; na outra, a IDENTIDADE se mostra como qualidade inerente a cada indígena Pitaguary, como marca distinta frente ao invasor europeu e aos

demais habitantes do país – é uma marca intrínseca e essencial que teve que ser ocultada durante séculos a fim de garantir a sobrevivência do grupo, e que adquiriu, assim, um caráter de objeto cultural clandestino.

Ambas as concepções se relacionam ao *falar*: a primeira concepção, por via da conexão entre o direito legal de se declarar como indígena, garantido pela Constituição de 1988, que é conceptualizado metonimicamente pelos termos relacionadas a FALAR; a segunda relacionada à expressão de algo que já se era e sempre se foi, isto é, membros de uma comunidade indígena com suas histórias, seus costumes, seus valores, sua língua, seus hábitos vestuários etc. Dessa forma, dois aspectos identitários se interconectam: o legal-constitucional e o étnico-cultural.

Fernanda, no primeiro evento discursivo, relata o condicionamento entre a negação da identidade indígena e a sobrevivência deste, imposição feita pelo invasor europeu:

EV DISC 1, EXC. 01: Fernanda: *Aqueles que não participam, eu não questiono, porque eu sei que que o pai deles, os avôs deles passaram por um massacre pior, que era você negar a sua **identidade** pra sobreviver.*

Dizer “não” quando perguntado sobre sua ancestralidade indígena foi uma prática dolorosa obrigatória entre os indígenas Pitaguary ao longo de séculos. Essa identidade, metaforizada aqui como algo que se tem ou se leva consigo como um objeto ora sagrado, ora precioso, precisava ser escondida, sob o risco de ser roubada, como nos faz saber Carol, no evento discursivo 03, no excerto abaixo:

EV DISC 3, EXC. 02: Carol: *Na verdade, a dificuldade, o desafio que eu encontro, tanto na comunidade, tanto na educação é a nossa **identidade**, por ela ter sido retirada. E hoje nós tentamos com que ela seja vista, né*

O objeto *identidade*, conservado dentro do *recipiente* indígena Pitaguary, teve que ser protegido e guardado da cobiça do europeu e seus descendentes não-indígenas.

As concepções de identidade como conquista legal e como qualidade intrínseca se alternam ao longo de cada um dos cinco eventos discursivos em que surge, desenvolvendo-se, na perspectiva da trajetória metafórica, sob a forma de repetição e relexicalização, sobretudo, como vemos a seguir:

EV DISC 3, EXC 3: Carol: *A minha mãe deu início de procurar **identificação**.*

Em relação ao primeiro VMet, identidade, identificação repete o termo, o qual, a partir do trecho de número quatro, sofre relexicalização, assumindo a forma de uma expressão que

encontra similaridade semântica: reconhecimento.

A conceptualização aqui é de caráter metonímico, na medida em que sobre o ato legal do reconhecimento por parte das autoridades administrativas são projetados elementos constituintes do domínio em questão: o direito à terra, à expressão da cultura do povo original Pitaguary, proteção legal: fatores que se relacionam à identidade de um povo ou comunidade.

EV DISC 3, EXC 4: Carol: *O que vem na minha mente, vendo as dificuldades que a comunidade passou foi também o **reconhecimento** das famílias indígenas. A minha mãe deu início de procurar **identificação** de... na verdade surgiu um diário oficial onde constava 118 famílias que iam sair de dentro das terras indígenas. E dentro dessas famílias estava inserida a nossa família, né. E a minha mãe, ela gostava muito de trabalhar de serviço social, gostava muito de ajudar essas pessoas. E quando saiu esse diário oficial foi correr pra **reconhecer** essas famílias indígenas, e estavam lá no diário oficial como se fossem posseiros. Então a dificuldade que eu lembro que nós viemos ter foi essa, de ter esse **reconhecimento** dessas 118 famílias, mas, graças a deus, a minha mãe, com ajuda de outras pessoas, conseguiu fazer o **reconhecimento** dessas famílias.*

EV DISC 3, EXC 5: Carol: *Eu percebi que ela tinha medo que essas pessoas não fossem **reconhecidas** e tivessem que sair da terra de onde que eles já tinham aquela cultura, o convívio.*

EV DISC 3, EXC 6: Carol: *Na cidade tinha que ter alguém pra ir com ela. Inclusive, pra andar atrás da documentação, pros cartórios, pra ver essa história do **reconhecimento** das famílias.*

EV DISC 3, EXC 7: Carol: *Pra ela foi positivo pra ela saber que todos iam ser garantidos de ficar dentro da terra que foram **reconhecidos**.*

No excerto 5, apresentado acima, Carol demonstra sua preocupação em relação à possibilidade de que o reconhecimento, isto é, a conquista da identidade indígena, não tivesse sido realizado, pois o resultado teria sido a expulsão da terra e o prejuízo cultural e socioafetivo dos membros da comunidade.

O termo metonímico *reconhecimento* reaparece nove vezes na fala de Cecília, no quarto evento discursivo, ao relatar suas ideias sobre as agressões relacionadas à cultura e sobre aspectos biográficos de sua mãe que se ligam à conquista comunitária do direito dos indígenas de

se afirmarem como tais.

EV DISC 4, EXC 8: Cecília: *Quando eu penso em dificuldade... é muita coisa. A primeira coisa que vem na minha cabeça é a questão do **reconhecimento**, por parte dos governo. **Reconhecer** esse povo como indígenas, um povo que tem uma cultura diferente e que necessita de espaço pra viver essa cultura.*

EV DISC 4, EXC 9: Cecília: *Existia uma mulher aqui que foi muito sofrida e que lutou muito. Antes de saber que um dia esse povo seria **reconhecido** como índios, saber que nós éramos índios Pitaguary, a gente sempre soube, só que naquele tempo melhor que ninguém soubesse e que não se falasse nisso.*

No excerto acima, Cecília revela a oposição existente entre a essencialidade da identidade que eles já carregavam em si, como índios, e a identidade vinda do reconhecimento legal, que só viria como resultado de um longo processo histórico. A conexão entre poder se dizer índio e identidade vem mais uma vez à tona em sua fala, corroborando o liame metafórico que sistematicamente identificamos em nossa análise.

Os trechos abaixo destacam o aspecto processual do produto identidade e do protagonismo da mãe de Cecília na conscientização interna à comunidade relativa à importância do reconhecimento.

EV DISC 4, EXC 10 Cecília: *Mas aquele tempo, mesmo sem saber que um dia viria um **reconhecimento**, tinha uma pessoa que lutava pelo povo.*

EV DISC 4, EXC 11: Cecília: *Inclusive foi uma pessoa que lutou muito pra que esse povo fosse **reconhecido** como índios Pitaguary, porque ela também entendeu que era o momento que a gente saise das cavernas, de baixo das folhas e dos pau e aparecesse.*

EV DISC 4, EXC 12: Cecília: *E ai ela foi tentar convencer as pessoas. Tentar convencer as pessoas a se **reconhecer** não foi fácil. Porque o povo sabia que era, mas não queria, tinha medo, tinha preconceito de si mesmo, de dizer que era índio.*

EV DISC 4, EXC 13: Cecília: *Eu penso que se ela não tivesse feito esse trabalho, talvez esse povo aqui não tivesse sido **reconhecido**. Eles não tivessem se permitido ser **reconhecido**. Eu sei que foi através desse trabalho dela. Se não fosse isso, ninguém aqui tinha aceitado a ser **reconhecido** Pitaguary.*

EV DISC 4, EXC 14: Cecília: *Então eu mudei a minha vida completamente, fiquei aqui dentro, direto, viajando no meio do mundo, tentando entender porque a gente não*

*entendia o que era aquele negócio de **reconhecer** índio. Isso existe? Índio é a gente, pra ser **reconhecido**.*

Na fala do Pajé, no evento discursivo de número seis, o aspecto essencial objetificado da identidade é recuperado pelo uso recorrente do termo *identidade*, que, na perspectiva aberta pelo primeiro uso no primeiro evento discursivo, é classificado por nós como caracterizando o desenvolvimento metafórico **repetição**.

EV DISC 6, EXC 15: Pajé: *Na verdade a gente já passa pra eles que eles tem que honrar o nome Pitaguary. Porque é uma **identidade** muito forte. E pra honrar uma **identidade** você tem que praticar uma cultura e aceitar ela como ela fosse a coisa mais importante do mundo.*

EV DISC 6, EXC 16: Pajé: *Porque quando você pratica a sua cultura, você é forte, você tem uma **identidade**. Quando você pratica a cultura dos outros, você passa não ter **identidade** e passa a ser frágil porque a cultura da gente é que faz a gente forte.*

EV DISC 6, EXC 17: Pajé: *Porque a maior guerra dos Pitaguary é a cultural mesmo. E incrível como ela danifica ainda, a **identidade** de um povo.*

Na conceptualização realizada pelo Pajé, a identidade é um objeto precioso e digno de honra que, apesar de ser forte, ainda é sujeito aos danos causados pela guerra cultural. Chamamos atenção aqui ao lembrete feito pelo participante sobre a necessidade de se “praticar” uma cultura para se poder honrar essa identidade, isto é, essa identidade demanda, e ao mesmo tempo fundamenta, formas específicas de ser no mundo, codificando funcionamento social, religioso e linguístico.

Para a participante Neusa, no sétimo evento discursivo, a identidade como objeto de grande valor surge como item essencial que pode e deve ser “mostrado” por direito conquistado.

EV DISC 7, EXC 18: Neusa: *Pra mim a superação, quando você passa por tudo isso, e você consegue conquistar algo. Como nós conquistamos, a nossa conquista maior foi o nosso direito de mostrar a nossa **identidade** sem medo (...) E hoje a gente pode mostrar a nossa **identidade**, podemos compartilhar com as pessoas que também acho que é muito importante.*

EV DISC 7, EXC 19: Neusa: *Só que assim, tem coisas que marca. Marca a vida, que a gente não consegue esquecer de jeito nenhum. A parte da nossa **identidade**, isso aí foi um pavor pra nós, e não consigo esquecer. Foi muito doloroso pra minha vó, pra*

*minha mãe. De ver essa parte da nossa **identidade** ser mostrada, foi muito marcante na minha vida.*

Mais uma vez, no excerto sete, Neusa relaciona metonimicamente as conquistas legais inerentes à identidade aos enfrentamentos que precisaram executar para a consecução desse direito. A conquista do direito de vivenciar a identidade indígena Pitaguary - ou seja, vestir as roupas típicas, se pintar, dançar o Toré e, mais importante, poder se dizer índio dentro e fora dos limites do Território – associa-se, na lembrança pessoal de Neusa, a eventos marcantes de cunho individual e comunitário.

É na fala de Fernanda, porém, que a convergência entre os conceitos de fala e identidade se realiza de forma mais explícita, como podemos verificar retornando ao primeiro evento discursivo, por meio de excerto já acima apresentado resumidamente, e que expomos mais detalhadamente abaixo:

EV DISC 1, EXC. 20: Fernanda: *Sendo Pitaguary, o índio de hoje, é você ter uma noção saber o que seus antepassados passou. Então a nossa roupa, não é nossa, meu brinco, meu colar, não é meu, isso que é o que eu trago comigo, os meus parentes, os meus irmãos que morreram por quanto que não podia **falar**. Aqueles que não participam, eu não questiono, porque eu sei que que o pai deles, os avôs deles passaram por um massacre pior, que era você negar a sua identidade pra sobreviver.*

O veículo metafórico *massacre*, cuja trajetória discursiva será objeto de análise pormenorizada mais adiante, surge ligado também à questão da identidade A expressão de si, metonimizada pelo VMet *fala*, a *identidade* e o *massacre*, enquanto índice de extinção (que no escopo do nosso trabalho se tornou um grupo de veículos metafóricos importante), formam um conjunto de elementos que se inter-relacionam intimamente.

Fernanda, no encontro em que também estavam presentes mais outros três participantes, emprega o verbo *falar* no que parece ser uma instanciação de uma metonímia que configura *expressão*, de forma geral, em termos de *fala*. Os membros do povo de Fernanda não padeciam de distúrbios neurológicos ou psicológicos que os impediam de se comunicar verbalmente pelo uso da voz, o que é confirmado pelas demais ocorrências do veículo metafórico posteriormente, e sim de impedimentos de ordem política, cultural e mesmo legal, que os proibiam de expressarem a pertença a uma etnia ou grupo cultural diferente do dos invasores europeus.

O termo *fala* se desenvolve por contraste através do VMet *calar* no discurso de Natália,

liderança jovem na comunidade dos indígenas Pitaguary. Os jovens, parcela do intragrupo indígena em que grande parte das esperanças e inquietações dos mais velhos e mais experientes se concentram, aparecem como seres silenciados culturalmente pela tecnologia, um agente externo, de acordo com o esquema DENTRO/FORA, ubíquo no discurso dos indígenas participantes da nossa pesquisa.

EV DISC 2, EXC 21: Natália: *Então eu defendo aquela tecnologia, mas a tecnologia veio pra **calar** o jovem. (...) Hoje eu sinto muito a necessidade de falar com os nossos velhos. Já faleceram muitos, e a história foi embora com eles. Só ficou dentro da nossa memória. Eu tenho aquela missão de resgatar ou dai de vivenciar e não deixar pra trás o que eles deixaram pra gente.*

Ao longo do evento discursivo, Natália retoma a ideia de *fala* por meio dos VMets *falar, falando, falo* e *fala* – trata-se do desenvolvimento da repetição, com relação à primeira ocorrência do veículo metafórico.

EV DISC 2, EXC 22: Natália: *Um das superação que eu vivo no meu povo, um é que os troncos velhos faleceram porque não puderam **falar** o que eu tou falando agora. Então eu **falo** por eles e eu **falo** pelas crianças que ainda não **fala**.*

Os troncos velhos são os anciãos, vivos ou mortos, do povo Pitaguary. A conceptualização metafórica dos índios como plantas será analisada adiante. No excerto acima, a sobrevivência determinada pela negação da cultura e da identidade indígenas é referida pela impossibilidade de falar, comum aos anciãos, proibidos de expressarem sua identidade nas décadas e séculos passados; e aos Pitaguary infantes, os que ainda não podem expressar a si mesmos enquanto indígenas.

Fernanda, no evento discursivo de número 5, em que fala das estratégias que utiliza para se fortalecer no contexto das demandas legais que os Pitaguary executam ao longo de sua história, faz eco à assunção para si mesma de elo comunicativo, sustentado por Natália, conduzindo o VMet *fala* para um desenvolvimento por expansão, na forma do VMet *voz*.

Sobre esse termo são projetados metonimicamente os elementos constituintes do domínio EXPRESSÃO VERBAL, como antes ocorrera com o termo *fala*.

EV DISC 05, EXC 23: Fernanda: *E parece mentira, mas que me fortalece mais é as pessoas que não tão aqui também. Que se foram. Então por eles... Eu sou a **voz** deles. E aí, é isso que me dá mais força.*

Fernanda e Natália, por meio da *fala* e da *voz*, representam, assim, aqueles que se calaram seja por meio do fim de seu percurso ontogenético individual, seja pelo silenciamento metafórico promovido pelos coronéis, pelo governo ou pela sociedade.

A fala enquanto expressão da identidade Pitaguary reaparece na fala do Pajé, no tópico discursivo Agressão histórica relativa à cultura:

EV DISC 6, EXC 24: Pajé: *E nós passamos muitos anos, eu diria assim, **calados** mesmo, porque o que nós falava não era aceito por eles. Um, porque eles não entendia, e eles entendia que nós, pajé, era **emissário** do demonho que nós não cultuava nada de Deus. Porque nós cultuava nosso Deus e nossa língua própria. Eles não entendia nossa língua, eles classificaram a gente como pessoa sem espírito, pessoa sem pudor, ignorante, né.*

Em sua trajetória ao longo dos eventos discursivos, o VMet *fala*, surgido no início, mais uma vez se desenvolve por contraste sob a forma do termo *calado*, cujo significado, indicado pelo contexto de discussão do tópico discursivo Agressões históricas, é explicitado no sentido de os Pitaguary terem tido seu direito à expressão de sua cultura cassado e caçado pelos colonizadores e pretensos proprietários de terra.

Julgamos que o termo *emissário* constitui VMet classificável no grupo de veículos metafóricos *fala*, no sentido de que, definindo aquele que é enviado como mensageiro, isto é, que fala em nome de alguém, o termo parece integrar o microssistema de VMets que se conjugam para articular a rede de ocorrências que faz emergir a metáfora sistemática em questão, SER PITAGUARY É FALAR. Sendo esse o caso, trata-se de um caso de relexicalização.

Na sequência, os VMet *calar* e *calado* ocorrem na fala do Pajé, constituindo um caso de desenvolvimento por contraste.

EV DISC 6, EXC 25: Pajé: *Então foi assim.. nós tivemos que se **calar** pra viver. E aí, nós se esbrea mesmo nas mata pra se esconder dessa vez, nós se escondia, né.*

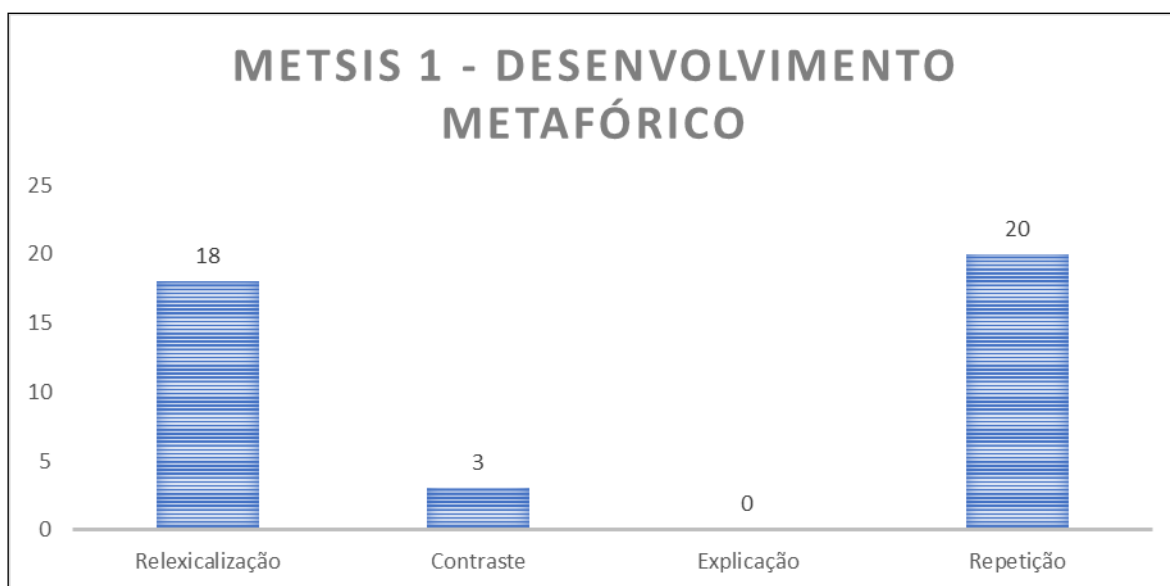
EV DISC 6, EXC 26: Pajé: *E aí, nós passamos a ser índio. Mas índio **calado**, índio sem vez, índio que as lei não... não tinha nem uma lei favorável pra índio. Então até em 88 o nosso sofrimento foi o drobo do drobo.*

Finalmente, no escopo da evolução do VMet *fala* ao longo dos eventos discursivos, Natália, no oitavo encontro analisado, mais uma vez alude à representação pela qual se responsabiliza por aqueles que não podem falar: os troncos velhos, ou os anciãos, e as crianças, como percebemos nos

excertos abaixo:

EV DISC 8, EXC 27: Natália: *Mas eu tenho uma segurança porque meus encantados do passado, meus troncos velhos não puderam **falar**. E eu já posso **falar** em nome deles. Hoje eu posso **falar** no nome das minhas crianças que ainda estão na barriga. Eu posso **falar** por eles.*

Gráfico 2 – Ocorrência de desenvolvimentos metafóricos na trajetória da MetSis 1



Fonte: elaboração do autor.

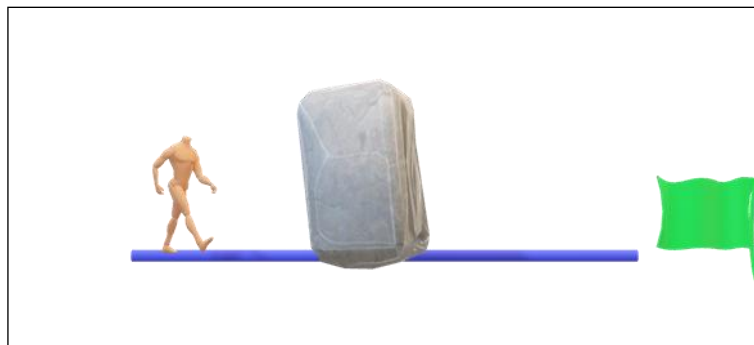
4.2 Metáfora sistemática 2: ADVERSIDADES SÃO BARREIRAS QUE SE ULTRAPASSAM COM FORÇA E UNIÃO

Tabela 5 – Estatísticas básicas MetSis 2

EV. DISC.	PARTICIPANTES	G-VMets	VMETs
01, 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08, 09, 10, 11, 14	Diomar, Fernanda, Carol, Cecília, Natália, Pajé, Neusa, Waldyr, Flora, Davi, Celso	BARREIRAS; ENERGIA/FORÇA; UNIÃO.	80

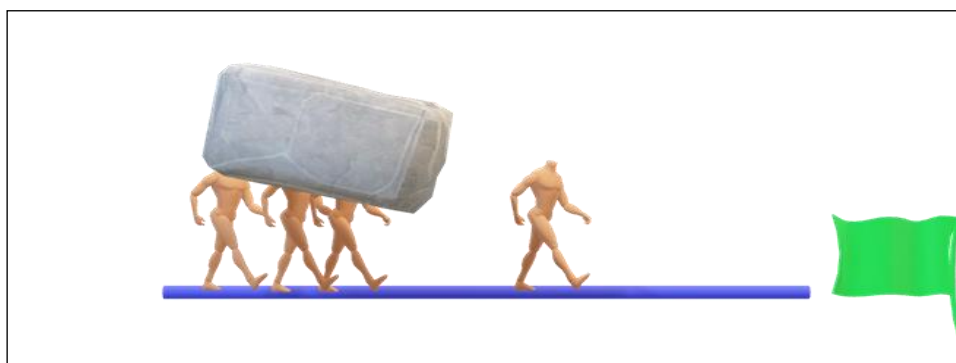
Fonte: elaborado pelo autor.

Figura 8a – O viajante encontra uma barreira no meio do caminho



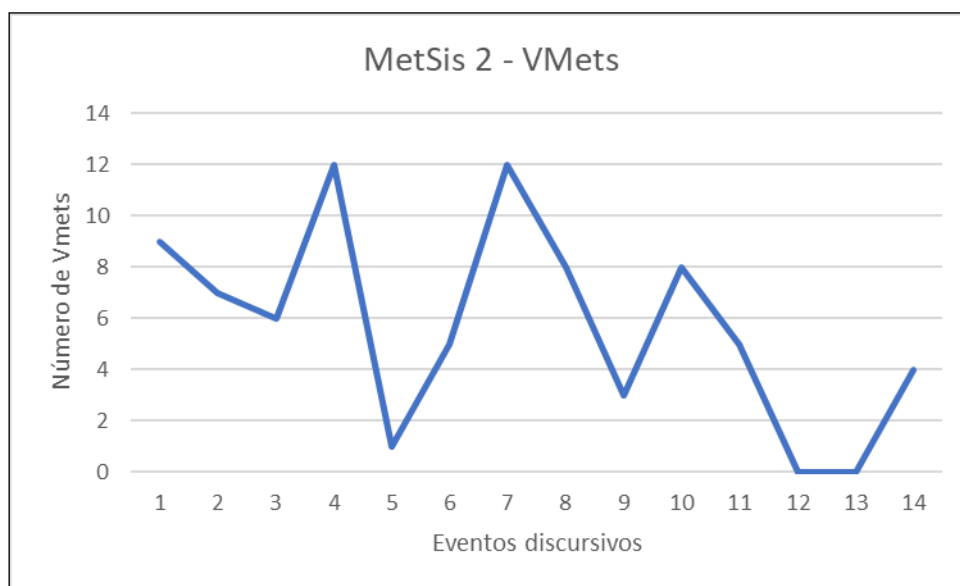
Fonte: elaboração do autor.

Figura 8b – Com o auxílio de seus companheiros que exercem força sobre a barreira, o viajante remove o obstáculo do caminho e prossegue sua jornada



Fonte: elaboração do autor.

Gráfico 3 – Número de VMets por evento discursivo



Fonte: adaptado de Carneiro (2014, p. 155).

A emergência da metáfora sistemática ADVERSIDADES SÃO BARREIRAS QUE SE ULTRAPASSAM COM FORÇA E UNIÃO se justifica, inicialmente, pela presença do esquema imagético JORNADA, frequentemente empregado pelos indígenas Pitaguary para se referirem à vida ou à luta que constitui a vida. O mapeamento semântico-cognitivo gerado pela metáfora complexa A VIDA É UMA JORNADA (LAKOFF; JOHNSON, 1980) permite a conceptualização dos obstáculos enfrentados na caminhada biográfica enquanto *muros*, *barreiras*, *pregos* ou *pedras*.

Dois tipos de barreiras surgem na significação realizada pelos Pitaguary: obstáculos ou barreiras de pequena dimensão, representadas por espinhos, pedras, pregos; e barreiras de dimensão maior que se referem a obstáculos biográficos que constituem maiores desafios mais significativos no percurso ontogenético individual e coletivo: muros, barreiras, paredes. Os dois tipos de barreiras, para serem superadas, exigem paciência e determinação, que são metaforizadas pelos VMets FORÇA E ENERGIA. A FORÇA e ENERGIA são reunidas por meio da UNIÃO com os demais membros da comunidade, que constituem uma FAMÍLIA, e são postas em prática nos MOVIMENTOS necessários para o avanço na JORNADA, em direção ao futuro, metaforizado pelas VMets orientacionais FRENTE, PRA CIMA etc.

É pertinente notar que, revelando uma tendência vocabular idiossincrática, a participante Diomar emprega o termo *muro* como sinônimo de *barreira*, e não exatamente com o sentido mais corrente de “Parede forte, em geral de pedra ou alvenaria, que veda ou protege um recinto ou separa um lugar de outro”, embora esse sentido também possa ser inferido. A referência ao muro como um obstáculo que surge no caminho direciona nossa compreensão do uso desse termo pela participante.

O grupo de veículos metafóricos que denominamos *barreira* devido ao uso mais abundante desse termo em comparação aos demais, surge na fala dos Pitaguary no primeiro evento discursivo no dizer de Diomar, representado pelo VMet *muro*. No mesmo excerto, o veículo metafórico se expande sob a forma de *prego* e a seguir, em novo processo de expansão, torna-se *pedras*. O tópico discursivo é os desafios da guerra cultural e ela se exprime sobre os desafios e dificuldades enfrentados pelos membros da comunidade na consecução de seus objetivos.

EV DISC 1, EXC 27: Diomar: *Alegre a gente nunca pode tá. Mas, a gente tem que seguir o nosso caminho. E derrubando o muro, pisando em muro, pisando em prego, em pedras, mais a gente sempre tem que ta no caminho pisando.*

Note-se que no verbo pisar, entre cujas acepções se encontra a ideia de esmagar com o pé e, figuradamente, dominar com força física, já há indicação da necessidade de força para superar ou ultrapassar os obstáculos encontrados no caminho percorrido.

A seguir, no terceiro evento discursivo, Carol, discutindo o tema das estratégias para superação das adversidades, faz uso dos termos *barreira* e *obstáculos*, veículos metafóricos que configuram o desenvolvimento chamado explicação, já que estabelecem relação hiperonímica com o VMet *muro*.

EV DISC 3, EXC 28: Entrevistadora: Viver desafios/ dificuldades é que nem...

Carol: *Pra mim é quebrar a **barreira**, que está na minha frente me dificultando. Mais eu não volto, eu vou quebrar e vou passar.*

Flora: *O nosso dia a dia é subir a escada, degrau por degrau a cada dia. Até chegar até aonde a gente quer.*

Carol: *E a cada degrau se encontra novos **obstáculos**. E que os fortes consegue passar.*

O esquema imagético JORNADA é evocado na fala de Carol ao se referir à orientação que a sua trajetória segue, referida aqui pelo termo *frente*. Os verbos *voltar* e *passar* reforçam a metáfora da JORNADA como a forma de conceber a sequência histórica de eventos biográficos individuais que, somados, constituem a existência da participante – isto é, a sua vida.

No mesmo evento discursivo, Flora, ainda se referindo às dificuldades, dessa vez, já superadas, emprega o termo *barreira*, expandindo o VMet *muro*, caracterizando o desenvolvimento metafórico **explicação**.

EV DISC 3, EXC 29: Entrevistadora: *Depois de superar desafios/dificuldades, relacionamentos com outras pessoas são que nem...*

Flora: *Pra se relacionar depois é mais tranquilo. Porque quando você colocou “difícil”, é porque você tava com uma **barreira** que você teve que enfrentar. Pra você tentar um relacionamento ou pra você conversar com alguém, é complicado. Mas depois de passar, você vai ter uma outra visão.*

No evento discursivo de número cinco, o emprego de *obstáculo* como VMet instancia o desenvolvimento de **explicação**.

EV DISC 3, EXC 30: Fernanda: *Porque o que eu aprendi nesse mundo...eu vou aprender outras coisas melhor no outro mundo. Então vou a aprender a flutuar, eu vou a aprender coisas que esse mundo não permite por conta do meu corpo. O meu corpo*

*é que nem fosse um **obstáculo** pra isso. Então vou aprender a ser livre. (...) Então você vai aprender, o mundo que os olhos não vê. Mas pra isso você tem que morrer, o corpo. Porque o corpo é um **obstáculo** pra isso.*

O tema de discussão são as experiências espirituais vividas pela participante, o que reconfigura o esquema imagético da JORNADA, projetando-o sobre o domínio do percurso de aprendizado espiritual-místico, e não no de percurso biográfico, como nas falas anteriores. O obstáculo aqui é o corpo, representando o impedimento que gerado pela sua constituição física, a qual se opõe ao aspecto diáfano e imaterial do espírito. O corpo, então, como obstáculo, impede o curso de Fernanda ao longo de sua jornada espiritual. É dessa maneira que o VMet, *obstáculo*, tendo se desenvolvido na forma de explicação, em relação ao VMet *muro*, integra o grupo metafórico *barreira* em nossa análise.

Passando para o evento discursivo de número sete, a participante Neusa emprega o termo *barreira* sete vezes para se referir às dificuldades enfrentadas por ela e pela comunidade. O desenvolvimento metafórico identificado é, assim, mais uma vez, o de **explicação**. O termo *obstáculo* surge, configurando o mesmo desenvolvimento metafórico.

EV DISC 7, EXC 31: Neusa: *Pra mim, o desafio é muito importante porque a gente sabe que nada na nossa vida sem desafio, não é bom. Temos que ter desafios, temos que ter **barreiras**, a gente enfrentar tudo e lá na frente a gente consegue, olhar pra trás e dizer, poxa, passei por tudo isso, por toda essa dificuldade e hoje eu estou aqui contando a história.*

EV DISC 7, EXC 32: Neusa: *Pra mim a superação, quando você passa por tudo isso, e você consegue conquistar algo. Como nós conquistamos, a nossa conquista maior foi o nosso direito de mostrar a nossa identidade sem medo. Então pra mim foi uma superação muito boa, muito prazerosa. Porque a gente, hoje a gente poder... diante de tanta **barreira** que a gente pensava que nunca na vida ia derrubar. (...). E a gente nem tinha um caderninho, imagina um livro. E hoje a facilidade que tem de livro... eu sou louca apaixonada por livro. Aí é importante, também é outra **barreira** que a gente conseguiu ultrapassar, e hoje nós estamos aqui, graças a Deus. E a nossa força, junto com toda a comunidade. E agora nós temos direito até de escola. Isso é muito importante pra nós.*

EV DISC 7, EXC 33: Neusa: *Não existe nem uma conquista sem uma dificuldade. Não*

*existe trabalho sem desafio. Todo trabalho da gente tem um desafio. Não existe coisas boas sem **barreiras**. Que você sabe que as coisas fácil demais não é bom. As coisas difícil faz com que a gente supere tudo lá na frente. Faz com que a gente crie força pra conquistar as coisas boas. Então todo tipo de **barreira**, todo tipo de dificuldade que vem pra gente, a gente ultrapassa tudo, com muita fé em Deus com muito pensamento bom e muita planta, muito verde. Tudo isso, a gente consegue passar pelos **obstáculos** ruim e conseguimos uma árvore cheia de futo lá na frente. (...) Eu acredito que tudo que eu já passei de dificuldade, e hoje eu tou feliz porque consegui passar por tudo. Muitos **obstáculos**, **barreira**, por **barreira**, ja enfrentei muito.*

A trajetória do veículo metafórico muro segue pelos eventos discursivos 11 e 14. Davi faz uso dos termos *barreirinhas*, *pedra*, *barreira*, *muro* e *cerca* para se referir às dificuldades e desafios enfrentados. Dentre esses termos, *muro* configura um caso do desenvolvimento metafórico repetição, enquanto os demais tratam do desenvolvimento caracterizado pela explicação.

No primeiro emprego de termos que atuam como veículos metafóricos, o participante se refere às dificuldades como *barreirinhas*, que assumem essa dimensão diminuída, indicada pelo diminutivo assinalado, ao entrarem em contraste com a eficiência da solução proposta por ele, qual seja a de acreditar, a de ter um propósito.

EV DISC 11, EXC 34: Davi: *Então se você põe sentido naquilo que você faz, não ver nada que vai te atrapalhar. Porque você tem um objetivo, você tem um foco, você tem um propósito. Quando você tem um propósito, e você acredita naquilo, não vai existir dificuldade, vai existir **barreirinhas**. Que você vai pular e vai conseguir passar elas. E eu acho que a superação tá dentro disso.*

A seguir, Davi discute com a entrevistadora sobre quais estratégias se pode utilizar para vencer desafios e superar dificuldades, tomando como modelo o elemento natural água, a qual, no entendimento de Davi, por seu comportamento fluido, plástico, espontâneo e persistente ou forte, é capaz de contornar ou vencer as situações adversas que enfrenta.

EV DISC 11, EXC 35: Davi: *Então a água pra mim, ela é a simbologia da vida. Então é como tu falou, tem uma continuidade, tem um caminho. E se tem uma **pedra** no caminho. O que ela faz? Ela contorna. Ela faz isso. Então, pra mim, eu vejo como um curso de um rio. E como a gente tem que levar a nossa vida. Como a água de um rio, contornando montanhas, descendo cachoeiras, subindo, descendo, se unindo com a*

*água do mar, se unir com outra coisa diferente. Então a vida é isso, a gente tem que ultrapassar **barreiras**. Mas a gente não tem que quebrar elas, a gente pode contornar ou passar por cima.*

EV DISC 11, EXC 36: I Entrevistadora: *Eu ou uma pessoa que passou por alguma coisa...*

Davi: *Eu me vejo como uma pessoa que consegue superar dificuldades, né. Consegue ir além, consegue pular um muro, pular uma cerca. Como uma pessoa que se consegue superar, uma pessoa que consegue enfrentar os desafios.*

O que dissemos acerca da peculiaridade idiossincrática do uso de muro como um obstáculo no caminho, e não como limite a um espaço físico, identificada nas primeiras ocorrências do termo, pode se aplicar, igualmente, ao termo cerca da forma como empregado por Davi, na medida em que a cerca ou o muro, em sua fala, parecem estar situados num percurso cuja trajetória ou desenho inclui o cruzamento de limites entre regiões diferentes, de fato, mas que atuam, da sua perspectiva de viajante, como impedimentos físicos no caminho, tal como uma pedra ou uma barreira.

O participante Celso, no evento discursivo 14, fez uso do qualificativo *espinhoso* atribuído ao VMet *caminho*, e do termo *pedra*.

EV DISC 14, EXC 37: *Celso: Muitas vezes eu passo por algo e eu enfrento de uma forma que quando eu passo e supero tudo, eu paro pra pensar e vejo que poderia ter sido mais fácil. Então esse conselho que eu deixo pros outros. Que não façam do jeito que eu fiz. Porque às vezes, na hora a gente pensa que tá fazendo aquilo certo, que aquele é o único jeito que tem, mas as vezes o caminho tá muito mais limpo do que você imagina, mas você prefere ir pelo caminho **espinhoso**.*

Os espinhos presentes no caminho referem-se às dificuldades que aquele ou aquela que não usar de sabedoria na hora de decisões críticas podem ter que enfrentar mais tarde em sua jornada. O contraste entre o caminho *limpo* e o *espinhoso* parece indicar um julgamento moral subjacente, sugerido pela construção adverbial *certo*, que se refere ao modo de agir imaginado pelo sujeito hipotético. A partir da consideração feita pelo próprio participante de que os desafios pelos quais passou poderiam ter sido enfrentados de forma mais fácil, os espinhos aludidos na expressão metafórica *caminho espinhoso* se referem, então, exatamente às adversidades e dificuldades que podem surgir ou surgiram ao longo da jornada.

A intersecção entre BARREIRA, conceptualizando dificuldades; FORÇA/ENERGIA, que por sua vez conceptualiza o esforço, a inspiração e a determinação necessárias para que se atinja o mesmo nível de atividade voltada a um objetivo presente na fase anterior ao surgimento do desafio; e JORNADA, que conceptualiza a sequência histórica de eventos físicos e psíquicos que constituem uma existência individual distribuída no espaço e no tempo, faz emergir um esquema narrativo que descrevemos da seguinte forma: um caminhante, enquanto segue seu percurso rumo a um destino final, ocasionalmente encontra obstáculos que o impedem, temporariamente, de continuar sua jornada, o que causa incômodo, cansaço, sofrimento e mal estar. Com frequência, esse obstáculo ou barreira o levam a perder o equilíbrio, resultando em acidentes, quedas e mais sofrimento. A fim de superar essa fase da caminhada, caracterizada por estagnação, o viajante precisa reunir um esforço físico maior, objetivando ultrapassar o obstáculo, o que pode ser feito pulando ou quebrando o objeto. Não raramente, encontrando-se fragilizado por consequência da queda ou da dimensão do obstáculo surgido no caminho, o viajante deve contar com uma fonte adicional de força ou energia para que possa se recuperar fisicamente e voltar a se mover.

É sobre como essa energia ou força é captada ou adquirida que trata a segunda parte da análise da emergência da metáfora sistemática ADVERSIDADES SÃO BARREIRAS QUE SE ULTRAPASSAM COM FORÇA E UNIÃO.

Os termos *energia* e *força* aparecem como intimamente relacionados, na fala dos indígenas Pitaguary, quando eles se referem aos processos que lhes tornaram possível resistir à intensidade com que as dificuldades surgiram, assim como que viabilizaram restabelecer o ritmo de avanço e movimento ao longo da jornada anteriores ao advento da adversidade. Apesar de não serem sinônimos e completamente intercambiáveis, os dois termos parecem apontar para um mesmo objeto, ou recurso, de natureza concomitantemente psíquica, emocional e física, o qual pode ser armazenado, transmitido e potencializado, de acordo com a particularidade da situação adversa enfrentada.

O termo força, que na física é definida como ação capaz de colocar um corpo em movimento, de modificar o movimento de um corpo e de deformar um corpo, ocorre quando esse recurso psíquico-emocional é associado a comportamentos marcados pelo vigor; o termo energia, não possuindo definição científica exata, é associada à capacidade de produção de ação e/ou movimento, podendo se manifestar como movimento de corpos, calor, eletricidade, entre outros. Surge na fala dos participantes como a face fluida desse recurso revitalizante, sua fonte podendo

ser os elementos da natureza ou o discurso atencioso de um membro da comunidade.

Decidimos tratar ambos como duas faces de um mesmo objeto evocado pelos Pitaguary devido à aparente mesclagem de sentido inferível do padrão de uso que identificamos: a força da qual os participantes falam seria melhor definida, segundo a acepção lexicográfica, como energia; enquanto que o elemento ao qual os Pitaguary se referem com o termo energia parece convergir para o mesmo tipo de recurso conotado pelo termo força, com a diferença do nível de concentração e função.

No excerto abaixo, questionada sobre o procedimento realizado para “recarregar-se”, Natália responde aludindo à energia e à força como se se tratasse de um mesmo recurso:

EV DISC 2, EXC 38: Entrevistadora: *Como que você se recarrega?*

Natália: *Através do contato com a natureza mais forte ainda e com os encantados que a gente faz pajelança, que a gente faz nos arancuri que é um dos nossos rituais. E a gente volta cheio de **energia** de tudo que a gente sente lá, que a gente convive lá. E a gente busca **força** nisso, nas pedras, em cada árvore, no próprio espaço da terra, nessas conexões.*

A energia/força se transmite, então, como a energia elétrica, num fluxo que é referido como o processo de recarga elétrica pelo qual passam aparelhos eletrônicos que possuem bateria recarregável.

Tendo como parâmetro para o desenvolvimento metafórico o VMet *energia*, com o termo *força*, a trajetória passa por **relexicalização**. Abaixo, na fala de Carol, no evento discursivo 4, os desenvolvimentos metafóricos identificados são igualmente os de **relexicalização**, com a ocorrência dos termos *força* e *fortalecer*.

EV DISC 4, EXC 39: Cecília: *Nós continuamos vendo, olhando o passado e entendendo que não é da mesma forma, lógico, mas a gente continua vivendo aquelas situações do passado, não da mesma forma, mas continua. Mas a gente resiste lutando, pedindo **força**, a gente continua se unindo, as etnias umas com as outras, no sentido de se **fortalecer**.*

No excerto acima, o vínculo sistemático presente na formulação da metáfora sistemática inferida em análise por nós é estabelecido por Cecília. A força ou a energia se adquirem por meio da união com os demais membros da comunidade ou com a conexão com a natureza, como já ficou claro na fala de Carol.

Abaixo, em discussão com a entrevistadora, sob o tema dos desafios da mulher indígena no seio da comunidade, Cecília reemprega o termo força para se referir à capacidade privilegiada exigida às mulheres na lide diária da vida comunitária:

EV DISC 4, EXC 40: Cecília: *Dentro de todos esses anos de resistência do povo indígena, eu vejo uma garra muito forte da mulher indígena. Uma **força** grande que elas têm de resistir e de cansar com muito mais dificuldade. Elas conseguem enfrentar, atravessar uma luta bem mais.. assim, sem medo de ficar ali, de permanecer e de resistir. Eu acho que até mais que o próprio homem. Porque a mulher, ela é muito mais paciente. Não porque eu sou mulher, mas porque eu observo que nós somos os pacientes. O homem tem a **força**, a mulher, ela tem a paciência, que é uma arma muito poderosa pra essa luta.*

EV DISC 4, EXC 41: Cecília: *Mas, eu não sei que palavra eu te diria nesse momento, porque não sei, a gente tem uma preocupação muito grande, quando tem um de nós assim. E a gente não sai de perto. A gente fica ali, **fortalecendo**, dando conselho, "o que que tá acontecendo, eu tou aqui também, não se preocupa, a gente tá junto". E as vezes isso dura pouco, porque a gente dá tanta **força** que a pessoa não fica muito tempo nessa situação.*

Quando questionada sobre a que compara a situação em que uma pessoa se encontra incapaz de agir diante de uma dificuldade, Cecília menciona o sentido de união executado e exercitado pelos membros da comunidade Pitaguary. Um sentido que se realiza sob a forma do compartilhamento de força e de energia, que, algumas vezes, age de forma tão eficaz e eficiente, que permite a recuperação acelerada da pessoa receptora do recurso.

A seguir, a força, enquanto fator necessário para a operação dos movimentos exigidos para o andamento da jornada, é referida por Cecília em sua fala sobre as estratégias de superação de adversidades:

EV DISC 4, EXC 42: Cecília: *A luta mesmo, do povo indígena é essa luta que ela não te dá tempo pra muita coisa não. Ou tu cai pra não se levantar nunca mais, porque se tu cair e se tu ainda tiver **força** pra se levantar, tu vai se levantar nem se levantar mais, porque ela te leva.*

O levantar-se, que instancia a metáfora do EQUILÍBRIO e que ocorre depois que o equilíbrio foi perdido devido às dificuldades biográficas enfrentadas, é condicionado à presença de

força, que, caso esteja ativa, permitirá que a luta, personificada no trecho acima, leve e conduza a pessoa pelo caminho.

A relação CAMINHO, LUTA e EQUILÍBRIO será esmiuçada mais adiante nesta análise.

Na fala de Neusa, oferecendo um relato sobre a inauguração da escola indígena no Território Pitaguary, a *força* reaparece, mais uma vez interligada à união com a comunidade, e como recurso de uso imperativo para a superação de adversidades:

EV DISC 7, EXC 43: Neusa: *E a gente nem tinha um caderninho, imagina um livro. E hoje a facilidade que tem de livro... eu sou louca apaixonada por livro. Aí é importante, também é outra barreira que a gente conseguiu ultrapassar, e hoje nós estamos aqui, graças a Deus... e à nossa **força**, junto com toda a comunidade.*

A união é mais uma vez reforçada no próximo excerto:

EV DISC 7, EXC 44: Neusa: *Apesar de que de vez em quando a gente tem assim, aquelas pessoas que querem acabar com a nossa comunidade, mas mesmo assim, a gente tá ali de pé. E com **forças**, pega na mão do outro. Vamos firmar aqui na rocha e dá tudo certo. Graças a Deus até agora, a gente só tem conquistado coisas boas.*

E no seguinte, a relação entre *ultrapassar barreiras* e *criar força* é reiterada:

EV DISC 7, EXC 45: Neusa: *Não existe coisas boas sem barreiras. Que você sabe que as coisas fácil demais não é bom. As coisas difícil faz com que a gente supere tudo lá na frente. Faz com que a gente crie **força** pra conquistar as coisas boas.*

O VMet referencial *energia*, em sua trajetória ao longo dos eventos discursivos, passa nos trechos acima pelo desenvolvimento **relexicalização**, na medida em que consideramos *força* e *energia* como termos equivalentes.

Em palestra oferecida aos membros da comunidade, correspondente ao evento discursivo de número 8, Natália alude à *força* que tem como origem ora os encantados, que podem ser tanto espíritos da natureza, ou os espíritos dos membros da comunidade que já morreram; ora os elementos naturais.

EV DISC 8, EXC 46: Natália: *Mas os nossos encantados, a **força** deles, está aqui, dizendo que a gente não está sozinho, que a gente está junto.*

EV DISC 8, EXC. 47: Natália: *Os encantados tão ali do meu lado, mesmo que eu tenha assim nem um puto no bolso como a gente diz, mesmo que a gente tenha.., nem tenha*

*nem nada pra botar na panela, mas a nossa **força** maior, porque a gente tem vida.*

Mais à frente em seu discurso, Natália usa a imagem de seres da natureza como as bactérias, organismos que, apesar de não fazerem parte do convívio experiencial e interacional direto do ser humano, surgem no repertório da participante por meio da educação formal, o que consideramos um índice da heterogeneidade cultural presente na comunidade dos indígenas Pitaguary. Na capacidade de produzir a morte dos seres nos quais causam doenças, a despeito de suas dimensões nanométricas, Natália vê nas bactérias uma representação da força e da união que podem servir de exemplo para os membros da comunidade.

EV DISC 8, EXC 48: Natália: *Então, outra lição que nós traz são as bactéria do mundo. São as doenças. Elas são minúsculas e dá só pra ver no microscópio. Mas ela tem uma potência enorme de nunca adoecer, de levar e andar pela morte. Tudo, isso tudo, que eu vejo é **força**. **Força** espiritual, **força** do mundo.*

No que diz respeito à trajetória do VMet inicial, o desenvolvimento metafórico observado foi o de **relexicalização**.

Na fala de Waldyr, o VMet *energia* ressurge, marcando o desenvolvimento metafórico de **repetição**. No trecho abaixo, observamos que a energia referida por Waldyr se mostra em sua acepção fluida, disponível, inspiradora, mais do que vigorosa, fortificante.

EV DISC 9, EXC 49: Entrevistadora: *A última vez você disse que com o Toré você se sente diferente. Qual que é a diferença?*

Waldyr: *Sente alegria, sente **energia** boa, **energia** positiva. Tem hora que eu espero a **energia** chegar pra depois eu ir, e quando eu não sentir ela não vou não.*

O Toré é um ritual que une dança, religião, luta e o elemento lúdico. Dançar o toré exige dedicação e resistência e pode incluir demonstração de força.

Flora, no décimo evento discursivo, respondendo à questão da entrevistadora sobre como superar adversidades, aponta como elementos-chave a união e a força.

EV DISC 10, EXC 50: Flora: Entrevistadora: *Como é que a comunidade consegue dar a volta por cima se vive alguma adversidade assim?*

Flora: *Com a união. Eu acho que a gente sempre, unidos, nos todos unidos, a gente sempre consegue. Dando as mãos, buscando a **força** da terra. A gente consegue.*

A *força* que vem da terra e dos membros da comunidade é citada por Davi, em outro evento discursivo, ao comentar como alguém poderia responder a uma adversidade individual de

ordem física.

EV DISC 14, EXC 51: Davi: *Então quando, eu vejo assim, uma pessoa que perde a perna, de início ela vai se sentir muito inútil, mas pelas pessoas que vão continuar junto a ela, dando **força**, ‘olha, dá pra você fazer isso, ah vamos lá, não precisa de fazer tudo, dá pra fazer isso e aquilo’, tudo isso vai dando **força** pra pessoa descobrir novas formas de ser útil, porque ela vai continuar querendo ser útil, pra quando ela estiver inútil de novo, ela ver que permaneceu perto dela.*

Em sua trajetória metafórica, o VMet reaparece adiante na fala do participante denotando a *força* como recurso finito, cujo uso e aplicação deve ser sabiamente calculado. Aqui, a força atua como um combustível que pode mover mecanismos físicos e cognitivos, tendo em seu leque o uso metafórico tanto na atividade física de recuperação do equilíbrio, como no esforço mental direcionado a um problema ou questão existencial.

EV DISC 14, EXC 52: Davi: *Aí eu vi que a chave era deixar aberto para coisas novas. Que as vezes você pensa tanto numa coisa só, você pensa tanto num único pontinho, que você tá gastando todas suas **forças** praquilo.*

A **relexicalização** foi mais uma vez o desenvolvimento metafórico predominante na trajetória do VMet inicial energia, ao longo dos eventos discursivos nos quais ocorreu.

Segue abaixo a análise do terceiro componente metafórico da metáfora sistemática ADVERSIDADES SÃO BARREIRAS QUE SE ULTRAPSASAM COM FORÇA E UNIÃO.

O grupo de VMets denominado UNIÃO engloba as expressões que compartilham contiguidade semântica centrada na ideia de união, a qual surge sob a forma de instanciações da metáfora PROXIMIDADE FÍSICA É UNIÃO. Exemplos de expressões que compõem esse grupo de VMets são *estar junto, se ajuntar, ao meu lado*, entre outras que se apresentam como variações, expansões ou antônimos destes.

A participante Diomar inaugura a trajetória da metáfora empregando o termo *junto* para indicar o modo como se deve seguir na caminhada. “Ir junto” é visto por ela como imperativo que viabiliza o enfrentamento das adversidades que podem surgir para os que se lançam na jornada empreendida pelos Pitaguary.

EV DISC 1, EXC 53: Diomar: *O nosso cacique, o nosso pajé e as nossas lideranças eram os nossos instrumentos do dia a dia. Principalmente para aqueles que estão aprendendo andar no movimento. Não é só dizer que está aprendendo, não. Tem que*

*ir **junto** da caminhada, **junto** com eles. O nosso povo está enfrentando muitas coisas...*

No mesmo evento discursivo, Fernanda retoma o VMet e o repete e o explica, configurando os desenvolvimentos metafóricos *repetição* e *explicação*.

EV DISC 1, EXC 54: Fernanda: *Aqueles que não participam, eu não questiono, porque eu sei que que o pai deles, os avôs deles passaram por um massacre pior, que era você negar a sua identidade pra sobreviver. (...) Nós somos tão **ligado**, é um **laço** muito forte. Isso é um sentimento muito forte, nos tem uns 4000 irmão, tem uns 30 que é **juntos** diretamente. Então, pra nós, manter essa visão de aldeia é a gente ver o que nos conseguimos até hoje.*

O esquema imagético envolvido LIGAÇÃO se coaduna à ideia de FAMÍLIA, que será analisada pormenorizadamente em outra ocasião. Observe-se que em excertos anteriores, a metáfora primária INTIMIDADE É PROXIMIDADE FÍSICA, que configura a união, é a plataforma necessária para a transmissão de FORÇA e de ENERGIA entre os membros da comunidade Pitaguary. *União* e *força* se vinculam, portanto, na construção de uma poderosa estratégia de superação de dificuldades e adversidades.

A seguir, Natália faz uso da expressão *estar junto* para se referir à união existente e fomentada no seio da comunidade Pitaguary diante das dificuldades.

EV DISC 2, EXC 55: Natália: *Tem gente que fala, Natália, sai daí, tenha uma vida mais sossegada. Mas eu tenho que ficar aqui com o meu povo. E um dia, se eu vou morrer lutando, eu vou morrer feliz. Do que eu ter fugido ou do que eu tá em casa assistindo a TV. Prefiro **estar junto**, sofrendo, mas tamos **junto**. Um dia essa nuvem passa e o sol vai brilhar de novo.*

A união também constitui uma lição que a natureza, por meio das plantas e dos animais selvagens, ensina aos indígenas Pitaguary. O caráter pedagógico da natureza presente na fala dos indígenas na metáfora A NATUREZA É UM PROFESSOR, analisado mais à frente em nosso trabalho, se mescla ao caráter pragmático ora apresentado, o da união como ferramenta para enfrentamento de dificuldades. *Manter o equilíbrio juntos* e *crescer juntos* fazem parte da estratégia que resulta em resiliência e superação, como vemos no excerto abaixo:

EV DISC 2, EXC 56: Natália: *Por exemplo os cardeiros, os cactus, eles conseguem viver em harmonia com os outros que não tem espinha e crescem **juntos**. E assim somos nós também. É uma das lições que o meu pai fala. Por mais que os galhos das outras*

*doam, o mais eles conseguem manter o equilíbrio junto e cresce **junto**. E aí veve **junto** assim, e cantam pra gente.*

O desenvolvimento metafórico observado é o de **repetição**.

A vinculação entre união e força se observa mais uma vez na fala de Flora, em discussão com Carol e a entrevistadora sobre as dificuldades relativas à saúde mental advindas de falecimentos ou crimes no seio da comunidade indígena Pitaguary. O verbo “se unir” é empregado, num caso de desenvolvimento metafórico de **relexicalização**.

EV DISC 3, EXC 57: Flora: *A gente faz muito isso, da gente chegar às pessoas e conversar. Eu encontrei com as filhas daquele rapaz que faleceu, falei com elas, muito abatidas, não falaram nada. Eu disse que agora vocês tem que superar, eu sei que é difícil, mais a vida continua e a gente tem que botar a nossa vida pra frente, então vocês têm que **se unir** uma e a outra pra tentar buscar força. Dei exemplo de mim mesma, porque eu já passei por isso, meu pai já morreu, a minha mãe também.*

Identificamos no uso que os Pitaguary fazem de expressões como aliança e corrente, a presença da ideia de união. Tanto o conceito de *aliança* quanto o de *corrente* têm como base uma mescla dos esquemas imagéticos de UNIDADE/MULTIPLICIDADE e ESPAÇO, sendo que mais especificamente, esquemas imagéticos de CONTATO e COLEÇÃO são evocados.

É o que ocorre na fala de Cecília, ao se referir ao auxílio recebido por pessoas de fora da comunidade, estudantes universitários, que ocasionalmente participam das manifestações de reivindicação promovidas pelas lideranças Pitaguary.

EV DISC 4, EXC 58: Cecília: *Então aquela relação com aquele povo naquele momento, ela nos fortaleceu e ficou aquela **aliança**, uma **corrente**, se tornou uma **corrente** naquele dia que até hoje permanece. Então em qualquer momento, hoje, que nós Pitaguary tivéssemos que enfrentar qualquer dificuldade e nós enfrentamos, na hora que a gente chama, eles vêm. Então, é uma formação de uma **corrente** que se fortalece a cada nova relação que você tem com pessoas que são parceiros dessa luta.*

Em relação ao termo *junto*, os termos *aliança* e *corrente* correspondem ao desenvolvimento metafórico **explicação** na trajetória do VMet inicial ao longo dos eventos discursivos.

Abaixo, a correlação entre união e força é reiterada, indicando um caso de **repetição** pelo emprego do termo *junto*.

EV DISC 4, EXC 59: Cecília: *A gente fica ali, fortalecendo, dando conselho, "o que que tá acontecendo, eu tou aqui também, não se preocupa, a gente tá **junto**". E as vezes isso dura pouco, porque a gente dá tanta força que a pessoa não fica muito tempo nessa situação.*

O VMet *junto* se faz igualmente presente na fala de Fernanda, em contexto similar ao do excerto anterior, em discussão sobre como se deve ser persistente na superação de dificuldades.

EV DISC 5, EXC 60: Natália: *Mas quando você quer que aconteça realmente, você diz, "não, vai dar certo, embora **junto**, embora, não vamos desistir não". Então é isso que eu sempre utilizo, dentro de qualquer dificuldade.*

Na fala do Pajé, ocorre o desenvolvimento metafórico conhecido como **contraste**, pois um dos veículos identificados se relaciona antonimicamente com a ideia de “estar junto”. Os demais termos constituem casos de **explicação** e **relexicalização**. O contexto é a discussão sobre as agressões históricas sofridas pelos Pitaguary no período posterior à colonização. A união é apontada como estratégia de superação enraizada na cultura do povo indígena.

EV DISC 6, EXC 61: Pajé: *então eles também tentaram a nos escravizar. Tinha tempo que nos dividimos com os Áfricos... e a gente tem uma cultura muito forte **que não é sair perto** do nosso povo, do nossos pais. Terminava a gente morrer mesmo de tristeza, a gente não comia, a gente não bebia.*

Infere-se que a união, enquanto elemento cultural, por vezes resultava na não superação da adversidade, como vemos no relato histórico acima.

Questionado sobre como se superou o sofrimento coletivo causado pelo tratamento genocida e etnocida recebido por parte de governos, posseiros e instituições religiosas, o Pajé menciona, por meio do VMet *se ajuntar*, a série de alianças políticas estabelecidas entre povos indígenas habitantes do Ceará.

EV DISC 6, EXC 62: Entrevistadora: *O que que significa superar esse sofrimento pro senhor?*

Pajé: *Na verdade a gente começa a superar os nossos sofrimentos quando nos **se ajunta** novamente. A gente **se ajuntando**, com a aldeia Tapeba, **se ajuntamos** com a aldeia dos Tremembé, aldeia Pitaguary com a aldeia Jenipapo-Kanindé. E essas quatro aldeia se alevanta e vai pras rua fazer manifesto, fazer roda de Toré.*

O desenvolvimento metafórico que se observa é o de **repetição**.

A seguir, FAMÍLIA e UNIÃO são ligadas na fala do líder indígena ao discutir o impacto da cultura vinda do lado de fora sobre a matriz indígena de relações estabelecidas culturalmente entre os Pitaguary. Neste excerto, temos um caso de **relexicalização**.

EV DISC 6, EXC 63: Pajé: *E a família indígena só passa desta coisa que eu tou falando, porque termina nós todos sendo parentes, sendo irmão, mesmo que você não seja assinado com o meu sobrenome mas a convivência que diz que nós **tamos juntos**.*

Natália, por sua vez, empresta um tom místico à noção de união por meio do uso da expressão “ao lado de”, instituindo os encantados e não os membros da comunidade como elementos com os quais estabelece união.

EV DISC 8, EXC 64: Natália: *A gente é curado, a gente é curado por nossos encantados. A cada momento a gente temos... mas também temos os nossos encantados **do lado da** gente. Todo dia, toda hora. Mesmo que eu esteja escrevendo no quarto, escrevendo a minha pós e dizendo que o povo sozinho chorando porque é muito difícil, mas hoje tem alguém **ao meu lado**. Os encantados tão ali **do meu lado**...*

No evento discursivo de número 10, Flora explicita a importância da união na superação de adversidades.

EV DISC 10, EXC 65: Entrevistadora: *Como é que a comunidade consegue dar a volta por cima se vive alguma adversidade assim?*

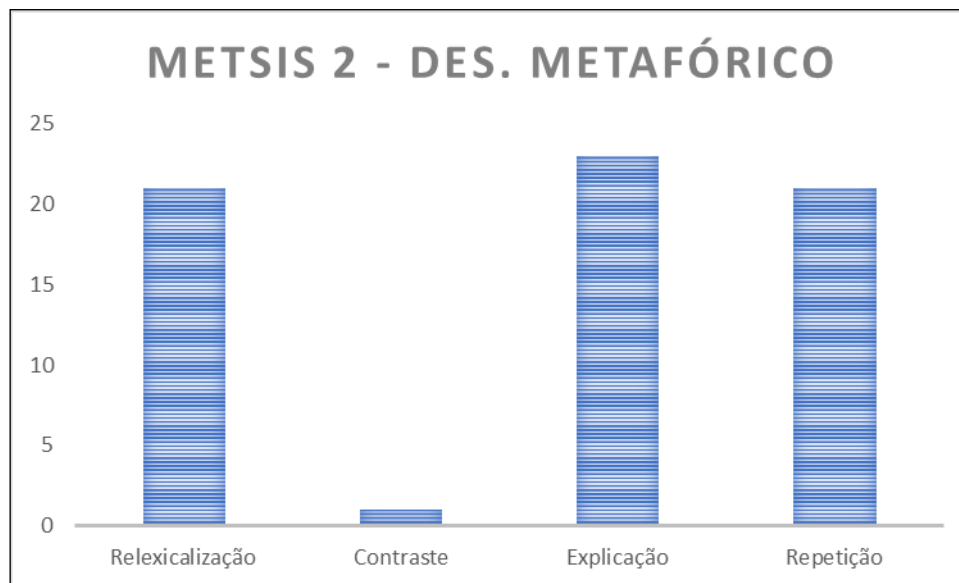
Flora: *Com a **união**. Eu acho que a gente sempre, **unidos**, nós todos **unidos**, a gente sempre consegue. **Dando as mãos**, buscando a força da terra. A gente consegue. E o que a gente sempre coloca, nós temos que **estar juntos**, pra nós vencermos esses problemas, essas dificuldades, enquanto comunidade. A gente sempre usa isso, **‘tamos juntos’**. São palavras que sempre é usada. Às vezes, quando aconteceu alguma coisa *‘não gente, não se preocupa, **estamos juntos**’*. Então isso quer dizer que vamos conseguir.*

Os VMets *união* e *unidos* caracterizam o desenvolvimento metafórico **relexicalização**; *dando as mãos* configura um caso de **explicação**; *estar juntos*, *tamos juntos* e *estamos juntos* são casos de **repetição**.

Concluindo a análise da MetSis em questão, a identificação da rede semântica estabelecida por meio das trajetórias dos VMets assinalados acima no domínio dos agrupamentos metafóricos BARREIRAS, UNIÃO e FORÇA/ENERGIA foi o que nos permitiu inferir a metáfora sistemática

ADVERSIDADES SÃO BARREIRAS QUE SE ULTRAPASSAM COM FORÇA E UNIÃO.

Gráfico 4 – Ocorrência de desenvolvimentos metafóricos na trajetória da MetSis 2



Fonte: elaboração do autor.

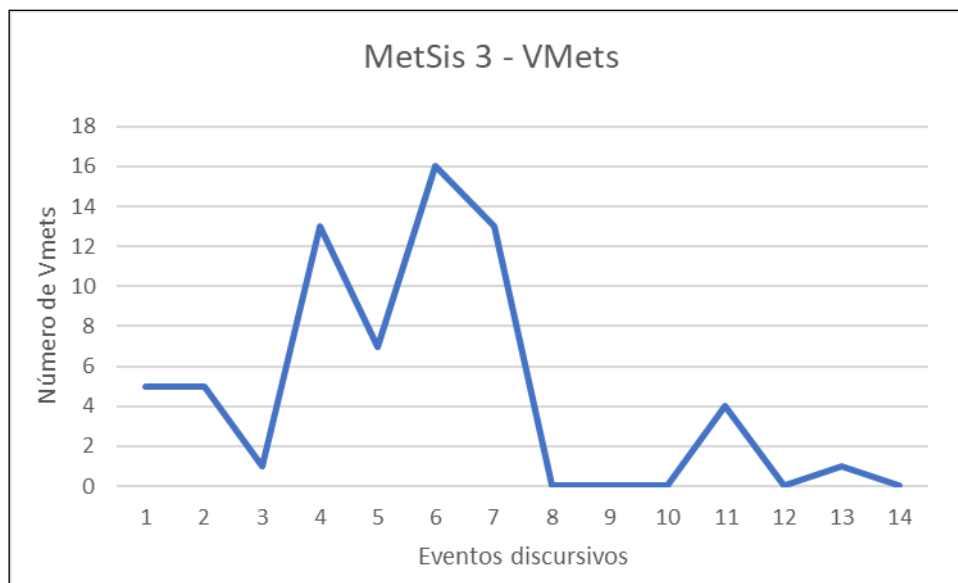
4.3 Metáfora sistemática 3: O MUNDO DE FORA TROUXE PERDAS PARA DENTRO DO MUNDO PITAGUARY

Tabela 6 – Estatísticas básicas MetSis 3

EV. DISC.	PARTICIPANTES	G-VMets	Nº de VMETs
01, 02, 03, 04, 05, 06, 07, 11, 13	Fernanda, Carol, Cecília, Natália, Pajé, Neusa, Davi, Clarêncio	DENTRO/FORA; PERDAS; TRAZER/LEVAR; TIRAR/PÔR.	65

Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 5 – Número de VMets por evento discursivo



Fonte: adaptado de Carneiro (2014, p. 155).

Figura 9 – Portão de entrada da comunidade Pitaguary



Fonte: Meili (2017).

A partir da frequência com que veículos metafóricos relacionados à oposição DENTRO/FORA surgiram no fluxo discursivo que compõe os 14 eventos discursivos que

analisamos, a concepção metafórica da comunidade Pitaguary como espaço físico fechado isolado do restante do contínuo espacial exterior por um limite físico emergiu de forma proeminente. Tal concepção assenta sobre o esquema imagético de RECIPIENTE, o qual inclui os de CONTEÚDO e DENTRO/FORA. VMets que compõem o grupo metafórico que denominamos DENTRO/FORA, incluem preposições, verbos e advérbios, tais como *dentro, entrar, sair, fora*.

Há dois aspectos distintos que configuram a construção do conceito da comunidade Pitaguary como RECIPIENTE: um estático, segundo o qual a comunidade é entendida como um espaço delimitado dentro do qual processos, eventos e pessoas objetificados se encontram ou não; e um dinâmico, viabilizado pelo uso frequente de verbos que indicam movimentação intensa bidirecional conduzida por agentes internos e externos, cujas ações são referidas por termos como *trazer, levar, tirar, pôr*.

Assim é que as comunidades que integram o Território Pitaguary são conceptualizadas como o espaço fechado em cujo interior se desenrola a vida dos membros do povo Pitaguary segundo regras, crenças e valores próprios, que são identificados como sendo os da cultura tradicional Pitaguary, distintos e frequentemente opostos, por sua vez, às regras, crenças e valores da comunidade urbana exterior.

O espaço geográfico e cultural situado fora dos limites físicos do Território Pitaguary surge nas falas dos participantes marcado por veículos metafóricos relacionados às ideias de exterior, externo, lado de fora. Todos os participantes em todos os eventos discursivos empregam termos identificados como veículos metafóricos agrupados sob a categoria, ou família, *dentro/fora*.

Tais regiões, a interna e a externa, são, por vezes, entendidas como constituindo MUNDOS diversos, atuando como totalidades independentes e suficientes, não raramente opostas, que devem, no entanto, conviver, de forma pacífica ou ao menos belicamente controlável.

As relações entre os mundos externo e interno é ora vista como inevitável e potencialmente produtiva, ora como indesejada e fonte de sofrimento e perdas culturais. Esta última visão predomina sobretudo quando os participantes tratam do passado histórico de luta pela sobrevivência frente ao invasor europeu e a autoridades políticas; aquela é mais recente e se relaciona, em parte, com o advento das tecnologias de comunicação e sua entrada na aldeia, com a inauguração da escola, com a oferta de emprego por parte de empresas e com os relacionamentos pessoais que alguns membros da aldeia estabelecem com pessoas não pertencentes ao grupo.

No primeiro excerto apresentado abaixo, a participante Fernanda introduz a ideia de

movimento entre os limites que separam a região interna Pitaguary e o espaço físico não indígena, empregando a preposição *dentro* para indicar a aldeia como espaço fechado delimitado em relação ao espaço exterior; a seguir, faz uso da forma verbal *entrando* acompanhada da preposição *em*, referindo-se ao trânsito do objeto guerra cultural na direção da comunidade indígena. Na mesma fala, a preposição *dentro* é reutilizada, em reforço à noção imagético-esquemática de RECIPIENTE. Ao final, o verbo *levar*, que, indicando movimento de relocação na direção do *lado de fora*, contrasta semanticamente com o verbo *trazer* e com a preposição *dentro*, ocorridas anteriormente.

EV DISC 1, EXC 66: Fernanda: *Então hoje a nossa missão ... O pajé é a nossa autoridade máxima **dentro** da nossa aldeia. Deus sabia que nós tinha que ser preparado dessa forma. Querendo o não, dia por dia a guerra cultural tá **entrando** aí **na** nossa aldeia. Então, o celular pra nós tem um lado bom, mas pelo outro lado tem um lado muito ruim. A tecnologia tem um lado bom, mas no outro lado tem um lado muito ruim. Então aprender, em si, tem um lado bom, mas **dentro** da aldeia indígena é que nem fosse uma bomba. Se você não souber utilizar, qualquer momento ela explode, e **leva** 5 ou 6 jovens seus.*

No excerto acima, Fernanda, comentando os desafios da guerra cultural com o *lado de fora*, faz menção ao crescente uso de ferramentas tecnológicas de comunicação instantânea pelos membros mais jovens da aldeia, apontando para o perigo de que esses seus irmãos sejam “levados” pelos estragos dessa “bomba” dentro da aldeia Pitaguary.

Na trajetória do VMet *dentro*, os desenvolvimentos metafóricos observados, na respectiva ordem de aparição dos demais VMets em sequência, são **relexicalização, repetição e contraste**.

No evento discursivo dois, na fala da participante Natália, os VMets *dentro, entrou, lá fora* e *invadindo* são mobilizados para se referir ao esquema DENTRO/FORA e ao movimento bidirecional aludido acima.

EV DISC 2, EXC 67: Natália: *A nossa vida aqui é completamente diferente. Embora que a globalização já tá **dentro** aqui na aldeia. Então querendo ou não, a gente vive as duas coisas. A gente teve que aprender a viver na sociedade.*

EV DISC 2, EXC 68: Natália: *Porque a gente tem que entender as coisas que **entrou** hoje. Além do que a gente vê, a gente tem a sensibilidade de ver as questões espirituais,*

*dos ataques espirituais. Então a gente tenta manter o equilíbrio espiritual. Então as pessoas às vezes não entendem a nossa forma que a gente prefere tá aqui **no meio** fazendo algo diferente nosso, da nossa raiz, por exemplo uma barraca dessa.*

EV DISC 2, EXC 69: Natália: *Então são muitas coisas envolvidas, e a gente tenta manter o equilíbrio. (...) O mundo **lá fora** é muito difícil. Com a tecnologia, a gente estuda tanto que não dá pra ver o mundo como é bonito, como é belo.*

EV DISC 2, EXC 70: Natália: *É isso que a gente faz de diferente no dia a dia. Mesmo tando globalizado. Porque a gente não pode deixar de conhecer aquele mundo **lá fora** e nem as tecnologia. Porque se não a gente fica esquecido.*

Observe-se que o esquema imagético CENTRO/PERIFERIA surge na fala de Natália por meio do uso do advérbio *lá*, que, conjugado à expressão *fora*, indica distanciamento físico e cultural em relação ao mundo exterior. Estar *no meio*, *aqui*, em oposição a estar *lá*, no lado externo, aponta para a centralidade da aldeia na conceptualização da participante, enquanto que o mundo exterior configura as regiões periféricas do mundo.

Na respectiva ordem de aparição dos VMets, os desenvolvimentos metafóricos identificados são os de **repetição**, **relexicalização**, **contraste** e **contraste**.

Cecília, no evento discursivo de número 5, prossegue com sua fala, propiciando a evolução do VMet ao acrescentar indícios que reforçam a centralidade discursiva da oposição imagético-esquemática dentro/fora na cosmovisão do povo Pitaguary.

EV DISC 4, EXC 71: Cecília: *A gente se preocupa com os Guarani, que estão muito distantes, mas que estão sendo muito massacrados, assassinados. Nós sabemos o que acontece entre nós e **dentro** das terras onde nós estamos. Mas a mídia não divulga esses crimes, eles são escondidos.*

EV DISC 4, EXC 72: Cecília: *Então assim, as invasões nas terras indígenas não acabou, o massacre contra os povos indígenas não acabou, e a colonização, ela continua e as igrejas também continua **dentro** das terras indígenas tentando tirar dos índios, fazer deles cristãos, pessoas com alma, porque as igrejas antes, era as igrejas católicas que **entravam** a catequisavam os índios, e hoje são as igrejas evangélicas. Isso é muito forte **dentro** das terras indígenas.*

EV DISC 4, EXC 73: Cecília: *Se não fosse por ela, a gente não tinha uma terra demarcada, a gente não tinha uma equipe de saúde pra esse povo, a gente não tinha*

*uma escola diferencial pra o nosso povo, nós não tínhamos hoje a liberdade de pelo menos **dentro** desse território, mesmo que sendo insuficiente, a gente não tinha a liberdade de viver só nós aqui. Nosso povo, talvez por já tinha sido invadido por pessoas **de fora**, tivesse vindo outros posseiros, tomar a terra.*

Os desenvolvimentos metafóricos que se observam são os de **repetição, repetição, relexicalização e repetição**.

Os excertos acima direcionam nossa compreensão para o reforço da concepção segundo a qual o espaço interior ao Território Pitaguary, que demarca também o espaço sociocultural onde se desenvolve sua cultura e modo de vida, foi invadido por agentes externos que trouxeram consigo objetos perniciosos e nocivos para dentro da comunidade, entendida como um recipiente. Religião, violência e assassinato são alguns desses objetos que tiveram entrada forçada no espaço físico e cultural dos Pitaguary.

No último excerto apresentado, Cecília, no contexto discursivo do relato convergente que engloba a importância dos serviços comunitários prestados por sua mãe e a conquista Pitaguary do reconhecimento legal por parte do governo de sua identidade indígena, correlaciona a preservação da liberdade dentro do interior da comunidade à vivência da identidade Pitaguary.

A seguir, num relato pessoal sobre a mudança de vida que realizou ao se transferir fisicamente do espaço urbano exterior à aldeia para os limites desta, num episódio de assunção da identidade indígena ocorrido depois de reveses biográficos pessoais, Cecília consolida o emprego da expressão dentro como um dos VMets mais frequentes relacionados ao esquema DENTRO/FORA que compõe a metáfora sistemática de que ora tratamos.

EV DISC 4, EXC 74: Cecília: *Porque eu trabalhava, eu era uma microempresaria em Fortaleza, vivia bem, tinha minha casa, vim embora, acabei com tudo, fiquei aqui. Fui viver só pra esta luta. Então eu mudei a minha vida completamente, fiquei aqui **dentro**, direto, viajando no meio do mundo, tentando entender porque a gente não entendia o que era aquele negócio de reconhecer índio. Isso existe?*

Estar dentro da comunidade e ser indígena se coadunam na fala de Cecília como processos que se entrelaçam ou como faces de uma mesma moeda. A **repetição** é o desenvolvimento metafórico registrado.

EV DISC 4, EXC 75: Cecília: *Minha filha, na época eu não tinha marido, depois arranjei um marido, quase que me deixou porque eu vivia no meio do mundo. Era*

*dormir no chão, era passando fome, era um sofrimento, mas na luta, pra poder a gente se preparar. Então eu fui abandonando o mundo **lá fora**. Eu gostava muito de festa, namorava demais, passeava demais. Eu disse: “não, agora a minha vida é aqui, **dentro da aldeia**’. Ai a minha vida agora é lutar pelo meu povo.*

Observe-se que ao par de oposições *dentro versus fora*, Cecília associa elementos específicos de cunho moral ou valorativo: no lado de fora, os eventos biográficos que experienciava se constituíam de festas, namoros e passeios; estes são, então, postos em comparação opositiva com a atual composição axial de sua existência individual, isto é, “lutar pelo meu povo”. A associação do lado de fora com o negativo, ou seja, o caótico, violento, degenerado e impuro; e do lado de dentro com o positivo, tradicional, original e puro integra a conceptualização que os indígenas Pitaguary fazem do seu mundo, como veremos de forma mais clara nos excertos mais adiante.

No que diz respeito a evolução dos VMets na trajetória ao longo dos eventos discursivos, observamos casos de **contraste** seguido de **repetição**.

EV DISC 4, EXC 76: Cecília: *Então eu tenho as minhas filhas perto de mim. Até isso também eu valorizei mais, o que é a família, as minhas filhas, as minhas irmãs. Ave maria, eu.. é como a gente tivesse sido... transformado em outra pessoa. Ou nem esse pessoal **lá fora**, que não tem essa visão que a gente tem hoje **dentro** da comunidade. É mais ou menos isso.*

Os desenvolvimentos metafóricos que se observam são os de **contraste** e de **repetição**.

Acima, Cecília destaca a transformação no seu modo de considerar a importância da união e da proximidade entre os membros da família. A visão das pessoas do lado de fora é mais um elemento que se opõe aos valores cultivados no interior do espaço cultural Pitaguary.

Na fala de Fernanda, no evento discursivo seguinte, continuamos a observar a evolução dos veículos metafóricos aos quais subjaz o esquema DENTRO/FORA.

EV DISC 5, EXC 77: Fernanda: *Então a gente não pode tá bebendo, não pode tá fazendo o que os outros jovens gosta de fazer. A gente sempre tem que ser um exemplo de **dentro** de toda aldeia. Isso é um desafio pra nós, porque o mundo de hoje, ele tá repleto de várias coisas.*

A relação com o *mundo de fora* é discutida pela participante no excerto seguinte, no qual uma experiência positiva, os estudos no curso superior, adquire status negativo devido ao

tempo despendido fora da aldeia, o que cria uma oposição qualitativa entre a educação formal e a construção de conhecimento tradicional ao qual ela teria acesso se pudesse passar permanecer dentro da comunidade.

EV DISC 5, EXC 78: Fernanda: *E já é muito, muito difícil mesmo. Uma, nós **dentro** da nossa aldeia, pra gente poder estudar, a gente tem que sair pra **fora**, pagar a faculdade e tudo, e quando a gente tá participando da faculdade, a maioria do tempo que a gente tá conversando com os nossos avó, com nossas mãe, participando das coisas **dentro** da aldeia, já não pode. Por isso é a dificuldade de eu **sair** de **dentro** da aldeia.*

Identificamos os desenvolvimentos metafóricos **repetição**, **constraste**, **repetição**, **contraste** e **repetição**.

No exceto seguinte, tratando da necessidade de preservação da cultura tradicional indígena Pitaguary, Fernanda emprega, caracterizando o desenvolvimento metafórico de repetição, a preposição *dentro*.

EV DISC 5, EXC 79: Fernanda: *Porque tanto na parte medicinal, também que é um desafio que a gente temos, de manter a nossa medicina tradicional, **dentro** da nossa aldeia, ou **fora**, e tudo isso tem que haver esse diálogo.*

Aqui percebemos a dissolução momentânea da oposição cultural DENTRO/FORA presente nos excertos anteriores – Fernanda parece apontar que, apesar de a distinção interior/exterior continuar sendo válida, uma relação dialógica pode ser estabelecida a fim de manter e reforçar a cultura indígena, mas especificamente a medicina tradicional, tanto dentro quanto fora da comunidade.

Prosseguindo com a investigação da trajetória dos veículos metafóricos relacionados à noção DENTRO/FORA, debruçando-nos sobre a fala da participante Neusa, identificamos dificuldades e perdas que entraram na comunidade por força externa, como a já exposta, na análise da metáfora sistemática SER PITAGUARY É PODER FALAR, como a proibição de viver a identidade indígena e a chegada indesejada de pessoas de fora da comunidade.

EV DISC 7, EXC 80: Neusa: *Então, nós já vivemos diversas histórias terríveis aqui **dentro** da aldeia. A primeira história que deixou todo mundo preocupado, logo quando a gente começou a questão da história indígena que a gente não podia expor, né. E depois que passou, teve as pesquisa, aí quando a minha vó, a minha vó sempre tinha medo que a gente ficasse se expondo que a gente era índio.*

Acima observamos o desenvolvimento metafórico de **repetição**.

Adiante, o par opositivo pureza/impureza é associado, mais uma vez, ao esquema DENTRO/FORA, explicitado de forma dinâmica pela presença de verbos que indicam movimento de exterior na direção do interior.

EV DISC 7, EXC 81: Neusa: *Como por exemplo, pessoas de **fora** que vieram morar aqui, pessoas com outros costumes que vieram morar aqui no nosso meio. Costumes que a gente não tinha. E a nossa família misturou muito, casando com pessoas de **fora**, vindo pra **dentro** da aldeia. Ai ficou... teve aquela parte que evoluiu e a carregou problemas, né.*

Pessoas e problemas, então, são vistos como objetos que vêm de fora para interferir de forma deletéria no funcionamento da comunidade.

Contraste, contraste e repetição são os desenvolvimentos que registramos.

Neusa, no contexto da discussão sobre os tipos de sofrimento ou adversidade experimentados pelos membros da comunidade, indica a saída da aldeia como agravante ou causador da dificuldade.

EV DISC 7, EXC 82: Neusa: *Tem diversas pessoas aqui que **sai** pra morar **fora**. Hoje não, ja tão melhor. Mas antes a pessoa **saía**, era um sofrimento grande. Se **sair** do seu local pra ir morar em outro canto, era triste. Triste, triste. E aí, hoje não. Hoje a gente vai esclarecendo praquelas pessoas que não têm costume de **sair**, e a gente fica sempre conversando, pra se mudar pra um canto pro outro. A maioria vão, passa uns dias e volta, porque não se acostuma.*

Observe-se que o desenvolvimento metafórico identificado acima é o de **contraste**, que perpassa os cinco VMets assinalados.

Infere-se que o lado de fora não oferece os elementos necessários para a superação da dificuldade pela qual o indivíduo passa. A conceptualização *do lado de fora*, apresentada anteriormente, como um espaço de desorganização, experiências mundanas e falta de união reforçam essa propriedade lacunar do exterior em proporcionar alegria para os membros do povo Pitaguary.

Sobre a preservação da cultura indígena, a participante destaca a estabilidade do lado de dentro se confrontada com a velezidade e a velocidade com que o mundo exterior se transforma.

EV DISC 7, EXC 83: Neusa: **Lá fora** mudou e muito. Aqui a gente ainda conserva

todas essas coisas, em família, em comunidade. A gente conserva tudo que é de bom, que a gente já pegou o ensinamento desde bebê.

O lado de fora que, historicamente é fonte de coisas nocivas, contrasta com o mundo Pitaguary, que, ao conservar as tradições indígenas familiares e comunitárias, conserva tudo o que é de “bom”, em relação ao que não é bom externo.

O desenvolvimento metafórico observado é o de **contraste**, mais uma vez.

Nos excertos que seguem, Neusa parece conceber de forma ambígua a relação com o ambiente urbano que circunda o Território Pitaguary. Por um lado, o que vem de fora, tanto por meio das pessoas ou das instituições que acessam o território com finalidades distintas, é visto como nocivo e potencialmente destruidor da cultura tradicional; por outro, é entendido como algo positivo, tal como a possibilidade de independência financeira e econômica proporcionada pela oferta de emprego por parte de empresas situadas na vizinhança do Território.

EV DISC 7, EXC 84: Neusa: *Hoje você vê que a gente, até assim nas palavras, no gesto, a gente não tem mais aqueles gesto antigos, aquelas palavras antigas. Porque a gente convive muito com outras pessoas, no meio dessa sociedade louca. Aí, a gente acaba vivenciando até as coisas dos outros. A gente acaba vivenciando o **mundo lá fora** porque é o que a gente tá mais presente, né. E o que a gente tem de antigo vai ficando pra trás.*

No excerto acima, observamos ambiguidade quanto ao referente da expressão mundo *lá fora*, a qual, segundo o nosso entendimento, pode aludir tanto à experiência dos membros da comunidade quando se encontram fora da aldeia, lidando com pessoas, empresas ou instituições, o que os força a ter contato com aspectos indesejados da cultura urbana não indígena; como à experiência no âmbito interno da comunidade, nas ocasiões cada vez mais frequentes em que hábitos e valores das pessoas de fora são importados pelos membros Pitaguary.

Apontando a conquista de emprego como mudança positiva, Neusa confirma o caráter ambíguo que a relação DENTRO-FORA parece adquirir concernentemente a alguns aspectos específicos, como a questão do trabalho.

EV DISC 7, EXC 85: Neusa: *Muitas mudanças positivas. A mudança nossa, a gente conseguir...hoje a gente consegue trabalhar **fora**, consegue ter empregos **lá fora**, que antes a gente não conseguia. Quer dizer que depois de tanto sofrimento, tanta dificuldade, hoje nós tamos vivendo misturados com os brancos.*

O último trecho em que Neusa emprega termos identificados por nós como VMets relativos à ideia de DENTRO/FORA, é sugerida uma evolução na forma como a participante concebe a entrada dos elementos de fora na aldeia. Apesar de, em outros trechos como os revelados acima, a associação entre MUNDO DE FORA e coisas negativas, ou adversidades, ser uma constante, no que segue abaixo, uma crescente abertura por parte dos Pitaguary, parece estar em curso, na visão de Neusa. Trazemos como hipótese para essa mudança valorativa no discurso de Neusa o fato de a interlocutora ser uma pesquisadora de origem suíço-brasileira e ter se apresentado aos indígenas como alguém que veio de fora estudar formas de falar das pessoas de dentro da comunidade. O direcionamento discursivo no sentido da construção de uma visão mais positiva do mundo de fora pode caracterizar, assim, um tipo de conduta empática por parte de Neusa.

Sublinhamos que o desenvolvimento metafórico que identificamos abaixo é o de **contraste**.

EV DISC 7, EXC 86: Neusa: *Antes a gente tinha aquele receio, aquele impacto de... poxa... sabe assim, sentia aquele impacto da pessoa **de fora**. Hoje não, hoje nós, graças a Deus, a gente tá começando a ficar mais na civilização (rindo). E isso é importante demais. Pra nós, assim, pra mim, é muito bom.*

Com o emprego da expressão *na civilização* indicando um lugar para onde os indígenas estão aos poucos se deslocando culturalmente, Neusa cria uma contradição com o que até então vinha defendendo em seu discurso tradicionalista. Embora fique inconclusivo, no escopo do evento discursivo do qual participa, se se trata de uma contradição inerente idiossincrática ou de uma manifestação do intuito dialógico dirigido à relação com os não indígenas observada na fala de outros membros da comunidade, no que diz respeito à economia dos demais eventos discursivos, o que predomina é a permanência da oposição DENTRO-FORA e a visão negativa referente ao que vem do exterior na direção da comunidade Pitaguary.

O caráter negativo do que vem de fora será explicitado sobretudo na fala do Pajé quando tratarmos do grupo de veículos metafóricos denominado TRAZER/LEVAR.

O participante Davi, tratando do tema das principais dificuldades enfrentadas pelo seu povo, elenca educação, trabalho e conflitos internos como desafios que têm origem direta ou indireta, no exterior.

EV DISC 11, EXC 87: Davi: *O desafio mais constante também que é a própria sobrevivência. O conseguir emprego, conseguir oportunidade, é muito difícil, né, pela*

*educação que é oferecida nas escolas, **dentro** das comunidades indígenas, em geral, não só aqui, que não te preparam pra um mercado de trabalho, não te preparam pra você competir com as outras pessoas na universidade, nas faculdades.*

EV DISC 11, EXC 88: Davi: *E outro desafio, é o desafio político, né. Não só **fora**, para conseguir os avanços com as políticas indigenistas, a demarcação, a homologação, a própria delimitação que muitos ainda não têm. Mas também **dentro**... a própria política **dentro** da própria aldeia, com as próprias lideranças, entrar numa conciliação, conseguir tirar o câncer que existe **dentro** das comunidades, que não vou dizer que é só aqui, mas toda comunidade, ela tem um problema interno.*

Configurando, na trajetória do VMet no curso dos eventos discursivos até agora analisados, os desenvolvimentos metafóricos que se observam nos excertos acima são os de **repetição, contraste repetição, repetição e repetição**.

No que concerne a questão educacional, dado que o currículo da escola indígena não é formulado apenas pelas autoridades pedagógicas indígenas, já que a instituição está ligada, organizacional e administrativamente, à rede de ensino exterior, pode-se afirmar que a problemática delineada por Davi é de natureza interna e externa, ao mesmo tempo, como o próprio participante sublinha.

O câncer, instanciação da metáfora conceptual ADVERSIDADE É DOENÇA, que, por ser pouco frequente ou inexistente na fala dos participantes não chegou a fazer parte da emergência de nenhuma metáfora sistemática aqui analisada, refere-se às desavenças de cunho político que ocorrem entre membros da liderança indígena, sobretudo o cacique e o pajé. Este define aquele como líder ilegítimo, cuja figura teria sido construída com base em interferência externa à comunidade, como afirma o Pajé, em uma de suas falas.

Ambas as questões, a educacional-trabalhista e a política, apesar de não poderem ser imputáveis apenas a agentes externos, surgem no discurso do participante, segundo nosso entendimento, como parcialmente advindas do lado de fora da aldeia, ou, ao menos, da relação com o lado de fora, o que corrobora com a conceptualização emergente do lado de fora como fonte de perdas e outras adversidades.

No evento discursivo de número 11, o participante Clarêncio fala sobre como suas práticas espirituais, que ele oferece como serviços, são procuradas por pessoas de fora da comunidade, fazendo eco à proposição já encontrada alhures de que interações não destrutivas

entre o exterior e o interior podem ocasionalmente ocorrer.

EV DISC 13, EXC 89: Clarêncio: *E outra coisa é que eu uso muito, é a espiritualidade pra ajudar os outros também. Tem muitas pessoas que procura. Pessoas que vem de **fora** pra me procurar, empresários inclusive. Tem uns clientes empresários que me procura, pra eu ajudar. Engraçado e até hoje, deu certo.*

No caso, o desenvolvimento metafórico que identificamos é o de **contraste**.

Avançando para a análise dos grupos metafóricos TRAZER/LEVAR e TIRAR/PÔR cujos VMets participaram na emergência da metáfora sistemática que estamos analisando, passaremos para o aspecto responsável pela ideia de subtração que a MetSis 3 engloba.

O primeiro VMet, surgido no primeiro evento discursivo, no qual participaram o pajé, Diomar, Carol, Fernanda e Flora, é o verbo *levar*, empregado na fala de Fernanda para se referir ao perigo que as novas tecnologias, como expediente das forças externas à aldeia, podem oferecer à comunidade Pitaguary, sobretudo à juventude. No contexto da guerra cultural, mencionada pela participante em outro excerto, e que invadiu os limites da comunidade, a tecnologia pode operar como uma bomba, uma arma explosiva, de efeito rápido e incontrolável sobre os mais jovens, levando-os embora, possivelmente não fisicamente, mas culturalmente, acepção que também está incluída no esquema imagético DENTRO/FORA, já que este serve de base tanto para a realidade material quanto para a psicológica, isto é, relativa à cultura.

EV DISC 1, EXC 90: Fernanda: *Querendo o não, dia por dia a guerra cultural ta entrando aí na nossa aldeia. Então, o celular pra nos tem um lado bom, mas pelo outro lado tem um lado muito ruim. A tecnologia tem um lado bom, mas no outro lado tem um lado muito ruim. Então aprender, em si, tem um lado bom, mais dentro da aldeia indígena é que nem fosse uma bomba. Se você não souber utilizar, qualquer momento ela explode, e **leva** 5 ou 6 jovens seus.*

Que os jovens pertençam à aldeia, como sugere o uso de um pronome possessivo, sugere-nos que a juventude seja vista como um dos vários recursos que o mundo de fora, por meio de seus agentes, pode subtrair com sua atuação dentro da aldeia.

No terceiro evento discursivo, Carol se refere à identidade como recurso que foi perdido pelos indígenas por meio da retirada forçada.

EV DISC 3, EXC 91: Carol: *Na verdade, a dificuldade, o desafio que eu encontro, tanto na comunidade, tanto na educação é a nossa identidade, por ela ter sido **retirada**.*

E hoje nós tentamos com que ela seja vista, né.

Considerando o VMet *leva*, empregado por Fernanda, retirada caracteriza o desenvolvimento metafórico chamado **relexicalização**.

O tráfico de recursos com balanço quase que exclusivamente negativo para os Pitaguary se torna evidente sobretudo na fala do Pajé, no evento discursivo de número 6, cujo discurso se caracteriza por uma carga política evidente. Por meio do uso abundante de termos que metaforicamente fazem referência ao transporte impositivo para dentro da aldeia de crenças, valores e hábitos alheios e nocivos aos indígenas Pitaguary, esse participante enquadra a relação entre o seu povo, desde a época do início da colonização, até os dias atuais, como uma interação marcada pela perda, e pela subtração do que constituiria a identidade cultural indígena Pitaguary.

A imposição de ordem cultural por parte do invasor europeu centra-se nos veículos metafóricos *trazer/pôr, tirar/levar*, os quais se sustentam no esquema imagético de recipiente, que configura, na fala dos Pitaguary, uma imagem na qual o europeu colonizador é visto como um agente externo que introduz, à força, diferentes objetos no espaço social e cultural indígena: doenças, casamento, religião, hábitos culinários, moralidade, estruturas administrativas, entre outros.

EV DISC 6, EXC 92: Pajé: *Eles não entendia nossa língua, eles classificaram a gente como pessoa sem espírito, pessoa sem pudor, ignorante, né. E passaram a criar leis pra vir **tirar** o nosso seguimento da nossa cultura, da nossa forma de se organizar. E foi muito ruim pra gente, porque quando eles viu o potencial da terra da gente, aqui no Ceará, a gente tinha muitos pé de arvore de que eles chamava pau Brasil e eles tinha um comércio pra esse pau Brasil...*

O ímpeto moralizador e mercantilista do colonizador/invasor europeu é destacado pelo Pajé como principal componente da ética que dirigia as ações externas voltadas para os indígenas desde o período colonial. A promoção de perdas na interação do agente externo com o interno fazia parte de um programa em que o estabelecimento de um tráfico de coisas vindas de fora (religião, guerra, cultura etc.) seria compensado pela retirada de coisas de posse dos indígenas (árvores, cultura, identidade).

Entre a sequência de perdas culturais que os Pitaguary sofreram ao longo dos séculos, os hábitos alimentares que os europeus tentaram impor aos indígenas são apenas mais um que o Pajé enumera:

EV DISC 6, EXC 93: Pajé: *E aí gente não comia, porque a gente adoecia também com as comidas deles. Aquelas comidas malfeitas. Pra eles gostoso, mas pra nós desgostoso, porque **trazia** doença. Então muitos e muitos parentes da gente faleceram mesmo.*

A doença, que caracterizou um potente expediente bélico de ordem biológica ao longo de todo o processo de colonização, foi trazida, segundo o participante, pelo agente externo por meio da comida. O desenvolvimento metafórico é o de **contraste**.

A seguir, o objeto de origem externa introduzido no espaço interno da comunidade foi a religião, como ficamos sabendo a partir do próximo excerto:

EV DISC 6, EXC 94: Pajé: *Então aí eles **traz** o catequismo pra catequizar a gente e foi muito doloroso pra nós. E o catequismo **tira** nossa língua, **tira** nossa cultura e proíbe nós fazer os nossos cultos, né. Então foi assim.. nós tivemos que se calar pra viver.*

Como numa guerra real, a imposição da religião, representada pelo termo catequismo, funciona ao mesmo tempo como arma que, uma vez dentro da comunidade, age de forma a subtrair, por meio da destruição, elementos tradicionais indígenas, como a língua e a cultura.

No trecho abaixo, a guerra cultural se combina à guerra biológica e à religiosa, com a introdução do catolicismo, já referido, e do ramo evangélico da religião cristã - o qual, cronologicamente, ocorreu mais recentemente, apesar do amálgama sequencial histórico feito pelo Pajé em sua fala.

EV DISC 6, EXC 95: Pajé: *Na verdade eles fizeram muitas matança, arbitrária e nunca que existia lei para vir socorro da gente. E nós fizemos grande perda, porque eles **trouxeram** doenças terríveis, a febre amarela, a malária, eles **trouxeram** a gripe e essas doenças foi muito ruim pra nós. Então essa febre amarela eliminou muito índio, muitas pessoas. Então foi um período de muita perda cultural, perda de vida e os índios foram diminuindo. E aí, pra nossa sorte esses catequismo, eles **traziam** o evangélico pra gente, **traziam** a doutrina do catolicismo, e aí, alguns padre de certa forma, começaram se padecer da gente.*

No discurso do Pajé, os objetos trazidos pelo agente externo colonizador europeu, fossem esses comida, religião ou doenças, tinham como efeito perdas em vários âmbitos: no demográfico, no cultural, no psicológico, todas elas percebidas como retirada, subtração, extração.

As quatro ocorrências do verbo *trazer* correspondem ao desenvolvimento metafórico **contraste**, com relação ao VMet *levar*, inicial no plano da trajetória da metáfora.

EV DISC 6, EXC 96: Pajé: *Além da gente ser nativo, eles **traz** outro nome e lança em cima de nós, nos chamando de índio, porque eles pensava que tava chegando na Índia e que nós era muito organizado, então eles classificaram também a gente como índio.*

Acima, a discussão que o Pajé promove, ainda sob o tema das perdas culturais relativas à invasão europeia, se baseia no aspecto linguístico pervertido concernente ao nome com que até hoje nos referimos aos habitantes originais do espaço físico geográfico denominado pelos invasores como continente americano: índios. Assim, mais um objeto intangível foi trazido e imposto de fora para o interior da comunidade Pitaguary, referida no discurso pela totalidade dos povos indígenas do Brasil, o nome, o que também é entendido como uma espécie de perda inaugural da sequência que se produziu e até hoje continua.

No excerto abaixo, em sua fala, num fluxo em que enumera mais perdas impostas a partir de fora, o Pajé opõe a cultura pré-existente à chegada dos europeus ao que eles trouxeram em suas embarcações.

EV DISC 6, EXC 97: Pajé: *Desta vez eles cria o nome do Brasil pra dizer que nós tudo somos Brasileiros e a gente não tem divisão. Todo mundo é um só, todo mundo vive na sociedade, só. E que é uma inverdade, nós índios tem a nossa própria cultura, nossa forma de habitar, nossa forma própria de vestir, mas eles insistiram **trazer** roupa, insistiram **trazer** a língua deles, insistiram **trazer** o catolicismo, nós a obrigar aprender o catolicismo até **trazer** o casamento e **trazer** o batismo do catolicismo, amostrando pra nós que se não se batizar, nós não era cristão, se nós não se casasse nós não tinha competência. E mais tarde eles **traz** também o casamento civil porque o índio tinha duas três mulher e eles não aceitava também não. Não aceitava esse tipo de concordância. E pra eles tudo isso é pecado, é visto como coisa feia.*

O uso do verbo *trazer*, em suas cinco ocorrências como veículo metafórico instanciadores do esquema imagético DENTRO/FORA, aponta para o desenvolvimento metafórico **contraste**.

O último componente da metáfora sistemática, o grupo de VMets que chamamos de PERDAS, e que se relaciona diretamente às noções de TRAZER/LEVAR e TIRAR/PÔR, é incluído a seguir na análise da metáfora em questão.

Em trecho já apresentado acima, a ideia de perda é explicitada por Flora, ao se referir à proibição, imposta aos Pitaguary, do uso da língua original, o que era condição para a garantia da sobrevivência. Essa proibição é percebida, como sugere a fala de Flora nesse e em outros trechos, como um dos massacres sofridos por seu povo e como uma grande perda imposta pelo colonizador.

EV DISC 1, EXC 98: Flora: *Na verdade, os nossos antepassados sofreram muitos massacres, né. Eles tiveram realmente que deixar de falar a língua para poder sobreviver. Então, para gente foi uma **perca** enorme.*

O VMet perda, pronunciado como *perca* pela participante, inicia a trajetória desse VMet no curso dos eventos discursivos a seguir.

EV DISC 4, EXC 99: Cecília: *O povo indígena do nordeste são aquelas etnias que mais sofreram a colonização e a gente **perdeu** muito da nossa cultura, principalmente a nossa língua. Que hoje nós não temos mais.*

A questão linguística é novamente levantada na fala de Cecília e relacionada a presença do colonizador. Mais adiante, a participante evoca a necessidade de se tentar recuperar integralmente o direito à terra e à vivência da cultura, os quais foram perdidos, segundo ela.

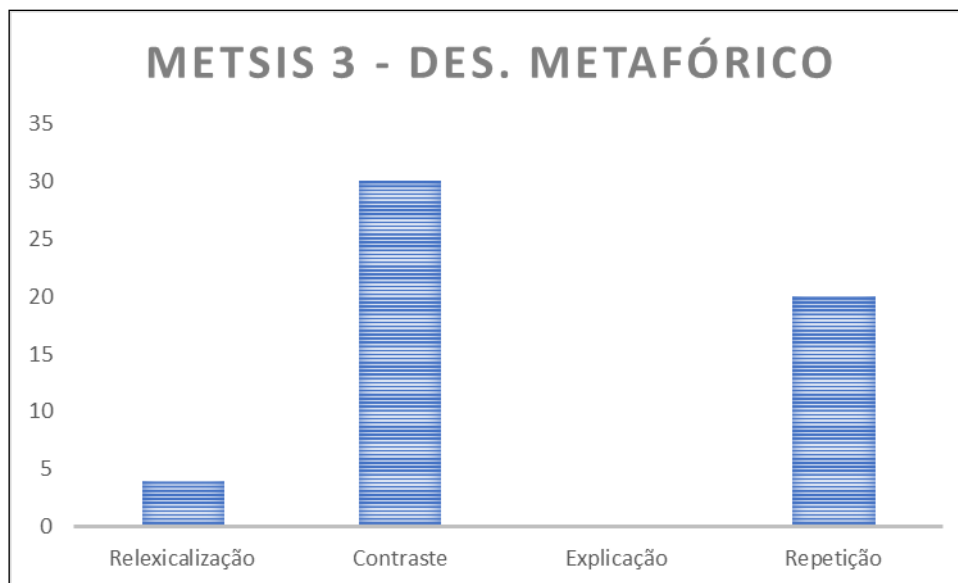
EV DISC 4, EXC 100: Cecília: *E dai eu fico olhando pra minha filha Tatiana, que tem 9 anos, e fico imaginando o que ela vai enfrentar, pra continuidade à essa luta. Pra ver como a gente vai ter esses direitos. Direito à terra, à liberdade de viver a nossa cultura e de forma que vamos tentar a reparar de tudo isso que foi **perdido**.*

Nos últimos dois excertos, *perdeu* e *perdido* indicam a presença do desenvolvimento metafórico **repetição**.

A seguir, Fernanda, discorrendo sobre as principais dificuldades enfrentadas pelos membros da comunidade Pitaguary, fala sobre o caso de uma pedreira, indústria que destrói, por meio de explosões, trechos da serra a fim de explorar o material rochoso que a constitui, tem invadido o Território Pitaguary, iniciando incêndios de forma premeditada, segundo a participante.

EV DISC 5, EXC 101: Fernanda: *Dia por dia, índio morre, dia por dia nos vamos **perdendo** o direito da nossa terra. A prova é a pedreira aqui, onde foram tocar o fogo aqui. Então, nós brigamos muito. E isso é trabalho nosso, né.*

Gráfico 6 – Ocorrências dos desenvolvimentos metafóricos na trajetória da MetSis



Fonte: elaboração do autor.

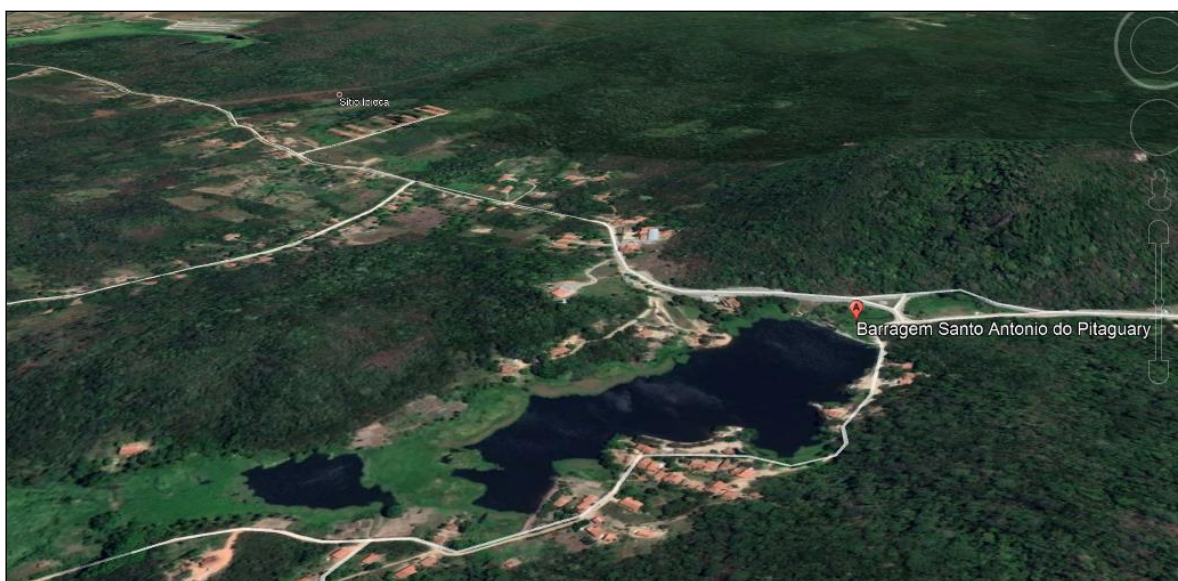
4.4 Metáfora sistemática 4: SEGUIR NO CAMINHO DA LUTA EXIGE UMA NOVA VISÃO

Tabela 7 – Estatísticas básicas MetSis 4

EV. DISC.	PARTICIPANTES	G-VMets	Nº de VMETs
01, 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08	Diomar, Fernanda, Carol, Cecília, Natália, Pajé, Flora, Davi, William, Clarêncio, Celso	LUTA; VER.	172

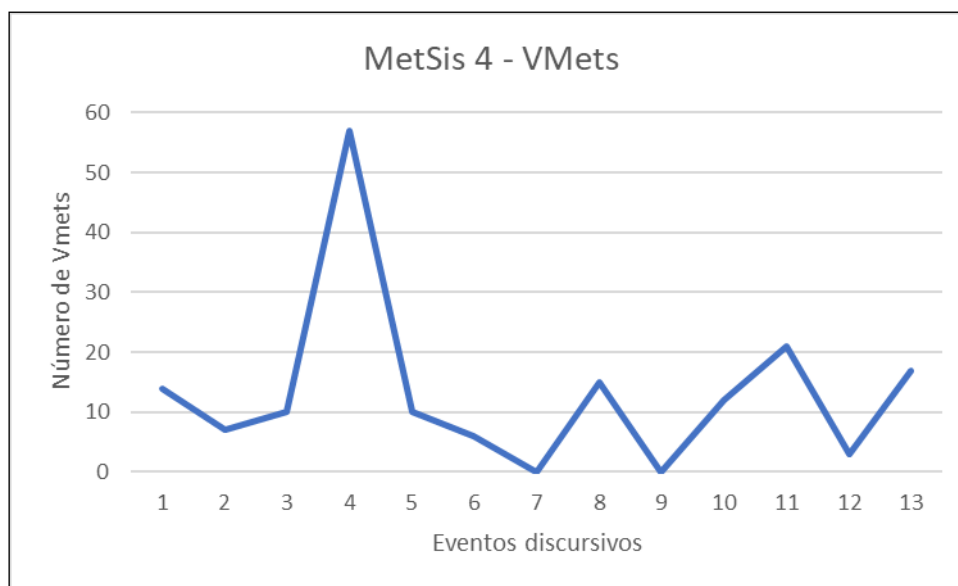
Fonte: elaborado pelo autor.

Figura 10 – Visão de satélite do Açude Santo Antônio do Pitaguary



Fonte: Google Earth (2020).

Gráfico 7 – Número de VMets por evento discursivo



Fonte: adaptado de Carneiro (2014, p. 155).

A metáfora sistemática **SEGUIR NO CAMINHO DA LUTA EXIGE UMA NOVA VISÃO** emerge a partir dos esquemas imagéticos **JORNADA** e das metáforas conceptuais **VIDA É LUTA** e **COMPREENDER É VER**, que identificaremos ao longo da apresentação dos veículos

metafóricos em suas trajetórias ao longo dos eventos discursivos.

No discurso dos indígenas Pitaguary, há três metáforas que se constituem como axiais na estruturação do entendimento que eles têm do mundo: uma é a metáfora A COMUNIDADE PITAGUARY É UM MUNDO, fundamentada nos esquemas de recipiente e dentro/fora explorados na ocasião da análise da MetSis O MUNDO DE FORA TROUXE PERDAS PARA DENTRO DO MUNDO PITAGUARY; outra é A VIDA É UMA JORNADA, encontrada transculturalmente em todos os idiomas estudados sob a perspectiva da linguística cognitiva; e, finalmente, a metáfora VIDA É LUTA, a qual surge com inegável centralidade cognitiva por meio de veículos metafóricos tais como *batalha, luta, guerreiros, arma, vencermos, vencedor*, entre inúmeros outros. Ao todo, são 125 ocorrências de VMets relacionados à *luta/guerra*, ao longo de 13 dos 14 eventos discursivos.

A luta, na fala Pitaguary, se faz presente em todos os âmbitos experienciais dos membros da comunidade: vida familiar, interrelações comunitárias, questões legais jurídicas concernentes à posse da terra e aos direitos indígenas, problemas políticos internos e externos, mundo psíquico. A importância da projeção das coerências lógicas do domínio da luta para tantos outros domínios da vida pode seguir por duas vias explicativas: a primeira diz respeito à história recente e longínqua do povo Pitaguary e dos grupos dos quais eles descendem, os Potiguara, ou Pitiguara. Ocorre que a guerra ou luta, entre esses povos, mais do que um domínio que se constitui cognitivamente na linguagem por meio da consulta a livros históricos ou narrativas fílmicas - como acontece entre grande parte das pessoas nas grandes cidades do mundo das últimas décadas -, trata-se de um conjunto de memórias, relatos e narrativas oriundos de experiências reais, eventos biográficos cuja lembrança ainda está viva em alguns dos membros da comunidade. A metáfora VIDA É GUERRA, dessa forma, cujo domínio fonte já teve sua hipotética experiencialidade obrigatória questionada, acertadamente, por vários estudiosos, assume, na mentalidade dos indígenas Pitaguary, uma natureza mais tangível, pragmática, corporificada. O enfrentamento físico com grupos identificados como inimigos continua a ser real, inclusive, como ficamos sabendo em relato já apresentado acima, que tratava do incêndio causado por empresas nas terras Pitaguary.

Um outro aspecto que pode explicar a prevalência da metáfora VIDA É LUTA nas falas dos participantes da pesquisa é a importância do domínio da luta na cultura indígena. O papel da luta na própria dança do Toré pode servir de índice para esse fenômeno. A ênfase na força como

subsídio fundamental para a atuação do indígena Pitaguary na sua vida como um todo, reforça esse aspecto de vigor e potência exigidos tanto pela vida numa comunidade constantemente atacada pelo mundo exterior, como pelas lutas do dia a dia, a real, corporificada, exemplificada pelos ataques de posseiros, invasores e empresas, e a metafórica, emersa nos VMets que se referem às adversidades enfrentadas quotidianamente.

A metáfora COMPREENDER É VER corresponde a um aspecto que se articula com as metáforas A VIDA É LUTA e A VIDA É UMA JORNADA. Estas últimas compõem um espaço de mesclagem conceptual no qual o indígena Pitaguary é um viajante-lutador, as barreiras enfrentadas são golpes dos inimigos ou os próprios inimigos; as ações necessárias para a superação das barreiras são movimentos que exigem força, como derrubar, quebrar ou pular, o que resulta na vitória e no acúmulo de novos conhecimento e experiência, que poderão ser usados mais *à frente*, diante de outras barreiras ou batalhas.

O último elemento dessa narrativa emergente, o acúmulo de novos conhecimento e experiência, isto é, a conquista, elaboração ou aquisição de uma nova visão é o que analisaremos a seguir com base nas falas dos participantes.

O esquema imagético JORNADA, que serve como plataforma tanto para a forma como os Pitaguary veem VIDA e LUTA, engloba elementos como movimento, força e barreira, os de direção, *para frente, para trás, para cima, para baixo*. No contexto do esquema, o viajante, a fim de se orientar em seu percurso, em geral olha para a frente, onde, como prevê a lógica esquemática, se encontra o destino. A visão, então, surge nesse contexto como capacidade imprescindível a uma orientação efetiva ao longo do caminho. Estar cego ou ser míope enquanto se segue no caminho corresponderia a não possuir, momentânea ou permanentemente, as capacidades ou qualificações exigidas pelo plano de ação calculado para se atingir objetivos biográficos. Assim, cambalear, paralisar ou cair seriam efeitos da cessação do sentido da visão em meio a uma jornada, seja ela a vida ou a luta.

Com a superação de uma barreira, no caso da jornada, ou a vitória sobre um inimigo numa batalha, em geral, advém, por meio da experiência, o aprendizado, que se consolida através da confirmação da eficiência de técnicas já conhecidas, mesmo que teoricamente, ou de novas técnicas. No discurso dos Pitaguary, depois da superação de adversidades, a pessoa nunca é a mesma, pois, por vencer uma batalha ou superar uma barreira, uma nova visão foi alcançada, um novo modo de entender aspectos específicos da realidade foi obtido. Essa nova visão passa então

a ser, ao mesmo tempo, consequência natural da superação de uma dificuldade, e recurso indispensável para a superação das outras adversidades que virão; a nova visão é o que permitirá a continuidade do percurso do viajante no caminho, seja o da luta ou o da vida.

Passemos às palavras dos Pitaguary.

No primeiro evento discursivo, o Pajé inicia a trajetória do VMet com o emprego do termo *luta* para se referir à sequência de ações conduzidas de forma intensa e engajada que ocasionaram a instalação do posto de saúde nos limites da comunidade.

EV DISC 1, EXC 102: Pajé: *O posto de saúde, foi pela nossa **luta** que nós conseguimos, pela Funasa, na época, depois passou pela Sesai, e hoje é a secretaria da Funasa que atende a saúde indígena. E daí temos 3 unidades aqui dentro do Pitaguary, uma lá no St. Antônio, outro lá no Olho d'Água e a unidade daqui da Monguba.*

A seguir, Flora, por meio de um sinônimo, retoma a ideia de *luta* em sua fala sobre o esforço para fomentar o estudo e o ensino da língua original indígena, numa tentativa do que ela conceptualiza como resgate. O desenvolvimento metafórico é o de **relexicalização**.

EV DISC 1, EXC 103: Flora: *Eles tiveram realmente que deixar de falar a língua para poder sobreviver. Então, para gente foi uma perda enorme. E hoje a gente tá tentando ver se consegue resgatar, essa língua. E aí a gente tamos aí nessa **peleja**.*

A seguir, Diomar ainda relatando emoções e pensamentos experimentados depois da morte do cacique, emprega os termos *batalhar*, *lutando* e *batalha* em sua fala:

EV DISC 1, EXC 104: Diomar: *Na hora do enterro, eu queria era desistir mesmo, entregar o meu cocar. O meu cocar, os meus vestimentos todos, é o meu corpo de indígena, movimento indígena, mesmo, de **batalhar** pelo movimento. A gente vê aí a nossa liderança **lutando** aí, pelo que é bom pra gente. Eu ia enterrar o meu cocar junto com o cacique. Foi uma perda que a gente não esperava. Até agora a gente ainda tá com aquele choque. Pra nos ta sendo uma **batalha** forte demais.*

Questionada sobre a opinião dela sobre aqueles dentre os membros da comunidade que não se preocupam com as tradições, Diomar se refere a uma das batalhas reais que chamamos de corporificadas em oposição às metafóricas: os enfrentamentos entre manifestantes e forças policiais, comuns em ocasiões nas quais protestantes atacam ou são atacados em grandes manifestações nas ruas das grandes cidades. O que nos permitiu a inferência é o uso metonímico

da expressão *levar bala de borracha* pela participante. Armas que disparam balas de borracha são de uso comum por parte das autoridades policiais na determinação alegada de dispersão e desencorajamento dos cidadãos manifestantes. *Levar bala de borracha*, como componente do domínio MANIFESTAÇÃO, foi empregado, assim, para se referir à luta que a manifestação, por sua vez, integra como atividade prevista pela LUTA maior, identificada, metaforicamente, com a VIDA, pelos Pitaguary.

Vejamos o excerto:

EV DISC 1, EXC 105: Diomar: *Tem uns que cultivam a tradição mesmo. Mas dentro da juventude tem poucos que querem subir junto com as lideranças. **Querem levar bala de borracha**, é poucos.*

Observamos o desenvolvimento metafórico **explicação** na trajetória do VMet acima, na medida em que, em relação ao termo *luta*, o termo *bala* constitui expansão ou exemplificação.

Diomar, ainda no contexto da morte do cacique, segue empregando termos relacionados ao grupo metafóricos LUTA:

EV DISC 1, EXC 106: Diomar: *A gente tava fazendo o ritual nosso de despedida. Nós se sentimos num sistema muito abalado. Foi uma fatalidade o que aconteceu, mas não é por causa de uma fatalidade que a gente deve desistir de uma **luta** que a gente vem **batalhando** há muito tempo.*

A tragédia da morte do cacique é conceptualizada como um *abalo no sistema*, mas que não deve resultar na desistência da luta empreendida continuamente pelos Pitaguary. Temos acima casos de **repetição e relexicalização**.

A seguir, é na fala de Fernanda que observamos a retomada do VMet *luta*. A participante discute o desafio de se manter, entre os jovens, a memória das adversidades enfrentadas pelos antepassados.

EV DISC 1, EXC 107: Fernanda: *Mas a **luta** continua muito pesada. Não é qualquer um que aguenta. Então a missão não é de uma hora pra outra que a gente consegue. Sendo Pitaguary, o índio de hoje, é você ter uma noção saber o que seus antepassados passou.*

EV DISC 1, EXC 108: Fernanda: *Então, pra nós, manter essa visão de aldeia é a gente ver o que nos conseguimos até hoje. O cacique me deu força pra nós conseguir passar nessa **batalha**. A **luta** dele era muito difícil, nós que dava a força a ele.*

Constatamos, em concordância com o que vimos acima na análise de outra MetSis, que a vitória em uma batalha, isto é, a superação de uma adversidade, exige o como condição prévia, o compartilhamento de *força*. Aqui, a luta do cacique, que incluía a lide com a depressão e com conflitos políticos internos à aldeia, é qualificada como muito difícil em comparação com a que a participante vivia. Vemos no excerto casos de **relexicalização** e **repetição**, respectivamente, no que diz respeito aos VMets identificados.

A guerra cultural, elemento vindo de fora, como vimos alhures em nosso trabalho, surge na fala de Fernanda, evidenciando mais um âmbito experiencial em que o domínio da LUTA se projeta, no entendimento dos indígenas Pitaguary: o das relações culturais.

EV DISC 1, EXC 109: Fernanda: *Deus sabia que nós tinha que ser preparado dessa forma. Querendo o não, dia por dia a **guerra cultural** tá entrando aí na nossa aldeia.*

Registra-se mais um caso de **relexicalização**.

No evento discursivo de número dois, a consistência do caráter pervasivo que apontamos para o esquema imagético LUTA na fala dos Pitaguary se atualiza com o emprego dos termos *lutando*, *vencer* e *lutar* por Natália. Os temas abordados pela participante são o conflito entre a vida fora e dentro da aldeia e as estratégias de superação de adversidades. Os desenvolvimentos metafóricos são os de **repetição**, **explicação** e **repetição**.

EV DISC 2, EXC 110: Natália: *Tem gente que fala, Natália, sai daí, tenha uma vida mais sossegada. Mas eu tenho que ficar aqui com o meu povo. E um dia, se eu vou morrer **lutando**, eu vou morrer feliz. Do que eu ter fugido ou do que eu tá em casa assistindo a TV.*

Em outro momento do encontro, discorrendo sobre a proeminência da energia obtida com os rituais mágicos indígenas entre as estratégias para superação de adversidades, a participante alude à dimensão positiva da luta, a vitória:

EV DISC 2, EXC 111: Natália: *E tanto que os nossos rituais, a gente não pode gravar, não pode bater foto e nada. A gente tem o contato com eles e mais nada. E a gente só vive aquele momento. E fica guardado na mente, pro resto da nossa vida, aquele momento mágico que a gente vive. É muito forte pra gente. E isso nos deixa mais forte pra **vencer** no dia a dia. E as coisas que acontecem a gente sabe que vai acontecer. Então a gente já vai se preparando pra tudo.*

A seguir, Natália retoma o termo lutar:

EV DISC 2, EXC 112: Natália: *Então são histórias verídicas que a gente passa e que deixa a gente mais forte com a natureza. De cuidar, de **lutar** por elas. Porque eu posso falar, mas a natureza, é muito mais difícil ela falar.*

A conservação das narrativas míticas e das tradições culturais Pitaguary é a preocupação de Natália no excerto acima. Manter a tradição constitui mais um aspecto da luta, em seu entendimento.

No evento discursivo de número 3, Flora, referindo-se à sua mãe enquanto mulher que sabia como vencer dificuldades, expressa-se como segue:

EV DISC 3, EXC 113: Flora: *A minha mãe é uma benção na minha vida. A minha mãe é uma **guerreira**.*

Observemos o desenvolvimento metafórico chamado **explicação**.

Carol, a seguir, refere-se à pessoa que passou por uma experiência negativa superando-a, como uma pessoa vitoriosa, um ser vitorioso.

EV DISC 3, EXC 114: Entrevistadora: *Logo depois que eu passo por uma experiência ruim, eu me sinto que nem...*

Carol: *...passar por uma experiência ruim é ser **vitorioso**.*

Entrevistadora: *Mesmo logo depois da experiência?*

Carol: *É. Logo, logo, porque daí consegue passar por aquela experiência ruim, você já é uma pessoa **vitoriosa**, porque você conseguiu passar e sabe que vai melhorar.*

Acima, temos mais um caso de **explicação**.

O encontro com Cecília revelou uma elevada ocorrência dos VMets ligados à ideia de luta. Cecília faz parte do grupo de líderes da comunidade Pitaguary, e além de atuar em prol das pautas tradicionais associadas ao movimento indígena, exerce papel importante nas reivindicações pela igualdade de direitos entre homens e mulheres no seio da comunidade indígena.

EV DISC 4, EXC 115: Cecília: *O povo indígena do nordeste são aquelas etnias que mais sofreram a colonização e a gente perdeu muito da nossa cultura, principalmente a nossa língua. Que hoje nós não temos mais. Eu tenho 46 anos, tenho 19 anos que tou nessa **luta**.*

A luta, aqui, é percebida como um recipiente ou região delimitada do contínuo espacial, na qual ela se encontra. Lembrando que a participante integra o grupo de indígenas que passou a fazer parte tardiamente do corpo de membros da comunidade, estar na luta pode corresponder, no

enquadramento criado pela própria falante ao longo do evento discursivo, a estar na aldeia e estar na nova vida que ela representa.

O desenvolvimento metafórico que se registra é o de **repetição**.

EV DISC 4, EXC 116: Cecília: *E daí eu fico olhando pra minha filha Tatiana, que tem 9 anos, e fico imaginando o que ela vai enfrentar, pra continuidade a essa **luta**. Pra ver como a gente vai ter esses direitos. Direito à terra, à liberdade de viver a nossa cultura e de forma que vamos tentar a reparar de tudo isso que foi perdido. Porque a cada dia se torna mais difícil isso. E quando a gente **ganha uma batalha**, as vezes a gente perde 10.*

O resgate do que foi perdido passar pela conquista de novas vitórias na luta: o direito à terra, o direito a viver a identidade cultural indígena são as batalhas que serão legadas às gerações vindouras Pitaguary, indicando que a luta na qual todos existencialmente se engajam, não é algo passageiro, mas se confunde com a própria jornada da vida.

Os VMets luta e batalha indicam os desenvolvimentos metafóricos **repetição** e **relexicalização**.

Ainda comentando os desafios que a preservação da cultura tradicional apresenta, Cecília fala do papel das lideranças indígenas na comunidade:

EV DISC 4, EXC 117: Cecília: *E nós lideranças que somos **guerreiros**, nem gosto desse nome de liderança porque essa expressão não é nossa, é do nome não-índio que coloca assim. Somos **guerreiras**, então somos lideranças, lideram o povo, **luta** e defende esse povo.*

Observamos dois casos de explicação e um de **repetição**.

No excerto abaixo, chamamos a atenção para a ligação que a participante estabelece entre a execução da luta e a necessidade de consultar o passado como ponto de referência, aspecto que será investigado com maior profundidade mais adiante em nossa análise. Outro aspecto, já abordado por nós, é a união e a força, os quais fundamentam as principais técnicas utilizadas pelos Pitaguary para superação de adversidades.

EV DISC 4, EXC 118: Cecília: *E o mais importante é que nós não desistimos de **lutar**. Nós continuamos vendo, olhando o passado e entendendo que não é da mesma forma, lógico, mas a gente continua vivendo aquelas situações do passado, não da mesma forma, mas continua. Mas a gente resiste **lutando**, pedindo força, a gente continua se*

unindo, as etnias umas com as outras, no sentido de se fortalecer.

A questão do preconceito contra a mulher no contexto da comunidade Pitaguary é abordada a seguir por Cecília. A desconstrução da imagem da mulher enquanto mera coadjuvante nas lutas travadas pelos Pitaguary é intensamente defendida pela participante.

EV DISC 4, EXC 119: Cecília: *E essa **luta** se torna mais difícil e mais pesada ainda, quando ela tem que ser travada por uma mulher, ou pelas mulheres. A gente tem observado, que elas têm se fortalecido cada vez mais, têm se unido cada vez mais e têm tentado ocupar mais esses espaços e também tem tentado dar visibilidade, porque existe o preconceito contra as mulheres dentro da cultura indígena. E a gente tem tentado dar visibilidade à nossa participação na **luta**.*

Repetição e repetição são os desenvolvimentos metafóricos identificados acima.

Aprofundando-se no tema da participação das mulheres na luta, Cecília, especificando os âmbitos adicionais em que a luta feminina ocorre, enfatiza que, da perspectiva da mulher, a luta é travada em diversas frentes, algumas delas atribuídas por razões culturais relacionadas ao gênero, apenas às mulheres, o que torna o reconhecimento da “garra”, isto é, da perseverança, força e determinação, por parte dos homens, um imperativo.

O desenvolvimento metafórico que identificamos é o de **repetição**.

EV DISC 4, EXC 120: Cecília: *Porque quando o homem sai pra qualquer atividade, de qualquer forma é a mulher que fica na aldeia. E ela que fica e cuida das crianças, que cuida da aldeia que cuida da roça, que faz a comida. Então isso é participar, isso é contribuir também. Isso não era visto. E hoje os homem já conseguem enxergar. E a mulher ela tem o potencial, e ela é parceira nessa **luta**.*

A dupla jornada da mulher na luta, revelada por Cecília, acaba por ser prova, na fala da participante, de um aparato de habilidades mais completo e efetivo do que o do homem, o qual dispõe apenas da força como recurso a ser empregado nas batalhas. A mulher, por sua vez, tem na paciência uma arma mais eficiente e poderosa, que a situa como superior ao homem na condição de guerreira.

EV DISC 4, EXC 121: Cecília: *Elas conseguem enfrentar, atravessar uma **luta** bem mais.. assim, sem medo de ficar ali, de permanecer e de resistir. Eu acho que até mais que o próprio homem. Porque a mulher, ela é muito mais paciente. Não porque eu sou mulher, mas porque eu observo que nós somos os pacientes. O homem tem a força, a*

*mulher, ela tem a paciência, que é uma **arma** muito poderosa pra essa **luta**.*

Os VMets seguem em sua trajetória, desenvolvendo-se acima sob a forma de **repetição**, **relexicalização** e **repetição**.

No excerto a seguir, Cecília aborda a questão identitária, discutida na primeira MetSis analisada, ao falar da importância do esforço individual de sua mãe na conquista do reconhecimento da comunidade como povo indígena.

EV DISC 4, EXC 122: Cecília: *Essa aldeia, é uma aldeia matriarcal. As casas são identificadas com os nomes das mulheres. Existia uma mulher aqui que foi muito sofrida e que **lutou** muito. Antes de saber que um dia esse povo seria reconhecido como índios, saber que nós éramos índios Pitaguary, a gente sempre soube, só que naquele tempo melhor que ninguém soubesse e que não se falasse nisso.*

EV DISC 4, EXC 123: Cecília: *Mas aquele tempo, mesmo sem saber que um dia viria um reconhecimento, tinha uma pessoa que **lutava** pelo povo. Que cuidava dos doentes, que fazia remédio, que tentava ajudar...*

EV DISC 4, EXC 124: Cecília: *Mas ela era uma pessoa que tinha um trabalho muito bonito, muito bom aqui dentro da comunidade. Inclusive foi uma pessoa que **lutou** muito pra que esse povo fosse reconhecido como índios Pitaguary, porque ela também entendeu que era o momento que a gente saísse das cavernas, de baixo das folhas e dos pau e aparecesse.*

Os termos lutou, lutava e lutou, identificados como veículos metafóricos em nossa análise, constituem casos, na trajetória metafórica em questão, do desenvolvimento chamado **repetição**.

A identidade indígena, objeto da luta levada a cabo pela mãe de Cecília, é associada no último excerto apresentado a um comportamento típico de animais selvagens que, ariscamente, fogem e se protegem de possíveis predadores. A conceptualização dos indígenas enquanto bichos da mata será objeto de análises vindouras no presente trabalho. Destacamos aqui a multiplicidade de itens componentes da pauta de lutas dos indígenas Pitaguary: identidade, igualdade de gênero, direito à terra, preservação da cultura tradicional, entre outras.

No curso de sua fala, Cecília continua destacando o papel de sua mãe na promoção da consciência da importância da assunção da identidade indígena por parte dos membros da comunidade. Enfatiza, ainda, essa identidade, resultado da luta pessoal e comunitária de sua mãe,

como compromisso a ser mantido, cultivado e defendido.

EV DISC 4, EXC 125: Cecília: *Então esse trabalho de conscientização que ela fez com a gente foi muito importante que a gente se fortalecesse enquanto Pitaguary e que a gente aprendesse à nos valorizar e aceitar quem a gente era, aceitar o que nós éramos e lutar. “A partir de hoje eu assumo que sou Pitaguary e vou lutar pelo meu povo, pela terra Pitaguary, pela cultura Pitaguary”. Então era isso o que ela queria dizer, que a gente precisava se aceitar, a gente precisava assumir o que nós éramos e lutar. E foi o que ela conseguiu.*

O desenvolvimento metafórico registrado é o de **repetição**.

Quando passou a morar dentro da aldeia, episódio já referido em excerto apresentado na análise de outra MetSis, Cecília impôs a si compromisso da luta, que passou a se confundir com a sua existência no seio da comunidade.

EV DISC 4, EXC 126: Cecília: *Porque eu trabalhava, eu era uma microempresaria em Fortaleza, vivia bem, tinha minha casa, vim embora, acabei com tudo, fiquei aqui. Fui viver só pra esta luta.*

EV DISC 4, EXC 127: Cecília: *Agindo pela terra, pelas famílias, então isso mudou a minha vida, porque eu praticamente abandonei a minha família pela luta.*

EV DISC 4, EXC 128: Cecília: *Era dormir no chão, era passando fome, era um sofrimento, mas na luta, pra poder a gente se preparar. Então eu fui abandonando o mundo lá fora. Eu gostava muito de festa, namorava demais, passeava demais. Eu disse: “não, agora a minha vida é aqui, dentro da aldeia”. Ai a minha vida agora é lutar pelo meu povo. Então eu vou lutar pelo meu povo, e aqui eu fui ficando. E até hoje eu tou aqui nessa luta. Então os meus valores mudaram muito.*

À mudança física geográfica se conjugou uma mudança de valores e de perspectiva, como concluímos na análise da MetSis relacionada ao esquema DENTRO/FORA. A convergência entre vida e luta reaparece na fala de Cecília, comprovando a consistência da metáfora VIDA É LUTA na cosmovisão Pitaguary.

As cinco aparições de termos variantes de luta constituem o desenvolvimento metafórico **repetição**.

EV DISC 4, EXC 129: Cecília: *Entrei nessa luta com tanta garra, com tanta garra que eu não tinha sossego, não. Eu passava dia e noite na luta. Às vezes, quando eu tava*

*aqui na aldeia, eu não tinha sossego, não. Às vezes de noite, eu me levantava, pra ir numa casa que tinha uma pessoa doente, era uma mulher... Aqui tinha violência doméstica, não tem mais. A gente acabou com aquele negócio de violência doméstica. Sabe, uma **luta** tão grande, tão grande que chegou um tempo que o pessoal queria me matar. Gente, tu não sabe o que eu ja sofri nessa **luta**. E coisa demais, viu.*

EV DISC 4, EXC 130: Cecília: *Eu tenho uma filha, que é a Valéria, ela passou muito tempo longe de mim. E quando que eu comecei na **luta**, eu também entendi que os filhos, eles têm que ficar perto dos pais.*

O desenvolvimento metafórico observado é o de **repetição**.

Percebemos que a luta é entendida, a um só tempo, como espaço e processo: espaço por exigir uma gama de comportamentos adequados para continuidade da permanência nela; e processo em sua acepção dinâmica de algo que se desenrola continua e permanentemente, se entremeando em todos os âmbitos da existência da participante.

No excerto abaixo, Cecília responde a uma questão sobre como ela vê, dentro da comunidade, pessoas que estão sofrendo. Como tem feito ao longo de todo o evento discursivo, a luta está na essência do que a participante entende como peculiar a todo indígena Pitaguary.

EV DISC 4, EXC 131: Cecília: *Olha, eu costumo a dizer muito, como eu disse pra Cassilda, né, e pra Márcia, que são duas mulheres **guerreiras** que tem a história do Pitaguary também, escrita na trajetória de vida delas, porque desde o início dessa **luta**, elas têm travado junto com a gente, essa **batalha**.*

Desenvolvimentos metafóricos identificados: **explicação, repetição e relexicalização**.

Toda luta ou guerra passa por fases menos ativas, por interlúdios, nos quais os beligerantes se refugiam em esconderijos ou regiões isoladas a fim de se recuperarem de ataques e se prepararem para outras batalhas. É essa narrativa que Cecília desenvolve no excerto abaixo, introduzindo a acepção animal de luta, ao se referir ao ato não humano de lambar as feridas como índice de renovação e preparação para a guerra.

EV DISC 4, EXC 132: Cecília: *Agora mesmo a gente teve uma pessoa que ficou numa situação de não ter condições de agir, então a gente sempre diz assim, que há momentos que a gente precisa recuar, e lambar as feridas, e esperar um outro momento que tivesse mais, se sentindo mais forte pra voltar a **luta**. Porque todo **guerreiro** é assim, ela também precisa de vez em quando se refugiar.*

Desenvolvimentos metafóricos: **repetição e explicação.**

As estratégias bélicas ou de superação de adversidades em geral aprendidas pela observação do comportamento de animais e plantas e pelo funcionamento de elementos da natureza será objeto de análise aprofundada em momento posterior.

A luta, na fala dos indígenas Pitaguary, também passa por processo de personificação. O imperativo moral e existencial, associado ao compromisso assumido ao entrar na aldeia, é metonimicamente associado à luta, configurando a metáfora A LUTA É UMA PESSOA. Essa pessoa é forte, intensa e capaz de fomentar entusiasmo e produzir até mesmo a cura de doenças mentais, como a depressão.

É o que nos faz saber Cecília, em trecho do evento discursivo em que responde à entrevistadora suas estratégias de como *dar a volta por cima*.

EV DISC 4, EXC 133: Cecília: *...por exemplo, num quadro de depressão, inclusive até tomando medicação pra depressão, porque eu não conseguia sair, sendo acompanhada por psicóloga e tudo pra poder sair da depressão. Mas o que me levantou da depressão de verdade foi a própria **luta**. A necessidade de que começou um processo dentro da **luta** indígena, que necessitava que a gente fosse, e aí eu tinha que ir.*

Desenvolvimento metafórico: **repetição.**

O aspecto ativo e dinâmico da luta ora surge como acontecimento ou evento pontual, tal como um fenômeno da natureza, ora, como vimos acima e veremos em outros excertos abaixo, como agente antropomorfizado.

Narrando um evento em que precisou, na qualidade de representante das mulheres indígenas de sua comunidade, se deslocar até Brasília para participar de um congresso, Cecília mostra como a luta, personificada, agiu em prol dos indígenas, insuflando coragem e ânimo, ao que parece corresponder a metáfora instanciada pelo uso do verbo levantar. Os esquemas imagéticos envolvidos são o de EQUILÍBRIO e o de FORÇA. Na narrativa emergente de Cecília, a luta desempenha papel de garantidora do cumprimento do compromisso da indígena com a própria luta.

EV DISC 4, EXC 134: Cecília: *Eu faço parte de um projeto da ONU mulher e naquele momento a ONU precisava da gente, era conferência das mulheres, era um monte de agenda do movimento. E o pessoal da ONU mandando as mensagens, e a Flora*

*levando as mensagens pra mim, "tem que ir", então eu tive que ir. Então eu me levantei e fui, cheguei em Brasília. Eu não levei o meu remédio, entrei em pânico à noite, no hotel, porque eu queria sair correndo pra vir embora e chorava o tempo todo. Mas aí é assim, a própria **luta**, ela faz a gente se levantar, nem que não queira. A gente fica lá naquela situação, mas na hora que chega realmente o momento de **lutar**, a gente se levanta, não tem como ficar não.*

O caráter irresistível da ação da luta no ânimo dos indígenas é reforçado:

EV DISC 4, EXC 135: Cecília: *Não é uma coisa que você mesmo decidiu que vai não, não é porque a **luta** realmente leva de um jeito ou do outro tu tem que ir. E aí você vai e levanta. E aí você entra numa **luta** que quando você olha, você já não tem tempo mais pra depressão, você não tem tempo pra chorar, você não tem tempo pra lastimar, não. A **luta** mesmo, do povo indígena é essa **luta** que ela não te dá tempo pra muita coisa não. Ou tu cai pra não se levantar nunca mais, porque se tu cair e se tu ainda tiver força pra se levantar, tu vai se levantar nem, se levantar mais, porque ela te leva. De um jeito ou de outro tu tem que ir. Então é mais ou menos assim.*

Nos últimos dois excertos, o desenvolvimento metafórico pelo qual os VMets passam em sua trajetória é o de **repetição**.

A palavra que nos vem à mente, a partir da rede de significações criada pela participante, é entusiasmo. Este termo tem em sua formação a raiz teos, deus, o que resulta etimologicamente, em que uma pessoa entusiasmada é uma pessoa que tem um deus dentro de si mesma, no sentido greco-romano. A luta parece agir como um deus clássico, como uma potência espiritual que levanta e conduz o indígena na jornada/luta em que existem.

As exigências da luta, seja como processo ou como entidade, parecem se opor, ocasionalmente, aos desejos e desígnios pessoais dos membros da comunidade Pitaguary. Essa oposição, no entanto, se dilui quando os objetivos da comunidade são erigidos como ponto de perspectiva, o que reconfigura o espaço em que se distribuem as prioridades dos indígenas, sobretudo os das lideranças, como Cecília. A luta, assim, recupera sua primazia, com base num julgamento de valor que associa participação na luta com um tipo de adequação moral ao que é exigido pela cultura indígena.

EV DISC 4, EXC 136: Cecília: *Quantas vezes eu já disse assim: "Gente, eu vou cuidar da minha vida. Chega, eu tenho que ver a minha vida, eu tenho que sair com as minhas*

filhas, eu tenho que ficar com o meu marido, eu tenho que cuidar da minha casa”?
*Quantas vezes eu já disse isso? Planejo o ano que vem vai ser tal jeito e eu não vou tá dentro da **luta**, eu vou tirar este ano pra cuidar de mim. E besteira, você não cuida, não tem como. Porque de certa forma você se sente covarde, você sente aumissa, você se sente, sabe, tudo de ruim. Aí, é pior, é melhor você ir. E aí a gente vai, não tem como.*

Desenvolvimento metafórico: **repetição**.

Nesse contexto, a relação com as outras pessoas é entendida como mais um tipo de arma, tal como é o caso da paciência, mais especificamente no que concerne à mulher. É essa conceptualização que a participante deixa entender por meio de sua fala:

EV DISC 4, EXC 137: Cecília: ... *Essa relação com outras pessoas, pensando pelo modo positivo, são como se você acumulasse **armas**, acumulasse algo que você possa usar mais na frente.*

Desenvolvimento metafórico: **explicação**.

Essa associação entre relações e armas é esclarecida com o exemplo da luta indígena contra a pedreira, na qual os Pitaguary contaram com a participação de membros da sociedade externa à aldeia, sobretudo integrantes de movimentos sociais e estudantes universitários.

Os desenvolvimentos metafóricos observados são os de **relexicalização, repetição e repetição**.

EV DISC 4, EXC 138: Cecília: *Assim, tava com o meu povo, mas era um número de gente insuficiente pra enfrentar uma **briga**, enfrentar uma **luta**. Então eu me senti só naquele momento. E quando de repente chegou algumas pessoas que a gente não conhecia, amigos que eram amigos, mas ninguém conhecia, e que achava que essa **luta** era certa e que precisava de apoio. E aí, pra resumir a história, foi a primeira vez na história dos índios no Ceará que houve uma retomada com participação de não-índios, de vários lugares, de vários cantos de movimentos sociais, de universitários.*

Esse momento marcante foi entendido como uma corrente em que índios e não índios formaram e que viabiliza uma parceria estratégica na luta indígena.

EV DISC 4, EXC 139: Cecília: *Então, é uma formação de uma corrente que se fortalece a cada nova relação que você tem com pessoas que são parceiros dessa **luta**.*

EV DISC 4, EXC 140: Cecília: *Até em outras etnias, em outros povos que a gente vai,*

*a gente tem percebido a presença dessas pessoas lá, junto com a gente, e tem feito com que a **luta** do povo indígena tenha tido mais visibilidade, fora da fronteira da aldeia.*

Desenvolvimentos metafóricos: **repetição** e **repetição**.

Em consonância com a valoração positiva que Cecília entende estar ligada à participação na luta, ao ser questionada sobre seus sentimentos depois que supera adversidades, isto é, vence batalhas e lutas, a participante demonstra orgulho por exercer seu papel de liderança indígena e feminina.

EV DISC 4, EXC 141: Cecília: *Então, eu me sinto uma pessoa que em outro tempo, eu acho que eu não tinha tanta importância como eu tenho hoje, por ser uma **guerreira**, por ser Pitaguary, por defender o meu povo.*

EV DISC 4, EXC 142: Cecília: *e me sinto importante porque o meu povo me dá esse reconhecimento de uma pessoa que **luta** por eles. Então eu me sinto muito importante por ser Cecília Pitaguary.*

Desenvolvimento metafórico: **explicação** e **repetição**.

Ao final do encontro, Cecília discute o sentido moral e existencial da luta, indicando que o destino da pessoa se relaciona ao tipo de luta que ela trava em sua existência.

EV DISC 4, EXC 143: Cecília: *Quando acontecer alguma com a gente...porque também, a **luta** ela faz necessário, as vezes acontecer alguma coisa com você, é certo que um dia você passar por alguma coisa. Mas assim, quando você **luta** peluma coisa, que não é justa, que não é certa, você talvez um dia vai sofrer uma violência, uma coisa, tal vez você até perca a sua vida. E assim, você não tem tanta proteção quanto uma pessoa que **luta** peluma coisa que é certa, como a gente.*

Desenvolvimento metafórico: **repetição**, nas três ocasiões.

A proteção em questão é a dos encantados, agentes mágicos presentes na mata, segundo o sistema de crenças dos Pitaguary.

No encontro seguinte, na presença de Fernanda, o termo luta ressurge na referência ao esforço do Pajé em manter a união entre os indígenas e garantir a sobrevivência do povo Pitaguary.

EV DISC 5, EXC 144: Fernanda: *Então um sofrimento pessoal pra mim é ver uma situação sem poder fazer nada e só pedir a Deus que nos ajude pra nos conseguir manter o nosso povo vivo, a nossa cultura, porque o nosso cacique já se foi, ele *partiu*, não aguentou. É muito forte e nós tamos **lutando** para que o pajé nos consiga...manter o*

povo... pelo menos unidos.

O desenvolvimento metafórico registrado é o de **repetição**.

A seguir, o caso da invasão da pedreira às terras Pitaguary é trazido à baila conceptualizado como *briga*.

EV DISC 5, EXC 145: Fernanda: *Dia por dia, índio morre, dia por dia nos vamos perdendo o direito da nossa terra. A prova é a pedreira aqui, onde foram tocar o fogo aqui. Então, nós brigamos muito. E isso é trabalho nosso, né.*

O desenvolvimento metafórico observado acima é o de **relexicalização**.

A pedreira é um dos agentes externos que impõem perdas ao povo Pitaguary. Lutar, guerrear, brigar é a principal resposta do leque de possibilidades dos indígenas.

Relembrando dolorosamente o papel do cacique Daniel, falecido meses antes, Fernanda faz referência à luta dele em prol da comunidade.

EV DISC 5, EXC 146: Fernanda: *É muito ruim, né. É horrível você lutar que nem o cacique. Se doar...porque a gente faz é porque a gente gosta.*

Desenvolvimento metafórico: **repetição**.

As adversidades no âmbito pessoal também surgem na fala de Fernanda como lutas ou brigas a serem conduzidas. Abaixo, ela comenta o desafio que consistiu na superação de um tipo de derrame que tinha sofrido.

EV DISC 5, EXC 147: Fernanda: *...há um tempo atrás, é meio louco, mas o ano passado, eu passei pelo uns momentos muito difícil. Porque por pouco eu perdi a minha vida. Então passei dois meses brigando mesmo, juntando as energias máxima que eu podia pra me manter viva.*

Desenvolvimento metafórico: **relexicalização**.

Como estratégia de superação de adversidades, a participante aponta para o autoconhecimento facilitado pela relação com a natureza e com Deus, e pela aceitação do imperativo existencial da luta.

EV DISC 5, EXC 148: Fernanda: *E nenhum momento, você tirar o que Deus lhe deu, que é a sua vida. Sempre você tem que tá lutando, dia por dia pra você manter aquilo. E dentro das dificuldade, você tem que ver a beleza, porque por mais difícil quanto que você esteja, mas sempre tem uma beleza lá, tem um pássaro cantando, tem a natureza, né. Tem você mesma, você em si.*

Desenvolvimento metafórico registrado: **repetição**.

Na fala do Pajé, registramos a ocorrência de VMets já observados nos eventos discursivos anteriores, quais sejam guerra, briga e vitória, que marcam casos de relexicalização, relexicalização e explicação. Em longo relato em que ilustra com memórias de eventos históricos a definição pessoal de adversidade, o Pajé consolida em sua fala a centralidade discursivo-cognitiva do frame cognitivo guerra/luta na concepção de mundo dos Pitaguary.

EV DISC 6, EXC 149: Pajé: *Então a nossa história aqui, ela é toda de perseguição, até hoje, né, ela não parou com a constituinte ela não parou, a perseguição cultural, a **guerra** cultural.*

Sobre a disputa política envolvendo a aprovação do estatuto do indígena, o participante se refere à série de ações marcadas pela união com outros povos que resultou em pressão para a aprovação do documento. O termo briga é empregado para se referir à fase seguinte do processo dessa conquista.

EV DISC 6, EXC 150: Pajé: *Tudo isso gerou, eu diria assim, um dos movimentos maior do Brasil que a gente cria o estatuto indígena. As leis favorável indígena, por qual que o índio criou, cria e aí de fato a gente começa a **briga**, lá na bancada do governo, pra forçar ele aprovar nosso estatuto, que hoje é praticamente 75% é aprovada...*

Desenvolvimento metafórico: relexicalização.

Num momento de parecer mais positivo em relação às lutas e brigas que os indígenas vem travando, o líder comenta as vitórias granjeadas, como a demarcação parcial de terras a favor dos povos indígenas.

EV DISC 6, EXC 151: Pajé: *Mas nós temos muitas **vitória**. Nós temos muitas **vitória**, porque acaba algumas aldeia, começam a ser demarcada, mais tarde do Fernando Henrique, né, Cardoso, mais tarde alguns governantes passa também a fazer algumas demarcação no Brasil, no Ceará. E a gente vai superando, cultivando nosso direito de fazer a nossa cultura hoje em qualquer canto.*

Desenvolvimento metafórico: explicação.

Por fim, em sua fala o termo guerra ressurge, fazendo referência aos conflitos culturais que têm na questão identitária Pitaguary seu maior foco.

EV DISC 6, EXC 152: Pajé: *Porque a maior **guerra** dos Pitaguary é a cultural mesmo. E incrível como ela danifica ainda, a identidade de um povo. Então essas são as tarefa.*

por dia a dia de dificuldade, né.

Desenvolvimento metafórico: relexicalização.

A reivindicação pelo direito de se viver com plenitude a identidade indígena Pitaguary é retomada por Neusa, no evento discursivo seguinte, e conceptualizada mais uma vez em termos de luta. Essa luta se caracteriza pelo enfrentamento diário, no contexto externo à aldeia, às tentativas de apagamento cultural por meio da negação da identidade Pitaguary. A reafirmação dessa identidade é ainda constantemente recebida com discriminação, por parte dos não indígenas.

EV DISC 6, EXC 153: Neusa: *Se chegava num local...eu, aconteceu comigo, tiver certeza, chegar num local, aqui mesmo no município, e chegava a pessoa, a pessoa perguntar a minha descendência, digo que eu sou indígena. "Você! Não você não é indígena". E aí, a gente passava por um constrangimento grande. Até provar o contrário, as pessoas não acreditava. E hoje as pessoas acredita, mas também com muita **luta** e muita discriminação. Onde se passa, a discriminação é grande, por conta da nossa **luta**, que a gente consegue **lutando** muito.*

Perceba-se que o VMet luta, no mesmo excerto, tem como tópico metafórico, na três ocorrências, respectivamente, o esforço psicológico de se lidar com a discriminação; a luta indígena numa perspectiva ampla (que caracteriza o indígena enquanto tal, já que a luta é a causa do preconceito), e a persistência característica exigida na lide de todo membro da comunidade Pitaguary.

O desenvolvimento metafórico é o de **repetição**.

A seguir, Natália, na palestra proferida na ocasião da Festa do Milho, fala sobre sua estreia nos trâmites administrativos e culturais que constituem a luta. Enquanto líder comunitária, assumindo sua pouca experiência, indica como fontes de segurança o suporte espiritual vindo dos antepassados, os troncos velhos, e dos encantados. A união também é sublinhada como componente do aprendizado resultante.

EV DISC 8, EXC 154: Natália: *Mas os nossos encantados, a força deles, está aqui, dizendo que a gente não está sozinho, que a gente está junto. Porque eu falo com muita segurança hoje, como jovem que sou, menina andando que nem engatinhando na **luta**.*

Logo mais à frente em sua fala, Natália reforça o caráter pedagógico que as adversidades trazem consigo, o qual ultrapassa, inclusive, a natureza bélica de sua experiência pessoal de enfrentamento, como vemos abaixo:

EV DISC 8, EXC 155: Natália: *Então, eu como filha do pajé fico vendo tudo isso acontecendo e me vejo como aprendizado. Não me vejo como a **batalha**, como a tristeza, não, eu me vejo como um aprendizado. É forte? É, é um aprendizado muito forte.*

Nos dois últimos excertos apresentados, temos os desenvolvimentos metafóricos de **repetição** e o de **relexicalização**.

Na sequência, o VMet batalha é retomado na sua posição axial usual na fala dos Pitaguary.

EV DISC 8, EXC 156: Natália: *Mas cada queda, quando a gente cai, a gente se levanta e bate a poeira e segue em frente de novo. E assim com as nossas **conquistas**, as nossas **batalhas**, nas nossas aldeias. Então, quando papai diz que tá meio triste ainda, aí eu sempre canto pra ele.*

Os VMets queda, cai, se levanta, bate a poeira e segue em frente serão analisados no contexto de outra metáfora sistemática emersa no discurso Pitaguary. A esses termos subjazem os esquemas imagéticos de EQUILÍBRIO e JORNADA, os quais estruturam metáforas conceituais muito produtivas que viabilizam uma conceptualização constante da superação de adversidades como recuperação de um equilíbrio perdido – o que veremos mais adiante.

No excerto apresentado acima, a persistência e o vigor dos indígenas Pitaguary é posto em destaque por meio da vulgarização do processo de recuperação que ocorre depois de cada adversidade superada. O desenvolvimento metafórico que observamos é o de explicação.

A reverência pelos anciãos e pelos antepassados é uma constante na fala da participante. É deles que provêm as lições mais importantes para ela, entre as quais, a caracterização da luta num plano estratégico mais amplo.

EV DISC 8, EXC 157: Natália: *Eu amo velho por isso, porque eles ensina desde o começo até hoje, como suportar tudo isso. E é nesse brilho do olhar, né, que eu vejo desse cacique, desse pajé, e todos nós jovens, e falar pra nós "gente, esse é só o começo da nossa **luta**".*

A seguir, na fala de Natália, a luta adquire dois novos aspectos que destoam do que temos visto acima: o de herança benquista e o de objeto dotado de atributos estéticos. O qualificativo bonito e a associação de algo normalmente atrelado ao feitio destrutivo da natureza humana, à herança deixada pelos troncos velhos parece apontar, na jovem liderança indígena, para

uma visão romantizada ou espiritualizada dos conflitos que caracterizam a luta existencial axial dos Pitaguary. Deixamos como hipótese a ideia de que pode se tratar da manifestação do caráter ritual da guerra, encontrado na matriz cultural de vários povos indígenas.

EV DISC 8, EXC 158: Natália: *Então a gente não pode deixar parar essa **luta** tão bonita que nossos troncos velhos deixaram pra nós.*

Desenvolvimento metafórico: **repetição**.

À chegada do cacique ao local do evento discursivo, Natália faz uma pausa em sua locução e insere um canto tradicional em homenagem ao líder Pitaguary. A atribuição da qualidade de guerreiro ao cacique, como percebemos abaixo, é compatível com a forma como o frame luta tem aparecido nas falas dos Pitaguary.

EV DISC 8, EXC 159: Natália: *E hoje, gente, eu tou muito feliz, pois o meu cacique tá aqui e tá muito feliz também. Então... engraçado que até a mata para, pra ouvir o meu cacique chegar (soluçando). Então, a homenagem a ele... Ah meu cacique **guerreiro**, nós não vamos deixar tombar...heeei-a, nós vamos continuar, heiii-a... Agradecida a todos.*

Desenvolvimento metafórico: **explicação**.

A luta transpassa o domínio físico e psicológico, adentrando o âmbito espiritual, que se confunde, ocasionalmente, com o físico. É o que inferimos do trecho de sua fala na palestra em que Natália rememora mais uma lição dos mais velhos em relação a como atuar na luta. A esfera espiritual desempenharia, aí, uma função importante.

EV DISC 8, EXC 160: Natália: *E quando papai falava com um dos nossos **guerreiros**, troncos velhos ali, ele diz palavras muito simples. E ele diz que o espírito tem que ter uma **arma**. E eu achei muito lindo a forma dele dizer isso. Meu pai, quem tinha que ter uma **arma**. Mas eu tenho uma segurança espiritual pra poder ele não se abater. (...) Então isso me deixa muito mais forte pra mim, hoje estar aqui falando com vocês. E é uma coisa que eu vou lembrar a minha vida toda, que o espírito tem que ter **arma** também pra ser forte.*

Desenvolvimento metafóricos: **explicação**.

Na fala de Flora, em entrevista que classificamos como décimo evento discursivo, vencer problemas, superar adversidades, é um processo condicionado à união entre os membros da comunidade, empenho que confirma a associação analisada acima entre superação de adversidade

e união realizada acima em nossa análise. O emprego do verbo vencer e do qualificativo vitoriosa integra as relações semânticas capitaneadas pela ideia de luta, tão presente ao longo dos eventos discursivos apresentados sob a forma de excertos até aqui.

EV DISC 10, EXC 161: Flora: *Eu acho que a gente sempre, unidos, nos todos unidos, a gente sempre consegue. Dando as mãos, buscando a força da terra. A gente consegue. E o que a gente sempre coloca, nós temos que estar juntos, pra nós **vencermos** esses problemas, essas dificuldades, enquanto comunidade.*

Em resposta direta a questão sobre como se sente ao se recuperar de desafios biográficos, a participante se vê como vencedora.

EV DISC 10, EXC 162: Entrevistadora: *Agora, eu me vejo como alguém que...*

Flora: *Alguém que **venceu**. Que é **vencedora**.*

Entrevistadora: *E a comunidade, como que ela se vê?*

Flora: *Forte. Pra continuar a **luta**.*

O excerto acima demonstra que a força é um recurso, como já analisado acima, mas também um produto das experiências bélicas metafóricas como entendidas pelos Pitiguary.

Na fala do participante Davi, o VMet luta surge num embate de questionamentos com a entrevistadora sobre o lugar da luta no contexto da busca de sentido por parte do indivíduo nos processos que envolvem a superação de adversidades. Dono de um profundo senso crítico, Davi centra sua análise sobre a relação dos Pitiguary com as dificuldade, enquanto jovem que está concluindo o ensino superior fora da aldeia, no emblema “busca de sentido”. Ao pedir esclarecimentos à entrevistadora sobre o que lhe tinha sido perguntado, retoma a conceptualização das adversidades enfrentadas por meio do emprego do termo luta.

EV DISC 11, EXC 163: Entrevistadora: *Você falou que ser forte não é suficiente, você tem que colocar um sentido nas coisas que tão acontecendo. Pra você pessoalmente, você pensa que cada um é responsável pelo seu próprio bem estar? Ou você acha que uma pessoa é dependente de tudo que tá acontecendo? Por exemplo: Se uma pessoa não consegue colocar sentido em uma coisa, daí ela não conseguiu superar. Você pensa que que ele devia tentar colocar sentido e ela é responsável pelo seu próprio bem estar?*

Davi: *Deixa eu ver se eu entendi. Se a pessoa não consegue ver o sentido da **luta**, do que tá acontecendo com toda comunidade, se ele é responsável por ela mesma de ela*

sozinha por sentido nisso?

Entrevistadora: *Ou vamos dizer assim. O que acontece se a pessoa não consegue pôr sentido em aquilo que tá acontecendo?*

O desenvolvimento metafórico registrado é o de **repetição**.

O participante William lamenta o desinteresse dos jovens pela tradição cultural Pitaguary do artesanato fazendo uso do termo batalha para se referir ao empenho com que, ao lado de Flora, realiza a conscientização, por meio de convites, a respeito da importância da conservação da cultura tradicional.

EV DISC 12, EXC 164: William: *Aqui tem muita gente que trabalha com os artesanato. Mas como as pessoas não tivessem interesse em trabalhar, que hoje em dia os jovens não quer trabalhar não. Eu e a Flora nós **batalha** pra puxar os jovem, pra trabalhar com a gente.*

Na sequência de perguntas e respostas que a entrevistadora promove, William caracteriza as dificuldades como batalhas e a si mesmo, como pessoas que superou dificuldades, como vencedor.

EV DISC 12, EXC 165: Entrevistadora: *Recuperar dos desafios/ dificuldades é como/ que nem ...*

William: *é como se fosse uma **batalha**.*

Entrevistadora: *Depois de superar desafios/dificuldades, relacionamentos com outras pessoas são que nem...*

William: *Uma amizade.*

Entrevistadora: *Agora, eu me vejo como alguém que...*

William: **Vencedor**.

Os VMets batalha e vencedor apontam para a presença do desenvolvimento metafórico **relexicalização e explicação**.

Termos relacionados à ideia de vencer também são usados por Clarêncio, quando perguntado sobre o que significa superação, em seu entendimento.

EV DISC 13, EXC 166: Entrevistadora: *O que que significa superação pra você?*

Clarêncio: *A minha superação é **vencer**. É sempre **vencer**.*

Entrevistadora: *E você diz isso no contexto da comunidade e pra você mesmo? **Vencer** é um termo que você usa para quando a comunidade supera e também você*

pessoalmente?

Clarêncio: *Eu, junto com a comunidade. Se nós todos **vencemos**, tudo fica melhor. A **luta prossegue pra frente**.*

Desenvolvimentos metafóricos identificados: explicação, explicação, explicação e repetição.

Na fala desse participante, a relação com a luta se resume ao esforço por vencer. No trecho abaixo, uma interessante negociação de sentidos tem lugar quando Clarêncio, a fim de ilustrar sua coragem e bravura, além de sua eficiência nos processos e trâmites que resultam nas vitórias conquistadas, se refere, com um gesto, a uma parte do seu corpo, a munheca, indicando que esta simboliza, metonimicamente, uma região anatômica em que, na relação com as pessoas em geral, e com um inimigo ou opositor, em particular, não deve ser tocada, com o risco de Clarêncio poder ter sua intimidade invadida e devassada, o que poderia resultar numa derrota.

Essa inferência é feita por nós de acordo com a tentativa de explicação fornecida pelo participante à entrevistadora, como também pelo conhecimento parcial da expressão por parte deste pesquisador-analista, a partir de lembranças de sua infância que se referem a situações de disputa ou relações conflituosas semelhantes à evocada por Clarêncio.

EV DISC 13, EXC 167: Entrevistadora: *Viver desafios/ dificuldades é que nem...*

Clarêncio: *...pra mim é não desistir, sempre correr atrás e sempre procurar **vencer**. Pra mim é isso aí. Dificuldade pra mim é desafio e eu gosto de desafio. Eu gosto sempre de **vencer**, não dou muito valor deixar as pessoas pegar nisso aqui meu não. Tem que **vencer** as dificuldades.*

Entrevistadora: *Pegar em o quê?*

Clarêncio: *Nisso aqui meu. É assim, não deixar ninguém pegar na munheca da gente, sempre a gente andar com as coisas da gente mesmo. Procurar sempre **vencer** e procurar sempre buscar.*

Entrevistadora: *Munheca?*

Clarêncio: *É que a gente usa esse termo. Nunca a gente vai deixar ninguém pegar na munheca da gente, a gente indígena tem esse termo de falar.*

Entrevistadora: *Isso significa o quê mesmo?*

Clarêncio: *Que ninguém tá dando um obstáculo nas coisas. Às vezes tem muita gente que dá obstáculo que quer se meter e às vezes tem uns que quer tomar conta da vida*

da pessoa.

O desenvolvimento metafórico registrado acima na longa trajetória do VMet luta é o de **explicação**.

Questionado sobre como se sente depois que a dificuldade já foi superada, o participante se remete mais diretamente ao domínio da guerra, concebendo-se como guerreiro e vencedor, tendo contado com a ajuda especificamente divina, e não dos encantados ou da natureza. A heterogeneidade religiosa da comunidade indígena Pitaguary aparece no excerto abaixo. O desenvolvimento metafóricos é o de explicação.

EV DISC 13, EXC 168: Clarêncio: *Eu me sinto que nem um **guerreiro** mesmo, que **venci**. Já passou, daí tem que se sentir como um **guerreiro vitorioso**.*

Entrevistadora: *Recuperar dos desafios/ dificuldades é como/ que nem ...*

Clarêncio: *Pra mim é ser um **vencedor**. Um **vencedor** mesmo e ser iluminado por Deus mesmo que tudo a gente é através dele. Tudo o que a gente **vence** é através dele. A gente **venceu** tudo e tem que agradecer ele, nunca esquecer dele.*

Finalmente, em sua fala Clarêncio, numa resposta que provavelmente não se revelou com o conteúdo esperado pela entrevistadora, promove a autoafirmação como condição para a garantia da consecução de seus objetivos no contexto de superação de uma dificuldade. O uso abundante do termo vencer é reforçado.

EV DISC 13, EXC 169: Entrevistadora: *Agora, eu me vejo como alguém que...*

Clarêncio: *Eu particularmente eu não consigo me ver como ninguém. Eu consigo sempre me ver como eu mesmo. Nunca eu disse assim, 'ah eu sou que nem fulano'. Sempre eu procurei ser eu mesmo e sempre me inspiro muito das minhas coisas mesmo, em mim mesmo, sempre eu procuro **vencer**, e procuro ser um **vencedor**. Sempre procuro, quando eu erro, pedir desculpa. Eu procuro sempre ser eu mesmo.*

O desenvolvimento metafórico identificado é o de explicação.

Os veículos metafóricos agrupados sob a categoria *visão* surgem na fala dos participantes 31 vezes ao longo dos eventos discursivos analisados, o que aponta para a centralidade da metáfora primária CONHECER É VER no conjunto de concepções metafóricas dos indígenas Pitaguary, como ocorre no sistema linguístico conceptual humano. Segundo o entendimento dos indígenas, para vencer uma adversidade, seja ela de cunho pessoal ou comunitário, é necessária a implementação de mudanças e inovações a nível cognitivo e

comportamental que resultem em atitudes mais colaborativas, produtivas, empáticas e que valorizem a pluralidade.

Na narrativa emergente a partir das metáforas conceptuais subjacentes às concepções observadas na fala dos Pitaguary, as coerências do domínio do ver, entendido como processo de ordem sensorial de primazia cognitiva na espécie humana, projetam-se sobre o domínio abstrato do entender, do conhecer, do compreender. Assim, decorre da metáfora *COMPREENDER É VER* que, da mesma forma que possuir capacidades visuais acuradas é um recurso sensorial impreterível para a condução do organismo em seu ambiente, mais especificamente na sua atuação num percurso físico que exige planejamento de metas e execução de comportamento sensorial-motor, entender, da forma mais adaptada possível, a sequência de eventos que compõe os estados em que uma pessoa se encontra ao longo do tempo em seu fluxo ontogenético individual, isto é, sua vida, passam a corresponder entre si.

A luta, identificada com o caminho, exige, portanto, continuamente, a adaptação e a readaptação das estratégias de sobrevivências do viajante que segue em sua jornada. Essa adaptação e readaptação de estratégias passa, frequentemente, na fala dos Pitaguary, pela adoção de uma nova visão do entorno físico que ladeia o caminho, isto é, na construção e aplicação de uma nova compreensão das especificidades dos elementos de ordem variada que funcionam nos sistemas que compõem os mundos físico, psicológico, cultural e social no qual existem os Pitaguary.

A *nova visão* inclui: diferentes concepções sobre o papel do desafio no crescimento pessoal e comunitário; concepções mais igualitárias sobre o papel da mulher no seio da comunidade indígena; ideias de maior receptividade e abertura em relação à cultura urbana que entra na aldeia; valorização da cultura tradicional simbolizada pelos troncos velhos, isto é, os anciãos vivos e mortos detentores de uma saber único sobre a história, a cultura e a religião Pitaguary; aperfeiçoamento da capacidade de planejamento por parte das lideranças indígenas como forma de preparação para as incertezas do futuro.

Dessa forma, lutar, vencer ou perder uma batalha, recuperar-se dela e retornar à luta concomitantemente, resulta numa nova experiência de mundo e exige uma nova compreensão dessa experiência – é nesse contexto que a metáfora *COMPREENDER É VER* desempenha papel adaptativo na continuidade da luta Pitaguary.

No primeiro encontro, a participante Fernanda alude à necessidade de manter uma certa

“visão de aldeia”, a qual consiste principalmente em compreendê-la como uma família unida que proporciona os recursos necessários aos indígenas lutar e atravessa batalhas. Embora fale de manter, a visão defendida por Fernanda, sendo de origem tradicional e ancestral, guarda um aspecto de novidade, na medida em que um dos constituintes da luta é justamente apresentar para as novas gerações a cultura tradicional fundada no espírito guerreiro, na solidariedade e no compromisso com a comunidade.

EV DISC 1, EXC 170: Fernanda: *Isso é um sentimento muito forte, nos tem uns 4000 irmão, tem uns 30 que é juntos diretamente. Então, pra nós, manter essa **visão** de aldeia é a gente **ver** o que nos conseguimos até hoje. O cacique me deu força pra nós conseguir passar nessa batalha. A luta dele era muito difícil, nós que dava a força a ele.*

A reavaliação do que foi conquistado repousa no ato de ver, compreender o agora a partir dos esforços passados exigidos pela luta.

Em reflexão sobre o que diferencia os membros da comunidade Pitaguary das pessoas habitantes do lado de fora, e sobre como se pode enfrentar os constantes ataques à cultura indígena, Natália apresenta a promoção de uma nova visão como uma missão diante de seu povo.

EV DISC 2, EXC 171: Natália: *Com a tecnologia, a gente estuda tanto que não dá pra **ver** o mundo como é bonito, como é belo. A minha missão no mundo é trazer essa **visão** diferente, que é da natureza, que é dos encantados.*

Em relação ao VMet visão do primeiro excerto, os VMets ver e visão caracterizam o veículo metafórico de repetição.

E a seguir:

EV DISC 2, EXC 172: Natália: *Eu tenho uma **visão** do mundo totalmente diferente de uma jovem que estuda lá fora. Então eu passo isso pro meu povo, e as pessoas falam que eu sou **espelho** pra elas.*

Os desenvolvimentos metafóricos observados acima são os de repetição e explicação.

A preservação da cultura tradicional, na qual a relação com a natureza tem primazia, repousa na adição dessa visão diferente defendida por Natália. Note-se que a oposição entre a visão ecocêntrica proposta por Natália e a visão das pessoas do lado de fora se liga, indiretamente, com a questão da luta Pitaguary, em sentido amplo, que inclui a defesa do interior diante das incursões de agentes externos, como a tecnologia e mesmo o sistema educacional.

No terceiro evento discursivo, no contexto de discussão sobre o período posterior ao enfrentamento de uma adversidade superada, Carol se exprime indicando um novo olhar como resultado da superação experienciada. Esse novo olhar ou visão deve passar a desempenhar papel transformador no comportamento das pessoas envolvidas.

EV DISC 3, EXC 173: Entrevistadora: *Vocês acreditam que depois daquela experiência ruim, tem alguma coisa que tá muito melhor que antigamente? Eles aprenderam alguma coisa dessa experiência pra dizer, olha, teve que acontecer porque hoje eu sou assim.*

Carol: Eu acho que só essa mudança deles, de **olhar** o mundo de outra forma. Eles não podem ficar dentro da casa só esperando, que hoje eles mesmo estão procurando a buscar pra ter, sem tá dentro de casa esperando, acho que já é uma mudança deles **enxergar...**

O desenvolvimento metafórico que registramos acima é o de relexicalização.

Flora, no mesmo encontro, conceptualiza a nova forma de entender a vida adquirida após episódios de depressão ou adversidade como uma “outra visão”. Essa visão inclui a consciência de que a vida continua e de que para se alcançar o êxito na luta, é preciso ter força, esse importante recurso que, como já vimos, é conseguido por meio de transferências de natureza espiritual e afetiva entre os membros da comunidade.

EV DISC 2, EXC 174: Entrevistadora: *Se as pessoas da sua comunidade sofre por alguma razão ou se sente deprimido, como eles conseguem dar a volta por cima?*

Flora: *Tem algumas igrejas que lhes aconselham. Acho que com isso ajuda a eles. E aí faz com que eles comecem a ter uma **outra visão**. Acho que com bastante diálogo com as pessoas.*

Entrevistadora: *Como que essa **visão** muda? Qual é a **visão** que eles têm depois?*

Flora: *A **visão** é que a vida continua, né. E que precisa ter força pra vencer.*

Não deve passar despercebida a revelação de uma ambiguidade valorativa no que concerne o papel das igrejas cristãs evangélicas na comunidade. Se em outros excertos apresentados anteriormente elas surgem como um dos agentes invasores do domínio interior Pitaguary, na fala de Flora, ao menos nesse trecho, é posto em relevância um aspecto positivo, qual seja o de fonte de orientação afetiva e psicológica.

Os desenvolvimentos metafóricos que identificamos na trajetória do VMet visão é o de

repetição.

Flora emprega mais uma vez a expressão “uma outra visão” para se referir à nova forma de entender o mundo que se constrói após a superação de alguma dificuldade.

EV DISC 3, EXC 175: Flora: *Pra você tentar um relacionamento ou pra você conversar com alguém, é complicado. Mas depois de passar, você vai ter **uma outra visão**.*

Desenvolvimento metafórico: repetição.

No evento discursivo de número quatro, Cecília emprega expressões ligadas ao verbo olhar mais de dez vezes, as quais classificamos como veículos metafóricos instanciadores da metáfora ENTENDER É VER. No entanto, por essas expressões estarem frequentemente acompanhadas de termos de valor semântico orientacional, como frente e trás, decidimos incluí-las na análise de outra metáfora sistemática a ter sua emergência esmiuçada mais à frente.

A concepção de entender nos termos de ver surge na fala de Cecília em duas ocasiões. Em uma delas, a participante se refere a uma visão antiquada que concerne à questão da identidade indígena.

EV DISC 4, EXC 176: Cecília: *Porque naquele tempo se dizia que índio era como se fosse uma escória, uma coisa ruim, tipo um leproso. Você imagine umas pessoas que você não ter amizades, com aquele povo, não andar na casa deles. Então era isso o que era ser índio, na **visão** da minha bisavó, da minha vó, da minha mãe. Não era bom, pra falar que alguém era índio, era melhor que isso não fosse dito.*

A associação entre identidade indígena e se dizer indígena, estudada acima, fica patente na fala de Cecília como caracterizando uma visão nociva, inadequada e superada, que, entretanto, os Pitaguary tiveram que sustentar durante muito tempo, em fases pregressas de sua luta. Hoje o entendimento da própria identidade é outro, e o reconhecimento desta como elemento garantidor das vitórias futuras já foi estabelecido ao longo dos dados que analisamos.

As diferenças culturais entre o lado de fora e a comunidade Pitaguary são evidenciadas por Cecília em sua reflexão sobre as mudanças pelas quais passou ao se transferir de Fortaleza para o Território Pitaguary.

EV DISC 4, EXC 177: Cecília: *Então eu tenho as minhas filhas perto de mim. Até isso também eu valorizei mais, o que é a família, as minhas filhas, as minhas irmãs. Ave maria, eu.. é como a gente tivesse sido... transformado em outra pessoa. Ou nem esse*

*peessoal lá fora, que não tem essa **visão** que a gente tem hoje dentro da comunidade.*

A seguir, Fernanda caracteriza o estado posterior a uma experiência mística e espiritual que, no seu entendimento, lhe salvou a vida, como um momento de aquisição de uma nova visão.

EV DISC 4, EXC 178: Fernanda: *Primeira coisa...eu sempre falo na parte espiritual porque foi isso que me manteve viva. O acreditar, a fé. Peessoal diz que, milagre às vezes não existe. Mas eu sou fruto de um milagre. Porque teve uma noite que eu me despedi no pai e da mãe. Sabia que eu não ia viver no outro dia. E aí, veio vários seres. Então eu passei ter uma **visão** totalmente diferente desse mundo. Onde eu vi panteras que aqui não existe, assim, real, que no Ceará não existe. Então a pantera veio, que é a minha mãe espiritual, via várias coisas que eu sei que não existe no mundo real da gente. Então a mudança minha foi essa, que eu não tinha essa conexão grande. A minha irmã já tinha alguns, o meu irmão. Mas pra isso evoluiu. Eu tive uma evolução muito grande.*

A “visão totalmente diferente” adquirida por Fernanda parece encapsular dois fenômenos distintos, mas complementares: o do aprimoramento eventual e passageiro da visão, ocorrido durante o aparente transe relatado, no qual ela viu seres que não fazem parte do rol de entidades reconhecidas como reais; e o do período posterior a esse evento, marcado por uma evolução, o sentimento de uma crescimento promovido por essa visão diferente.

Uma outra visão também foi necessária para a superação do medo que Fernanda tinha ao sair da aldeia, quando precisava andar pela cidade. Expressando-se por meio de termos que aludem a um contexto da vida animal onde filhotes de gatos e lobos se encontram no meio da mata (relações metafóricas que serão analisadas à frente), Fernanda inclui em sua nova visão aspectos de aceitação do outro e de empatia.

EV DISC 5, EXC 179: Fernanda: *Agora não, porque eu percebo que o diferente, ele pode ser bom. Não é porque ele é exótico, isso é aquilo que...ele é criatura de Deus. Foi Deus que criou. Então eu passei a **ver** o mundo de outra forma. E que nem a história do lobo mal. Aprendi que o lobo mal é o meu amigo (rindo). Não é ruim ele. E às vezes ele precisa mais da ajuda da gente do que a gente dele.*

A empatia e a abertura ao mundo ressurgem na fala da participante por meio do VMet ver, dessa vez associada a uma metáfora UMA PESSOA É UMA CASA. Essa metáfora é sugerida por meio da expressão “uma pessoa que abriu as portas pra conhecer algo novo”, que é como

Fernanda, em resposta à pergunta da entrevistadora, entende a pessoa que atravessou o processo de recuperação de desafios e dificuldades. A partir desse enquadramento conceptual, que aponta para a metáfora A MENTE É UMA CASA, as projeções metafóricas são enriquecidas, promovendo uma metáfora inovadora na qual a mente da pessoa não tem apenas portas, as quais se projetam metaforicamente sobre o sentido da audição e da visão, de forma indiferenciada, ou até mesmo sobre a capacidade pessoal de admitir conversações em que novas ideias sejam desenvolvidas, como também janelas. Estas, por sua vez, podem fazer referência à metáfora segundo a qual os olhos são as janelas da alma, o que sugere a convergência entre duas metáforas conceptuais distintas caracterizadas por projeções de domínios diferentes. As janelas agora se relacionam diretamente ao órgão da visão, o qual, no contexto criado por Fernanda, se debruça sobre uma nova forma de entender a vida, por meio da exploração de um outro mundo antes inacessível à visão antiga.

EV DISC 5, EXC 180: Entrevistadora: *Recuperar dos desafios/ dificuldades é como/ quem ...*

Fernanda: *...uma pessoa que abriu as portas pra conhecer algo novo, não teve medo, e queria aprender não só aquilo que ensina, mas buscar o conhecimento. Então agora eu me sinto como uma pessoa que tá querendo isso, tá buscando. Então eu **vejo** que o sábio não é aquele que aprende só aquilo que ensina. O sábio é aquele que aprende o que ensina e o que pode tar no outro lado. Então o sábio é aquele que aprende, dia por dia. E nas casas tem várias portas, mas também tem a janela. Se você conseguir abrir a janela, você vai **ver** que no outro lado se poderia ter **outro mundo**. Então me sinto como uma pessoa que me ensinou isso. Que o mundo ele não é tão maldoso.*

Em momento posterior, Fernanda comenta sua opinião sobre o entendimento que um outro membro da comunidade, também participante da pesquisa, construiu sobre a vida depois de ter enfrentado adversidades relacionadas a perdas de familiares, sobretudo a mãe.

EV DISC 5, EXC 181: Fernanda: *Eu um dia perguntei, Celso, tu não sente falta da tua mãe, não? Qual é essa **visão** que tu tem? Ele disse assim "Nanda, eu sofri muito, mas eu sei que a minha mãe hoje pode tar nascendo na família e ela pode tar...o mesmo amor que ela me deu, ela pode dar pra outras pessoa. Então o que me fortalece e o que eu fico muito feliz é de ter conhecido uma mãe, ela ter cuidado de mim e eu aprendi muito com ela, mas hoje ela pode ensinar mais pessoas".*

E mais à frente, como conclusão do relato acima:

EV DISC 5, EXC 182: Fernanda: *Que é muito louco, né? Porque geralmente, a pessoa, quando perde alguém, não tem essa **visão**.*

A luta pessoal de Celso, que conceptualiza o enfrentamento do jovem com relação a eventos trágicos de sua vida, no entender de Fernanda conduziu-o à elaboração de uma compreensão inovadora a respeito da administração dos sentimentos e emoções por ocasião da morte de um ente querido.

De volta à palestra proferida por Natália, vemos que os animais da mata, mais especificamente as formigas, a partir de seu comportamento aparecem, na compreensão da jovem líder indígena, como exemplos de união e colaboração. Esses insetos sociais oferecem, assim, uma visão diferenciada, que deve ser adotada pelos indígenas com o intuito de enriquecer o repertório de estratégias disponíveis para a continuidade da luta.

EV DISC 8, EXC 183: Natália: *...a gente tem que **ver** a vida diferente. Então enquanto uma formiga passa levando aquela folhinha, é que ensina as outras também que são pequenininhas, e que vamos num caminho só, que engraçado aquilo! E que ajudam uma a outra, mesmo que a folhinha seja pesada, então isso é união. Então, essa lição de vida é muito profunda. E que se nós, povos indígenas no Ceará do Brasil e do mundo, nós **vê** essa lição das formigas, nós iremos, sim, ser forte.*

Nesse pequeno excerto, podemos identificar a condensação das metáforas conceptuais **COMPREENDER É VER, A VIDA É UMA JORNADA, FORMIGAS SÃO PROFESSORES, ADVERSIDADES SÃO PESOS**. Quanto à aquisição de uma nova visão como metáfora, observamos que é considerada como uma mudança necessária para que se produza a união e a força, elementos essenciais para o prosseguimento dos Pitaguary no caminho da luta.

Em outro momento de sua fala, Natália reitera a importância da união e da colaboração como foco de uma visão diferente de vida, a qual, apesar de apresentar laivos utópicos, está ancorada numa concepção de mundo que se pretende lógica e prática, como inferimos do uso da expressão metafórica *pezinho no chão*.

EV DISC 8, EXC 184: Natália: *Por isso que eu sou muito forte, ou tento ser forte. Por isso. Porque eu quero, mais na frente, **ver** a um outro motivo, nossa forma de tá todo mundo junto. De um dia, nós ver, a nação ser humana, de maneira diferente, tendo essa **visão** diferente, de vida. Porque a gente temos que ser humilde e suficiente de*

estar de pezinho no chão, por mais alto que eu esteja.

A jornada Pitaguary rumo a uma vida mais plena e marcada pela união é aludida pelo emprego da expressão mais na frente. A visão diferente é um anseio de Natália, um desejo pela adoção de uma nova forma de interpretar e conceber as relações entre os seres humanos.

Não conseguir enxergar, não poder ver o que está à sua frente, num estado de desorientação e de tristeza é como Flora conceptualiza o estado prévio à superação da dificuldade.

EV DISC 10, EXC 185: Flora: A imagem que vem na minha cabeça é de escuridão. Quando a gente ta passando por essas adversidades. Eu, **olhar** pra todos os lados e **ver** tudo escuro. É essa forma que eu **vejo**. **Olhar**, subir em cima de um monte e você **olha** e **vê** tudo escuro, você não consegue **enxergar** uma luz. Você não consegue **enxergar** o nascer do sol.

No esquema de projeções entre o domínio sensorial de VER/OLHAR e o abstrato de COMPREENDER, a escuridão aponta para a incompletude ou ausência de conhecimento, de entendimento, de dados sobre uma situação biográfica específica. Além dessa acepção cognitiva, podemos inferir uma outra, de ordem emocional, na medida em que luz é associada a alegria, e escuridão a tristeza. De modo que não enxergar a luz quando a procura e não encontrar o ponto de orientação e fonte de luz que é o sol, mesmo se deslocando para um ponto mais alto do caminho, representado pelo acidente geográfico do monte, conceptualizam, a um só tempo, o mal estar cognitivo e afetivo-emocional experienciado por Flora durante uma dificuldade.

Ainda questionada sobre seus sentimentos nos contextos de vivência de adversidades, a participante emprega o verbo *ver* atrelado ao termo *luz*, combinado com outro, *túnel*, ao qual subjazem os esquemas de JORNADA e RECIPIENTE. A necessidade de acessar sensorialmente a luz vai ao encontro da interpretação defendida por nós, na análise dessa metáfora emersa, de que a adoção de uma nova visão ou visão diferente é condição para a superação de adversidades e prosseguimento do caminhante Pitaguary em sua jornada.

EV DISC 10, EXC 186: Flora: *Quanto a gente se sente dessa forma, pra gente poder encontrar uma expressão mesmo, eu acho que é isso. Tentar **ver uma luz no fim do túnel**. E a gente sempre usa essa expressão de que as coisas estão tão difícil que a gente não encontra essa luz no final do túnel. Às vezes a gente fica... muitas vezes a gente se reúne e aí ouve a Márcia falar algumas vezes, gente, não tem uma luz pra que a gente possa seguir, pra gente possa resolver esse problema.*

Na fala de Davi, a metáfora da visão como compreensão é enriquecida com uma metonímia de natureza sensorial relacionada ao aspecto mais ativo do ato de ver: o olhar. Em sua fala, na nossa concepção, ocorre o mapeamento entre o domínio das atitudes demonstradas por uma pessoa em seu comportamento, e o subdomínio do olhar, em que se inclui um processo de julgamento moral. Constatamos que o caráter metonímico não anula a compreensão metafórica dessa expressão, isto é, COMPREENDER É OLHAR, como percebemos no excerto abaixo:

EV DISC 11, EXC 187: Davi: *Então isso é um dos grandes desafios. Botar esse **olhar** na universidade pra mim, botar o **olhar** indígena, no nativo dentro.. mesclar com o **olhar** acadêmico, **olhar** científico. E na rua, todo lugar, a gente vai sofrer esses tipos de desafios. Imagina, eu vivo com as mãos pretas, andar por aí com a mão preta. Às vezes tou com a perna inteira pintada, o braço. Então é um desafio de você andar pela rua, que todo mundo fica te olhando. E as vezes os **olhares** não são os melhores. Às vezes é um **olhar** de espanto, mas as vezes é um **olhar** de como você tivesse agredindo aquela pessoa, por tar ali.*

Nas quatro primeiras ocorrências do excerto acima, a relação de sinonímia entre olhar e visão pode ser estabelecida sem grande prejuízo da conservação da ideia inferida na fala do participante. As três últimas ocorrências, no entanto, são exemplos da metonímia JULGAR É OLHAR.

A partir da nossa compreensão da metáfora conceptual COMPREENDER É OLHAR, entendemos que Davi demonstra uma preocupação humanista em promover uma integração entre a cultura urbana e científica que encontra no ambiente acadêmico, a qual ainda não possui ampla compreensão da luta indígena, e a visão tradicional indígena, que traz consigo como expediente para enfrentar os desafios quotidianos.

Em momento seguinte, numa aplicação evidente de seu olhar ou visão científicos, Davi analisa a visão indígena tradicional, classificando-a, de forma crítica, como determinista. Apesar de não o afirmar explicitamente, o participante, ao mencionar os desafios enfrentados pela comunidade, como a questão da homologação da demarcação das terras indígenas e o câncer existente entre os Pitaguary, isto é, os conflitos internos entre as lideranças, deixa entender que a adoção de uma nova visão, talvez mais plural e pragmática, seja um movimento imprescindível para continuidade da luta.

EV DISC 11, EXC 188: Davi: *O índio, pra mim, na minha **visão**, ele é totalmente*

*determinista. No ponto de **olhar** geográfico. Ele nunca vai ser possibilista, ele não vai alterar aquele meio que ele tá vivendo. Ele vai se adaptar àquele meio. Se o meio é quente, ele vai se adaptar a esse clima, vai procurar forma de não sofrer com o calor ou usar o calor a seu favor pra secar carne ou fazer alguma coisa. Então eu **vejo** que o meio, o espaço, ele influencia muito nas vidas das pessoas aqui da comunidade. E outro desafio, é o desafio político, né. Não só fora, para conseguir os avanços com as políticas indigenistas, a demarcação, a homologação, a própria delimitação que muitos ainda não tem. Mas também dentro... a própria política dentro da própria aldeia, com as próprias lideranças, entrar numa conciliação, conseguir tirar o câncer que existe dentro das comunidades, que não vou dizer que é só aqui, mas toda comunidade, ela tem um problema interno..*

O senso crítico marca o discurso de Davi, na mesma intensidade que o político marca o do Pajé e o místico orienta o de Cecília e Flora. A noção de “colocar sentido” é crucial na condução da vida, para o participante. Colocar sentido engloba questionamentos existenciais sobre a família, a comunidade, o trabalho e o valor que o indígena dá para a própria vida. Discutindo sobre a natureza dessa busca pelo sentido, Davi se refere à pessoa que não investe em autorreflexão e, portanto, não é capaz de traçar um plano de vida que se funde num pragmatismo e numa revisão filosófica constante, como cega, como um *jumento* que executa tarefas de forma fortemente condicionada numa direção apenas, sem desenvolver uma visão ampla das possibilidades de novos caminhos.

*EV DISC 11, EXC 189: Davi: Será que eu tenho que mesmo fazer isso, será que eu não posso ganhar dinheiro e fazer outra coisa que me faz bem? Será que eu não posso sustentar a minha família de outra forma? Será que eu não posso ser o meu próprio patrão? Entendeu, não **vê** as outras possibilidades, ela se torna **cega**, como se fosse um jumento com.. **olhando** so pra frente. Ele só vai ter um **ponto de vista**. Um **ponto de vista**, **vista** de um único ponto. Ele não vai **ver**, não vai ter a visão do geral.*

A complexidade da vida enquanto conjunto de processos com os quais cada indivíduo tem que lidar a todo momento é oposta à simplicidade operacional de um animal de carga ao qual se impõe uma visão restrita do caminho que percorre.

Começar a ver é uma habilidade condicionada ao ato de dar sentido ao que se vive. Pôr sentido é o grande desafio na saga individual e impescinde da adoção de uma nova forma de

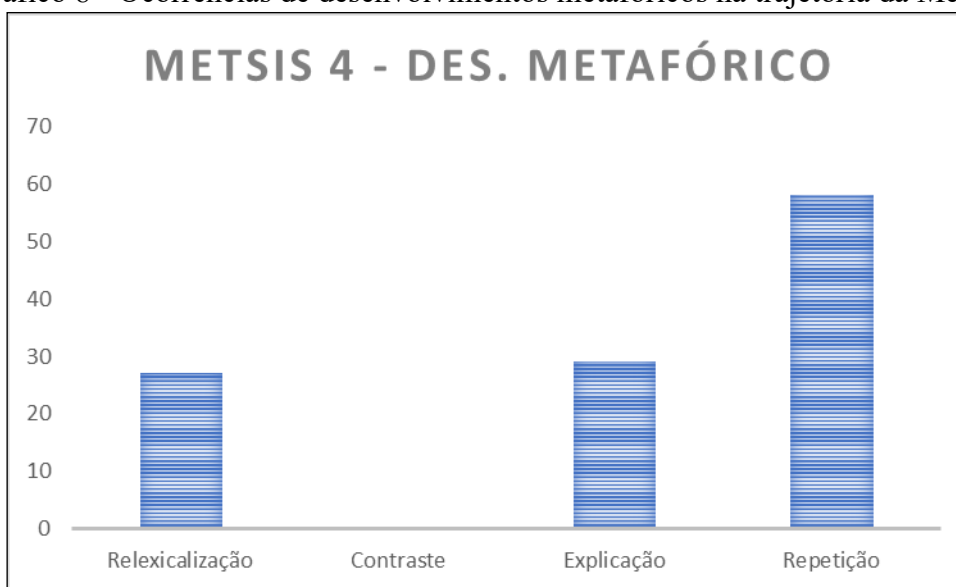
compreender a própria vida, isto é, uma nova visão.

EV DISC 11, EXC 190: Davi: *E ai, eu começo a dar sentido. Quando elas **veem** o sentido, então elas conseguem dar a volta por cima, elas conseguem se corrigir. Se corrigindo suas ações ou suas falhas ou suas perfeições.*

Por fim, em resposta à entrevistadora sobre como ele compreende as relações com as pessoas durante uma adversidade, Davi situa a visão pessoal sobre o mundo num lugar de proeminência para a superação de um desafio, usando como exemplo desafio, a própria pesquisa realizada, na época, pela entrevistadora.

EV DISC 11, EXC 191: Davi: *Pra mim são que nem uma troca. Porque as vezes, é como a gente conversando aqui. Eu tenho uma **visão**, você tem **outra**. Então talvez, a minha **visão** pode te ajudar em alguma coisa. Na tua pesquisa ou não. Mas se tu não tivesse essa troca, esse relacionamento, talvez tu... alguma outra dificuldade, ou a tua própria pesquisa, tu não iria conseguir completar, superar.*

Gráfico 8 - Ocorrências de desenvolvimentos metafóricos na trajetória da MetSis



Fonte: elaboração do autor.

4.5 Metáfora sistemática 5: VIVER É TRABALHAR PELA LUTA

Tabela 8 – Estatísticas básicas MetSis 5

EV. DISC.	PARTICIPANTES	G-VMets	Nº de VMETs
01, 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08, 10, 11, 12, 14	Diomar, Fernanda, Carol, Cecília, Natália, Pajé, Flora, Neusa, Davi, William, Celso	TRABALHO	43

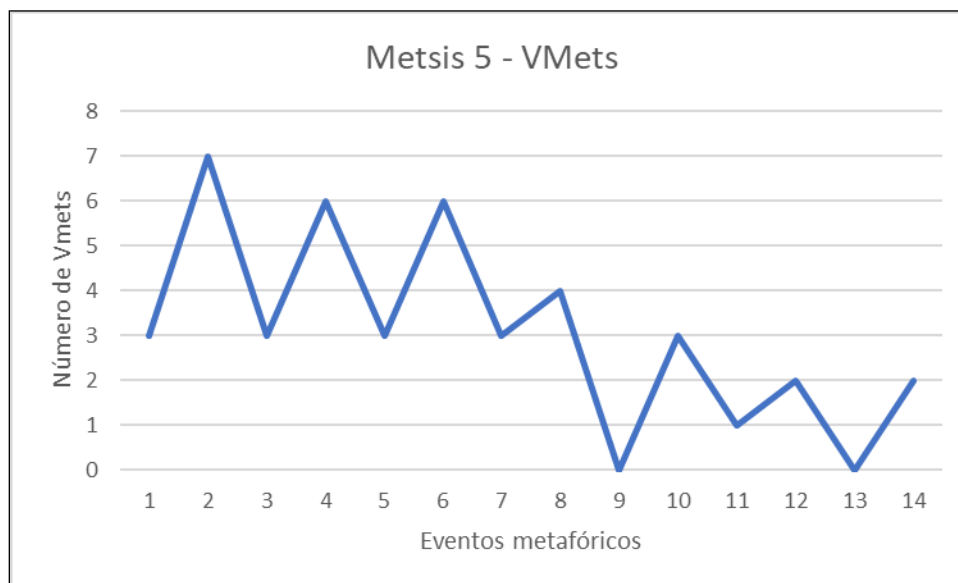
Fonte: elaborado pelo autor.

Figura 11 - Imagem de capa do grupo de facebook Luta e Resistência Pitaguary



Fonte: Facebook. Figura 12 Ser Pitaguary passa por poder expressar a sua cultura. As redes sociais se tomaram, sobretudo nas últimas décadas, um dos lugares privilegiados para expressão de cultura e luta pela defesa de direitos. É o que vemos na imagem de capa da página

Gráfico 9 – Número de VMets por evento discursivo



Fonte: adaptado de Carneiro (2014, p. 155).

A metáfora VIVER É TRABALHAR PELA LUTA emerge a partir da concepção de vida que os Pitaguary constroem com base no uso frequente de termos relacionados ao campo semântico do trabalho em sua fala. A vida diária, por sua vez, confunde-se, como vimos acima, com uma espécie de luta permanente e abrangente, a qual se desdobra em diversos subtipos de luta ligados aos mais diversos âmbitos pessoais ou comunitários, tais como o âmbito individual afetivo-emocional, o profissional, o acadêmico, o espiritual, o jurídico-legal, o político, entre outros.

O trabalho é definido por Marx como a atividade sobre o qual o ser humano emprega a sua força para produzir os meios para seu sustento. No contexto cognitivo-conceitual que emerge no discurso dos indígenas Pitaguary, as atividades cotidianas comunitárias, as ações engajadas nas reivindicações de natureza política, social e jurídica e a atuação das lideranças em prol da preservação da cultura tradicional são entendidas como trabalho. O escopo de atitudes e ações, distribuídas em etapas, constituem tarefas a serem cumpridas pela comunidade para garantir o conseguimento dos objetivos do empreendimento laboral. Os líderes ou os membros mais engajados no trabalho se veem como tendo uma missão, que em geral diz respeito à promoção da união entre os membros da comunidade, à preservação da cultura tradicional, à valorização dos ensinamentos dos troncos-velhos, à consecução dos objetivos políticos, jurídicos e sociais da aldeia, ou seja, os mesmos elementos que constituem, motivam e definem a luta Pitaguary.

Veículos metafóricos agrupados na categoria TRABALHO ocorreram 34 vezes nas falas de 11 dos entrevistados. Sigamos para a análise.

No primeiro encontro, Diomar, na discussão em que também estão presentes Fernanda e o Pajé, refere-se às lideranças como instrumentos do dia a dia, o que, na nossa compreensão, integra o mapeamento presente na metáfora conceptual VIDA É TRABALHO.

EV DISC 1, EXC 192: Diomar: O nosso cacique, o nosso pajé e as nossas lideranças eram os nossos **instrumentos** do dia a dia. Principalmente para aqueles que estão aprendendo andar no movimento. Não é só dizer que está aprendendo, não. Tem que ir junto da caminhada, junto com eles.

Não fica claro se as lideranças funcionam como instrumentos da vida ou de um agente divino que agiriam na orientação do povo Pitaguary por meio das lideranças, ou se estas são instrumentos do próprio povo, como entidade personificada, para trabalhar a si mesmo. Em ambos os casos, acreditamos que a metáfora conceptual VIDA É TRABALHO é a instanciadora da expressão linguística.

Fernanda emprega o termo missão, associando-o ao seu papel na luta, para se referir ao seu objetivo maior de conscientizar os membros mais jovens da comunidade da importância de preservar a memória dos antepassados sobre as conquistas e sofrimentos pregressos.

EV DISC 1, EXC 193: Fernanda: *A nossa dificuldade é por ser jovem e que temos que garantir hoje, com o amanhã a gente não perder, né. Então isso é a nossa **missão**. Mas a luta continua muito pesada. Não é qualquer um que aguenta. Então a **missão** não é de uma hora pra outra que a gente consegue. Sendo Pitaguary, o índio de hoje, é você ter uma noção saber o que seus antepassados passou.*

No excerto acima, o termo missão, de acordo com a trajetória metafórica iniciada com o VMet instrumentos do primeiro excerto, indica o desenvolvimento metafórico explicação, por expandir a noção de instrumento, fazendo-a se aproximar da ideia de trabalho.

No segundo evento discursivo, Natália retoma o termo missão para se referir ao seu compromisso com a promoção de atitudes mais ecológicas e espiritualizadas entre os membros da comunidade. A participante também confronta o caráter ambientalista de sua visão à perspectiva utilitarista das pessoas de fora da aldeia.

EV DISC 2, EXC 194: Natália: *A minha **missão** no mundo é trazer essa visão diferente, que é da natureza, que é dos encantados. (...) No mundo eles visam algo maior, que*

pra nós não é. Que é o papel. Que é o dinheiro. Que é o diploma. E pra nós, a gente não se sente bem porque eles desmatam a nossa mata pra fazer esse papel.

Uma outra preocupação de Natália e que a motiva nas suas ações e atitudes cotidianas no seio da comunidade é o resgate e a preservação das tradições deixadas pelos antepassados e pelos anciãos Pitaguary.

EV DISC 2, EXC 195: Natália: *Hoje eu sinto muito a necessidade de falar com os nossos velhos. Já faleceram muitos, e a história foi embora com eles. Só ficou dentro da nossa memória. Eu tenho aquela **missão** de resgatar ou daí de vivenciar e não deixar pra trás o que eles deixaram pra gente.*

Nos excertos acima identificamos o desenvolvimento metafórico de explicação.

O excerto abaixo, já apresentado no contexto da análise de outra metáfora sistemática, revela, de forma mais explícita, a preponderância da metáfora VIVER É TRABALHAR na fala dos Pitaguary ao se referirem à vida. A relação desta metáfora conceptual com a luta indígena é estabelecida na reflexão de Natália sobre a distribuição de seu trabalho ao longo do tempo, indicando que a etapa atual da missão é executada em prol de um futuro no qual os descendentes dela gozarão dos frutos da luta presente.

EV DISC 2, EXC 196: Natália: *Mas eu tenho que ficar aqui com o meu povo. E um dia, se eu vou morrer lutando, eu vou morrer feliz. Do que eu ter fugido ou do que eu tá em casa assistindo a TV. Prefiro estar junto, sofrendo, mas tamos junto. Um dia essa nuvem passa e o sol vai brilhar de novo. É uma das certezas minhas e firmezas. Eu **trabalho** nesses dois pontos, e eu **trabalho** pro futuro. Meu **trabalho** não é pra a agora. Meu **trabalho** é pros meus filhos, pros meus netos, meus tataranetos. E não me cansa, nem um instante.*

Em outro momento de sua fala, em que podemos observar um grau notável de transculturalidade, Natália faz referência à preservação e ao fortalecimento de um círculo sagrado de mulheres que teria sido esquecido no século XIV. Não fica claro se esse círculo, que parece constituir um conjunto de práticas religiosas específicas das mulheres indígenas, se relaciona a uma fase real da qual as narrativas Pitaguary guardam uma memória quase extinta; ou se essa noção recebeu influência de leituras contemporâneas que tratam do feminino nas religiões ditas pagãs da Idade Média.

EV DISC 2, EXC 197: Natália: *Uma coisa que eu faço é esse círculo de mulheres que*

*foi esquecido no século 14. Há muito tempo foi adormecido ou guardado por nossos ancestrais, por nossos encantados, por elas mesmo, né. E toda mulher tem essa essência guardada. Como que eu posso ver essa essência? No dia a dia, na roupa que eu visto, numa cor que eu mais gosto, eu tenho intuições que hoje vai ser bom, que hoje vai ser não tão legal. Mas eu nem sei ainda. E a sua essência do passado. Que alguma coisa ainda respinga hoje. Então eu tenho a **missão**, hoje na terra de manter isso vivo.*

O desenvolvimento metafórico identificado é o de **explicação**.

A luta pelo reconhecimento da identidade indígena, isto é, as reivindicações legais relativas à aplicação da lei constitucional que garante direito aos indígenas, é referida como um trabalho que foi assumido por Carol e suas irmãs depois da morte da mãe, a grande responsável pela “conquista da identidade” Pitaguary.

EV DISC 3, EXC 198: Carol: *Então a dificuldade que eu lembro que nós viemos ter foi essa, de ter esse reconhecimento dessas 118 famílias, mas, graças a deus, a minha mãe, com ajuda de outras pessoas, conseguiu fazer o reconhecimento dessas famílias. De lá pra cá, a gente vem **trabalhando**. A minha mãe faleceu em 2004, de lá pra cá a gente vem assumindo esse **trabalho**. Nós irmã, Cecília, Flora e eu, Carol.*

Desenvolvimento metafórico: explicação.

Mais à frente, Carol alude a um episódio marcado por grande tensão no seio do “movimento”, termo utilizado para se referir à organização indígena que se volta para as questões discutidas e que pautam as reivindicações da comunidade. Após um breve período em que alguns dos membros cogitaram, movidos pela frustração e pela raiva, desistirem de suas missões, os membros conseguiram compartilhar força entre si, rito que permitiu que eles continuassem cumprindo as tarefas demandadas pelo trabalho.

EV DISC 3, EXC 199: Carol: *Quando nós começamos o nosso movimento, a gente tava à flor da pele. Que a todo momento a gente queria chutar o pau da barraca, desistir. Uns ficam dando a força aos outros pra ter calma, pra permanecer, continuar firme nos **trabalhos**.*

Desenvolvimento metafórico: explicação.

No encontro com Cecília, a luta pessoa da mãe da participante é mais uma vez destacada como essencial para o crescimento da comunidade Pitaguary como grupo social e político.

EV DISC 4, EXC 200: Cecília: *Então ela tinha uma preocupação social pra ajudar o próximo. Infelizmente ela morreu muito cedo. Mas ela era uma pessoa que tinha um **trabalho** muito bonito, muito bom aqui dentro da comunidade. Inclusive foi uma pessoa que lutou muito pra que esse povo fosse reconhecido como índios Pitaguary...*

Desenvolvimento metafórico: **explicação**.

A questão da identidade Pitaguary é tratada mais uma vez, bem como a do empenho pela preservação e valorização do passado e das tradições.

EV DISC 4, EXC 201: Cecília: *Ela fez um resgate da história, do passado com os idosos, trazendo todas aquelas histórias para que as pessoas lembrassem do passado. E que valorizasse esse passado. Eu penso que se ela não tivesse feito esse **trabalho**, talvez esse povo aqui não tivesse sido reconhecido. Eles não tivessem se permitido ser reconhecido. Eu sei que foi através desse **trabalho** dela.*

EV DISC 4, EXC 202: Cecília: *Então esse **trabalho** de conscientização que ela fez com a gente foi muito importante que a gente se fortalecesse enquanto Pitaguary e que a gente aprendesse à nos valorizar e aceitar quem a gente era, aceitar o que nós éramos e lutar.*

Desenvolvimento metafórico: **repetição**.

O trabalho de promover a legitimidade da identidade indígena entre os Pitaguary também é atribuído ao Pajé.

EV DISC 4, EXC 203: Cecília: *Junto com ela veio o pajé, o Barroso que era bem mais moço, novo que a minha mãe. Que depois que a minha mãe morreu ficou o Barroso que faz um **trabalho** também que... Na época dela ele ainda não era pajé. Logo depois que o pajé morreu ele foi ser o pajé e ele tem essa sensibilidade também de agregar, de chamar, de reunir e de juntar o povo, pra dar continuidade, pro **trabalho** desses que ja se foram.*

Vê-se que o trabalho, bem como a luta, são processos que funcionam como heranças que permanecem transgeracionalmente, indicando, como veremos na análise de outras metáforas sistemáticas, que a perspectiva temporal dos Pitaguary são notavelmente ampla, tanto em seu direcionamento para o passado como para o futuro.

Fernanda reemprega o termo trabalho no quinto evento discursivo para falar explicitamente da luta enquanto trabalho, isto é, de como enfrentar os desafios e adversidades

vindos de fora constitui o trabalho ao qual os membros, sobretudo as lideranças indígenas, se dedicam.

EV DISC 5, EXC 204: Fernanda: *Dia por dia, índio morre, dia por dia nos vamos perdendo o direito da nossa terra. A prova é a pedreira aqui, onde foram tocar o fogo aqui. Então, nós brigamos muito. E isso é **trabalho** nosso, né.*

Desenvolvimento metafórico: **explicação**.

Como ocorre numa empresa em que funcionários exercem cargos distintos de acordo com suas habilidades e delegações vindas da organização do empreendimento, na comunidade Pitaguary cargos são distribuídos ou assumidos de acordo com a necessidade. É o que indica Fernanda em sua fala sobre seu papel de auxiliar do Pajé.

EV DISC 5, EXC 205: Fernanda: *Porque a aldeia toda tem muitos problemas. Então a gente passamos, em vez de ser filho, nos passamos de ser **parceiros**. Então nós, eu, Lucas, minha irmã Natália, os outros que tão, nós passamos a ajudar o pai, né, automaticamente nós pegamos esse **cargo** também.*

Desenvolvimento metafórico: **explicação**.

Parceiros também funciona, no esquema de projeções criado pela metáfora, como veículo metafórico, na medida em que em detrimento da relação genética direta entre Fernanda e o Pajé, é a relação trabalhista de parceria que passa a predominar.

No excerto abaixo, marcado pela ambiguidade, o Pajé se refere aos temas mais importantes discutidos nos conselhos comunitários Pitaguary, a questão da terra e a cultura, que são entendidos como centrais para o povo indígena. O participante parece refletir sobre a contradição entre a simplicidade das missões que os Pitaguary se propõem, e a dificuldade em executar as tarefas exigidas pelas mesmas.

EV DISC 6, EXC 206: Pajé: *E nossos conselho é virado mesmo, eu diria assim, pra essa parte principal, terra e cultura, ela é a chave mais forte dos Pitaguary. Claro que a gente **trabalha** nesta dúvida, mas existe **trabalho** que eu diria assim, leve mas muito difícil da gente conduzir. Porque a maior guerra dos Pitaguary é a cultural mesmo. E incrível como ela danifica ainda, a identidade de um povo. Então essas são as **tarefa**, por dia a dia de dificuldade, né.*

Desenvolvimento metafórico: **explicação**.

A seguir, discutindo a árdua questão sobre a escolha do novo cacique que substituiria

o cacique Daniel, morto havia apenas três meses antes da época da coleta de dados, o Pajé emprega os termos *trabalhamos* e *trabalho* para se referir a dois domínios de atividades diferentes. Com *trabalhamos*, ele parece se referir ao modo tradicional de escolha de novas lideranças dentro da comunidade, o qual deve evitar nepotismos e considerar as habilidades e competências dos candidatos; com *trabalho*, por sua vez, ele se refere às atribuições de um cacique, as quais exigem alta qualificação.

EV DISC 6, EXC 207: Pajé: *Mas dentro do seguimento, eu deixei bem claro que antes de cacique, quem fazia as lei era pajé. E desta vez eu, quanto presidente, né, ou vice-presidente, eu tou na minha vez de abrir o processo pra gente nomear outro cacique na aldeia. E eu fui impedido por alguns índios, mesmo sabendo que eu não quero divisão. Mas eles não lembraram que tinha essa pessoa. Então isso também é dificuldade. Dificuldade porque nós aqui não **trabalhamos** pai pra filho. Mas sim, em quem competência, quem tem uma graduação pra acertar esse **trabalho**, que não é fácil. Ser cacique você entra uma vez, dificilmente você sai. Só se for por crimes terrível, corrupções, estrupo, assassinato, outras coisas mais que a gente pode pedir que aquele cacique se afaste porque não tá conduzindo o **trabalho** que venha nos honrar. Nesse momento nós tamos sem cacique, porque eu tenho que esperar que passe realmente esse período de luto pra gente nomiar outro cacique. Então, isso é muito difícil.*

Na fala de Neusa, a união e a solidariedade são entendidas como parte do trabalho dos membros da comunidade Pitaguary.

EV DISC 7, EXC 208: Neusa: *Se tiver uma pessoa doente, a gente vai lá, faz um chá, faz um remédio, vai deixar, se for questão da pessoa precisar ir pro médico, não tem como, a gente dá um jeitinho, chama um, chama outro, dois, três pra levar. Sempre a gente **trabalhou** dessa maneira.*

O trabalho conceptualiza também toda e qualquer ação necessária para garantir a sobrevivência ou superar dificuldades. Segundo Neusa, não existe trabalho que não apresente barreiras, e é a superação dessas barreiras que resultarão em conquistas “lá na frente”, na jornada da vida ou da luta, como é sugerido no excerto abaixo:

EV DISC 7, EXC 209: Neusa: *Não existe nem uma conquista sem uma dificuldade. Não existe **trabalho** sem desafio. Todo **trabalho** da gente tem um desafio. Não existe*

coisas boas sem barreiras. Que você sabe que as coisas fácil demais não é bom. As coisas difícil faz com que a gente supere tudo lá na frente.

No evento discursivo seguinte, Natália, na ocasião do proferimento da sua palestra, demonstra gratidão à atuação dos antepassados e dos seres espirituais na conquista dos direitos indígenas, bem como orgulho pela luta travada pelos Pitaguary em prol da garantia do direito de viver a sua cultura.

EV DISC 8, EXC 210: Natália: *E eu não tou empregada, não, eu estou desempregada, mas mesmo assim, eu tou muito feliz, porque eu tou com o meu povo. Nós tamos aqui vendo crianças pintadas, recém nascidas. Isso é muito lindo pra mim! No passado a gente não podia fazer isso, porque a gente era mal visto. E hoje não, a gente é bem visto, graça ao nosso **trabalho** dos encantado e do passado, das pessoas dos trancos velho.*

Em outro trecho de sua fala, vemos a amplitude temporal com que Natália visualiza os resultados de seu trabalho atual no sentido da defesa dos valores tradicionais Pitaguary. Amplitude que é associada à espiritualidade indígena intensamente defendida por ela e contraposta à visão precária que as pessoas não espiritualizadas, como as de fora, têm sobre as gerações futuras.

EV DISC 8, EXC 211: Natália: *Quanto as pessoas, que não têm a mente pra Deus, Pai Tupã, que não tem a mente aberta para o mundo universal, não vê lá na frente seu filho, não vê mais na frente seus netos, seus tataraneto, porque hoje eu **trabalho** para o meu filho e pro filho do meu filho. Eu não **trabalho** pra mim. Então, eu **trabalho** praquela que ta nascendo ainda.*

Flora, em outro evento discursivo, fala de como ela lida com as demandas pessoais e comunitárias criadas pelas adversidades que tem que enfrentar. Sua vida em comunidade, isto é, seu trabalho em prol do coletivo, não pode sofrer interferências das vicissitudes vindas do âmbito pessoal.

EV DISC 10, EXC 212: Flora: *Eu tenho as minhas dificuldades pessoais e tento superar as minhas dificuldades pessoais, sem deixar que isso vem interferir no meu **trabalho** coletivo *dentro* da comunidade.*

No domínio pessoal familiar, as dificuldades com as quais deve se ocupar exigem uma preparação afetivo-emocional de ordem motivacional, a qual é entendida com um trabalho, que parece consistir num processo de transformação cujo objeto é, no caso exemplificado por Fora, a

família, com vemos abaixo:

EV DISC 10, EXC 213: Flora: *Meu filho quer casar. Eu sei que pra mim vai ser uma dificuldade que eu vou passar porque eu vou ter que correr atrás de recurso pra poder tentar realizar o sonho dele do casamento dele. E aí, isso aí, nós vamos ter que **trabalhar** toda a família. A família toda vai ter que se empenhar, parar de gastar com besteira pra poder sobrar recurso pra isso. Então isso, toda família vai ter que ser **trabalhada** pra isso.*

O participante Davi, que, como vimos, tenta conciliar suas vivências como indígena e como acadêmico, deixa se estruturar, por meio do uso que faz dos veículos metafóricos, uma compreensão mais individualista do trabalho. Na primeira menção ao conceito feita por ele, observamos a aparição da metáfora que Kovecses chama de metáfora do self dividido. Nessa metáfora, o indivíduo experiencia diferentes aspectos de sua personalidade como um eu distinto do eu que pensa, do eu consciente que exerce o papel central de sua personalidade.

Nas palavras de Davi, superar situações difíceis engloba a capacidade de lidar com aspectos desafiadores da própria personalidade, sobretudo aqueles que se relacionam com escolhas importantes com que jovem se depara nas primeiras décadas de sua vida. As diferentes práticas terapêuticas por que passou e as leituras que realizou são entendidas como um trabalho do qual o seu eu foi objeto. O aspecto transformador do trabalho é evocado e instrumentalizado como estratégia de superação de adversidades.

EV DISC 11, EXC 214: Davi: *Eu digo assim, que eu nunca ‘sofri’ assim, profundamente. Eu comecei as questões de terapia, estudar esses tipos de coisa muito cedo. Com 18 anos eu já fazia renascimento, fazia regressão consciente. Mas eu participava, agora eu conduzo, mas antes eu participava. Já com muito novo. Então eu comecei a **trabalhar** o meu ‘eu’ muito cedo, tanto que eu saí de um curso totalmente de exata, da matemática e fui pra um curso totalmente de humano, que é a geografia. E já tinha 3 semestres de curso, então era difícil.*

Vemos que a mudança de curso universitário, vivida como dificuldade pelo participante, exigiu a execução de ações e atitudes reflexivas voltadas ao próprio comportamento e pensamento que foram conceptualizadas como trabalho. É interessante notar que situações de conflito interno como essa, na fala de outros membros da comunidade, foram percebidas como luta.

Passando para a fala de William, as ações dos Pitaguary em prol da comunidade são definidas metaforicamente com um tipo moralmente válido de trabalho. No entendimento do participante, no entanto, há grupos de indivíduos no seio da aldeia que investem em ações e atitudes consideradas moralmente reprováveis.

EV DISC 12, EXC 215: William: *Porque nós aqui dentro da comunidade, tamos sempre querendo **trabalhar** num ponto certo. Mas tem sempre aqueles que tão querendo **trabalhar** no ponto negativo. E a gente querendo andar na linha e os outros que tão querendo andar fora da linha. Aí, fica complicado, fica muito complicado da gente querer fazer o que a gente tem vontade de fazer, que é alcançar os nossos objetivos.*

A contradição entre trabalho positivo e trabalho negativo define a consecução ou não dos objetivos que os indígenas se propõem.

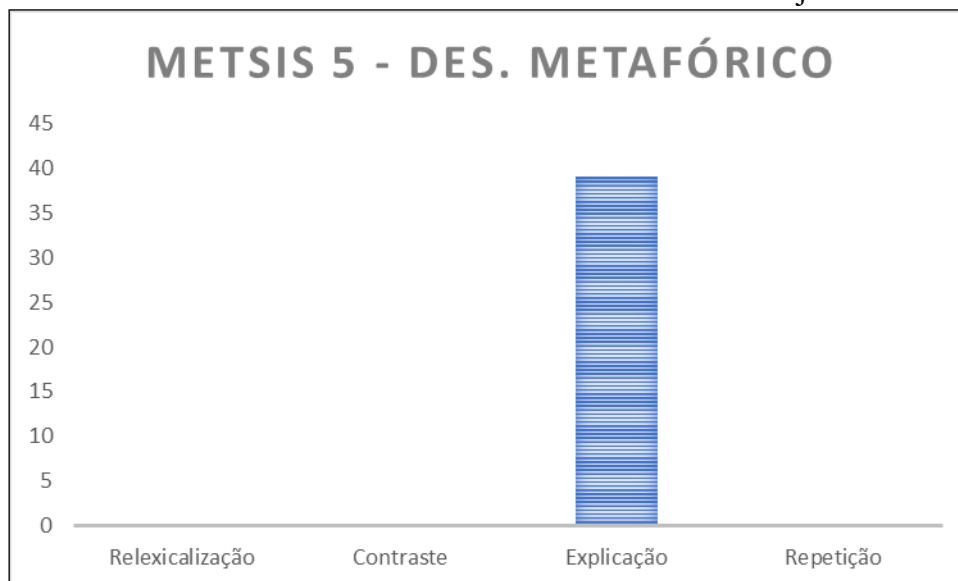
Na última fase da trajetória do VMet em análise, o termo missão é reempregado por Celso para se referir ao conjunto de ações em que investe seu tempo a fim de atingir o objetivo de promover entre a comunidade atitudes e ideias diferentes, isto é, que se baseiem sobre uma concepção que leve em conta as relações ecológicas entre os seres vivos e o respeito pelos sistemas naturais do planeta.

EV DISC 12, EXC 216: Celso: *Nós vimos nesse mundo com a **missão** permanente de fazer a diferença. A diferença para um mundo melhor. É inevitável que a gente caminhando pra barbárie total da existência humana. Quem sabe, daqui em alguns séculos, outra forma de vida chega a esse planeta e veja o mal que nós fizemos a ele.*

Finalmente, ainda no contexto das transformações paradigmáticas de pensamento, o convencer as pessoas de que a caridade e o amor são o único caminho capaz de salvar a comunidade e a humanidade, é a missão que Celso se oferece, numa versão ampliada da missão de Carol ou Natália, as quais visam, sobretudo, a própria comunidade como objeto de seu trabalho vital.

EV DISC 12, EXC 217: Celso: *Então a minha **missão** é essa. Tentar fazer com que vocês se convençam, que este é o único caminho. A caridade e o amor. É um caminho que tem ida, tem volta, tem altos e baixas. Mas é um caminho.*

Gráfico 10 - Ocorrências de desenvolvimentos metafóricos na trajetória da MetSis



Fonte: elaboração do autor.

4.6 Metáfora sistemática 6: ÍNDIOS PITAGUARY SÃO BICHOS DA MATA QUE SE UNEM, ATACAM, DEFENDEM-SE E RECUAM

Tabela 9 – Estatísticas básicas MetSis 6

EV. DISC.	PARTICIPANTES	G-VMets	VMETs
01, 02, 04, 05, 06, 07, 08, 10, 11, 14	Diomar, Fernanda, Carol, Cecília, Natália, Pajé, Flora, Davi, Celso	BICHOS DA MATA	30

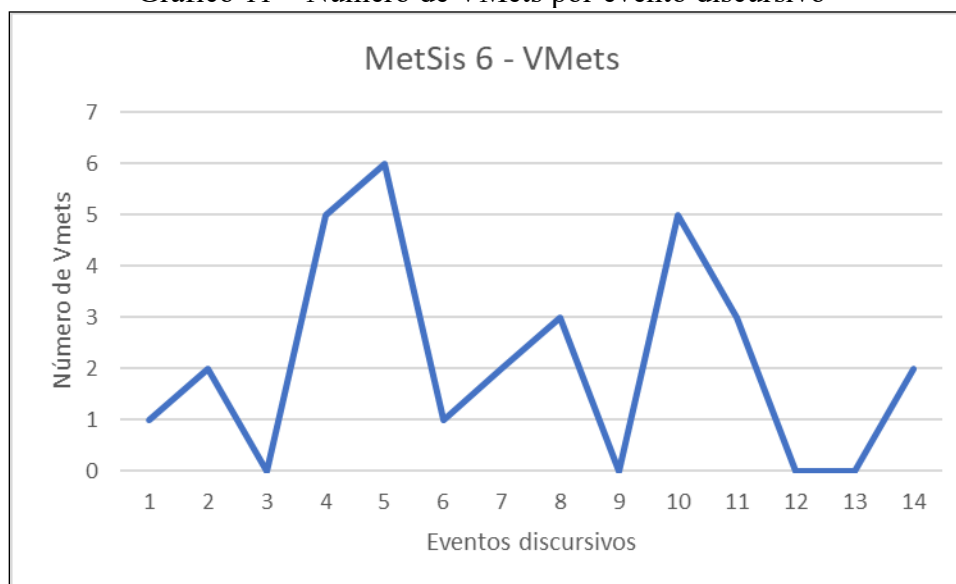
Fonte: elaborado pelo autor.

Figura 12 – Formigas cortadeiras transportando fragmentos de folhas



Fonte: Google.

Gráfico 11 – Número de VMets por evento discursivo



Fonte: adaptado de Carneiro (2014, p. 155).

A metáfora sistemática ÍNDIOS PITAGUARY SÃO BICHOS DA MATA QUE SE UNEM, ATACAM, DEFENDEM-SE E RECUAM fundamenta-se no mapeamento conceptual, instanciado pela metáfora conceptual ÍNDIOS PITAGUARY SÃO ANIMAIS SELVAGENS, que, adaptada por nós, tornou-se ÍNDIOS PITAGUARY SÃO BICHOS DA MATA, que correlaciona comportamentos, habilidades ou atributos associados aos animais selvagens com o comportamento humano.

Os animais selvagens presentes no imaginário dos membros da comunidade Pitaguary entrevistados para a pesquisa compõem um bestiário no qual se encontram diferentes tipos de

espécies de insetos, mamíferos, répteis e aves normalmente associadas ao espaço geográfico do litoral cearense, tais como formigas, borboletas, onças, cobras, leões, gatos, lobos, peixes, jumentos e águias.

O termo genérico *bicho* é utilizado com frequência, especialmente nas ocasiões em que os Pitaguary se referem ao tratamento desumano de que foram vítimas no passado. A palavra *pássaro*, sem indicação de espécie, também é muito comum, sendo a águia a única categoria de ave citada especificamente. O Brasil realmente conta com diversas espécies de águias, que acabam recebendo o nome de *gaviões* na maior parte das regiões do Brasil onde ocorrem. Apesar dessa mobilidade onomástica, o termo *gavião* não surgiu na fala dos Pitaguary entrevistados, o que pode apontar para influências culturais de origem europeia na categorização dessas aves.

O lobo é citado por uma participante para se referir, na verdade, às pessoas de fora, e é um termo empregado em um contexto em que é usada uma narrativa de contos de fadas europeia como parábola para sua experiência de abertura cultural.

O leão, apesar de aparecer na fala de uma das participantes, é uma espécie extinta das américas há mais de 10 mil anos, o que torna impossível que a referência ocorrida em nossos dados tenha uma origem experiencial ancorada nas relações tradicionais dos indígenas com a fauna local. A hipótese de influência cultural de outros povos por meio de mídias como televisão, livros ou internet é perfeitamente aceitável.

Na primeira ocorrência do VMet *bicho* no conjunto de eventos discursivos analisados, Fernanda se refere aos índios Pitaguary em termos de animais que são caçados, por meio de uma símile metafórica: “que nem bicho”. No frame de “caça” ativado, o europeu surge como agressor e caçador, ao passo que o indígena é referido como a vítima e a caça:

EV DISC 1, EXC 218: Fernanda: *Porque a minha bisavó não botava cocar na cabeça, não cantava músicas, porque realmente os bisavôs deles sofreram o pior massacre, que era ser caçado na mata que nem **bicho**.*

As emoções humanas são conceptualizadas em termos de comportamento animal na fala dos Pitaguary. O gato, animal considerado por várias culturas como inteligente, genioso, independente e desconfiado, além de poder se mostrar agressivo quando provocado ou contrariado, é mencionado por Flora em referência a pessoas de índole arisca, cética em relação às atitudes de alguém.

EV DISC 2, EXC 219: Entrevistadora: *E vocês se lembram de outras expressões que*

vocês usam para comunicar-se quando passaram por coisas ruins, ou que mudaram pro positivo.

Flora: *Pois é, por exemplo a pessoa que é muito desconfiada, as vezes a gente diz assim, **gato** escaldado tem medo de agua fria.*

O ditado popular empregado descreve uma narrativa metafórica em que o gato que foi obrigado a passar pela experiência negativa de tomar um banho em água muito quente, isto é, ser escaldado, desenvolve um tipo de trauma que se alia à instintiva falta de estima da espécie por banhos e produz uma medo intenso de água, independente da temperatura em que ela se encontre. Assim, no que Lakoff chama de instanciação da metáfora conceptual PESSOAS SÃO ANIMAIS, uma pessoa desconfiada é um gato que foi escaldado.

Logo a seguir, Carol retoma o termo *gato*, mas para mencionar o aspecto agressivo e não o defensivo do animal.

EV DISC 2, EXC 220: Carol: *Ou então pessoas que aprontam com o outro e não assumem que aprontou, e aí a expressão que é usada é dar unhada esconde a unha. Fulano é igual um **gato**, da as unhada e esconde a unha.*

De acordo com essa fala, a agressividade do ataque do felino, ilustrada pelo uso ativo da *unha* como arma, seguida da ocultação do instrumento corporal, projetam-se metaforicamente sobre a agressividade ou inépcia comportamental de uma pessoa e sua atitude dissimulada seguinte, respectivamente. Essa é a interpretação que Flora faz no turno de fala consecutivo:

EV DISC 2, EXC 221: Flora: *Porque faz alguma coisa errada e chega fingindo todo de inocente. Então a gente tem várias expressões usadas aqui.*

O desenvolvimento metafórico que observamos acima é o de **explicação**.

Cecília, em outro evento discursivo, rememora com tristeza os tempos em que os índios eram tratados de forma desumana pelos proprietários de terra e pela sociedade em geral. Ela retoma o termo *bicho*, num caso de desenvolvimento metafórico de **repetição**.

EV DISC 3, EXC 222: Cecília: *Não era bom, pra falar que alguém era índio, era melhor que isso não fosse dito. Era um insulto, porque o índio foi tão sofrido, tão massacrado, como se fosse um bicho, como a gente quisesse que as pessoas nunca lembrassem ou que não soubessem que a gente pertencia a esse povo.*

Por meio do uso da expressão metonímica *garra*, Cecília retoma o aspecto agressivo do mamífero felino para se referir à tenacidade, bravura, coragem do indígena Pitaguary, mas

especialmente da mulher Pitaguary.

EV DISC 4, EXC 223: Cecília: *Mas, levando pro lado mais otimista, né, acho que nós somos um povo bastante resistente. Acho que somos um povo de muita **garra** e que a gente sempre vê um lado bom.*

EV DISC 4, EXC 224: Cecília: *Dentro de todos esses anos de resistência do povo indígena, eu vejo uma **garra** muito forte da mulher indígena. Uma força grande que elas têm de resistir e de cansar com muito mais dificuldade.*

EV DISC 4, EXC 225: Cecília: *Entre nessa luta com tanta **garra**, com tanta **garra** que eu não tinha sossego, não. Eu passava dia e noite na luta.*

A metáfora conceptual PESSOAS SÃO GATOS e a metonímia relacionada CORAGEM É GARRA (baseada na relação que deve ter se estabelecido observacionalmente entre o uso da garra pelos felinos e demonstrações de coragem em momentos de defesa ou ataque) instanciam expressões metafóricas que já fazem parte do inventário linguístico das falantes de língua portuguesa.

O desenvolvimento metafórico observado acima é o de **explicação**.

As habilidades superiores de animais não humanos de deslocamento rápido, visão privilegiada, estratégias de ataque e defesa eficientes são associadas aos Pitaguary por meio das metáforas animais. A águia, com sua visão que lhe permite avistar uma lebre a mais de três quilômetros de distância, é referida por Fernanda como domínio fonte para a sagacidade e novos conhecimentos conquistados depois e através da superação de uma adversidade, da forma como a participante experiencia esse processo psicológico, afetivo e emocional.

Fernanda, em outro evento discursivo, explica o veículo metafórico *bicho* empregando três termos distintos para se referir a si mesma como indígena, em termos de animais selvagens: *gatinho*, *lobo mau* e *águia*, como podemos ver a partir dos excertos abaixo

EV DISC 4, EXC 226: Fernanda: *Ainda tenho pânico de cidade. O meu desafio maior, é aprender andar na cidade só. Eu me sinto um **gatinho** (rindo). O meu desafio é esse. Aprender a sair do mato e andar da cidade, não sei se eu consigo.*

EV DISC 4, EXC 227: Fernanda: *Então eu passei a ver o mundo de outra forma. E que nem a história do **lobo mau**. Aprendi que o **lobo mau** é o meu amigo.*

Uma figura fictícia oriunda dos contos de fada, o lobo mau, é mobilizada para referir-se não a habilidades requeridas para o povo Pitaguary, mas para ressignificar a relação de Fernanda,

a partir do desenvolvimento de uma nova perspectiva mais plural e conciliadora, com os habitantes do mundo exterior à aldeia. Estes deixaram de ser lobos malvados e agressivos, convertendo-se em “amigos”. Apesar da inversão que se pode inferir na metamorfose discursiva do lobo mau de inimigo para amigo, (o que, no contexto da narrativa original do conto de fadas, implica na projeção das qualidades de ingenuidade e pureza presentes nas figuras da Chapeuzinho Vermelho e da Vovó na direção dos indígenas Pitaguary), o enquadramento mais amplo de relação íntima com a natureza que os Pitaguary usam em sua cosmovisão, induziu-nos a incluir aqui a análise desse excerto.

Com o veículo metafórico *gatinho*, Fernanda recupera conceptualmente sua experiência adversa de visitante ocasional na cidade. A ansiedade gerada pelo funcionamento frenético dos sistemas próprios aos centros urbanos é relacionada ao desconforto que um filhote de gato demonstra ao ser inserido num ambiente desconhecido e aparentemente hostil. Apesar de a natureza selvagem ou doméstica do gato não passar por desambiguação posterior, a ocorrência do termo no fluxo que o veículo metafórico *bicho* vem seguindo em sua trajetória nos permite entendê-lo como integrando a família maior de “bichos da mata”, junto com os demais veículos.

No riquíssimo excerto abaixo, Fernanda faz menção aos aspectos de renovação e crescimento que ela identifica com as águias, especificamente as águias recém-nascidas. A sequência de desenvolvimento comum a essa ave, encubação, rompimento do ovo, crescimento e aprendizado do voo é encapsulada numa imagem em que são destacados dois aspectos que são relevantes para a metaforização que Fernanda promove: o confinamento dentro do ovo e no ninho, e a liberdade dupla constituída pela saída desse espaço diminuto e pela alçada de um voo inaugural. A experiência claustrofóbica (imaginada) do ovo, como limitador de liberdade, se projeta sobre as emoções e sentimentos aflitivos vividos nas ocasiões de enfrentamento de adversidades. A saída do ninho, como metáfora para o espaço de proteção, e também de confinamento, em que permanecem os filhotes ainda indefesos, aponta para a conquista de conhecimentos e de uma nova visão de mundo que provém justamente da superação da dificuldade. A visão própria da espécie da ave de rapina, que lhe permite ver além no caminho, parece convergir para essa nova visão alcançada, na última fase da micronarrativa biológica evocada por Fernanda.

EV DISC 5, EXC 228: Fernanda: *Dentro de uma dificuldade e eu sair dela, eu me sinto que nem fosse uma **águia** voando no céu com a visão além. Porque antes dela, eu tava dentro de um ovo. E essa **águia** saiu e voou. Dentro da dificuldade quando a gente sai, é que nem a gente tivesse saído no ninho. E a gente aprendeu a voar. E esse voo é de*

*uma liberdade tão grande, porque nunca mais você vai voltar pro mesmo ninho. Você pode até voltar, mas quando você for sair da dificuldade você já sabe como sair. E daí você já ganhou muita coisa. Eu me sinto que nem fosse uma **águia** livre.*

Na fala do Pajé, é o caráter traiçoeiro e nocivo que é evocado por meio de uma metáfora animal. As cobras são répteis que em várias culturas e na cultura cristã, principalmente, são associadas ao engano, à falsidade e ao pecado. Embora sejam relacionadas, na fala dos Pitaguary, também ao aspecto arquetípico de renovação e de infinito, como visto do símbolo composto pela cobra que morde a própria cauda, no excerto abaixo, são a venenosidade e a astúcia dessa espécie de réptil que são projetadas sobre a capacidade humana de alguns membros da comunidade de exibirem comportamento inadequado, nocivo e moralmente condenável.

O contexto é a discussão sobre como o Pajé, enquanto líder de uma comunidade que também deve lidar com conflitos de ordem penal, resolve casos de crimes cometidos dentro da aldeia.

EV DISCC 6, EXC 229: Pajé: *Na verdade, como se trata de crime comum, a gente passa pra justiça porque não é bom da gente acolher ou amenizar o erro daquela pessoa e deixar dentro da aldeia. É igual você pegasse uma **cobra venenosa** e aí, só prendesse ela, dois três dias e solta ela de novo. Então a tendência que ela vai morder de novo e poderá matar porque ela vai tá envenenada.*

Observe-se a particularidade da cobra descrita pelo Pajé: além de ser venenosa, isto é, metaforicamente fazer menção ao indígena capaz de cometer ações que resultem na morte de outros membros da aldeia, a cobra é entendida como *também* estando envenenada depois de morder sua vítima. Segundo nossa inferência, o Pajé sugere que o membro Pitaguary que cometeu um crime contra uma pessoa da comunidade, se não for adequadamente punido pela justiça externa à aldeia, poderá reincidir no comportamento criminoso, já que, depois de seu primeiro delito, teria sido envenenado, quase no sentido de contaminado, talvez pela própria falta.

A seguir, Neusa, em resposta sobre como ela entende suas relações com as outras pessoas durante adversidades, menciona a desorientação como característica associada a animais não humanos com os quais ela, metaforicamente, se identifica.

EV DISC 7, EXC 230: Entrevistadora: *Ao pensar em uma experiência ruim, relacionamentos com outras pessoas, são que nem...*

Neusa: *São que nem **bichos perdidos**, são que nem **animais perdidos** (rindo). Pronto,*

eu me sinto assim.

Perceba-se que resta uma certa ambiguidade no que diz respeito ao que se referem as expressões *bichos perdidos* e *animais perdidos*. Embora a questão da entrevistadora enfoque os relacionamentos com outras pessoas, Neusa, em sua resposta, parece apontar para seus sentimentos como os efetivos geradores das símiles metafóricas *que nem bichos perdidos* e *que nem animais perdidos*. Não seria a primeira vez que a incongruência entre a resposta fornecida pelos participantes e a pergunta feita pela entrevistadora apontaria para um tipo de falta de intercompreensão mútua devida, na nossa opinião, a questões culturais e idiomáticas.

Natália, em sua palestra, refere-se à bravura do felino selvagem, presente em regiões da África e da Ásia, para caracterizar o cacique dos Pitaguary. Esse animal, popularmente conhecido como rei da floresta - embora o título devesse, biológica e etiológicamente falando, ser concedido às fêmeas da espécie - não integra o rol de espécies presentes na fauna local, como já discutimos anteriormente. Sua presença no discurso dos Pitaguary pode se dever à influência de narrativas fílmicas, literárias ou televisivas na cultura indígena.

EV DISC 8, EXC 231: Natália: *Hoje o nosso cacique tá lá na mata. Eu fico dizendo pra vocês, quando vocês vê um grande leão na mata, não tenha medo, porque é o nosso cacique. Ele hoje está recebido pelos nossos encantados.*

As falas da participante Natália são frequentemente eivadas da defesa de valores espirituais, comunitários e ecológicos. A metáfora O CACIQUE É UM LEÃO emerge no discurso de Natália com resultado da interrelação entre elementos ambientais e psicológicos que compõem a situação discursiva. A informação de que o cacique está no meio da mata - que corresponde a um fato - combina-se à apreciação pessoal que a participante faz do cacique, isto é, de líder forte, gerando um domínio conceptual em que sobre a bravura de um líder humano que caminha pela mata é projetada a força e a bravura (em parte culturalmente concebidas) de um rei (aspecto imaginado) na floresta.

Os indígenas Pitaguary, por sua vez, em seu grande número (de uma perspectiva comunitária), somando 3623 cidadãos, de acordo com levantamento realizado pela Siasi/Sesai 2014, e em sua disposição para a união e compromisso com a colaboratividade, são vistos como formigas ou como um formigueiro. Natália utiliza a imagem metafórica desses insetos sociais como instrumento pedagógico na defesa de sua compreensão holística e ecológica da realidade. Capazes de enfrentar animais grandes em relação ao seu tamanho, e de construir imponentes estruturas

de habitação, as formigas convertem-se em fontes de aprendizado para os indígenas.

EV DISC 8, EXC 232: Natália: *...a gente tem que ver a vida diferente. Então enquanto uma **formiga** passa, levando aquela folhinha, é que ensina as outras também que são pequenininhas, e que vamos num caminho só, que engraçado aquilo! E que ajudam uma a outra, mesmo que a folhinha seja pesada, então isso é união. Então, essa lição de vida é muito profunda. E que se nós, povos indígenas no Ceará do Brasil e do mundo, nós vê essa lição das formigas, nós iremos, sim, ser forte. Porque o pessoal diz que o que vem de baixo não me atinge. Pois, vendo esse monte de formiga, que não se ataca.. né.*

O gato reaparece na fala de Natália, dessa vez por meio de uma metonímia de base metafórica, instanciada pelo verbo *engatinhar*. Esse verbo encapsula a relação metonímica modo de andar pelo animal, e as projeções metafóricas da metáfora UMA PESSOA INSEGURA É UM FILHOTE DE GATO.

EV DISC 8, EXC 233: Natália: *Mas os nossos encantados, a força deles, está aqui, dizendo que a gente não está sozinho, que a gente está junto. Porque eu falo com muita segurança hoje, como jovem que sou, menina andando que nem **engatinhando** na luta.*

A luta, a linha cognitivo-conceptual que orienta o entendimento de mundo dos Pitaguary, aparece aqui como o caminho que Natália, jovem liderança, apenas começa a trilhar, numa perspectiva comparativa aos dos membros mais velhos da aldeia.

Ao passo que na fala de Natália, a metáfora ÍNDIOS PITAGUARY SÃO FORMIGAS fica apenas implícita. É na fala de Flora, em outro evento discursivo, que a ambiguidade se dissolve e a metáfora é explorada plenamente. Em seu discurso, o veículo metafórico transforma-se, por meio do desenvolvimento metafórico de explicação, ressurgindo, hiponimicamente, com o termo *formiga*, que varia alternadamente, para o coletivo formigueiro.

As formigas são caracterizadas por haverem desenvolvido, no seu curso evolutivo específico, conjuntos de comportamentos que resultaram em acoplamentos estruturais geradores de uma interdependência vital entre os membros das colônias constituídas por milhões de indivíduos. O termo superorganismo é normalmente utilizado na biologia para se referir a esse inseto, devido à natureza coordenada e coerente do comportamento exibido a nível coletivo, comparado aos de um organismo mais avançado na escala evolutiva, como os dos seres humanos.

A definição científica acima coaduna-se com o conhecimento íntimo do mundo natural

que revela Flora em sua fala, na qual emprega os veículos metafóricos formiga e formigueiro para se referir à força e à união dos membros da comunidade que, embora individualmente tenham potencial de ação limitados, ao colaborarem uns com os outros, como as formigas, tornam-se capazes de realizar ações complexas, efetivas e surpreendentes.

EV DISC 10, EXC 234: Flora: *Pisa ligeiro, quem não pode com a **formiga**, não assanhe o **formigueiro**. A **formiga** são os povos, um **formigueiro** significa um povo. Se você pisar no **formigueiro**, eles sai e atacam, porque você mexeu com uma, todos se unem pra defender. O seu **formigueiro** é a sua terra. Isso traz muito pro nosso movimento indígena, pra nossa luta. Se você mexe com um, mexe com todos. Porque a nossa luta é uma luta só.*

A capacidade emergente de funcionarem como unidade é aludida por Flora e projetada conceptualmente sobre a totalidade dos membros da comunidade Pitaguary. Dessa união decorre a força empregada pelos indígenas na condução de sua luta. A defesa e o ataque são as características animais evidenciadas nessa fala.

A seguir, a capacidade privilegiada de visão da coruja, é referida por meio da combinação metonímico-metafórica na expressão “ter olho de coruja”.

EV DISC 10, EXC 235: Flora: *Quando as coisas tão muito acirradas, a gente tem que ter o olho de **coruja** pra gente poder enxergar melhor o que vem na frente.*

A visão otimizada da coruja, bem como a da águia, permite aos Pitaguary uma mudança de perspectiva em que o caminho a seguir, sugerido pelo uso da expressão vem na frente, isto é, a sequência de eventos biográficos que constituem uma vida humana, se revele de uma forma mais clara e menos misteriosa e, portanto, menos ameaçadora.

Em relação ao termo que inaugura a trajetória da família *bichos da mata* no conjunto de eventos discursivos, o veículo metafórico *coruja* indica o desenvolvimento explicação.

A seguir, Cecília reemprega o termo *bicho* para se referir, como fez Fernanda, à perseguição e ao tratamento desumano de que foram vítimas os indígenas Pitaguary no início da colonização e ao longo de séculos:

EV DISC 8, EXC 236: Cecília: *porque o índio foi tão sofrido, tão massacrado, como se fosse um bicho.*

Temos nesse excerto o desenvolvimento metafórico **repetição**.

O entendimento de natureza mais científica que Davi constrói com frequência em suas

falas o leva fazer uso de expressões metafóricas de origem acadêmica combinadas a expressões de origem popular.

Em sua longa discussão que trata da importância de se colocar sentido na vida, ele compara uma pessoa que não se questiona sobre como a vida individual pode se desdobrar em possibilidades e em trajetórias biográficas alternativas, a um animal que, apesar de não poder ser classificado como selvagem, decidimos incluir em nossa análise: o jumento.

EV DISC 11, EXC 237: Davi: *Será que eu não posso sustentar a minha família de outra forma? Será que eu não posso ser o meu próprio patrão? Entendeu, não vê as outras possibilidades, ela se torna cega, como se fosse um **jumento** com.. olhando só pra frente. Ele só vai ter um ponto de vista. Um ponto vista, vista de um único ponto.*

A expressão pra frente, de natureza metafórica orientacional, remete à metáfora A VIDA É UMA JORNADA, indicando, entretanto, que a redução da capacidade visual do animal ao ter os olhos voltados apenas numa direção, caracteriza inabilidades e inaptidões cognitivas, as quais são projetadas metaforicamente, sobre as inaptidões relativas à reflexão e à tomada de decisões. A frente, nesse caso, não tem uma acepção positiva de direção a ser seguida para se alcançar o objetivo, e sim a fixação em apenas uma possibilidade, um objeto, uma opção, em detrimento de outras disponíveis para o viajante se ele olhasse para outras direções. Daí a associação dessa visibilidade reduzida à cegueira, já discutidas em outra parte dessas análises.

No mesmo trecho de sua fala, uma expressão metafórica cunhada pelas ciências biológicas com base na conjunção dos domínios conceptuais relativos, respectivamente, à escala evolutiva animal ao longo do tempo e à gradação de complexidade do cérebro animal, é empregada por Davi para se referir ao comportamento irracional do ser humano.

EV DISC 11, EXC 238: Davi: *pra mim quando você não põe sentido, você não tá raciocinando. Você não tá pensando, você tá preso nos dois primeiros cérebros, né, o **reptiliano**, o mais animal, o mais animalesco com os das emoções. Você tem medo, então logo você reage. Ou então vai vir as três reações instintivas. Ou você ataca, no caso você vai atrás de emprego, vai atrás de estudar qualquer coisa, só pra dizer, ah pelo menos estou estudando. Ou você vai se recuar, vai cair em depressão, 'porque que não tou estudando'? E daí não sabe porque que tá em depressão. Ou você se paralisa, não acontece nada...*

Aqui, a expressão metafórica empregada aponta para uma análise mais complexa da

fala do participante. Embora empregue verbos que são normalmente associados à descrição do comportamento de animais não humanos, Davi o faz para explicar o funcionamento de uma estrutura cerebral que, por remeter, evolutivamente, a qualidades consideradas primitivas presentes na espécie humana, é responsável pelo trecho irracional do espectro do comportamento humano. Assim, poderia se concluir, inequivocadamente, que o participante se refere à natureza animal presente em todo ser humano e não ao ser humano como se este fosse um animal não humano. Porém, o uso dos verbos atacar, reagir, defender e paralisar, estes sim, são explicados em termos de comportamentos sociais humanos: ir atrás de emprego, estudar e cair em depressão. Isto é, é possível que uma instanciação da metáfora do self dividido possa estar em curso, na medida em que Davi decompõe uma pessoa em um aspecto racional e outro irracional, representado pelo cérebro reptiliano, o qual evoca, claramente, os répteis. O aspecto irracional leva a pessoa a agir como um animal selvagem, ou um bicho da mata, o qual conduz sua atuação no mundo em termos de atacar, reagir e defender-se. Dessa forma, supomos que se estabelece aqui uma plataforma interpretativa para os dois entendimentos sobre o grau de metaforicidade contido nesse excerto: um segundo o qual esse grau é reduzido e quase inexistente, quando relacionado apenas ao uso da expressão “cérebro reptiliano”; e outro segundo o qual os usos dos verbos atacar, reagir, defender-se e paralisar caracterizam um uso metafórico clássico que remete à metáfora conceptual **PESSOAS SÃO ANIMAIS SELVAGENS** ou **PESSOAS SÃO BICHOS DA MATA**.

Outras estratégias usadas por animais não humanos em situação de perigo são elencadas por Davi em trecho posterior de sua fala para se referir a como membros da aldeia se comportam diante de sentimentos experimentados em situações adversa.

EV DISC 11, EXC 239: Davi: *Eu constumo comparar como uma situação, como um abismo, uma situação de muita emoção, uma situação de muita adrenalina, de muito ectasy, tipo que você paralisa. Pra mim a paralisação é como se fosse o **animal fingindo de morto**, ela tá tentando sobreviver, e ele finge morto.*

O enquadramento biológico com que o estudante universitário Pitaguary tem tratado os temas abordados ao longo do evento discursivo continua sendo aplicado, daí a presença de termos que se referem a drogas e hormônios que atuam no sistema nervoso. Na sequência, as condutas de paralisar e fingir de morto, utilizadas por várias espécies de animais, é projetada na direção do comportamento humano, concepção que é compatível com a metáfora conceptual em questão e que participa na emergência da metáfora sistemática que ora analisamos.

Passando para o evento discursivo de número 14, no qual a metáfora do voo como imagem figurada para a liberdade e para a conquista de uma forma de locomoção mais eficiente reaparece, vemos o participante Celso, relatando o exemplo de superação de adversidade vivido pelo seu sobrinho, empregando termos que remetem à metáfora ÍNDIOS PITAGUARY SÃO BICHOS DA MATA.

EV DISC 14, EXC 240: Celso: *Eu uso a história do meu próprio sobrinho. Ele é deficiente. Todo mundo dizia que ele não ia conseguir, que ele não ia conseguir fazer, que ele não conseguia nadar. Por conta que ela tinha deficiência mental. Hoje ele é campeão regional de natação. Uso o exemplo também de um **pássaro**, que tava com asa quebrada. Porém por tanto ele persistir, a asa sarou e ele conseguiu voar.*

Com o termo hiperônimo pássaro, Celso estabelece uma ligação metafórica entre o seu sobrinho e uma espécie genérica de ave voadora. No domínio de projeções metafóricas da metáfora MEU SOBRINHO É UM PÁSSARO, acrescida do evento narrativo da asa quebrada que sarou, o empenho do parente de Celso em superar suas limitações se correlaciona ao processo de cura da ave com o membro fraturado. À superação da adversidade, ilustrada pela vitória no campeonato de natação, corresponde o voo do pássaro como conclusão do esquema proposto por Celso.

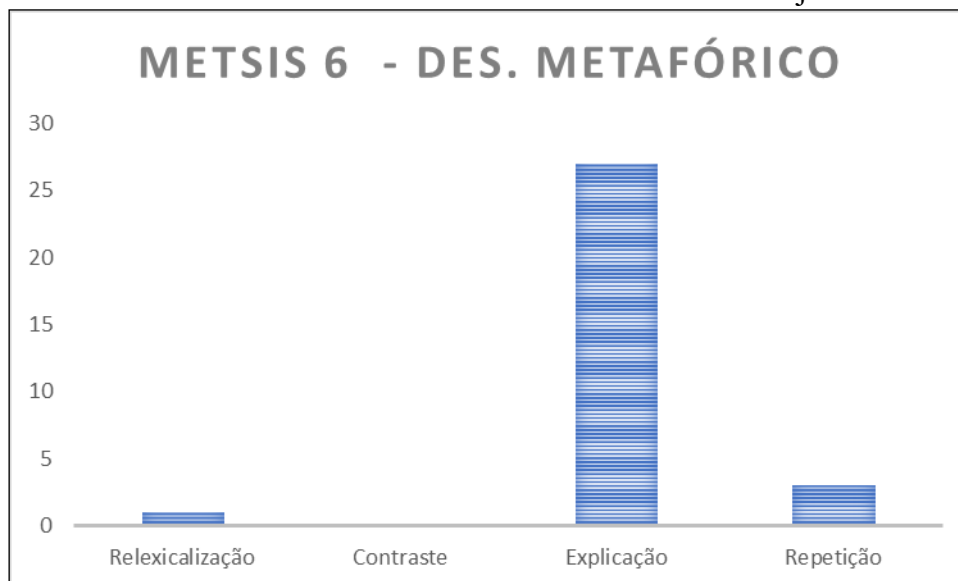
A natureza ameaçadora e traiçoeira da cobra é evocada por Celso quando questionado sobre sua opinião sobre as relações com as pessoas de seu convívio quando se atravessa uma experiência negativa.

EV DISC 14, EXC 241: Entrevistadora: *Ao pensar na experiência ruim, relacionamentos com outras pessoas são que nem...*

Celso: *Penso num ninho de **cobra**, onde uma devora a outra.*

Em parâmetros avaliativos semelhantes aos do Pajé, a falta de confiança que pessoas inspiram durante uma experiência negativa – a qual foi causada por essas pessoas, segundo o entendimento que inferimos da resposta de Celso – é associada ao comportamento nocivo atribuído pelos humanos às cobras.

Gráfico 12 - Ocorrências de desenvolvimentos metafóricos na trajetória da MetSis



Fonte: elaboração do autor.

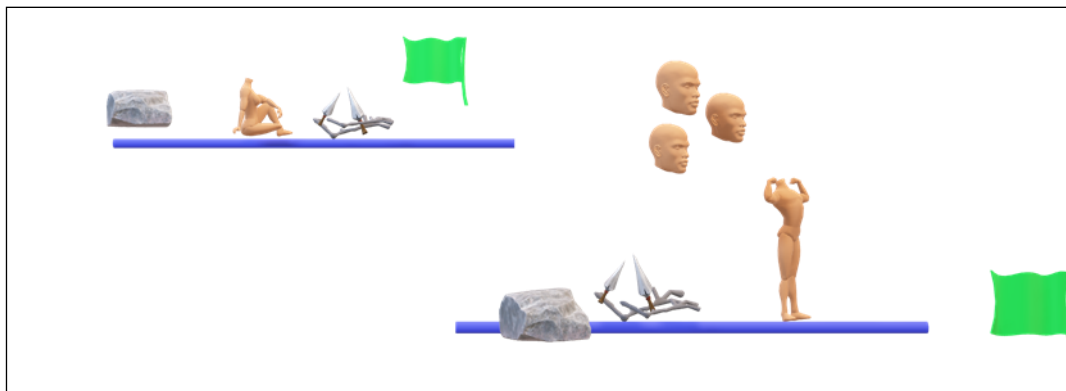
4.7 Metáfora sistemática 7: SUPERAR ADVERSIDADES É RECUPERAR O EQUILÍBRIO PERDIDO

Tabela 10 – Estatísticas básicas MetSis 7

EV. DISC.	PARTICIPANTES	G-VMets	VMETs
01, 02, 03, 04, 05, 07, 08, 09, 11, 13	Diomar, Fernanda, Carol, Cecília, Natália, Neusa, Flora, Davi, Waldyr, Clarêncio	EQUILÍBRIO	41

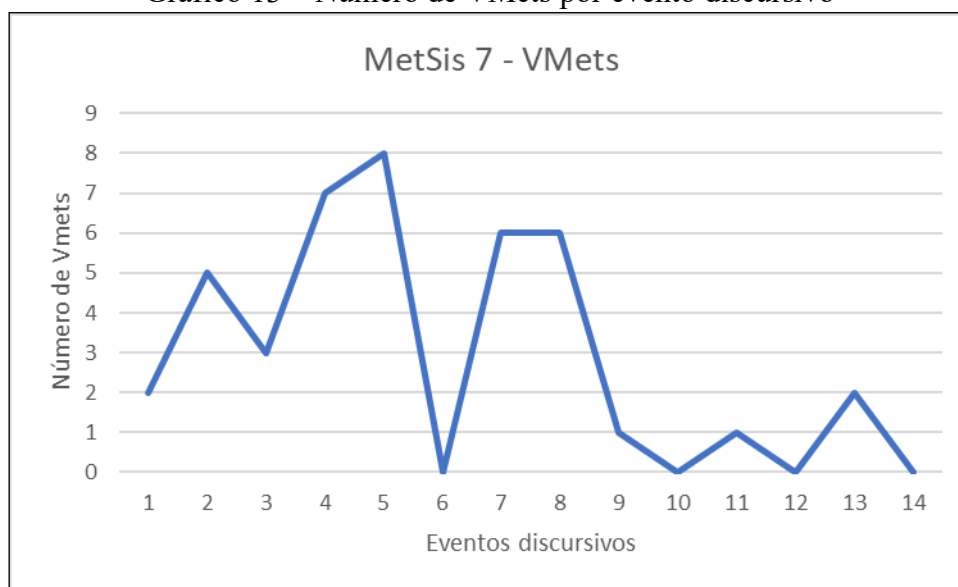
Fonte: elaborado pelo autor.

Figura 13 – O viajante perde o equilíbrio e cai



Fonte: elaboração do autor. O que interrompe momentaneamente sua jornada A seguir, por meio da ajuda da comunidade, ele se ergue e prossegue na caminhada.

Gráfico 13 – Número de VMets por evento discursivo



Fonte: adaptado de Carneiro (2014, p. 155).

A metáfora sistemática SUPERAR ADVERSIDADES É RECUPERAR O EQUILÍBRIO PERDIDO emergiu em nossa análise a partir da forte correlação entre os numerosos VMets agrupados nas categorias de EQUILÍBRIO e JORNADA. A trajetória dessa metáfora passa por 50 veículos metafóricos que se distribuem por 13 dos 14 eventos discursivos analisados.

O esquema imagético de EQUILÍBRIO apresenta estrutura cinestésica e, como o de JORNADA ou FORÇA, tem raízes na nossa experiência corpórea cotidiana enquanto seres biológicos que funcionamos em ambientes sujeitos à força da gravidade, à força causada pelos

deslocamentos de massas, como nosso corpo ou de cargas, entre outras. Esse esquema imagético constitui as metáforas que encontramos na fala dos participantes da pesquisa quando se referiam aos períodos ou fases vivenciados como problemáticos, desafiadores, adversos ou negativos. A adversidade é, de forma genérica, percebida como momento de falta de equilíbrio, nos quais o indivíduo cai, tomba no chão.

Esse desequilíbrio pode se revelar definitivo ou temporário. É definitivo quando se trata da cessação da possibilidade do indígena de prosseguir no caminho, de continuar a jornada; trata-se da morte. Assim é que os anciãos que perdem suas vidas são considerados membros da comunidade que tombaram.

O desequilíbrio temporário é mais comum e engloba situações adversas pessoais e comunitárias de natureza heterogênea, como veremos a seguir.

No primeiro encontro, em seu relato sobre o importante papel que o cacique Daniel, falecido meses antes do início das entrevistas, Fernanda se reporta à morte do líder de forma hipotética empregando o termo tombado, muito frequente na fala dos indígenas. Percebemos que apesar de ele ter passado pelo processo de transferência do recurso da força, esta não foi suficiente para mantê-lo resistente, o que resultou em sua queda, ou tombamento.

O conselho do cacique exorta a jovem a se inspirar nos mais velhos e nas memórias e tradições que foram ensinadas às gerações atuais.

EV DISC 1, EXC 242: Fernanda: *O cacique me deu força pra nós conseguir passar nessa batalha. A luta dele era muito difícil, nós que dava a força a ele. Se ele tivesse **tombado** no dia que ele tava falando comigo, isso é porque tava acontecendo muitas coisas. Ele disse “minha filha, o que eu consegui até hoje, alguns desistiram; os mais velhos, tem uns que **tombaram**, mas assim mesmo, o que foi plantado em vocês, é o que que realmente valeu a pena”.*

Natália também se refere à morte do cacique Daniel como evento trágico e emocionalmente desestabilizador. A espiritualidade é a resposta para a questão da recuperação desse equilíbrio perdido.

EV DISC 2, EXC 243: Natália: *Depois que o nosso cacique faleceu, a gente tá mantendo um **equilíbrio** na espiritualidade porque os baques são muito fortes, das coisas que aconteceram.*

As adversidades, ou seus causadores ou motores, são percebidos como golpes físicos que são

responsáveis pelo desequilíbrio momentâneo.

EV DISC 2, EXC 244: Natália: *Além do que a gente vê, a gente tem a sensibilidade de ver as questões espirituais, dos ataques espirituais. Então a gente tenta manter o **equilíbrio** espiritual.*

A seguir, a participante utiliza uma conhecida expressão, modificada, para se referir ao contraponto pragmático que faz em relação à sua vida espiritual e mística. Natália explica que, apesar de ser uma pessoa com grau de espiritualidade e intelectualidade desenvolvido, não abandona as questões práticas do dia a dia, que ela vincula à aldeia e suas lutas.

EV DISC, EXC 255: Natália: *Porque por mais que eu saiba, por mais sábia que eu seja, mais eu sou **pezinho no chão**. Não tive a consciência do grande que eu sou, nem passa na minha cabeça.*

No contexto de guerra cultural, em que os ataques do mundo de fora executados por meio da entrada de pessoas de fora da aldeia e da tecnologia, por exemplo, uma desestabilização de ordem sociocultural é criada. A luta Pitaguary, além do enfrentamento propiciado pela união, sustentado pela força fabricada pela família indígena, exige a busca de um equilíbrio entre as coisas de fora e as de dentro. É a esse processo de sintonia que Natália faz menção no excerto abaixo:

EV DISC 2, EXC 256: Natália: *Então são muitas coisas envolvidas, e a gente **tenta manter o equilíbrio**. (...) O mundo lá fora é muito difícil. Com a tecnologia, a gente estuda tanto que não dá pra ver o mundo como é bonito, como é belo. A minha missão no mundo é trazer essa visão diferente, que é da natureza, que é dos encantados.*

O próximo excerto também reforça a ideia de equilíbrio como uma estratégia de superação, e ainda como resultado de atitudes colaborativas fundadas na paciência, na fraternidade e na solidariedade.

EV DISC 2, EXC 257: Natália: *Por exemplo os cardeiros, os cactus, eles conseguem viver em harmonia com os outros que não tem espinha e crescem juntos. E assim somos nós também. E uma das lições que o meu pai fala. Por mais que os galhos das outras doam, o mais eles conseguem **manter o equilíbrio** junto e cresce junto.*

O crescimento é condicionado, nesse belo excerto onde a metáfora PESSOAS SÃO PLANTAS se faz presente (e que será abordada mais adiante), à manutenção do equilíbrio entre os membros da aldeia, entendidos como espécies de arbustos cactáceos que precisam superar suas desavenças a fim de garantir seu crescimento.

A manutenção do equilíbrio emocional é o que munia a mãe de Carol da capacidade de atravessar as piores dificuldades pelas quais uma família pode passar, como a perspectiva de se fazer face à penúria de alimentos, por exemplo. O emprego do verbo abalar de forma negativa evoca o esquema imagético de equilíbrio, apontando para uma capacidade autônoma de permanecer na estabilidade apesar da atuação contrária do ambiente.

EV DISC 3, EXC 258: Carol: *Ela **não se abalava** com aquilo que estava acontecendo até a falta de alimento, ela **não se abalava** por hoje não ter, mesmo se pra amanhã não tem nada, ela sempre dizia Deus proverá. E de fato, nós nunca passamos fome. Passamos dificuldades, mas fome de não comer, nós não passamos. E eu sempre acreditei nesse ditado da minha mãe. E aí eu faço do mesmo jeito, eu **não me abalo** quando não tenho. Eu digo, Deus proverá.*

Mais à frente, Cecília reemprega a expressão usada por Fernanda, pé no chão, referindo-se ao conjunto povo-terra-cultura como ponto que serve como base para recuperação ou conquista de um equilíbrio que, na verdade, ela nunca teve fora da comunidade Pitaguary. A entrada na luta, isto é, a mudança de Fortaleza para dentro do Território Pitaguary, propiciou a obtenção desse novo ponto de equilíbrio.

EV DISC 4, EXC 259: Cecília: *E eu já passei por muita coisa. E mudei a minha vida assim. É como se naquele tempo eu não **tivesse os meus pés no chão**. Hoje não, hoje eu tenho **o meu pé no chão**. O meu pé no chão, a minha riqueza é o meu povo, é a terra, é a minha cultura.*

Em excerto já parcialmente apresentado acima, Cecília discute a sua íntima relação com a luta Pitaguary, da qual participa ativamente por convicção, mas também por um tipo de coerção benvinda, exercida pela própria luta, que surge em sua fala, personificada e capaz de insuflar ânimo nos indígenas Pitaguary. A luta antropomorfizada então tem a capacidade de entusiasmar a pessoa, e segundo Cecília, fazê-la se levantar, mesmo no caso de quedas reiteradas, a fim de prosseguir no caminho da luta.

EV DISC 4, EXC 260: Cecília: *Não é uma coisa que você mesmo decidiu que vai não, não é porque a luta realmente leva de um jeito ou do outro tu tem que ir. E aí você vai e levanta. E aí você entra numa luta que quando você olha, você já não tem tempo mais pra depressão, você não tem tempo pra chorar, você não tem tempo pra lastimar, não. A luta mesmo, do povo indígena é essa luta que ela não te dá tempo pra muita*

*coisa não. Ou tu **cai** pra não se **levantar** nunca mais, porque se tu cair e se tu ainda tiver força pra se **levantar**, tu vai se **levantar** nem, porque ela te leva.*

O primeiro emprego do verbo levantar no excerto acima parece fazer referência ao movimento que se opõe a deitar ou sentar, e não exatamente cair, perder o equilíbrio. Mas a seguir, a acepção do verbo transita na direção da oposição ao estado de desequilíbrio, evocada pelo verbo cair.

Na micronarrativa de Cecília sobre como ela venceu um episódio de pânico para participar de uma reunião importante em Brasília, a luta foi a responsável pela superação do momento difícil, erguendo-a e restabelecendo a estabilidade.

Fernanda destaca a reconquista do equilíbrio como sendo a dominação e superação de sentimentos de tristeza.

EV DISC 5, EXC 261: Entrevistadora: *Em tempos de profunda tristeza, que imagens ou pensamentos vêm à sua mente?*

Fernanda: Deus. *Deus ou o vazio. Quando eu tou triste, eu tenho que ir buscar o **equilíbrio**. Eu tenho que me **equilibrar**. A imagem que vem em mim é a imagem mais bela possível.*

Entrevistadora: *Então triste pra você significa estar vazia? E pra **equilibrar**, você tem que encher o vazio. É isso?*

Fernanda: *Isso.*

O esquema imagético do equilíbrio retorna na fala de Fernanda de forma mais explicitamente ligada à superação de adversidades mais à frente em seu diálogo com a entrevistadora:

EV DISC 5, EXC 262: Fernanda: *Uma coisa é me **equilibrar**. Então quando eu tou deprimida, quando eu tou passando pelas coisas, é que nem eu falei no começo, eu tenho **que buscar equilíbrio**, buscar força espiritual. Espiritualidade sempre me conduz, apesar das dificuldades. Mas isso que me **equilibra** é eu tá em conexão com a natureza.*

Estar no ar, sem suporte, instável e desorientada é como Fernanda se sentiria se não tivesse logrado lidar com a profunda transformação espiritual e mística pela qual passou. A superação desse período confuso é referido, mais uma vez, pelo uso da expressão *buscar o equilíbrio*.

EV DISC 5, EXC 263: Fernanda: *Porque da forma que eu passei...se eu não tivesse ninguém, talvez eu tinha ficado louca. Talvez **eu tava no ar** (rindo).*

EV DISC 5, EXC 264: Fernanda: *E eu acho que a primeira coisa que você tem que fazer, o mais sozinha ou uma pessoa que não tenha, você **buscar é equilíbrio**. Você meditar e não ter medo do desconhecido.*

Discutindo sobre as mudanças positivas ocorridas na aldeia, o que corresponde em geral a conquistas de ordem econômica e legal, Neusa alude ao esforço de algumas pessoas, referidas inespecificamente, que investem em atitudes destrutivas contra a comunidade. Essas atitudes ou ações são vivenciadas como ataques ou golpes, que acarretam desequilíbrio momentâneo. Permanecer de pé é a prova da resistência a esses ataques, o que é conseguido por meio do uso do recurso da força e da união com os membros da comunidade Pitaguary.

EV DISC 7, EXC 265: Neusa: *Apesar de que de vez em quando a gente tem assim, aquelas pessoas que querem acabar com a nossa comunidade, mas mesmo assim, a gente **tá ali de pé**. E com forças, pega na mão do outro. Vamos firmar aqui na rocha e dá tudo certo.*

A rocha a que se firma Neusa pode se referir, metonímica ou metaforicamente, à aldeia, à comunidade, na medida em que esse elemento natural, além de fazer parte da paisagem natural que integra a experiência cotidiana dos Pitaguary – que vivem numa área geográfica cercada por serras e pequenos montes -, é usado como metáfora para força, resistência, equilíbrio, como atesta sua presença em diversos ditados e expressões populares, tais como “ele é forte como uma rocha” ou em parábolas de cunho religioso, a exemplo da que nos exorta sobre a sabedoria do homem que edifica sua casa sobre a pedra.

A morte da mãe foi um momento adverso na vida que Neusa conceptualiza como perda de equilíbrio. A recuperação da estabilidade foi um processo demorado, segundo a participante.

EV DISC 7, EXC 266: Neusa: *Acho que a situação mais ruim que eu passei de você **não ter chão**, de você ter vontade de entrar num buraco, foi quando a minha mãe morreu. Eu perdi ela, foi assim terrível. Eu achei que o mundo ia se acabar naquele instante.*

Entrevistadora: *Foi muito cedo?*

Neusa: *Não, ela morreu com 90 e poucos anos. Ela teve uma trombose. Pra mim, ela morreu num dia desse. Faz uns dez anos. Quando ela morreu, os meus meninos.. eu já*

*tinha os meus dois filhos. Pra mim ela morreu num dia desse. Aí **perdi chão**, eu perdi tudo. Como se eu tivesse **perdido a metade da terra**. Tá tudo longe. Muito ruim, essa aí, eu custei pra **me equilibrar**. Foi assim, uma coisa muito... Certo que a gente espera, mas a gente não consegue se acostumar, num momento certo. A gente acha que vai superar, mas naquele momento ali, foi um momento que **me faltou chão**.*

A experiência corporificada angustiante de falta de chão, ausência de terra e perda de equilíbrio se projeta, na fala de Neusa, sobre a angústia sentida nos momentos difíceis que experienciou.

Debruçando-nos sobre a fala de Natália na palestra proferida por ela, identificamos a ocorrência de seis VMets relacionados à ideia de equilíbrio. A micronarrativa composta pelas fases de perda de equilíbrio, evento da queda e recuperação da estabilidade ressurgiu através do emprego de expressões que classificamos como veículos metafóricos: os termos *queda*, *cai* e *se levanta*. Seguir em frente na jornada, temporariamente interrompida pela queda, é resultado final da retomada do equilíbrio.

EV DISC 8, EXC 267: Natália: *Mas cada **queda**, quando a gente **cai**, a gente **se levanta e bate a poeira e segue em frente de novo**. E assim com as nossas conquistas, as nossas batalhas, nas nossas aldeias.*

A superação da paralisia muscular parcial que enfrentara recentemente é motivo de gratidão a Deus, que Natália expressa diante da sua audiência. Os termos que usa para falar de seu restabelecimento evocam o esquema imagético de equilíbrio, como temos visto nos vários exemplos apresentados acima.

EV DISC 8, EXC 268: Natália: *Eu venho de padecer uma paralisia parcial, mas mesmo assim, hoje eu estou muito feliz. Porque Deus me pôs **de pé** hoje novamente. E Deus me fez sarar pra vocês. Então tudo isso, são formas de agradecer a Deus pelo que eu passo. Até pelos sofrimentos, eu agradeço a ele.*

Emo momento final do evento discursivo, a jovem líder indígena demonstra o compromisso com o bem estar dos membros da comunidade nas suas palavras de homenagem ao cacique, para cuja proteção ela se oferece ao afirmar, convocando os presentes, que não deixarão o líder indígena *tombar*, o que, como vimos, pode ter duas acepções: o tombar como metáfora da perda de equilíbrio efêmera, conceptualizando uma adversidade passageira; ou a perda de equilíbrio definitiva que impede a continuidade da jornada individual de um membro Pitaguary,

isto é, a morte.

EV DISC 8, EXC 269: Natália: *Então engraçado que até a mata para, pra ouvir o meu cacique chegar (soluçando). Então, a homenagem a ele... (cantando) Ah meu cacique guerreiro, nós não vamos deixar **tombar**...heeei-a, nos vamos continuar, heiii-a (repetindo). Agradecida a todos.*

Manter o pé no chão também é como Natália se refere ao equilíbrio que ela busca estabelecer entre diferentes aspectos de sua vida que normalmente se opõem: as visões utópicas de base espiritual, de um lado, e a vida prática em comunidade, de outro; a vida intelectual ancorada na academia e o papel de liderança no seio da aldeia, com suas demandas relativas à luta Pitaguary e o conhecimento tradicional que jurou defender.

EV DISC 8, EXC 270: *Porque a gente temos que ser humilde o suficiente de estar **de pezinho no chão**, por mais alto grau que eu esteja. Então, o pessoal fala, Natália, tu é muito espiritualizada, tu fala muito bonito, qual é a faculdade que tu fez? As dos meus velhos. Das minhas crianças. E essa faculdade que eu fiz.*

Na fala do participante Waldyr, a experiência de ter atravessado uma fase de sua vida marcada pelo alcoolismo, foi entendida nos termos de uma queda, de cuja recuperação surgiu aprendizado e solidariedade para com os membros da comunidade.

EV DISC 9, EXC 271: Waldyr: *Quando eu bebia, eu não era nada. Sabe, as pessoas comum. Não era nem pessoa comum, não valia nada. Ai não tinha respeito pra ninguém, não tinha nada (...).*

Entrevistadora: *Você aprendeu e você acha que foi uma coisa boa também aprender isso?*

Waldyr: *Foi. O meu outro lado, né. Foi bom. Eu caí. Vendo o Enrique, né. Como eu já tive essa experiência, não quero ver outro irmão meu passando né. Porque por o que eu passei, não quero ver um outro irmão passando não.*

Davi também formula avaliação positiva em relação à função pedagógica das dificuldades na vida dos indígenas Pitaguary. O jovem universitário indígena reflete sobre a falta de preparação para o mundo externo que muitos dos membros da comunidade apresentam por não se disporem a enfrentar mais abertamente as adversidades que surgem no dia a dia. Para Davi, a queda, a experiência negativa oriunda de uma adversidade, pode ser atenuada ou eliminada se a pessoa investir em um plano de preparação para os momentos difíceis que serão experimentados

do lado de fora da aldeia, isto é, no contexto urbano composto pelas questões sociais, legais, políticas, trabalhistas com as quais os Pitaguary precisam lidar continuamente.

EV DISC 11, EXT 272: Davi: *Então quando a gente sair da nossa comunidade, e a gente pegar uma resistência com força, logo assim grande, um problema, a gente vai cair. Porque a gente não tem hábito de enfrentar dificuldades. Então pra mim a dificuldade, não vem como uma coisa ruim. Lógico que é ruim, mas eu prefiro ela ver como lado bom, de que ela vai nós ajudar a ser mais forte.*

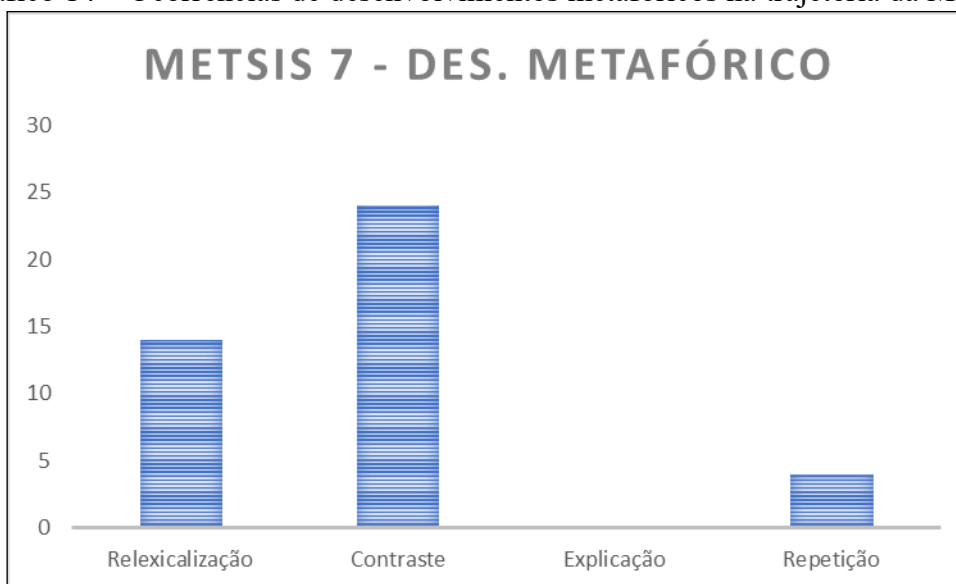
O fato de tombar, na sua acepção definitiva de cessão final do caminho do indígena Pitaguary, pode ser visto como uma etapa de passagem para outra realidade. É o que entendemos da fala de Clarêncio, que discute com a entrevistadora detalhes da origem e da identidade do conjunto de entidades com as quais mantém relações espirituais e que integram a vida religiosa de uma parte dos membros da comunidade.

EV DISC 13, EXC 273: Clarêncio: Entrevistadora: *Tinha outra gente que me explicou que uns dos encantados são os anciões ou os bebês que não nasceram.*

Clarêncio: *É, os anciões que é os preto velho, bebê que nem nasceram que é os erê, eles se encantam. Entrevistadora: Então pode ser velho, pode ser jovem...*

Clarêncio: *Pode. Um dia ele poderá **tombar**, poderá **tombar** e virar um caboclo. Mas determinado tempo e permitido por Deus. Se ele pedir a permissão de se encantar é outra coisa.*

Gráfico 14 – Ocorrências de desenvolvimentos metafóricos na trajetória da MetSis



Fonte: elaboração do autor.

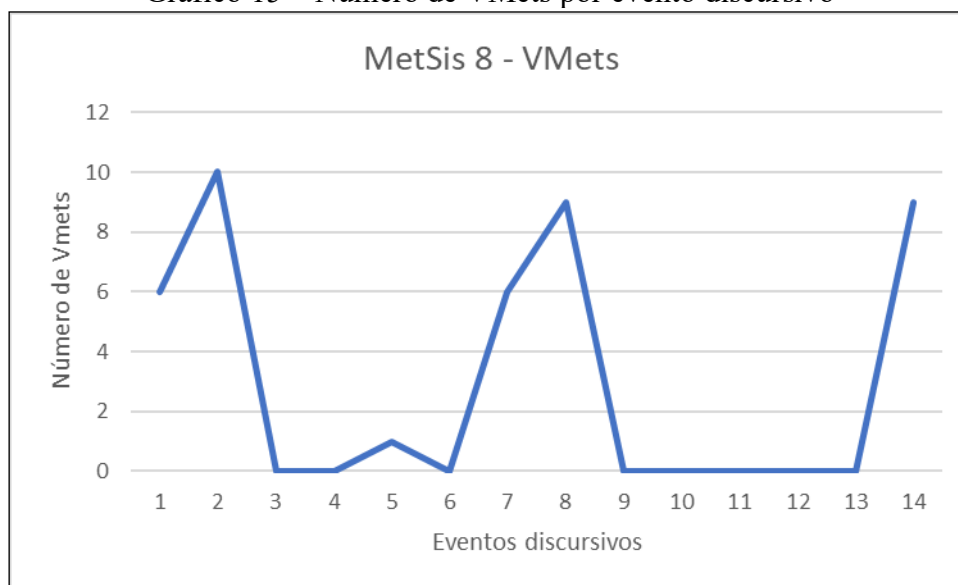
4.8 Metáfora sistemática 8: ÍNDIOS PITAGUARY SÃO PLANTAS RESISTENTES QUE CRESCEM E SE RENOVAM CONTINUAMENTE

Tabela 11 – Estatísticas básicas MetSis 8

EV. DISC.	PARTICIPANTES	G-VMets	Nº de VMETs
01, 02, 05, 06, 07, 08, 14	Diomar, Natália, Fernanda, Pajé, Flora, Neusa, Celso	PLANTAS	41

Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 15 – Número de VMets por evento discursivo



Fonte: adaptado de Carneiro (2014, p. 155).

Atribuímos a emergência da metáfora sistemática ÍNDIOS PITAGUARY SÃO PLANTAS RESISTENTES à frequência com que ocorrem veículos metafóricos relacionados à metáfora PESSOAS SÃO PLANTAS, observada nos dados que analisamos.

As plantas, como domínio fonte de mapeamentos metafóricos, são pervasivas na nossa forma de nos expressarmos sobre âmbitos abstratos concernentes ao desenvolvimento psicológico humano. A matriz do comportamento humano, constituindo-se sobre o que se pode considerar uma infinidade de sistemas complexos - ainda não totalmente desvendados pela ciência e por outros domínios do conhecimento e da criatividade - demanda, frequentemente, a utilização de expressões metafóricas para que delas possamos fazer sentido em nosso funcionamento como seres sociais e

linguageiros.

“Ele cresceu muito durante o mestrado”, “Pensamentos brotaram durante a reunião”, “Permaneceu firme nas suas raízes teóricas apesar do antagonismo dos colegas” são alguns exemplos de como as plantas funcionam como rica fonte de projeções metafóricas no discurso cotidiano. Isso se deve, provavelmente, à riqueza semântica proporcionada por determinadas características que se destacam na nossa relação com os seres vegetais prototípicos da categoria: a plasticidade e constância de seu desenvolvimento orgânico, que se inicia em sua fase embrionária a que chamamos semente; a sequência clara e exuberante das etapas do crescimento vegetal, que pode se desenrolar num período de semanas, meses ou vários anos, até atingir a maturidade; a presença de estruturas anatômico-funcionais como raízes, caules, folhas, espinhos, flores e frutos, que estabeleceram, ao longo do processo evolutivo, relações profundas com variados aspectos da nossa espécie (biológicos, sociais, culturais, religiosos, literários, simbólicos etc.).

Como os animais, as plantas são entidades biológicas em cuja presença, corporificada ou mediatizada, a nossa vida se desdobra: pensemos nelas como objeto de decoração, elemento de jardinagem, componente de práticas terapêuticas, itens de alimentação, objetos rituais, material de construção etc. Esses seres vivos, em todas essas acepções, fazem-se presentes na fala dos participantes da nossa pesquisa, como veremos a seguir.

A primeira ocorrência de um VMet relacionado à ideia de plantas é a expressão *troncos velhos*, que é usada X vezes ao longo dos eventos discursivos selecionados e analisados. Numa instanciação da metáfora conceptual ontológica ÍNDIOS SÃO PLANTAS, Diomar, discutindo sob o tópico discursivo *A importância de se preservar as tradições indígenas*, fala dos antepassados, dos anciões Pitaguary, depositários da cultura tradicional, como sendo *troncos velhos*. O tronco de uma planta de idade avançada desenvolve-se massivamente ao ponto de alcançar uma larga circunferência, além de adquirir grande resistência. Um exemplo de espécie que apresenta esse tipo de desenvolvimento é a mangueira, planta de origem indiana, trazida há séculos para as américas, e que, no seio da cultura da comunidade Pitaguary, adquiriu status de lugar ou objeto sagrado – daí a sua localização no centro de uma das comunidades que integra o Território Pitaguary. A essa árvore são, até mesmo, atribuídas emoções humanas, como no episódio em que a mangueira chorou, quando os índios lembravam do sofrimento pelo qual haviam passado. A força, a resistência e a maturidade do tronco de plantas que se encontram em estágio avançado de seu ciclo biológico são os elementos mapeados do domínio fonte na direção do domínio alvo,

representado pelas qualidades espirituais, emocionais e funcionais dos antepassados e anciãos dos Pitaguary.

EV DISC 1, EXC 274: Diomar: *É ai o meu pensamento de juventude - claro a gente não tem a nossa língua da nossa origem, do nossos **tronco velho**, mais tem alguns que ainda sabem falar, alguns que até cantam a língua Tupi.*

Da mesma forma que nas cascas de tronco de uma árvore antiga se acumulam traços históricos do ambiente e do desenvolvimento da própria planta, nos troncos velhos Pitaguary, trações históricas e culturais se preservam, fornecendo uma importante fonte de conhecimento para as gerações mais jovens.

EV DISC 1, EXT 275: Diomar: *Sempre **cultivei** a minha cultura, mas esse mundo tá aí para ensinar, quem não quiser aprender essa cultura, o mundo ensina coisas que você não quer. Tu quer aprender o que a sua mãe, o seu pai, as pessoas próximas estão **cultivando**. Aprendi muito com o cacique.*

A cultura produzida pelos Pitaguary também passar por projeções metafóricas oriundas do domínio das plantas. A experiência do cultivo, essencial para o funcionamento da aldeia Pitaguary, é transposta para o âmbito da produção de valores culturais, o que se traduz como preservação dos costumes e narrativas tradicionais indígenas. O desenvolvimento metafórico no excerto acima é o de explicação.

O cultivo da tradição é associado, ainda na fala de Diomar, ao aspecto mais prático e vigoroso da luta Pitaguary, que inclui, como já vimos anteriormente, o enfrentamento físico representado, por exemplo, pelos embates frequentes em manifestações de rua nas quais agentes policiais intervêm de forma violenta.

EV DISC 1, EXC 276: Entrevistadora: *Dentro do grupo de vocês, tem uns que não estão preocupados com a tradição? Tem uns que são mais preocupados de preservar os valores, as crenças, a língua de vocês?*

Diomar: *Tem uns que **cultivam** a tradição mesmo. Mas dentro da juventude tem poucos que querem subir junto com as lideranças. Querem levar bala de borracha, é poucos.*

Desenvolvimento metafórico: explicação.

O conjunto de membros da comunidade Pitaguary também é visto como um espaço cultivável, um jardim ou horta, na qual devem ser plantadas ou implantadas ideias, compromissos, valores, histórias, que garantam a sobrevivência da cultura tradicional. É o que vemos na fala de

Fernanda, lembrando as palavras de um dos troncos velhos tombados, o cacique Daniel.

EV DISC 1, EXC 277: Fernanda: *Ele disse “minha filha, o que eu consegui até hoje, alguns desistiram; os mais velhos, tem uns que tombaram, mas assim mesmo, o que foi **plantado** em vocês, é o que realmente valeu a pena”.*

Nesse campo cultivável, competem as sementes da cultura tradicional e ideias invasoras, verdadeiras ervas daninhas, que são enfrentadas como mais um componente do grande grupo de inimigos com que os indígenas lutam em sua jornada.

EV DISC 1, EXC 278: Fernanda: *E quando chegaram nos disseram que nós tem que aprender isso aqui, que não é. **Implantaram** os saberes deles em cima da gente. Todos os municípios indígenas, tem as palavras deles indígena. Itaitinga, aratanha, mundau, itarema, pacatuba, Guaramiranga...*

A união e a força são as principais estratégias de que os Pitaguary devem fazer uso, segundo os ensinamentos deixados pelos anciãos, para saírem vitoriosos em suas batalhas. A certificação e assunção de uma raiz comum, de pertencimento a uma floresta de troncos fortes, reforça a identidade dos indígenas Pitaguary enquanto tais, e os capacita a resistir às investidas inimigas que visam à desestabilização. O caráter inspirador dos troncos velhos não deixa de ser significativo na fala de Natália, ferrenha defensora dos valores culturais tradicionais e representante autodeclarada das crianças e troncos velhos sem voz:

EV DISC 2, EXC 279: Natália: *E aí a gente começou em andar naquelas reuniões, que eram lá no St. Antonio. Era importante ligar a nossas histórias, porque batia as nossas histórias, os deles com a nossa. Então fomos se firmando mais, na certeza do que nós era, dos nossos **troncos**, da nossa **raiz**, daqui dos Pitaguary que somos descendentes de Potiguara.*

EV DISC 2, EXT 280: Natália: *Então as pessoas às vezes não entendem a nossa forma que a gente prefere tá aqui no meio fazendo algo diferente nosso, da nossa **raiz**, por exemplo uma barraca dessa. Tem todo um contexto, uma espiritualidade.*

EV DISC 2, EXC 281: Natália: *Um das superação que eu vivo no meu povo, um é que os **troncos velhos** faleceram porque não puderam falar o que eu tou falando agora. Então eu falo por eles e eu falo pelas crianças que ainda não fala. Então são dois pontos muito fortes pra mim. Um são as crianças, e o outro são os meus **troncos velhos** que tentam passar a cultura de uma maneira tão simples e humilde como eles são.*

A metáfora ÍNDIOS PITAGUARY SÃO PLANTAS instancia expressões linguísticas que, no discurso das lideranças, assumem teor pedagógico. A tolerância, a união e a resistência das espécies cactáceas são evocadas para convidar os indígenas a se comportarem em sociedade como essas plantas, a fim de garantir a manutenção do equilíbrio e o crescimento conjunto.

EV DISC 2, EXC 282: Natália: *Mesmo as árvores que tem **espinhos**. Por exemplo os **cardeiros**, os **cactus**, eles conseguem viver em harmonia com os outros que não tem **espinha** e crecem juntos. E assim somos nós também. E uma das lições que o meu pai fala. Por mais que os **galhos** das outras doam, o mais eles conseguem manter o equilíbrio junto e cresce junto.*

Sendo a parte da planta que resulta do desempenho de um processo delicado, por vezes exigentes de condições especiais para sua conclusão, o fruto é uma estrutura que pode funcionar como domínio fonte para um ser humano completo. O mapeamento é defectivo, na medida em que apenas o aspecto de resultado de um longo processo é projetado para o domínio alvo, a própria Fernanda, no caso, como vemos no excerto abaixo.

EV DISC 5, EXC 283: Fernanda: *Primeira coisa...eu sempre falo na parte espiritual porque foi isso que me manteve viva. O acreditar, a fé. Pessoal diz que milagre às vezes não existe. Mas eu sou **fruto** de um milagre. Porque teve uma noite que eu me despedi no pai e da mãe. Sabia que eu não ia viver no outro dia. E aí, veio vários seres. Então eu passei ter uma visão totalmente diferente desse mundo.*

A sucessão das estações ao longo do ano funda um aspecto experiencial importantíssimo na vida de todo ser vivo no planeta, das plantas aos seres humanos. Mesmo que a localização da região Nordeste não permita o estabelecimento das quatro estações anuais canônicas das zonas temperadas do globo, os padrões de mudança no tempo se fazem sentir pela fauna e pela flora do espaço geográfico onde se encontra o Território Pitaguary. À estação das chuvas, que normalmente se inicia em março e vai até o mês de junho, segue-se uma longa estação de sol durante a qual a maior variação climática é relacionada à velocidade dos ventos e à amplitude das altas temperaturas, sobretudo nos últimos meses do ano.

A resposta das plantas à passagem do tempo, modulada e evidenciada pela sequência de estações, é posta em relação metafórica na fala de Neusa, que contou com a ajuda episódica do marido, que participou rapidamente do diálogo da esposa com a entrevistadora, retomando e sugerindo VMets empregados pela participante, com a sequência de estados emocionais e

psicológicos vividos ao longo das fases que integram a superação de uma dificuldade.

EV DISC 7, EXC 284: Entrevistadora: *Durante uma experiência ruim, eu me sinto que nem....*

Neusa: *Que nem uma **folha seca**, né. Perdendo...*

Marido: Pode ser. *No ar...*

Neusa: ... saindo **da árvore**. É, eu me sinto assim (rindo).

EV DISC 7, EXC 285: Entrevistadora: *Recuperar dos desafios é que nem...*

Neusa: *...é que nem uma **árvore**, que a gente tá aguando, aguando e ela vai crescendo e vai ficando linda. Eu acho que a minha recuperação é dessa maneira. Uma **árvore** que fica bem verde, bem florida. Eu já tou imaginando a **minha árvore** bem florida, cheia de **frutos** (rindo). E assim, que eu me sinto.*

O restabelecimento final de Neusa é associado ao estágio reprodutivo da planta, que surge para nós, seres humanos, como a época da planta em que ela, da nossa perspectiva, nos oferece seus frutos, flores e verdor, como resultado dos cuidados de que foi objeto, representados aqui pelas regas.

A abundante metáfora *troncos velhos* reaparece na fala de Natália para fazer referência aos aspectos de força, resistência, tradição, como podemos observar na sequência de excertos abaixo:

EV DISC 8, EXC 286: Natália: Mas eu tenho uma segurança porque meus encantados do passado, meus **troncos velhos** não puderam falar. E eu já posso falar em nome deles.

EV DISC 8, EXC 287: Natália: E hoje não, a gente é bem visto, graça ao nosso trabalho dos encantado e do passado, das pessoas dos **troncos velho**. Que eu hoje, agradeço muito mesmo aos meus **troncos velho**. Eu amo velho por isso, porque eles ensina desde o começo até hoje, como suportar tudo isso.

EV DISC 8, EXC 288: Natália: Então a gente não pode deixar parar essa luta tão bonita que nossos **troncos velhos** deixaram pra nós.

EV DISC 8, EXC 289: Natália: E quando papai falava com um dos nossos guerreiros, **troncos velhos** ali, ele diz palavras muito simples. E ele diz que o espírito tem que ter uma arma. E eu achei muito lindo a forma dele dizer isso.

Os troncos velhos, que têm como exemplo emblemático entre os Pitaguary, a

mangueira, árvore frutífera presente no depoimento de alguns dos participantes, exercem essa função notória de fonte de firmeza, força, sustentação e inspiração. É à sombra desses troncos, sob sua proteção, que as gerações mais jovens se apoiam - numa instanciação apropriada do esquema de equilíbrio - para prosseguirem fortes no caminho da luta.

A seguir, a dimensão interativa concernente à função de defesa exercida por estruturas vegetais como os espinhos é associada metaforicamente aos ocasionais ruídos nas relações entre os membros da comunidade, os quais podem produzir desacordos ou mágoas, causando até feridas, que podem ser suplantadas através da união:

EV DISC 8, EXC 290: Natália: *Então, mesmo que eu esteja como **árvore** dentro de uma mata, só **espinhos** de outra poupa me fere, mas me sustenta, e nós somos felizes juntas, nós se movimentamos juntas e convivemos juntas.*

Abaixo, o estímulo à união é reiterado, no tom pedagógico já conhecido de Natália, e vinculado ao crescimento que pode resultar da combinação de força, amor e harmonia entre os Pitaguary. A esse respeito, o bambu, uma gramínea que apresenta crescimento rápido e estrutura física resistente, porém maleável, opera como domínio fonte para as características citadas, conforme verificamos no excerto seguinte:

EV DISC 8, EXC 291: Natália: *Então vamos ser isso, vamos ser a natureza, vamos ser os seres **bambu**, vamos criar juntos, até ao nível do céu. Pra sermos mais fortes. Então é isso que eu quero compartilhar como todos vocês. Vamos nos amar mais, vamos se permitir. (...) Então eu convido a todos se abraçar agora.*

A metáfora orientacional FELIZ É PARA CIMA instancia a expressão *até o nível do céu*, posto que o céu é associado – em comparação à fixidez do chão - à liberdade, como espaço onde os pássaros se deslocam por meio do voo; e também, se levarmos em conta a perspectiva religiosa cristã, à salvação, à graça, à felicidade prometida aos que seguirem certos códigos morais definidos pela divindade.

Para Celso, o ciclo natural de renovação das plantas apresenta-se como base metafórica para a confiança que sente em relação a si mesmo quando se encontra nos momentos de dificuldade. No contexto das estações do ano da região nordeste, a árvore prototípica a que alude Celso, depois de passar pelo estresse hídrico do período seco - associado ao período de experiência negativa -, sofre com a perda temporária das folhas, as quais serão devidamente renovadas ao longo e depois do inverno local, marcado não pela diminuição das temperaturas atmosféricas, e sim pelo aumento

do índice pluviométrico; as chuvas, nesse enquadramento metafórico, tal como as regas mencionadas por Neusa mais acima, agem como o ingrediente que possibilita a regeneração da planta, ou a superação da adversidade pelo participante, como vemos abaixo:

EV DISC 14, EXC 292: Entrevistadora: *Durante a experiência ruim, eu me sinto que nem...*

Celso: *Uma **árvore**. Tudo contínuo. Eu sou super contínuo. A **árvore**, todo ano, ela cai as **folhas**. Ela fica **seca**, há sempre o contínuo, depois do inverno ela se **renova**.*

EV DISC 14, EXC 293: Entrevistadora: *Recuperar dos desafios/ dificuldades é como/ que nem ...*

Celso: *Se renovar igual a **árvore**.*

A metáfora do self dividido se conecta à de PESSOAS SÃO PLANTAS para criar um espaço de mesclagem em que cada seção do self é entendida como uma planta distinta. Ainda, cada self – situados na figura ideal do cientista cindido -, encapsula a humanidade como um todo e o ser humano em sua individualidade. O contexto são, mais uma vez, as discussões promovidas por Celso sobre o desafio de aliar os olhares ou visões do mundo de fora – isto é, o acadêmico, científico, urbano - às perspectivas do mundo de dentro: o indígena, o tradicional, o ancestral. O mundo interior é referido abaixo, especificamente, como o mundo dos sentimentos; o exterior, como o mundo da razão, onde se desenvolvem as descobertas científicas. A atenção exclusiva em direção de apenas um desses mundos, ou a um desses selfs, gerou um desequilíbrio do qual advém a impossibilidade de se alcançar a real felicidade; esta, segundo Celso, encontra-se no cuidado do mundo interno, cuidado que é referido metaforicamente pelo participante como *rega*.

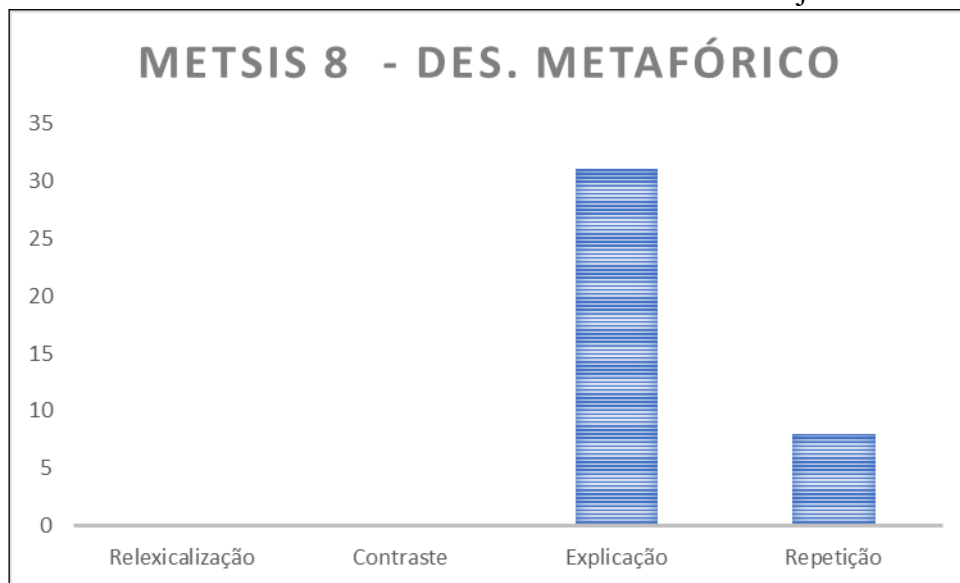
EV DISC 14, EXC 294: Celso: *Os cientistas procuraram a felicidade, descobriram o menor átomo, descobriram uma infinidade de planetas, de moléculas, criaram, ficaram muito **frutíferos**, no mundo exterior, mas eles esqueceram de **regar** o seu mundo interior, dos seus sentimentos. E por isso não alcançaram a real felicidade.*

EV DISC 14, EXC 295: Celso: *A gente tem que **implantar** hoje nas crianças a preservação da água, porque há estudos que comprova que até 2050, até 2060 a água vai estar totalmente poluída. A gente tem que **implantar** na mente deles, a preservar a natureza, porque desde 1970, quando se começou a medir a poluição no ar, que a gente superou.*

No excerto acima, discorrendo sobre a importância do fomento de valores pautados

num sentimento ecológico mais eficiente no seio das novas gerações do povo Pitaguary, tanto as crianças como suas mentes são entendidos como espaços cultiváveis, nos quais ideias, tais como plantas ou sementes, devem ser implantadas a fim de que se desenvolvam e cresçam.

Gráfico 16 - Ocorrências de desenvolvimentos metafóricos na trajetória da MetSis



Fonte: elaboração do autor.

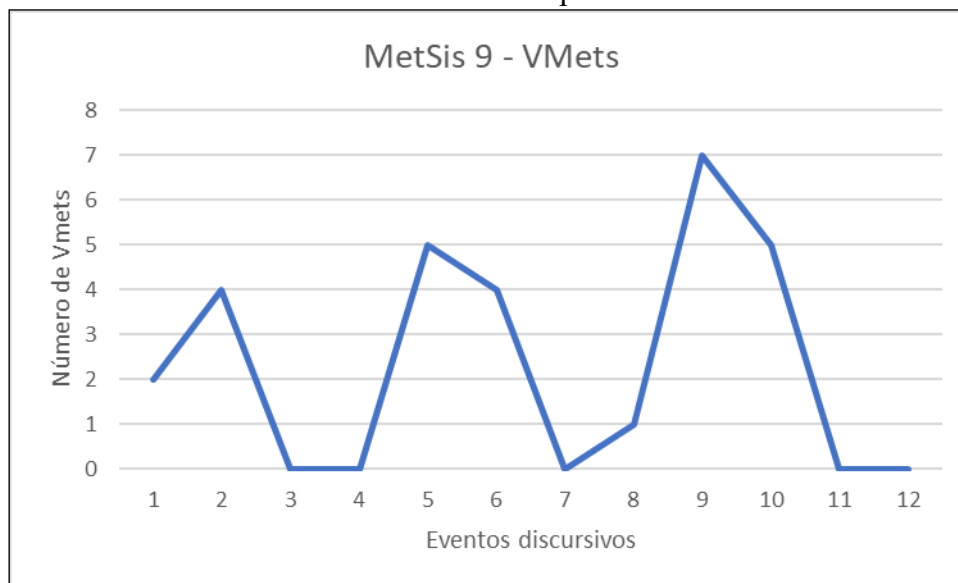
4.9 Metáfora sistemática 9: PARA SUPERAR ADVERSIDADES É PRECISO OLHAR PARA FRENTE

Tabela 12 – Estatísticas básicas MetSis 9

EV. DISC.	PARTICIPANTES	G-VMets	VMETs
01, 02, 05, 06, 08, 09, 10, 13, 14	Fernanda, Carol, Pajé, Cecília, Natália, Pajé, Flora, Clarêncio, Celso	DIREÇÃO	28

Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 17 – Número de VMets por evento discursivo



Fonte: adaptado de Carneiro (2014, p. 155).

O tempo é um daqueles componentes da nossa experiência diária que só causam problemas ou desconforto quando diretamente questionados. “O que é o tempo afinal? Se ninguém me pergunta, eu sei; mas se me perguntam e eu quero explicar, já não sei”, são palavras de Santo Agostinho que ilustram o tipo de problema filosófico e existência no qual nos envolveríamos se investíssemos nosso tempo na tentativa de elucidar o que é o tempo.

Mesmo no campo da Física, a pergunta sobre o tempo encontra-se em aberto, na medida em que não há palavra definitiva sobre sua natureza e mesmo seu funcionamento. Em diferentes enquadramentos teóricos, o tempo pode ser visto como o pano de fundo de eventos, de acordo com a Física newtoniana; ou como uma dimensão a mais do contínuo espaço-tempo, segundo prevê a Teoria da Relatividade Geral proposta por Einstein no início do século XX. Ao físico alemão, aliás, o caráter elusivo do tempo não passou despercebido, tanto que, em suas próprias palavras, “O tempo e o espaço são modos pelos quais pensamos e não condições nas quais vivemos”.

Entretanto, nós seres humanos, sendo animais que vivem na linguagem, precisamos dar sentido ao fluxo nossa experiência, seja ela incompatível ou não com o que se tenta chamar de realidade. Entidades abstratas como sentimentos, emoções e tempo devem se tornar manipuláveis linguisticamente de alguma forma. Como temos visto no presente trabalho, a metáfora é uma dessas ferramentas, seja a nível conceptual-cognitivo, seja num contexto mais dinâmico, complexo e adaptativo, como o dialógico e interacional.

A concepção de tempo que emerge da fala dos Pitaguary não difere da que encontramos em outras culturas ao redor do globo. A estrutura esquemática oriunda de nossa experiência de seres que atuam em espaços físicos normalmente se projeta sobre nossa vivência específica do tempo, fazendo com que concebamos o tempo em termos de espaço físico. Assim, o tempo é entendido ora como um rio que passa por nós, ora como uma região espacial ao longo da qual nos movemos. As coerências e dinâmicas orientacionais inerentes à navegação e deslocamento no espaço físico se transpõem metaforicamente para a dinâmica experiencial vivida na passagem do tempo.

Expressões como “O que vem pela frente pode ser pior do que o que vemos agora”, “Você precisa parar de olhar pra trás, foque no futuro” e “Bola pra frente!” são licenciadas, do ponto de vista da Teoria da Metáfora Conceptual, pela metáfora EVENTOS FUTUROS SÃO PARA FRENTE. A base física desse mapeamento diz respeito à experiência corporificada que consiste no fato de que, tipicamente, olhamos na direção para a qual nos movemos, e ao passo que nos aproximamos do objeto, ele parece cada vez maior.

As línguas naturais humanas são imbuídas desse esquema metafórico – o sistema aspectual e temporal da língua portuguesa, bem como de inúmeros outros idiomas, assenta sobre a compreensão cognitivamente ancorada de que o passado fica para trás e o futuro se situa numa região frontal àquela em que nos encontramos agora.

Do modelo cognitivo-metafórico que rege nossa relação com o tempo, emerge uma jornada espaço-temporal a partir da qual os Pitaguary situam e localizam eventos e objetos. Os resultados positivos da luta em seu estágio presente e passado é situada no futuro, isto é, para frente – o que revela um posicionamento frequentemente otimista em relação ao porvir. As batalhas perdidas, os ataques vindos de fora e as adversidades em geral são atribuídas à região espaço-temporal do passado. O presente é o lugar de conflito entre um passado marcado por perdas, mas também pela inspiração da tradição ancestral; e o futuro incerto, mas que acena com promessas de regeneração e reconquista do que foi tomado ou perdido.

Na fala dos participantes da nossa pesquisa, seguir em frente, conduzir-se rumo ao futuro é inevitável e imperativo. Olhar para frente, na direção das gerações futuras e da continuidade da comunidade Pitaguary é o único destino possível para o povo indígena. Olhar para trás deve ser um expediente usado com a única função de promoção de inspiração, motivação e aprendizado.

É o que vemos nos excertos abaixo.

Com a expressão “botar a vida pra frente”, Flora aponta a direção em que se encontra a superação da dificuldade atual – que nesse contexto se trata da morte de um familiar de dois irmãos membros da aldeia. Manter a vida no presente corresponderia à estagnação; unir-se, produzir força e seguir adiante é a solução.

EV DISC 3, EXC 296: Flora: *Eu disse que agora vocês tem que superar, eu sei que é difícil, mais a vida continua e a gente tem que botar a nossa vida pra **frente**, então vocês têm que se unir uma e a outra pra tentar buscar força.*

Carol, por sua vez, aponta para frente a fim de indicar o obstáculo que se encontra no seu caminho, isto é, para se referir à adversidade que a impede de vivenciar o fluxo de eventos de sua existência de forma emocionalmente estável. Identificamos uma mesclagem entre as metáforas EVENTOS FUTUROS SÃO PARA FRENTE e A VIDA É UMA JORNADA, da qual resulta o duplo valor da expressão metafórica frente: o que está no percurso biográfico de Carol e o que se encontra no futuro imediato:

EV DISC 3, EXC 297: Carol: *Pra mim é quebrar a barreira, que está na minha **frente** me dificultando. Mais eu não volto, eu vou quebrar e vou passar.*

Olhar para trás corresponde, na fala de Cecília, atitude necessária para que se possa estabelecer uma base comparativa entre passado e futuro, o que permitiria uma avaliação acurada do quão próximos ou não seu povo se encontra do destino almejado.

EV DISC 4, EXC 298: Cecília: *Eu tenho 46 anos, tenho 19 anos que tou nessa luta. Tinha momentos que conseguimos avancar um pouco, mas ao mesmo tempo eu fico olhando **pra trás** e olho **pra frente** e vejo que ainda estamos muito distante do que realmente é necessário pra gente ter um pouquinho de liberdade.*

Observamos o mesmo viés comparativista no excerto abaixo:

EV DISC 4, EXC 299: Cecília: *E as invasões nas terras indígenas, elas continua até o dia de hoje. Então eu vejo isso como uma situação muito difícil de que um dia a gente possa olhar **pra trás** e dizer assim, acabou. Porque são 516 anos vivendo dessa mesma forma.*

No excerto já apresentado em outra situação, as armas acumuladas, isto é, as relações com outras pessoas poderão ser usadas em ocasião oportuna no futuro. Note-se o sentido de estratégia que orienta o olhar de Cecília na direção do futuro, antecipando-se às situações adversas

que podem surgir no porvir:

EV DISC 4, EXC 300: Entrevistadora: *Depois de superar desafios/dificuldades, relacionamentos com outras pessoas são que nem...*

Cecília: *Eu acho que são como... Essa relação com outras pessoas, pensando pelo modo positivo, são como se você acumulasse armas, acumulasse algo que você possa usar **mais na frente**. (...) Por exemplo, a pedreira, aquela retomada da pedreira.*

Na fala de Neusa, o otimismo com relação ao futuro ressurgiu, bem como a avaliação comparativa oriunda da apreciação do passado e do futuro com relação ao presente, metaforizado pelo advérbio *aqui*.

EV DISC 7, EXC 301: Neusa: *Temos que ter desafios, temos que ter barreiras, a gente enfrentar tudo e **lá na frente** a gente consegue, olhar **pra trás** e dizer, poxa, passei por tudo isso, por toda essa dificuldade e hoje eu estou **aqui** contando a história.*

O futuro como região espacial onde as adversidades estarão ultrapassadas e os resultados das atitudes e ações praticadas no presente serão observados é apontado por Neusa mais uma vez por meio da expressão *lá na frente*. O trabalho árduo e a superação de barreiras no presente é que garante a experiência positiva alocada no futuro. É o que vemos nos excertos número XX abaixo.

EV DISC 7, EXC 302: Neusa: *Se você tiver um problema muito grande, você consegue através da lua, do sol e das estrelas, você consegue se recuperar, e de antes de toda dificuldade, você consegue uma conquista maior **lá na frente**. Não existe nem uma conquista sem uma dificuldade. Não existe trabalho sem desafio. Todo trabalho da gente tem um desafio. Não existe coisas boas sem barreiras. Que você sabe que as coisas fáceis demais não é bom. As coisas difíceis fazem com que a gente supere tudo **lá na frente**.*

EV DISC 7, EXC 303: Neusa: *Tudo isso, a gente consegue passar pelos obstáculos ruins e conseguimos uma árvore cheia de fruto **lá na frente**. Eu acho isso muito importante. E é esse o meu pensamento.*

Na zona espaço-temporal do futuro se situam, na fala de Natália, a descendência dos Pitaguary e uma humanidade que se concebe de a partir de novos paradigmas. Esse futuro advirá do trabalho atual voltado para a comunidade:

EV DISC 8, EXC 304: Natália: *Não me vejo como a batalha, como a tristeza, não, eu me vejo como um aprendizado. É forte? É, é um aprendizado muito forte. Mas cada*

queda, quando a gente cai, a gente se levanta e bate a poeira e segue em frente de novo. E assim com as nossas conquistas, as nossas batalhas, nas nossas aldeias.

EV DISC 8, EXC 305: Natália: *Quanto as pessoas, que não tem a mente pra Deus, Pai Tupã, que não tem a mente aberta para o mundo universal, não vê lá na frente seu filho, não vê mais na frente seus netos, seus tataraneto, porque hoje eu trabalho para o meu filho e pro filho do meu filho. Eu não trabalho pra mim. Então, eu trabalho praquele que ta nascendo ainda. Por isso que eu sou muito forte, ou tenta ser forte. Por isso. Porque eu quero, mais na frente, ver ... a nação ser humana, de maneira diferente, tendo essa visão diferente, de vida.*

Entender o desenrolar dos eventos atuais com alto grau de antecipação é uma estratégia que Flora julga importante nos momentos de adversidade. Ter o olho da coruja, que pode enxergar bem tanto de dia quanto à noite, é como ela se refere a essa capacidade de que os Pitaguary devem fazer uso.

EV DISC 10, EXC 306: Flora: *Quando as coisas tão muito acirradas, a gente tem que ter o olho de coruja pra gente poder enxergar melhor o que vem na frente.*

EV DISC 11, EXC 307: Davi: *E o que for aparecendo pela frente, você vai querer passar, porque você tem um objetivo de chegar. Você vai tentar deixar as coisas pra trás, vai superar. Então se você põe sentido nas coisas, você vai pra frente. Vai pra frente.*

Ter um objetivo se cofunde com “pôr sentido nas coisas”, lema que identificamos repetidamente na fala de Davi. Estar numa jornada cujo ponto de chegada se conhece permite a superação do que “for aparecendo pela frente”, isto é, o enfrentamento exitoso de eventos desfavoráveis que podem surgir no percurso biográfico da pessoa. Deixar itens para trás faz-se necessário, podendo indicar o abandono de pesos ou a desconexão com experiências que ancoram a atenção individual no presente.

O contínuo temporal, se vivido como um percurso distribuído numa região espacial marcado por acidentes geográfico, comportar-se como a água corrente pode ser uma estratégia válida para quem pretende superar adversidades. É o que sugere Davi, projetando a velocidade, maleabilidade e plasticidade do fluxo de água de um rio sobre o comportamento desejado de uma pessoa que se vê diante de um caminho conturbado por dificuldades extremas. Como a água diante de um desnível no terreno, que jamais hesita, assim deve se deslocar o indígena Pitaguary quando

confrontado a uma adversidade.

EV DISC 11, EXC 308: Davi: *Eu vou dizer a mesma forma que eu falei. Seja como um rio, superando as dificuldades, contornando montanhas, descendo cachoeiras e **sempre em frente**, sem medo. A água, quando ela cai dá cachoeira, ela não vai assim 'será que eu caio' (rindo), ela vai de uma vez, sem medo, sempre, **sempre em frente** sem medo. E isso.*

O futuro é a única direção possível para William, fazendo eco aos demais participantes da pesquisa. Seguir em frente, bota pra frente e vai pra frente são as expressões de que ele faz uso. No penúltimo excerto, com a expressão “bola pra frente”, a combinação de duas metáforas é que permite a compreensão de sua fala. A bola mencionada é a bola do futebol, do que se infere a metáfora A VIDA É UMA PARTIDA DE FUTEBOL. Impulsionar a bola para frente, no contexto do frame PARTIDA DE FUTEBOL, corresponde a dar continuidade a um jogo que, provavelmente, encontrava-se paralisado seja por cobrança de uma falta cometida por um dos jogadores, seja devido ao intervalo obrigatório entre as duas fases que constituem uma partida normal. A frente representa, nesse universo esportivo particular, o campo do adversário, no qual se encontra a trave, estrutura que, ao ser ultrapassada pela bola, permite o registro de um gol. Este, no esquema criado por William, se projeta sobre os objetivos de vida; a bola são os instrumentos de que a pessoa dispõe para atingir os objetivos; e o gramado é a jornada que deve ser percorrida. Na convergência que sugerimos entre essa metáfora e a metáfora EVENTOS FUTUROS SÃO PRA FRENTE, olhar e seguir para frente indicam a superação da adversidade rumo ao futuro.

EV DISC 12, EXC 309: William: *A gente tem que botar um ponto final nos nossos objetivos e seguir **em frente**. Porque se a gente sempre for levar pela dificuldade dos outros, a gente nunca faz nada.*

EV DISC 12, EXC 310: William: *Mas só que a gente não baixa a cabeça, a gente continua o nosso projeto e **bota pra frente**.*

EV DISC 12, EXC 311: William: *Não concluir o trabalho é que nem um desafio, né. E a gente não tiver pensamento positivo, a gente não **vai pra frente** não. As vezes até eu mesmo tenho pensamentos negativos. Mas só que eu não ligo muito não.*

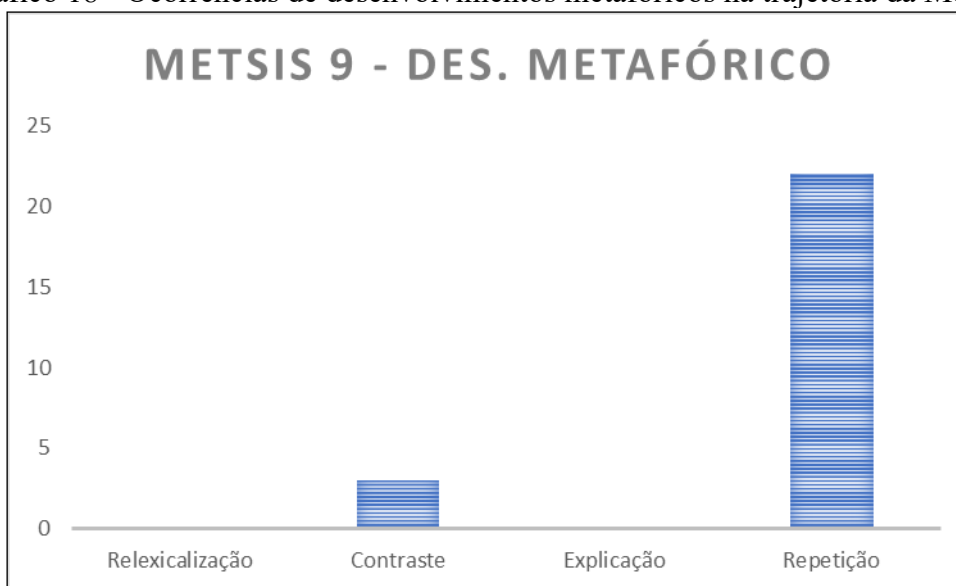
EV DISC 12, EXC 312: William: *Eu penso muito no futuro. Certo que o dia de amanhã não pertence à gente, só pertence a Deus. Mas a gente também tem que pensar no futuro, né. O dia de amanhã só pertence a Deus. Mas tem que ter calma, e... como tem*

aquele ditado "ter fé, e bola **pra frente**".

EV DISC 12, EXC 313: Entrevistadora: *Se alguém passa pela mesma experiência que eu passei (ou que a minha comunidade passou), gostaria de lhe dizer para pensar ou se comportar como...*

William: *Que ele nunca deve desistir dos objetivos dele, é pra ir **sempre pra frente**.*

Gráfico 18 - Ocorrências de desenvolvimentos metafóricos na trajetória da MetSis



Fonte: elaboração do autor.

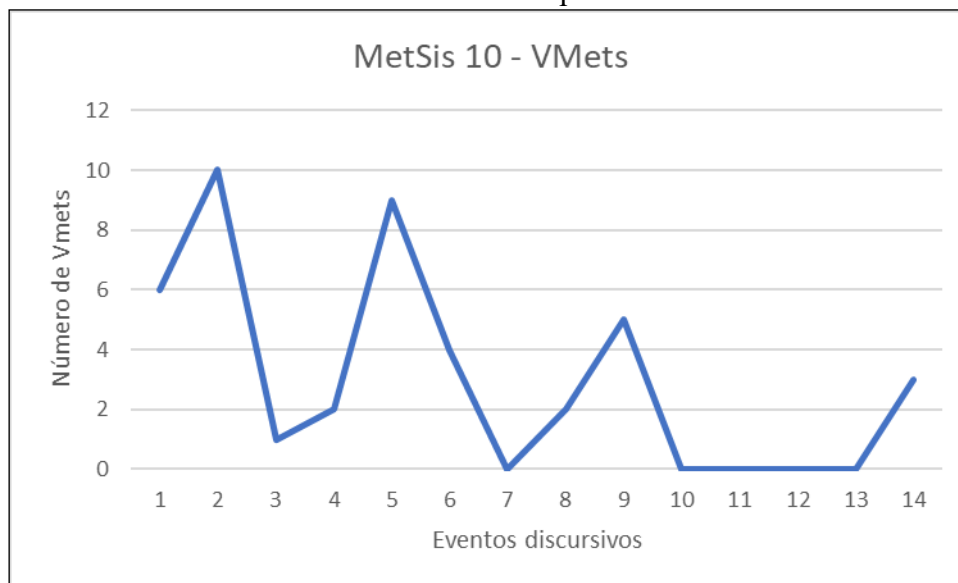
4.10 Metáfora sistemática 10: SER PITAGUARY É FAZER PARTE DE UMA FAMÍLIA FORTE E UNIDA

Tabela 13 – Estatísticas básicas MetSis 10

EV. DISC.	PARTICIPANTES	G-VMets	VMETs
01, 02, 03, 04, 05, 06, 08, 09, 14	Diomar, Pajé, Fernanda, Carol, Flora, Waldyr, Celso.	FAMÍLIA	42

Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 19 – Número de VMets por evento discursivo



Fonte: adaptado de Carneiro (2014, p. 155).

Entre as experiências mais basilares de todo ser humano estão aquelas que surgem da e na convivência no núcleo familiar. Seja este constituído nas inúmeras configurações possíveis, a família, como espaço sócio-psico-afetivo é crucial para a emergência de várias das experiências de base corpórea que constituem a cognição animal humana. Os sabores do corpo da mãe, os cheiros dos pais, a dinâmica corporal que gera os movimentos e é por eles geradas na interação com os membros da família, os sons, o toque – todos esses são elementos que participam da formação do arcabouço sensorial, motor e afetivo do que somos como humanos.

Os laços que se estabelecem com as pessoas de nossa convivência íntima participam da formação de domínios fontes que usualmente projetamos sobre qualquer domínio mais abstrato que experienciemos como possuindo as qualidades associadas à família, isto é: intimidade, confiança, compromisso, união, carinho, respeito, disciplina, amor.

Assim é que um presidente pode se tornar o pai de uma nação; empregados de uma grande corporação podem ser convidados ou coagidos a se verem como irmãos uns dos outros; uma divindade feminina se torna mãe dos fiéis +nas coerências internas de uma religião; a natureza se torna a mãe de todos os seres vivos do planeta, que formam uma grande e – fraticida e matricida – família global.

Para os Pitaguary, a família como domínio-fonte se apresenta com significado especial devido a fatores específicos, entre os quais destacamos: o demográfico: atualmente, o número de

indígenas Pitaguary é de pouco mais de 4 mil cidadãos. Dentre esses, a possibilidade que algum grau de parentesco seja identificado é muito maior do que a que existe entre os quase 4 milhões de habitantes de Fortaleza, por exemplo; o identitário-cultural: apesar de querelas internas relativas ao direito de sucessão de funções político-religiosas dentro da aldeia, declarar-se Pitaguary e defender a cultura Pitaguary pode aproximar uma pessoa da comunidade, como veremos na fala de alguns dos participantes abaixo; o místico-religioso: a filosofia inerente ao sistema de crenças Pitaguary aparenta ser altamente pluralista, agregadora e inclusiva: em vários relatos, a comunidade externa local bem com a “aldeia global” são identificadas como subdomínios de uma família humana mundial da qual os Pitaguary também fazem parte e que, de uma forma fractal, por assim dizer, integra a família Pitaguary.

Como veremos abaixo, com exceção da fala inicial do Pajé, no primeiro evento discursivo, da qual emana uma reflexão exclusivista baseada no uso da *expressão filho de sangue* para se referir à já citada controvérsia entre ele e o atual cacique, considerado ilegítimo, os demais excertos fazem emergir uma bela concepção abrangente e agregadora de família.

EV DISC 1, EXC 314: Pajé: *Hoje temos uma pessoa dentro da comunidade que se autodenomina cacique, mas não foi passado pelo pajé. Tem um ritual, não foi escolhido pela comunidade, foi escolhido por um grupo à parte. É um desafio que estamos passando. Ele não é **filho de sangue**.*

Em muitas culturas, inclusive na nossa, que é em grande parte ainda baseada na noção de continuidade geracional entre pessoas que compartilham grandes trechos do mapa genético, o sangue assume papel essencial no contexto de delimitação do alcance do direito à herança. Apesar de em outro trecho, o Pajé afirmar que a função de cacique deve ser exercida preferencialmente por alguém que possua qualificação específica, ele faz uso de expressão que vincula pertinência a um grupo genético para explicar seu desentendimento com o cacique que assumiu a função depois da morte do cacique Daniel. Que o novo cacique não seja *filho de sangue* explicita o julgamento de valor do Pajé, que o identifica como filho ilegítimo. É possível que essa ilegitimidade tenha natureza metafórica, se levarmos em conta outros trechos da fala do Pajé, em que as regras de pertencimento à família Pitaguary são alargadas de forma significativa.

Abaixo, Diomar fala do Pajé em termos de pai, evocando suas qualidades de sábio conselheiro.

EV DISC 1, EXC 315: Diomar: *Pra todos nós, a gente chega no pajé, na mãejé, chega*

*toma bênção, como se fosse o nosso **pai** mesmo, porque é ele que naquela hora da conselho, é ele que diz que tá errado, tem que fazer isso e aquilo, tem o papel de um **pai**.*

No mesmo evento discursivo, os membros da comunidade que já morreram são rememorados por Fernanda. Infere-se que os indígenas irmãos e parentes da participante são objetificados como itens tradicionais e são depositados dentro dela, entendida provavelmente como recipiente para sentimentos, emoções e memórias.

EV DISC 1, EXC 316: Fernanda: *Então a nossa roupa, não é nossa, meu brinco, meu colar, não é meu, isso que é o que eu trago comigo, os meus **parentes**, os meus **irmãos** que morreram por quanto que não podia falar.*

EV DISC 1, EXC 317: Fernanda: *Nós somos tão ligado, é um laço muito forte. Isso é um sentimento muito forte, nos tem uns 4000 **irmão**, tem uns 30 que é juntos diretamente. Então, pra nós, manter essa visão de aldeia é a gente ver o que nós conseguimos até hoje.*

Apesar de a totalidade os membros da comunidade Pitaguary formarem uma grande família, entre esse grupo, há aqueles que desenvolvem laços de união mais fortes entre si. Esses laços, tanto os mais estreitos quanto os mais amplos, se baseiam num forte sentimento de pertença experimentado por Fernanda e pelos demais indígenas.

Na fala de Natália, esse sentimento de pertença pode resultar numa abrangência significativa do alcance da família Pitaguary. Assim, no momento em que um visitante ingresse nos limites do Território, ele passa, segundo a líder indígena, a ser visto como irmão, como fazendo parte da grande família global. A filiação a Tupã, divindade indígena, é condicionada, entretanto, a valores morais inespecificados referidos pelo qualificativo genérico boa.

EV DISC 2, EXC 318: Natália: *A partir do trilho que você entra dentro da minha aldeia, você não passa mas a ser visitante, você é **filho**. Então a gente trata tão bem as pessoas que as pessoas saem daqui querendo voltar. (...) Deus faz isso, **pai** Tupã faz isso, porque ele vê que você é uma pessoa boa. (...)*

EV DISC 2, EXC 319: Natália: *Hoje eu tenho um monte de **família**. Eu divido o meu pai e minha mãe, com toda a aldeia e costume dizer que divido com o mundo. A nossa aldeia trabalha o bem-estar das pessoas do mundo e não só o bem estar da minha aldeia. Os seguidores do pajé se preocupa nisso, o bem-estar da **família** no planeta.*

Um esquema que poderia ilustrar a concepção globalista de família defendida por Natália é um formado por quatro círculos concêntricos em que o maior representaria a família global, dentro do qual se aninharia um outro representando a família da aldeia, outro no interior deste representando o núcleo familiar mais próximo e outro, situado dentro do da aldeia, representando a família espiritual.

EV DISC 2, EXC 320: Natália: *Então a gente busca isso na vivência. Eu tenho uma **família** espiritual que são seguidores do pajé, tenho a minha família mesmo, e tenho a **família** da aldeia e a outra **família** que é o mundo.*

EV DISC 2, EXC 321: Entrevistadora: *Que tipo de histórias que eles contam que ajudam vocês entender a vida?*

Natália: *Por exemplo, a história no nosso passado, de como que eles viviam, de como eles mantinham a **família** viva. Porque no passado era tudo mais difícil. (...) A minha mãe era caçadora, ela caçava de noite e ela conta histórias que ela vivenciou de escutar as caiporas assobiando, porque aqui pra nós, as caiporas são vivas.*

EV DISC 2, EXC 322: Natália: *E o meu pai falo, que o **pai Tupã**, que é deus, não dorme. E não cansa. E se nós somos **filhos** dele, também não vamos cansar. Então isso que me deixa mais firme, é a firmeza do meu pai, a firmeza da minha mãe, são as histórias.*

EV DISC 3, EXC 323: Flora: *A gente diz que os nossos amigos são como **irmãos** ou mais que um **irmão**. Porque eles sempre tão aí naqueles momentos difícil.*

EV DISC 4, EXC 324: Cecília: *Eu acho que a nossa **família** é uma aldeia bem forte. É uma cocar lindo colorido, de penas fortes que nunca se vai acabar. É uma música de Toré.*

EV DISC 4, EXC 325: Cecília: *“O cocar é a minha casa Pitaguary é o meu coração, a maraca é o instrumento e o pajé faz a oração, e aheiaheiaheiaha...”*

Entrevistadora: *E essa música vocês cantam no Toré, no ritual de dança?*

Cecília: *Canta, é. Entao é isso ai, a minha **família** Pitaguary.*

Nos excertos acima, a união como pressuposto de uma família funcional é a responsável pela motivação e força que permitiu aos Pitaguary sobreviverem como grupo ao longo dos séculos nas disputas históricas em que estão envolvidos até hoje. A fraternidade, a disciplina e o compromisso, valores subordinados à ideia de família, integram o patrimônio cultural Pitaguary

e foram citados inúmeras vezes ao longo dos excertos aqui analisados.

Abaixo Fernanda fala da perspectiva de irmã mais velha que tece comentários críticos sobre alguns irmãos que, como ocorre em toda família, não investem tempo e esforço na promoção de interações saudáveis fundadas no respeito e na gratidão para com os pais. O Pajé, enquanto pai da grande família Pitaguary, é visto por Fernanda como sendo desvalorizado pelos filhos, na medida em que estes parecem não seguirem as orientações disciplinares do chefe da família.

EV DISC 5, EXC 326: Fernanda: *Então ele deixou de ser pai de três filho, pra ser **pai** de 4000. Então um sofrimento pessoal pra mim é ver o meu pai sendo pajé, tendo 4000 **irmão**, mas poucos valoriza o **pai** que tem. Então pra mim é um sofrimento ver tudo isso, ele querendo... tá botando ordem em tudo e as pessoas não vê o que ele tá se doando. Ele mesmo enfermo, ele tenta mostrar que tá bem e tenta fazer as coisas. Mas esses 4000 **filhos** não valorizam.*

EV DISC 5, EXC 327: Fernanda: *Então querendo ou não, eu como filha, que sou uma seguidora, nós sofremos com isso. Porque isso tudo foi uma escolha, não foi por acaso que ele é pajé, né. Mas eu vejo dia por dia, ele se maltratando, se preocupando com todos os outros **filhos**. A forma dele cuidar dos três filhos, deixou em segundo plano.*

A memória do cacique Daniel é evocada com carinho pela participante. O mapeamento metafórico projeta a idade avançada e o carinho associados à paternidade sobre as qualidades identificadas pela participante no cacique.

EV DISC 5, EXC 328: Fernanda: *Na parte do nosso cacique.. há muito tempo eu tava observando, já ele. Que nem ele fosse um **pai** pra mim, um mestre, que ele me ensinou muitas coisa.*

Observemos nos excertos seguintes mais exemplos da amplidão místico-espiritual da conceptualização de família que Fernanda propõe:

EV DISC 5, EXC 329: Fernanda: *Porque quando chega uma pessoa de fora, eu sei que eu consigo ver ela que nem a minha **irmã**. Tem essa ligação. O mundo pra mim, é que nem fosse a minha **casa**. Então, pessoal lá no Japão, não é porque esteja lá no Japão, e eu vou ser melhor do que eles ou eles sejam melhor do que eu, não. Pra mim, todos nós tamos ligado.*

EV DISC 5, EXC 330: Fernanda: *Então, a minha vida é essa. Ajudar quem precisa e fazer de um amigo um **irmão**.*

As pessoas ajudadas, os habitantes das regiões longínquas do mundo, os visitantes – todos esses são potenciais irmãos, a quem Fernanda se sente ligada.

Contrastando com o discurso sustentado acima referente ao novo cacique, a família metafórica, na fala do Pajé, surge inclusiva e baseada nos sentimentos de união e solidariedade, os quais são os grandes responsáveis sine qua non do sucesso do grupo indígena em ultrapassar as adversidades enfrentadas pelos Pitaguary como comunidade.

EV DISC 6, EXC 331: Pajé: *E a **família** indígena só passa desta coisa que eu tou falando, porque termina nós todos sendo **parentes**, sendo **irmão**, mesmo que você não seja assinado com o meu sobrenome, mas a convivência que diz que nós tamos juntos.*

EV DISC 6, EXC 332: Pajé: *Mas antes de ser pajé eu já era curandeiro, rezadeiro, raizeiro, fiz um curso de raizeiro. Eu passei também a ser psicólogo da Natália e isso é uma coisa muito, eu diria assim, fabulosa. A gente ta ajudando a **família** da gente, a aldeia da gente. E muito, assim, prazeroso. Bom.*

O cuidado para com a identidade Pitaguary é referenciado por Natália. Em sua fala, as vestimentas, as pinturas e os valores funcionam como estandartes ou brasões que afirmam e consolidam a pertença à cultura indígena.

EV DISC 8, EXC 333: Natália: *Então por isso, eu cuido muito bem da minha imagem, da minha imagem da minha **família**, da imagem da minha **família** Pitaguary.*

EV DISC 9, EXC 334: Entrevistadora: *O que que a comunidade significa pra você?*

Waldyr: *A comunidade significa tudo. São os meus **irmão**, é tudo, pra mim é tudo, meus **parentes**. Somos a maior **família**.*

EV DISC 9, EXC 335: Entrevistadora: *Você aprendeu e você acha que foi uma coisa boa também aprender isso?*

Waldyr: *Foi. O meu outro lado, né. Foi bom. Eu cá. Vendo o Enrique, né. Como eu já tive essa experiência não quero ver outro **irmão** meu passando né. (*...) Porque por o que eu passei, não quero ver um outro **irmão** passando não.*

Nos dois excertos acima, a família como eixo do sistema de apoio e suporte social, afetivo e espiritual, já ricamente observado acima na fala dos outros participantes, é evocada por Waldyr. Mais uma vez, a solidariedade é apresentada como um dos valores mais importantes na construção desse conceito abrangente de família entre os Pitaguary.

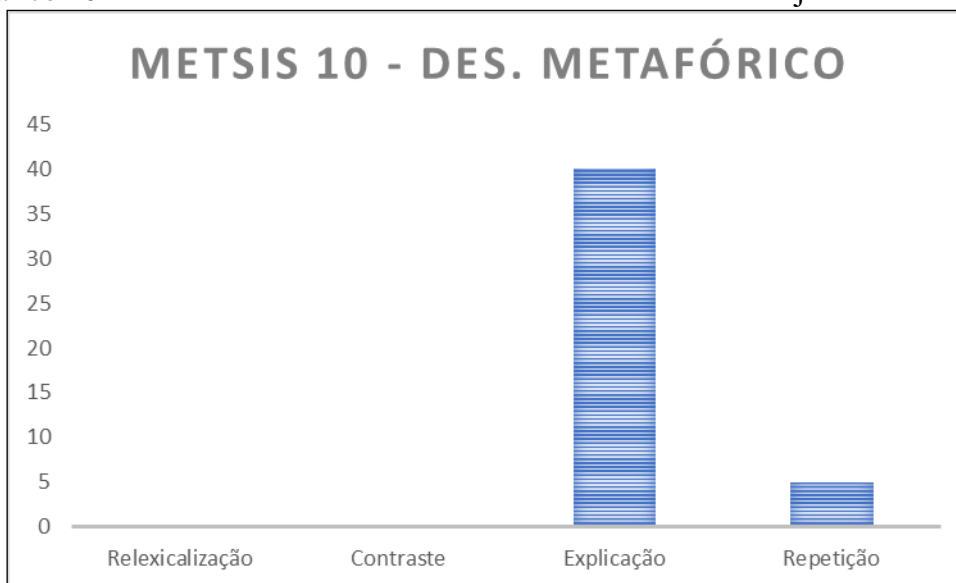
A mensagem final que é deixada no último evento discursivo por Celso é

particularmente bela. Nos excertos abaixo, os termos que funcionam como veículos metafóricos acrescentam à noção de família, já fundamentada ao longo dos encontros progressos, uma dimensão holística que condensa o aspecto ecológico, o espiritual e cósmico-existencial. Nas metáforas de Celso, a grande família indígena Pitaguary engloba não apenas os animais humanos, como também os outros seres da natureza, de forma irrestrita. É enfatizada a pertença da espécie humana à rede ecológica edificada sobre o amor, em detrimento da pretensa superioridade humana baseada em equivocadas relações de posse autossugeridas pela nossa espécie. A terra e os animais são elevados a agentes do mesmo nível que nós, e à integração com eles é subordinada a experiência de uma vida feliz, mediada pelo amor, para a humanidade.

EV DISC 14, EXC 336: Celso: *Mas tudo se resume no amor. Se eu não amo o irmão, eu não vou amar a natureza. Porque a natureza mantém o meu irmão. E tudo é contínuo, é contínuo. Nós dependemos da natureza, nós não somos donos da terra, nós não somos donos de planta, nós não somos donos de pássaros. Nós fazemos parte deles. Nós somos natureza, tanto quanto eles.*

EV DISC 14, EXC 337: Celso: *Porque uma vida sem amor pelo seu irmão, uma vida sem amor pela natureza, uma vida sem amor a nada, não é vida, é uma sina de uma pena castigada que Deus lhe deu.*

Gráfico 20 - Ocorrências de desenvolvimentos metafóricos na trajetória da MetSis



Fonte: elaboração do autor.

5 CONCLUSÕES

Em nosso entender e concepção particulares a respeito do fazer acadêmico e linguístico, atuar sob o enquadramento que a ciência permite é o caminho operacional mais válido e efetivo. Nessa afirmação, não há prerrogativas de superioridade do modo de pensar científico sobre os outros domínios de pensar a vida, e sim uma reafirmação de compromisso com a ciência.

Mas com qual ciência?

Embora essa pergunta tenha gerado e possa gerar volumes inteiros de reflexões e conversações acaloradas, nossas palavras de conclusão do presente trabalho passam pela revisitação da ideia de ciência rapidamente evocada na introdução e na nossa fundamentação teórica.

Nesse sentido, pensando sobre o resultado da nossa pesquisa, fazemos eco às vozes do linguista Rajagopalan e do biólogo e filósofo Humberto Maturana, que, no escopo de suas discussões críticas sobre o papel e a constituição da ciência em relação ao entendimento que o ser humano pode fazer da realidade, destacam a centralidade do observador como entidade ao redor da qual o real é construído. Não se trata aqui de uma reformulação de um relativismo construtivista metodologicamente conveniente, mas sim de um tipo de compromisso com uma “autocrítica epistemológica” sobre o trabalho que realizamos ou pensamos ter realizado.

Com a frase “Tudo que é dito é dito por alguém”, Maturana destaca a responsabilidade do observador em relação àquilo que ele ou ela diz constituir uma realidade – o observador entendido como qualquer organismo que interaja recursivamente com outros organismos e seja capaz de ver as coerências de suas interações como uma unidade – ou objeto -, que por sua vez, passam a compor o ambiente no qual interage. Distinguir coisas – da etimologia da palavra realidade, radical *res* -, em meio a um pano de fundo é constituir uma realidade.

Em nossa pesquisa, partimos do pressuposto de que a Linguística, enquanto ciência, oferece-nos um enfoque específico sobre a realidade, e nos proporciona um entendimento amplo do mundo com base nas coerências e padrões que identificamos no funcionamento e na geração da linguagem como fenômeno humano. A dimensão cognitivista do nosso trabalho amplia a plataforma teórica sobre a qual atuamos em nossa investigação, permitindo que a explicação que propusemos para o fenômeno investigado, isto é, a emergência de metáforas sistemáticas na fala dos indígenas Pitaguary, envolvesse conceitos e ideias das ciências cognitivas, o que, conseqüentemente, nos aproxima direta e indiretamente das ciências biológicas e das

neurociências.

O percurso de uma investigação de quase dois anos de duração enfrenta estados alternados de produtividade, efetividade, ânimo, ainda mais quando aos desafios exigidos pelas diferentes etapas e aspectos de aprofundamento teórico, revisão de literatura, adequação de procedimentos metodológicos, obediência a prazos, atendimento a outras demandas de ordem pessoal, psicológica e mesmo espirituais, são somados os estranhamentos e adaptações que uma pandemia engendra a nível pessoal, familiar, acadêmico e global. O observador-cientista se encontra nesse cruzamento de demandas de diversas ordens, e sendo ele uma entidade biológica constituída por um corpo, que produz seu comportamento na interação com os outros, o produto de suas ações, sejam as conversações em que se envolve, seja a pesquisa acadêmica que desenvolve, são influenciadas pelas confluências de conversações, expectativas e emoções que se constituem desse entrecruzamento.

O valor da contribuição do nosso trabalho para a ciência linguística repousa na assunção de que o papel dessa ciência é contribuir para o entendimento do que é ser humano por meio do estudo da linguagem. Nesse sentido, pensamos que, na busca de responder à questão de pesquisa central da qual partimos, isto é, como os indígenas Pitaguary deixam emergir ideias de adversidade e resiliência por meio de metáforas em sua fala, atingimos nosso objetivo, nos parâmetros que nos propusemos.

O uso intenso de linguagem figurada entre os Pitaguary reflete uma característica comum à toda espécie humana, qual seja a de criar sentido, a de constituir redes semânticas em meio às quais atua como organismos que interagem, descrevem, pensam e agem por meio de metáforas. Conhecer as metáforas de que uma comunidade ou grupo cultural fazem uso no dia a dia torna-se, assim, uma ferramenta linguística e socialmente válida de ter acesso aos valores, ideias e concepções de mundo dessa comunidade.

Dessa forma, situamos as contribuições de nossa pesquisa, sobretudo: no âmbito da proficuidade da promoção de interfaces entre diferentes propostas teóricas, como a Teoria da Metáfora Conceptual e a Análise do Discurso à Luz da Metáfora; também, de uma perspectiva sociolinguística, na colaboração com uma compreensão mais aprofundada dos valores e ideias que caracterizam os Pitaguary como grupo social e cultural coeso, e como atores legítimos, ainda não plenamente considerados e levados a sério na atual conjuntura política que nosso país atravessa; na continuidade e desenvolvimento dos estudos promovidos pelo projeto internacional Narrativas

culturais de adversidade e superação, o qual integramos, com a orientação da prof^a dr^a Ana Cristina Pelosi e que visa fazer avançar os estudos da metáforas sob seus aspectos cognitivo-discursivos.

A expansão da compreensão dos valores e ideias que caracterizam os Pitaguary repousam justamente no que nos propomos neste trabalho, e que está evidenciado por seu título, inclusive: na investigação de como adversidade e resiliência são conceptualizadas pelos Pitaguary.

A partir das análises por nós realizadas, estabeleceram-se padrões metafóricos que revelaram que as adversidades e sua superação têm função proeminente na constituição da cultura indígena Pitaguary. É o que nos diz a enorme presença de metáforas relacionadas à luta e à guerra, entre as quais, VIDA É LUTA é a mais significativa. Note-se que essa luta perpassa todos os âmbitos da existência individual e comunitária dos Pitaguary, e que sua natureza não é necessariamente negativa. Na verdade, a luta é associada aos valores e qualidades exigidos de um bom guerreiro, de um lutador: bravura, disponibilidade, estratégia, força, resistência. Tais valores penetram fundo no pensar, no falar e no agir dos indígenas, como deve ter ficado claro em nosso trabalho.

A adversidade faz parte da vida, já que a vida é uma permanente luta, um permanente enfrentamento a desafios e adversidades constituídos de ataques vindos, em sua maior parte, do lado de fora: das empresas ambiciosas, de habitantes da zona urbana que cobiçam as terras Pitaguary, dos invasores históricos que, durante séculos, reduziram a existência dos Pitaguary a um estado precário de sobrevivência, de subsistência mínima, aleijada do direito ao orgulho da identidade, da vivência de sua cultura. Existem igualmente adversidades internas ao indivíduo: traumas pessoais, questionamentos existenciais que deflagram crises espirituais e filosóficas, somáticas e psicológicas.

O conjunto de sofrimentos com que os Pitaguary têm que lidar apresentam uma natureza heterogênea: enquanto povo descendente dos primeiros habitantes das terras hoje consideradas brasileiras, foram e são vítimas de uma política genocida; sofrem com a discriminação e tentativas cotidianas de apagamento de sua identidade quando precisam se deslocar pela cidade; ainda se envolvem com disputas de terra, as quais migram da esfera criminal para a política e jurídica, como tem ocorrido nos últimos anos. Por outro lado, a relação deletéria entre juventude e tecnologias da comunicação também integra o rol de preocupações desse povo; querelas políticas e religiosas introduzem-se nos limites físicos e culturais da aldeia; as doenças mentais modernas, como depressão e síndrome do pânico se esgueiram no âmbito convivial dos Pitaguary.

O que garante a superação das adversidades, as grandes catalisadoras de resiliência, são a força e a união: é absorvendo a força dos irmãos unidos no seio da comunidade que o indígena Pitaguary pode se reerguer depois de uma queda, a fim de continuar seu caminho de luta. Os sentimentos de perda de equilíbrio e de desorientação, característicos dos momentos de adversidade, são ultrapassados e vencidos, dando lugar à leveza e à segurança de um novo ponto de equilíbrio, e ao crescimento cognitivo, emocional e afetivo proporcionado por uma nova visão de mundo.

É claro que a qualidade do nosso trabalho seria questionável se outras perguntas não houvessem surgido ao longo de sua execução. A consecução dos objetivos de pesquisa não implica na resolução pura e completa de tudo o que abordamos durante nossas reflexões, explicações e análises. Ao contrário, como todo fazer científico, seja na biologia, na física ou nas ciências cognitivas, cada descoberta é acompanhada por novos questionamentos, que gerarão novas descobertas e assim por diante. A título de exemplo, ficaram abertas perguntas sobre como as questões feministas influenciam na emergência de metáforas sistemáticas entre os indígenas; ou ainda sobre como os conflitos intergeracionais se combinam com os culturais, no seio da comunidade Pitaguary, para produzir “choques metafóricos”, que configuram incompatibilidade (ou compatibilidades inesperadas) entre diferentes modos de ver o mundo externo e interno à aldeia.

Há diversas outras questões como essas que podem ficar como sugestões para investigação futura. Nesse sentido, a nossa pesquisa se instala como um nó numa rede de conversações científicas mediadas e conformadas pela linguística. Queremos pensar que, com a conclusão desse empreendimento intelectual, acadêmico, pessoal e social, fazemos parte dessa rede que sustenta e apoia o avanço do entendimento humano sobre o mundo que construímos juntos em nosso atuar, dentro e fora da academia.

REFERÊNCIAS

- BARCELONA, A. **Metaphor and metonymy at the crossroads: a cognitive perspective.** Berlin: Mouton de Gruyter, 2003.
- CAMERON, L. **Metaphor in educational discourse.** London: Continuum, 2003.
- CAMERON, Lynne; GIBBS, Raymond. The social-cognitive dynamics of metaphor performance. **Cognitive Systems research**, Amsterdã, v. 9, n. 1-2, p. 64-75, mar. 2008.
- CAMERON, L.; MASLEN, R.; TODD Z.; MAULE, J.; STRATTON, P.; STANLEY, N. The discourse dynamics approach to metaphor and metaphor-led discourse analysis. **Metaphor and Symbol**, Londres, v. 24, p. 63-89, jul./dez. 2009.
- CHALMERS, David J. Strong and weak emergence. *In*: CLAYTON, Philip; DAVIES, Paul. **The re-emergence of emergence: the emergentist hypothesis from science to religion.** 1. ed. Oxford: Oxford University Press, 2006. p. 244-254.
- CORNING, Peter A. The re-emergence of “emergence”: a venerable concept in search of a theory. **Complexity**, v. 7, n. 6, p. 18-30, dez. 2002
- EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. **Cognitive linguistics: an introduction.** Abingdon: Routledge, 2018. v. 3. 830 p.
- FAUCONNIER, Gilles. **Mappings in thought and language.** Cambridge: Cambridge University Press, 1997. v. 1. 205 p.
- FELTES, Heloísa Pedrosa de Moraes et al. Metaphors, metonymies and empathy in focal groups talk about urban violence in Brazil: a dynamic discourse approach. **Revista Investigações**, Recife, v. 28, n. 2, p. 1-33, jul. 2015.
- CARNEIRO, Monica Fontenelle. **Emergência de metáforas sistemáticas na fala de mulheres vítimas diretas de violência doméstica: uma análise cognitivo-discursiva.** 2014. 303 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.
- GIL, António Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2001. 175 p.
- GOLDSTEIN, J. Emergence as a construct: history and issues. **Emergence**, Califórnia, v. 1, n. 1, p. 49- 72, 1999.
- GONDIM, Meire Virgínia Cabral; PELOSI, Ana Cristina. Interface metáfora e metonímia inscritas nas concepções de violência entre estudantes brasileiros e franceses. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 65, p. 22-37, 2013.

GOOSSENS, Louis. Metaphonymy: the interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action. *In: DIVJAK, Dagmar (org.). Cognitive linguistics*. Birmingham: De Gruyter Mouton, 1990. p. 323-340.

GRADY, Joseph. **Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes**. Berkeley: University of California at Berkeley, 1997.

HAMPE, B. Image schemas in cognitive linguistics. Introduction. *In: B. Hampe (ed.). From perception to meaning: image schemas in cognitive linguistics*. Berlin-New York: Mouton de Gruyter, 2005. p. 1-12.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. v. 2. 472 p. Nova edição

JAMISON, Kaline Girão. **Movimentos de empatia no discurso da violência conjugal: uma análise linguístico-cognitiva no enquadre comunicativo dos boletins de ocorrência**. 2015. 240 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

JOHNSON, Mark. Philosophy's debt to metaphor. *In: GIBBS, Raymond. The Cambridge handbook of metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 39- 52.

KÖVECSES, Zoltan. **Metaphor: a practical introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2002. 400 p.

KÖVECSES, Zoltán. **Metaphor in culture: universality and variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, v. 1.

LANGACKER, Ronald W. Metaphor in linguistic thought and theory. **Cognitive Semantics**, Leiden, v. 2, p. 3-23, 2016.

LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor. *In: ORTONY, Andrew. Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 202-251.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 2008. v. 3. 256 p.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought**. Nova York: Basic Books, 1999. 640 p.

LAKOFF, George; TURNER, Mark. **More than cool reason: a field guide to poetic metaphor**. Chicago: University of Chicago Press, 1989. 230 p.

LEPORE, Stephen J.; REVENSON, Tracey A. Resilience and posttraumatic growth: recovery, resistance and reconfiguration. *In: CALHOUN, Lawrence G.; TEDESCHI, Richard G. Handbook of posttraumatic growth: research and practice*. Abingdon: Routledge, 2014. p. 24-46.

MARQUES, Pedro Jorge da Silva. **A metáfora e a metonímia sob a perspectiva dos sistemas dinâmicos complexos e da teoria fractal no processo de conceitualização da violência urbana na cidade de Fortaleza-CE.** 2014. 300 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

MCLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutenberg:** A formação do homem tipográfico. São Paulo: Companhia Nacional, 1971. 390 p.

MEILI, Iara. **Metaphors of posttraumatic growth and resilience in cultural-clinical psychology.** 2018. Dissertação (Faculty of Arts) - University of Zurich, Zurich, 2018.

OLIVEIRA, Nilton Câmara de. **Grito silenciado:** conceitualizações de violência na comunidade surda de Fortaleza. Fortaleza, 2011. 156 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011.

PINHEIRO, Joceny de Deus. **Artes de contar, exercício de rememorar:** história, memória e narrativa dos índios Pitaguary. 2002. 127 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia - Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.

RADDEN, Günter. The ubiquity of metonymy. *In:* OTAL, C. J. L. et al. **Cognitive and discourse approaches to metaphor and metonymy.** Castellón: La Universitat Jaume I, 2005. p. 17-59.

RADDEN, Günter; KÖVECSES, Zoltán. Towards a theory of metonymy. *In:* EVANS, Vyvian. **The cognitive linguistics reader.** Londres: Equinox, 2007. p. 335-359.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Linguagem e cognição do ponto de vista da linguística crítica. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 6, p. 85-100, jul./dez. 2002.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Por uma linguística crítica. **Línguas e Letras**, Cascavel, PR, v. 8, n. 14, p. 13- 20, 2007.

SCHRÖDER, U. A. Da teoria cognitiva a uma teoria mais dinâmica, cultural e sociocognitiva da metáfora. **Alfa**, São Paulo, v. 52, n. 1, p. 39-56, 2008.

SILVA, P. H. S. **O discurso de torcedores vítimas da violência no futebol à luz da teoria dos sistemas adaptativos complexos e da teoria da integração conceitual:** em busca da emergência de metáforas e ou metonímias sistemáticas. 2013. 226 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

SÁ, Kleiane Bezerra de. **Emergência de metáforas sistemáticas na conceptualização de violência escolar por professores da educação básica em Fortaleza-CE.** 2012. 134 f.

Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

TERRAS INDÍGENAS DO BRASIL. **Pitaguary**: Notícias. Terras Indígenas do Brasil. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/noticias/4057/TI/20/3>. Acesso em: 15 abr. 2020.

ZANOTTO, M. S. T. Metáfora e Indeterminação: Abrindo a Caixa de Pandora. *In*: PAIVA, V. L. M. O. P. (org.). **Metáforas do cotidiano**. Belo Horizonte: UFMG, 1998. p. 13-38.

ANEXO A - Protocolo da entrevista

I) INÍCIO NARRATIVO

(As primeiras 2-3 pessoas:)

Eu gostaria de começar por pedir-lhe para me contar livremente em suas próprias palavras como as pessoas em sua comunidade experienciam desafios/ dificuldades e superação de dificuldades. Estou particularmente interessada nas palavras, termos e conceitos as pessoas na sua comunidade usam para descrever tais eventos. Porém, não há maneira certa ou errada para me contar sobre o que você sabe. Apenas me diga o que vem em sua mente.

(Depois da 3ª pessoa:)

Ouvi muitas histórias de outras pessoas que me contaram dos seus desafios/dificuldades. Me contaram sobre assuntos que tem a ver com a comunidade, mas também me contaram de desafios pessoais. Agora estou interessada em ouvir as suas histórias.

II) ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA A ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

- 1. Oque significam para você desafios/dificuldades como uma pessoa que faz parte dessa comunidade, falando em termos bem gerais?**
- 2. Você acha que o seu povo sofreu ou sofre por causa dessas dificuldades?**
- 3. Como você descreve uma pessoa que está sofrendo? Que termos voce usa para exprimir esses sentimentos da experiência negativa?**
- 4. Oque significa o desafio/dificuldade para você pessoalmente? Como é que você se sentiu ou se sente pensando nesse desafio?**
- 5. Qual é a diferença entre uma dificuldade no coletivo e pessoal? Que tipo de termos que você usa para descrever isso?**

6. **Que tipo de mudança a sua comunidade passou por causa dessa experiência (conexão ao narrativo de cima)?**
7. **Que tipo de mudança você passou por causa dessa experiência (conexão ao narrativo de cima)?**
8. **O que significa superação para a sua comunidade?**
9. **O que significa superação para você pessoalmente?**
10. **Qual é a diferença entre a superação no coletivo e pessoal? Que tipo de termos que você usa para descrever isso?**
11. **Você pensa que depois de vivenciar essa experiência, você vê alguma coisa positiva como resultado desse evento?**

12. **Outras pessoas me contaram que (citando outras expressões de outras pessoas). Você também usa essa expressão? Você concorda com isso?**

III) TAREFA DE SELEÇÃO E PRODUÇÃO DE PALAVRAS

Roteiro de perguntas

Por favor, responda as perguntas seguintes:

1. **Em tempos de profunda tristeza, que imagens ou pensamentos vêm à sua mente?**
2. **Se você já se sentiu profundamente incapaz de agir, com que você compara os seus sentimentos?**

3. Se sofreu ou sofre por alguma razão ou se sente deprimido, como você consegue dar a volta por cima?
4. Ao pensar em dificuldades, você compara a sua família ou amigos com alguma coisa?
(Por exemplo, “minha mãe é uma fortaleza”)
5. Quando você ou as pessoas da comunidade descreve a experiência em superar dificuldades, eles usam provérbios ou ditados? Tem alguma frase que a sua mãe ou a sua avó sempre dizia?

Tarefa de conclusão de frase

Por favor, complete cada frase:

1. Viver desafios/ dificuldades é quem...
2. Logo depois que eu passo por uma experiência ruim, eu me sinto quem...
3. Durante a experiência ruim, relacionamentos com outras pessoas são quem...
4. Hoje, agora que o desafio/ a dificuldade passou, eu me sinto quem...
5. Recuperar dos desafios/ dificuldades é como/ quem ...
6. Depois de superar desafios/dificuldades, relacionamentos com outras pessoas são quem...
7. Agora, eu me vejo como alguém que...
8. Se alguém passa pela mesma experiência que eu passei (ou que a minha comunidade passou), gostaria de lhe dizer para pensar ou se comportar como...

Comentário final: Essas são todas as perguntas que tenho para você. Eu agradeço muito por ter participado desta entrevista. Se você tiver alguma coisa a acrescentar, pode dizer (Deixar o microfone ligado!).